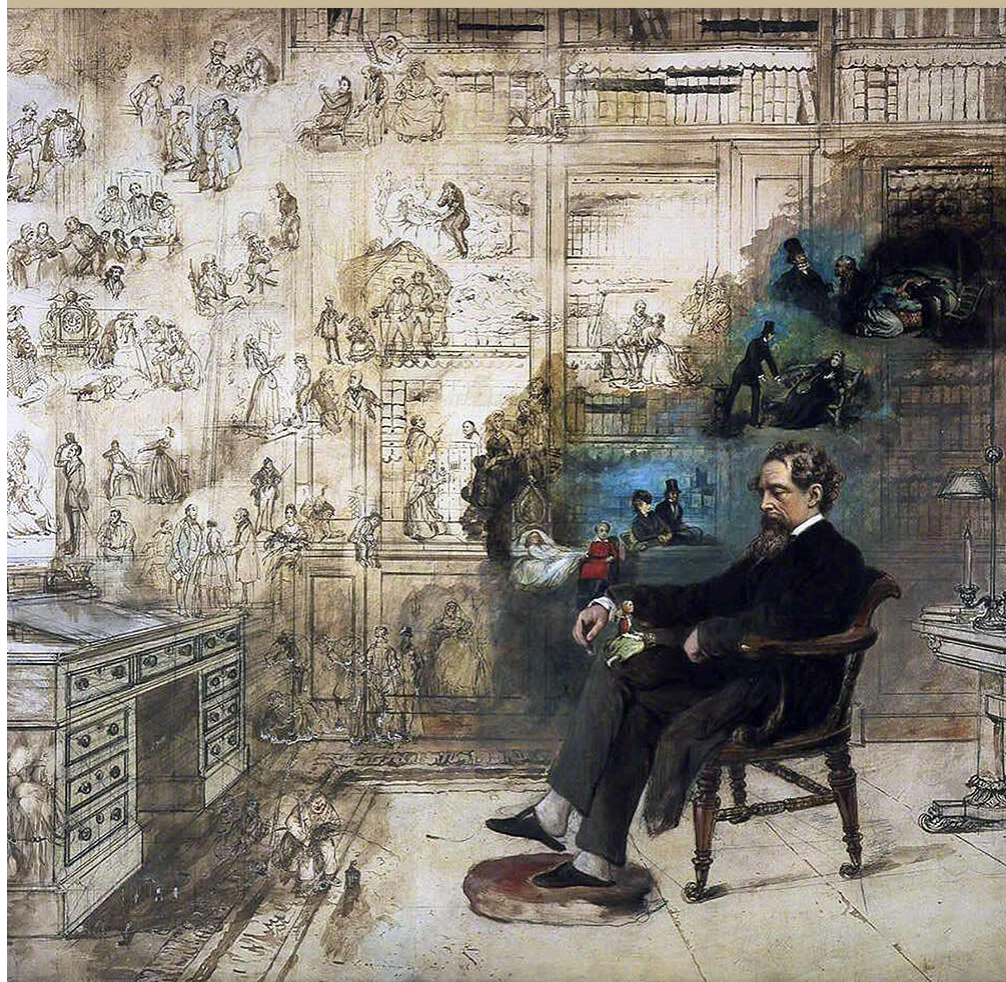


T

Charles
Dickens

Retratos
Londrinos



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

T

Charles Dickens

Retratos Londrinos



RETRATOS LONDRINOS

*Ilustrativo da vida cotidiana
e pessoas do dia a dia*

por **Charles Dickens**

Tradução: Gustavo Guimarães

Título original:

Sketches by Boz: Illustrative of Every-day Life and Every-day People

Dickens, Charles John Huffam, 1812 – 1870

Tradução: Gustavo Guimarães – 1ª edição

Curitiba, PR – 2024.

© 2024 Dying Tree Books

facebook.com/DyingTreeBooks

SUMÁRIO

RETRATOS LONDRINOS

PREFÁCIO

A NOSSA PARÓQUIA

O BEDEL. A ENGENHOCA PAROQUIANA. O MESTRE-ESCOLA

O CURA. A VELHA SENHORA. O CAPITÃO REFORMADO

AS QUATRO IRMÃS

A ELEIÇÃO PARA BEDEL

AS SOCIEDADES BENEFICIENTES FEMININAS

CENAS

AS RUAS – MANHÃ

AS RUAS – NOITE

AS LOJAS E SEUS LOJISTAS

O SCOTLAND YARD

REFLEXÕES EM MONMOUTH STREET

AS CARRUAGENS DE ALUGUEL E SUAS ESTAÇÕES

DOCTORS' COMMONS

RECREAÇÕES LONDRINAS

O RIO

OS JARDINS DE VAUXHALL À LUZ DO DIA

COCHES MATUTINOS

OS ÔNIBUS

UM ESBOÇO PARLAMENTAR

JANTARES PÚBLICOS

O PRIMEIRO DE MAIO

CASAS DE PENHORES E LOJAS NÁUTICAS

CASA DE PENHORES

PERSONAGENS

PENSAMENTOS SOBRE AS PESSOAS

UMA CEIA DE NATAL

O ANO-NOVO

A SENHORITA EVANS E O EAGLE

O ORADOR DE SALÃO

A PACIENTE DO HOSPITAL

O MAFADADO CASO DO SR. JOHN DOUNCE

A MODISTA EQUIVOCADA: UM CONTO DE AMBIÇÃO

A ACADEMIA DE DANÇA

OS DECADENTES

O CARRO DE PRESOS

CONTOS

SR. MINNS E SEU PRIMO

SENTIMENTO

HORÁCIO SPARKINS

O AUTOR

PREFÁCIO

Todos estes retratos foram escritos e publicados, um por um, quando eu era muito jovem. Eles foram coletados e republicados quando eu continuava sendo um jovem; e enviados ao mundo com todas as suas imperfeições (muitas) estampadas na testa.

Eles constituem minhas primeiras tentativas de autoria – com exceção de certas tragédias alcançadas na idade madura de oito ou dez anos, e representadas com grandes aplausos em meu quarto. Estou consciente de que muitas vezes são extremamente rudes e mal elaborados, e apresentam marcas óbvias de pressa e inexperiência; particularmente naquela seção do presente volume que está incluída no título geral de Contos.

Mas como esta seleção não foi originada agora e foi recebida de maneira muito branda e favorável quando publicada pela primeira vez, não achei certo remodelá-la ou expurgá-la, além de algumas palavras e frases aqui e ali.

A NOSSA PARÓQUIA

O BEDEL. A ENGENHOCA PAROQUIANA. O MESTRE-ESCOLA

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (28 de fevereiro de 1835)

Quanto é transmitido nessas duas palavras curtas: “A Paróquia!”^[1] E com quantas histórias de angústia e miséria, de fortuna quebrada e esperanças arruinadas, muitas vezes de miséria implacável e desonestidade afortunada, elas estão associadas! Um homem pobre, com pequenos rendimentos e uma família numerosa, apenas consegue viver com poucos recursos e obter comida no dia a dia; ele mal tem o suficiente para satisfazer os desejos atuais da natureza e não pode dar atenção ao futuro. Seus impostos estão atrasados, passa um quarto de dia, chega outro quarto de dia: ele não pode mais conseguir um aposento para si e convoca – a paróquia. Seus bens estão confiscados, seus filhos choram de frio e fome, e a própria cama em que jaz sua esposa doente é arrancada de debaixo dela. O que ele pode fazer? A quem ele deve solicitar alívio? À caridade privada? A indivíduos benevolentes? Certamente não – ele tem sua paróquia. Há a sacristia paroquial, a enfermaria paroquial, o médico paroquial, os funcionários paroquiais, o bedel paroquial. Excelentes instituições e homens gentis e de bom coração. A mulher morre – ela é enterrada pela paróquia. As crianças não têm quem tome conta delas – são cuidadas pela paróquia. O homem primeiro recusa trabalho e depois não consegue obter trabalho – ele é sustentado pela paróquia; e quando a angústia e a embriaguez fazem seu trabalho sobre ele, ele é mantido, um inofensivo idiota tagarela, no asilo paroquial.

O bedel paroquial é um dos membros mais, talvez o mais importante, da administração local. Ele não está tão bem de vida quanto os mantenedores e conselheiros de igreja, certamente, nem é tão erudito como o escrivão da sacristia, nem ordena as coisas tão à sua maneira como qualquer um deles. Mas seu poder é grande, apesar de tudo; e a dignidade do seu cargo nunca é prejudicada pela ausência de esforços da sua parte para mantê-lo. O bedel da nossa paróquia é um sujeito esplêndido. É muito agradável ouvi-lo explicar o estado das

leis existentes para pobres às velhas surdas no corredor da sala de reuniões nas noites de trabalho; e ouvir o que ele disse ao conselheiro-mor, e o que o conselheiro-mor disse a ele; e o que “nós” (o bedel e os outros cavalheiros) tínhamos a intensão de fazer. Uma mulher de aparência miserável é chamada à sala de reuniões e narra um caso de extrema miséria, afetando a si mesma – uma viúva, com seis filhos pequenos. “Onde a senhora mora?” pergunta um dos supervisores. “Eu alugo uma edícula, senhores, na casa da Sra. Brown, no número 3 da alameda Little King William, que vive lá há quinze anos e sabe que sou muito trabalhadora e laboriosa, assim como meu pobre marido quando estava vivo, senhores, mas ele morreu no hospital” – “Bem, bem”, interrompe o supervisor, anotando o endereço, “Vou enviar Simmons, o bedel, amanhã de manhã, para verificar se sua história é verdadeira; e, nesse caso, suponho que a senhora deva ter uma ordem na Câmara. Simmons, vá até a casa desta mulher amanhã de manhã, certo?” Simmons concorda e conduz a mulher para fora. A admiração anterior da senhora pelos “conselheiros” (todos sentados atrás de grandes livros e usando chapéu) se desfaz em nada diante de seu respeito por seu condutor enfeitado com rendas; e sua avaliação sobre o que aconteceu lá dentro aumenta – se isso for possível – os sinais de respeito demonstrados pela multidão reunida àquele funcionário solene. Quanto a fazer uma intimação, é um caso desesperador se Simmons comparecer, em nome da paróquia. Ele sabe de cor todos os títulos do prefeito; relata o caso sem uma única gagueira: e é até relatado que em uma ocasião ele se aventurou a fazer uma piada, que o lacaio-chefe do prefeito (que por acaso estava presente) depois contou a um amigo íntimo, confidencialmente – era quase igual a uma do Sr. Hobler.^[2]

Veja-o novamente no domingo com seu casaco oficial e chapéu de três pontas, com um bastão de cabeça grande para exibição na mão esquerda e uma pequena bengala para uso na direita. Com que pompa ele coloca as crianças em seus lugares! e quão recatadamente os pequenos moleques olham para ele de soslaio enquanto ele os examina quando estão todos sentados, com um olhar peculiar que só os bedéis têm! Estando os conselheiros e supervisores da igreja devidamente instalados em seus bancos acortinados, ele se senta em um suporte de mogno, erguido expressamente para ele no topo do corredor, e divide sua atenção entre seu livro de orações e os meninos. De repente, logo no início do serviço de comunhão, quando toda a congregação está em silêncio profundo, quebrado apenas pela voz do clérigo oficiante, ouve-se uma moeda tilintar no chão de pedra do corredor com uma clareza surpreendente. Observe o comando do bedel. Seu olhar involuntário de horror se transforma instantaneamente em um de perfeita indiferença, como se ele fosse a única pessoa presente que não

tivesse ouvido o barulho. O artifício dá certo. Depois de estender a perna direita de vez em quando, como um explorador apalpando, a vítima que deixou cair o dinheiro se aventura a fazer um ou dois “mergulhos” distintos atrás dele; e o bedel, deslizando suavemente ao redor, cumprimenta sua cabecinha redonda, quando ela surge novamente acima do assento, com diversas batidas duplas, administradas com a bengala antes notada, para intenso deleite de três jovens em um banco adjacente, que tossem violentamente em intervalos até a conclusão do sermão.

Tais são alguns traços da importância e da seriedade de um bedel paroquial – uma seriedade que nunca foi perturbada em nenhum caso que tenha estado sob nossa observação, exceto quando são necessários os serviços daquela máquina particularmente útil, uma bomba d'água instalada sobre uma carroça: então, de fato, tudo é agitação. Dois garotinhos correm até o bedel o mais rápido que suas pernas conseguem e relatam, por observação pessoal, que alguma chaminé vizinha está pegando fogo; a engenhoca é desligada às pressas, e um grande número de meninos é reunido e atrelado a ela com cordas, e eles a arrastam sobre as ruas, o bedel, correndo – não exageramos – correndo ao lado, até chegarem a uma determinada casa, com forte cheiro de fuligem, em cuja porta o bedel bate com considerável vigor durante meia hora. Sem se dar atenção a essas aplicações manuais, e a torneira tendo aberto a água, a bomba é desligada em meio aos gritos de protesto dos meninos; ela aparece mais uma vez no dia seguinte, e o bedel “puxa” o infeliz chefe de família, já que tem de pagar de qualquer jeito pelo trabalho de bedel. Nunca vimos uma bomba de incêndio da paróquia em um incêndio normal, exceto uma vez. Surgiu em estilo galante – a cerca de cinco quilômetros e a uma hora e meia, pelo menos; havia um grande suprimento de água e o socorro paroquial foi o primeiro no local. Bum, ligou as bombas – as pessoas aplaudiram – o bedel transpirava profusamente; mas infelizmente foi descoberto, no momento em que iam apagar o fogo, que ninguém entendia o processo pelo qual a engenhoca era abastecida com água; e que dezoito meninos, e um homem, se esgotaram bombeando durante vinte minutos, sem produzir o menor efeito!

Os personagens próximos em importância ao bedel são o diretor do asilo e o mestre-escola da paróquia. O escrivão da sacristia, como todos sabem, é um homenzinho baixo e rechonchudo, vestido de preto, com uma grossa corrente de ouro de considerável comprimento, terminando em dois grandes selos e uma chave. Ele é advogado e geralmente está agitado; nunca mais do que quando está correndo para alguma reunião paroquial, com as luvas amassadas em uma das mãos e um grande livro vermelho debaixo do outro braço. Quanto aos conselheiros e supervisores da igreja, nós os excluimos

completamente, porque tudo o que sabemos deles é que geralmente são comerciantes respeitáveis, que usam chapéus com abas inclinadas, e que ocasionalmente são homenageados com placas douradas, em alguma parte visível da igreja, pelo importante fato de uma galeria ter sido ampliada e embelezada, ou de um órgão reconstruído.

O diretor do asilo não é, em nossa paróquia – nem normalmente em qualquer outra – alguém daquela classe de homens cuja maior parte de sua existência já passou, e que arrastam o restante em alguma situação inferior, com apenas o pensamento no passado, sentindo-se degradado e descontente com o presente. Não somos capazes de adivinhar com precisão, de forma satisfatória, que posição o homem pode ter ocupado antes; deveríamos pensar que ele tinha sido um tipo inferior de escriturário, ou então o mestre de uma escola nacional – seja lá o que fosse, é evidente que a sua posição atual é uma mudança para melhor. Sua renda é certamente pequena, como demonstram o casaco preto desbotado e a gola de veludo puída: mas ele vive livre de aluguel de casa, tem um subsídio limitado de carvões e velas, e um subsídio quase ilimitado de autoridade em seu pequeno reino. Ele é um homem alto, magro e ossudo; sempre usa sapatos e meias pretas de algodão com o sobretudo; e olha para você, quando você passa pela janela da sala, como se desejasse que você fosse um indigente, apenas para lhe dar uma amostra de seu poder. Ele é um exemplar admirável de um pequeno tirano: taciturno, brutal e mal-humorado; intimidando seus inferiores, encolhendo-se diante de seus superiores e com inveja da influência e autoridade do bedel.

Nosso mestre-escola é exatamente o oposto desse funcionário amigável. Ele tem sido um daqueles homens de quem ocasionalmente se ouve falar, em quem o infortúnio parece ter deixado sua marca; nada do que ele fez ou tentou fazer parece ter prosperado. Um velho parente rico que o criou e anunciou abertamente sua intenção de sustentá-lo deixou-lhe 10.000 libras em testamento, mas revogou a herança em codicilo. Assim, inesperadamente reduzido à necessidade de se sustentar, ele conseguiu uma posição em um cargo público. Os jovens funcionários abaixo dele morreram como se houvesse uma praga entre eles; mas os velhos acima de sua cabeça, cuja reversão de lugares ele esperava ansiosamente, viveram indefinidamente, como se fossem imortais. Ele apostou e perdeu. Ele apostou novamente e ganhou – mas nunca recebeu seu dinheiro. Seus talentos eram ótimos; sua disposição, fácil, generosa e liberal. Seus amigos lucravam com uma qualidade e abusavam da outra. Perda sucedeu perda; infortúnio lotado de infortúnio; cada dia sucessivo o aproximava da beira da penúria desesperada, e os antigos amigos que haviam sido mais calorosos em suas profissões tornaram-se estranhamente frios e indiferentes. Ele tinha filhos que amava e uma esposa a quem

adorava. Os primeiros lhe viraram as costas; a última morreu com o coração partido. Ele seguiu a correnteza – essa sempre foi sua falha, e ele não teve coragem suficiente para suportar tantos choques – ele nunca cuidou de si mesmo, e do único ser que cuidou dele, em sua pobreza e angústia, não foi mais amparado por este. Foi nesse período que ele solicitou apoio paroquial. Algum homem de bom coração, que o conhecera em tempos mais felizes, por acaso era diretor da igreja naquele ano e, por seu interesse, foi nomeado para o posto atual.

Ele é um homem velho agora. Dos muitos que antes se aglomeravam ao seu redor em toda a amizade vazia do companheirismo benéfico, alguns morreram, alguns caíram como ele, alguns prosperaram – todos o esqueceram. Foi misericordiosamente permitido que o tempo e o infortúnio prejudicassem sua memória, e o uso o habituou à sua condição atual. Manso, sem queixas e zeloso no cumprimento dos seus deveres, foi-lhe permitido manter a sua situação muito além do período habitual; e ele sem dúvida continuará a mantê-la, até que a enfermidade o torne incapaz ou a morte o liberte. Enquanto o velho de cabelos grisalhos anda de um lado para o outro no lado ensolarado do pequeno pátio entre o horário escolar, seria difícil, de fato, para o mais íntimo de seus antigos amigos reconhecer seu outrora alegre e feliz companheiro, na pessoa do mestre-escola indigente.

O CURA. A VELHA SENHORA. O CAPITÃO REFORMADO

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (19 de maio de 1835)

Inciamos o nosso último capítulo com o bedel da nossa paróquia, porque temos profunda consciência da importância e da dignidade do seu cargo. Começaremos o presente, pelo clérigo. O nosso cura é um jovem cavalheiro de aparência tão atraente e modos fascinantes que, um mês depois da sua primeira aparição na paróquia, metade das jovens habitantes estavam melancólicas com a religião, e a outra metade, desanimadas com o amor. Nunca foram vistas tantas jovens na nossa igreja paroquial no domingo anterior; e nunca os rostinhos redondos dos anjinhos no monumento do Sr. Tomkins no corredor lateral viram tanta devoção na terra como todos eles exibiam. Ele tinha cerca de vinte e cinco anos quando deixou nossas paroquianas maravilhadas pela primeira vez. Ele repartia o cabelo no centro da testa em forma de arco normando, usava um anel brilhante da melhor qualidade no quarto dedo da mão esquerda (que sempre comprimia contra a bochecha esquerda quando lia as orações) e tinha uma voz profunda e sepulcral de solenidade incomum. Inumeráveis foram os apelos feitos por mães prudentes ao nosso novo pároco, e inúmeros os convites com que foi assaltado e que, para lhe fazer justiça, aceitou prontamente. Se o seu comportamento no púlpito criava uma impressão a seu favor, a sensação aumentava dez vezes com a sua aparição nos círculos privados. Os bancos nas imediações do púlpito ou da mesa de leitura aumentaram de valor; as sessões no corredor central eram escassas: um centímetro de espaço na primeira fila da galeria não poderia ser conseguido por amor ou dinheiro; e algumas pessoas chegaram ao ponto de afirmar que as três senhoritas Brown, que tinham um obscuro banco de família logo atrás dos conselheiros da igreja, foram vistas, num domingo, nos lugares vagos[3] junto à mesa da comunhão, na verdade à espreita de o cura ao passar para a sacristia! Ele começou a pregar sermões improvisados, e até mesmo os pais mais sisudos se deixaram

contaminar por sua oratória. Numa noite de inverno, ele levantou-se da cama à meia-noite e meia só para “semibatismo” [4] o filho de uma lavadeira numa bacia, e a gratidão dos paroquianos foi sem limites – os próprios conselheiros da igreja tornaram-se generosos e insistiram na paróquia custeando as despesas de uma carruagem especial, que o novo pároco havia encomendado para si, para realizar o serviço fúnebre, em tempo chuvoso. Em outra ocasião, ele enviou três potes de mingau e 250 gramas de chá para uma mulher pobre que tinha caído de cama com quatro filhos pequenos, todos de uma vez – os paroquianos ficaram encantados. Ele conseguiu uma coleta de dinheiro para ela – a fortuna da mulher estava feita. Uma vez, ele falou durante uma hora e vinte e cinco minutos, em uma reunião antiescavidão numa taverna – houve uma explosão de entusiasmo. Com isso, foi posta em marcha a proposta de presentear o cura com uma peça de prata, como sinal de estima pelos valiosos serviços prestados à paróquia. A lista de assinaturas foi preenchida rapidamente; a disputa era não sobre quem deveria escapar da contribuição, mas quem deveria ser o primeiro a assinar. Um esplêndido tinteiro de prata foi feito e gravado com uma inscrição apropriada; o cura foi convidado para um café da manhã público, na já citada taverna; o tinteiro foi apresentado num discurso elegante pelo Sr. Gubbins, o ex-diretor da igreja, que se dirigiu ao cura em termos que arrancaram lágrimas aos olhos de todos os presentes – até os garçons ficaram derretidos.

Seria de supor que, a essa altura, o tema da admiração universal tivesse sido elevado ao ponto mais alto. Não exatamente. O cura começou a tossir; quatro acessos de tosse uma manhã entre a ladainha e as epístolas, e cinco no culto da tarde. Aqui estava uma descoberta: o cura estava tuberculoso. Que curiosa melancolia! Se antes as jovens eram enérgicas, a sua simpatia e solicitude agora não tinham limites. Um homem como o cura, tão querido, tão amável, ser tuberculoso! Era demais para aguentar. Presentes anônimos começaram a chegar, geleia de groselha preta e pastilhas expectorantes, coletes elásticos, protetores torácicos e meias quentes foram despejados sobre o pároco até que ele estivesse completamente equipado com roupas de inverno, como se estivesse à beira de uma expedição ao Polo Norte: boletins verbais sobre o seu estado de saúde circulavam pela paróquia meia dúzia de vezes por dia; e o cura estava no auge de sua popularidade.

Por volta deste período, ocorreu uma mudança no espírito da paróquia. Um velho senhor muito quieto, respeitável e sonolento, que vinha pregando em nossa capela nos últimos doze anos, morreu numa bela manhã, sem ter dado qualquer aviso de sua intenção. Primeiro, esta circunstância deu origem a um grande mal-estar em todos. Segundo, a chegada de seu sucessor aumentou esse mal-estar. Ele era

um homem pálido, magro e cadavérico, com grandes olhos negros e longos cabelos pretos e desgrenhados: suas roupas eram extremamente desleixadas, seus modos desajeitados, suas doutrinas surpreendentes; em suma, ele era em todos os aspectos o antípoda do cura. Uma multidão de nossas paroquianas se reuniu para ouvi-lo; a princípio, porque ele tinha uma aparência *muito* estranha, depois porque seu rosto era *muito* expressivo, depois porque ele pregava *muito* bem; e, finalmente, porque realmente pensavam que, afinal, havia algo nele que era impossível descrever. Quanto ao cura, estava muito bem; mas certamente, afinal de contas, não havia como negar que... que... em suma, o cura não era uma novidade, e o outro clérigo sim. A inconstância da opinião pública é proverbial: a congregação migrou de um para o outro. O cura tossiu até ficar com o rosto roxo – mas foi em vão. Passou a respirar com dificuldade – era igualmente ineficaz para despertar simpatia. Os lugares estão novamente disponíveis em qualquer parte da nossa igreja paroquial, e a capela-auxiliar deve ser ampliada, pois todos os domingos fica lotada até sufocar!

A personalidade mais conhecida e respeitada entre os nossos paroquianos, é uma velha senhora, que residia na nossa paróquia muito antes do nosso nome ser inscrito na lista de batismos. Nossa paróquia é suburbana, e a velha senhora mora numa bela fileira de casas, na parte mais arejada e agradável da região. A casa é dela; e a casa, e tudo nela, exceto a própria senhora, que parece um pouco mais velha do que há dez anos, está exatamente no mesmo estado de quando o velho senhor vivia. A pequena sala da frente, que é a sala de estar da velha senhora, é uma imagem perfeita de limpeza e tranquilidade; o tapete é forrado de tecido holandês marrom, os vidros e os porta-retratos são cuidadosamente envoltos em musselina amarela; as toalhas das mesas nunca são retiradas, exceto quando os tampos têm de ser limpos com aguarrás e encerados com cera de abelha, uma operação que é regularmente iniciada todas as manhãs, às nove e meia – e os pequenos bibelôs são sempre rearrumados exatamente da mesma maneira. A maior parte são presentes de meninas cujos pais vivem na vizinhança; mas alguns deles, como os dois relógios antigos (que nunca marcam a mesma hora, sendo um sempre um quarto de hora atrasado e o outro um quarto de hora adiantado), o pequeno quadro da Princesa Charlotte com o Príncipe Leopold, tal como apareceram no Camarote Real do Drury Lane Theatre,^[5] e outros da mesma classe, estão na posse da velha senhora há muitos anos. Aqui a velha senhora está sentada com seus óculos, ocupada com bordados – perto da janela no verão; e se ela o vê subindo as escadas, e você ser uma pessoa querida, ela sai trotando para lhe abrir a porta da rua antes que você bata, e como você deve estar cansado depois daquela caminhada quente, insiste para que você

engula dois cálices de xerez antes de se esforçar para falar. Se você a procurar à noite, vai encontrá-la alegre, mas um pouco mais séria do que de costume, com uma Bíblia aberta sobre a mesa, à sua frente, da qual “Sarah”, que é tão organizada e metódica quanto sua patroa, lê regularmente dois ou três capítulos na sala em voz alta.

A velha senhora quase não vê companhia, exceto as meninas antes citadas, cada uma das quais tem sempre um dia fixo para tomar chá com ela, que a criança espera como o maior prazer de sua existência. Ela raramente visita uma distância maior do que a porta ao lado, mas sim uma de cada lado; e quando toma chá com alguma vizinha, Sarah sai correndo primeiro e bate duas vezes, para evitar a possibilidade de sua “senhora” pegar um resfriado por ter que esperar na porta. Ela é muito escrupulosa ao retribuir esses pequenos convites, e quando ela pede ao Sr. e à Sra. Fulano de Tal, para conhecerem o Sr. Sicrano, ela e Sarah tiram o pó da chaleira, do melhor aparelho de chá de porcelana e da mesa de Pope Joan^[6]; e os visitantes são recebidos na sala em grande estilo. Ela tem poucos parentes, e eles estão espalhados por diferentes partes do país, e ela raramente os vê. Ela tem um filho na Índia, que sempre descreve como um sujeito educado e bonito – tão parecido com o retrato do pobre e querido pai no aparador, mas a velha senhora acrescenta, com um aceno triste de cabeça, que ele sempre foi uma de suas maiores provações; e que, de fato, uma vez ele quase partiu o coração dela; mas agradece a Deus por tê-la ajudado a tirar vantagem disso, e ela preferiria que você nunca mais mencionasse o assunto para ela. Ela tem um grande número de pensionistas a quem ajuda: e aos sábados, depois que ela volta do mercado, há um grupo regular de idosos e idosas no corredor, aguardando a gratificação semanal. O nome dela sempre encabeça a lista de quaisquer ações de caridade, e as doações dela são sempre as mais generosas para a Sociedade de Distribuição de Carvão e Sopa de Inverno. Ela doou vinte libras para a construção de um órgão em nossa igreja paroquial, e ficou tão emocionada no primeiro domingo em que as crianças cantaram, que foi obrigada a ser levada embora por um auxiliar paroquial. Sua entrada na igreja no domingo é sempre o sinal para uma pequena agitação no corredor lateral, ocasionada por uma agitação geral entre as pessoas pobres, que se curvam e fazem uma reverência até que o auxiliar paroquial tenha conduzido a velha senhora para seu assento habitual, que ao deixá-la, faz uma reverência respeitosa e sai. A mesma cerimônia se repete quando ela sai da igreja, quando ela volta para casa com a família vizinha, e fala sobre o sermão o tempo todo, invariavelmente abrindo a conversa perguntando ao menino mais novo a respeito do texto do dia.

Assim, com a variação anual de uma viagem a algum lugar tranquilo do litoral, passa a vida da velha. Ela tem seguido o mesmo curso

invariável e benevolente há muitos anos e não deve, em nenhum período distante, ser levada ao seu fim definitivo. Ela aguarda o seu término, com calma e sem apreensão. Ela tem tudo a esperar e nada a temer.

Um personagem bem diferente, mas que se tem destacado na nossa paróquia, é um dos vizinhos da velha senhora. Ele é um velho oficial da Marinha que agora está reformado, e cujo comportamento inconsequente e sem-cerimônia perturba em muito a economia doméstica da velha senhora. Em primeiro lugar, ele *fuma* charutos no pátio da frente, e quando quer beber alguma coisa para acompanhar o tabaco – o que não é uma circunstância incomum – ele bate à porta da velha senhora com sua bengala e exige ter um copo de cerveja amarga, entregue sobre a cerca. Além desse procedimento legal, ele é uma espécie de pau para toda obra, ou, para usar suas próprias palavras, um “contumaz Robinson Crusoé^[7]”; e nada o agrada mais do que fazer experimentos na propriedade da velha senhora. Certa manhã, ele acordou cedo e plantou três ou quatro calêndulas adultas em cada canteiro do jardim da frente, para espanto inconcebível da velha senhora, que realmente pensou, quando se levantou e olhou pela janela, o que eram aquelas erupções estranhas que haviam surgido durante a noite. Outra vez, ele desmontou o relógio da entrada, sob o pretexto de limpar as engrenagens, que ele montou novamente, por algum processo desconhecido, de uma maneira tão maravilhosa, que o ponteiro grande não fez nada além de derrubar o pequeno desde então. Depois passou a criar bichos-da-seda, que *trazia* duas ou três vezes ao dia, em caixinhas de papel, para mostrar à velha senhora, geralmente deixando cair um ou dois bichos a cada visita. A consequência foi que, certa manhã, um bicho-da-seda muito robusto foi descoberto subindo as escadas – provavelmente com o objetivo de perguntar por seus amigos, pois, após uma inspeção mais aprofundada, parecia que alguns de seus companheiros já haviam encontrado seu caminho para todos os cômodos da casa. Desesperada, a velha senhora rumou para a beira-mar e, durante sua ausência, ele apagou completamente o nome da placa de latão da porta, na tentativa de poli-la com água-forte.

Mas tudo isto não tem nada a ver com a sua conduta sediciosa na vida pública. Ele participa de todas as reuniões da sacristia realizadas; sempre se opõe às autoridades constituídas da paróquia, denuncia a devassidão dos conselheiros da igreja, contesta questões legais contra o escrivão da sacristia, faz com que o coletor de impostos explique exatamente para onde foi seu dinheiro, até se dar por satisfeito. Critica o sermão de todos os domingos, diz que o organista deveria ter vergonha de si mesmo, oferece a si mesmo, por qualquer quantia, cantar os salmos melhor do que todas as crianças juntas, homens e

mulheres; e, em suma, comporta-se da maneira mais turbulenta e barulhenta. O pior de tudo é que, tendo grande consideração pela velha senhora, ele quer convertê-la aos seus pontos de vista e, portanto, entra em sua pequena sala com o jornal na mão e fala de política violenta a cada hora. No fundo, ele é um velho caridoso e de coração aberto; então, embora de vez em quando ele irrite um pouco a velha senhora, eles concordam muito bem no geral, e ela ri tanto de cada façanha de seu trabalho quando tudo termina, quanto qualquer outra pessoa.

AS QUATRO IRMÃS

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (18 de junho de 1835)

A fileira de casas onde residem a velha senhora e o seu vizinho problemático compreende, sem dúvida, um maior número de personagens dentro dos seus limites circunscritos, do que todo o resto da paróquia junta. Contudo, como não podemos, de acordo com nosso plano atual, estender o número de nossos esboços paroquiais para além de seis, talvez seja melhor selecionar os mais peculiares e apresentá-los imediatamente, sem mais delongas.

As quatro senhoritas Willis estabeleceram-se então em nossa paróquia há treze anos. É uma reflexão melancólica que o velho ditado, “o tempo e a maré não esperam por ninguém”, se aplique com igual força à parte mais justa da criação; e de bom grado ocultaríamos o fato de que, mesmo há treze anos, as senhoritas Willis estavam longe de serem juvenis. O nosso dever como fiéis cronistas paroquiais, no entanto, é fundamental para todas as outras considerações, e somos obrigados a afirmar que, treze anos depois, as autoridades em casos matrimoniais, consideravam a mais jovem das senhoritas Willis num estado muito precário, enquanto a irmã mais velha estava positivamente entregue, como estando muito além de toda esperança humana. Bem, as senhoritas Willis alugaram a casa; estava recém-pintada e lixada de cima a baixo: as paredes internas estavam todas revestida de madeira, o mármore todo limpo, as velhas grades retiradas e os aquecedores, montados. Quatro árvores foram plantadas no jardim dos fundos e vários pequenos cestos de cascalho espalhados no jardim da frente. Chegaram carroças com móveis elegantes. Venezianas foram instaladas nas janelas e os carpinteiros, que haviam trabalhado nos vários preparativos, alterações e reparos, fizeram declarações confidenciais às diferentes criadas da vizinhança, relativas à escala magnífica em que as senhoritas Willis estavam iniciando suas vidas por lá; as criadas contaram às suas patroas, as patroas contaram às amigas, e circularam por toda a paróquia rumores vagos de que o número 25 da Gordon Place, havia sido ocupado por quatro donzelas

de imensas propriedades.

Por fim, as senhoritas Willis se mudaram; e então o “chamado” começou. A casa era perfeita em termos de limpeza – assim como as quatro senhoritas Willis. Tudo era formal, rígido e frio – assim como as quatro senhoritas Willis. Nem uma única cadeira de todo o conjunto foi vista fora de seu lugar – nem uma única senhorita Willis das quatro foi vista fora do seu. Ali estavam sempre sentadas, nos mesmos lugares, fazendo exatamente as mesmas coisas, na mesma hora. A senhorita Willis mais velha costumava tricotar, a segunda desenhava, as outras duas faziam duetos ao piano. Elas pareciam não ter existência separada, tendo decido apenas passar o inverno juntas. Eram três longas Graças enfeitadas, com o acréscimo, como um lanche escolar, de outra longa Graça posterior – as três Parcas com mais uma irmã – ou gêmeas siamesas multiplicadas por dois.^[8] A senhorita Willis mais velha ficou biliosa – as outras senhoritas Willis ficaram biliosas imediatamente. A senhorita Willis mais velha tornou-se mal-humorada e religiosa – as outras senhoritas Willis ficaram mal-humoradas e religiosas também. O que quer que a mais velha fizesse, as outras faziam, e tudo o que as outras faziam, todas elas desaprovavam; e assim vegetavam – vivendo em harmonia polar entre si e, como às vezes saíam ou recebiam companhia “de forma tranquila” em casa, ocasionalmente congelavam os vizinhos. Três anos se passaram dessa maneira, quando ocorreu um fenômeno inesperado e extraordinário. As senhoritas Willis passaram a apresentar sintomas de verão, a geada foi diminuindo gradativamente; ocorreu um degelo completo. Como era possível? uma das quatro senhoritas Willis ia se casar!

Agora, de onde veio o marido? Por quais sentimentos o pobre homem poderia ter sido movido? Ou, por qual processo de raciocínio as quatro senhoritas Willis conseguiram se persuadir de que era possível para um homem se casar com uma delas, sem casar com todas elas, são questões profundas demais para serem resolvidas: é certo, porém, que as visitas do Sr. Robinson (um cavalheiro em um cargo público, com um bom salário e, além disso, uma pequena propriedade) eram bem recebidas – que as quatro senhoritas Willis foram cortejadas na devida forma pelo referido Sr. Robinson – que os vizinhos estavam perfeitamente frenéticos na sua ansiedade para descobrir qual das quatro senhoritas Willis era a felizarda, e que a dificuldade que experimentaram em resolver o problema não foi em nada diminuída pelo anúncio da senhorita Willis mais velha: “Nós vamos nos casar com o Sr. Robinson.”

Era extraordinário. Elas estavam tão completamente identificadas, umas com as outras, que a curiosidade de toda a vizinhança – até mesmo da própria velha senhora – era despertada de forma quase

insuportável. O assunto era discutido em todas as mesinhas de jogo e de chá. O velho cavalheiro com fama de bicho-da-seda não hesitou em expressar sua decidida opinião de que o Sr. Robinson era descendente de orientais e considerou casar toda a família de uma vez; e a vizinhança, em geral, balançava a cabeça com considerável gravidade e declarava que o negócio era muito misterioso. Eles esperavam que tudo acabasse bem; certamente tinha uma aparência muito singular, mas ainda assim seria pouco caridoso expressar qualquer opinião sem bons fundamentos para se apoiar, e certamente as senhoritas Willis tinham idade *suficiente* para julgar por si mesmas, e para certificar-se de que as pessoas conheçam melhor seus próprios negócios e assim por diante.

Finalmente, numa bela manhã, às oito e quinze da manhã, duas reluzentes carruagens chegaram à porta da casa das senhoritas Willis, onde o Sr. Robinson havia chegado de cabriolé dez minutos antes, vestido com um paletó azul claro e calças kersey de fresagem dupla, lenço branco, escarpins e luvas sociais, seus modos denotando, como observou a moradora do número 23, que estava “varrendo” os degraus da porta de entrada da casa, um grau considerável de excitação nervosa. Também foi relatado às pressas, no mesmo testemunho, que a cozinheira que abriu a porta usava um grande laço branco de dimensões incomuns, num toucado muito mais elegante do que o chapéu regulamentar ao qual as senhoritas Willis invariavelmente restringiam os gostos um tanto excursivos de suas criadas em geral.

A informação espalhou-se rapidamente de casa em casa. Estava bastante claro que a manhã agitada finalmente havia chegado; toda a vizinhança se posicionou atrás das venezianas do primeiro e do segundo andar e esperou o resultado com uma expectativa ofegante.

Finalmente a porta das senhoritas Willis se abriu; a porta da primeira carruagem fez o mesmo. Dois cavalheiros, acompanhados por duas senhoras – amigos da família, sem dúvida; subiram os degraus, bateram a porta ao entrar, e o coche logo partiu, dando lugar à carruagem seguinte.

A porta da rua abriu-se novamente; a excitação de toda a vizinhança aumentou – o Sr. Robinson e a mais velha das senhoritas Willis. “Foi o que pensei”, disse a senhora do número 19; “eu sempre disse que era a Srta. Willis!” – “Bem, isso nunca passou pela minha cabeça!” – exclamou a jovem do número 18 para a jovem do número 17. – “Passou sim, querida!” respondeu a jovem do número 17 à jovem do número 18. “É ridículo demais!” exclamou uma solteirona de idade indefinida, do número 16, entrando na conversa. Mas quem pode retratar o espanto de Gordon Place, quando o Sr. Robinson levou pela mão *todas* as senhoritas Willis, uma após a outra, e então se espremeu

num cantinho da carruagem, que imediatamente seguiu em ritmo acelerado, atrás da primeira carruagem, a passos rápidos, em direção à igreja paroquial! Quem descreverá a perplexidade do clérigo, quando *todas* as senhoritas Willis se encaminharam até o altar da comunhão e repetiram as respostas da cerimônia matrimonial em voz audível – ou quem descreverá a confusão que prevaleceu, quando – mesmo depois de as dificuldades assim ocasionadas foram resolvidas – *todas* as senhoritas Willis ficaram histéricas no final da cerimônia, até que o edifício sagrado ressoou com seus lamentos unidos!

Como as quatro irmãs e o Sr. Robinson continuaram a ocupar a mesma casa após esta ocasião memorável, e como a irmã casada, quem quer que fosse, nunca aparecia em público sem as outras três, não temos certeza se os vizinhos teriam descoberto a verdadeira Sra. Robinson, mas por uma circunstância da mais gratificante descrição, que *acontece* ocasionalmente nas famílias mais bem reguladas. Quarenta e cinco dias se passaram, e a vizinhança, sobre a qual uma nova luz parecia ter irrompido há algum tempo, começou a falar com uma espécie de confiança implícita sobre o assunto, e a se perguntar como a Sra. Robinson – a mais jovem senhorita Willis afinal – tinha conseguido aquele feito. As criadas podiam ser vistas subindo as escadas correndo, por volta das nove ou dez horas, todas as manhãs, falando: “A madame manda seus cumprimentos e deseja saber como a Sra. Robinson se encontra esta manhã?” E a resposta sempre era: “A Sra. Robinson agradece a atenção. Ela está de muito bom humor e não se sente pior.” O piano não era mais ouvido, as agulhas de tricô foram deixadas de lado, os desenhos esquecidos. A confecção de mantas e chapelaria, na menor escala imaginável, pareciam ter se tornado a diversão favorita de toda a família. A sala já não era mais tão arrumada como costumava ser, e se você desse uma olhada nela pela manhã, veria sobre uma mesa, com um jornal velho jogado descuidadamente sobre eles, dois ou três bonés particularmente pequenos, um pouco maiores do que os feitos para uma boneca de tamanho moderado, com um pequeno pedaço de renda, em forma de ferradura, colocado atrás: ou talvez um vestido branco, não muito grande em circunferência, mas muito desproporcional em comprimento, com uma pequena dobra na parte superior e um babado na parte inferior; e outra vez, vimos, uma enorme caixa adornada de azul e cheia de roupinhas de bebê, cujo uso provável não tínhamos conjecturas. Então notamos que o Dr. Dawson, o cirurgião, entre outras atividades, que exhibe uma grande lâmpada multicolorida na porta de sua casa de esquina, começou a acordar à noite com mais frequência do que costumava; e ficamos muito alarmados ao ouvir uma carruagem de aluguel parar na porta da Sra. Robinson, às duas e meia da manhã. Da porta da residência saiu uma senhora velha e

gorda, de capa e touca de dormir, com uma trouxa em uma das mãos e um par de tamancos na outra, que parecia ter sido repentinamente derrubada da cama com algum propósito muito especial.

Quando nos levantamos pela manhã vimos que a aldrava estava amarrada com uma velha luva branca infantil; e nós, em nossa inocência (éramos solteiros nessa época), nos perguntamos o que tudo isso significava, até que ouvimos a senhorita Willis mais velha, *in propria persona*, dizer, com grande dignidade, em resposta à pergunta seguinte: “*Meus* agradecimentos, e a Sra. Robinson está tão bem quanto se pode esperar, e a menininha prospera maravilhosamente.” E então, tal como o resto da vizinhança, a nossa curiosidade foi satisfeita e começamos a perguntar-nos com o que nos teríamos ocupado caso nada disso tivesse acontecido.

A ELEIÇÃO PARA BEDEL

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (14 de julho de 1835)

Um grande evento ocorreu recentemente em nossa paróquia. Um concurso de interesse primordial acaba de terminar; após uma convulsão paroquial. Foi sucedido por um triunfo glorioso, do qual o país – ou pelo menos a paróquia – é tudo a mesma coisa – se lembrará por muito tempo. Tivemos uma eleição; uma eleição para bedel. Os defensores dos métodos do antigo bedel foram derrotados em sua fortaleza, e os defensores dos grandes princípios do novo bedel alcançaram uma vitória orgulhosa.

A nossa paróquia, que, como todas as outras paróquias, é um pequeno mundo à parte, há muito que está dividida em dois partidos, cujas contendas, adormecidas durante algum tempo, nunca deixaram de irromper com um vigor inabalável, em qualquer ocasião em que pudessem, por hipótese, ser renovadas. As taxas de vigilância, as taxas de iluminação, as taxas de pavimentação, as taxas de esgoto, as taxas da igreja, as taxas dos pobres – todos os tipos de taxas, têm sido, por sua vez, objeto de uma grande luta; e quanto às questões de clientelismo, a aspereza e a determinação com que foram contestadas dificilmente são credíveis.

O líder do partido oficial – o defensor firme dos guardiões da igreja e o defensor inabalável dos superintendentes – é um velho cavalheiro que vive na nossa vizinhança. Ele possui cerca de meia dúzia de casas e sempre anda no lado oposto do caminho, para poder ver toda a sua propriedade de uma só vez. É um homem alto, magro e ossudo, com nariz interrogativo e olhinhos inquietos e alegres, que parecem ter sido dados a ele com o único propósito de espiar os assuntos dos outros. Ele está profundamente impressionado com a importância dos nossos negócios paroquiais e orgulha-se, não pouco, do seu estilo de se dirigir aos paroquianos reunidos na sacristia. Suas opiniões são mais restritas do que extensas; seus princípios são mais estreitos que liberais. Ele foi ouvido declamando em voz alta a favor da liberdade de imprensa e defendendo a revogação do imposto sobre os jornais,

porque os jornais diários, que agora detêm o monopólio do público, nunca fornecem relatórios *textuais* das reuniões da sacristia. Ele não pareceria egoísta para o mundo, mas ao mesmo tempo diria que há *determinados* discursos – aquele seu próprio discurso célebre, sobre os emolumentos do sacristão e os deveres do cargo, por exemplo – que poderiam ser comunicados ao público, muito para seu aperfeiçoamento e vantagem.

Seu grande adversário na vida pública é o capitão Purday, o velho oficial reformado da Marinha, que já apresentamos aos nossos leitores. Sendo o capitão um opositor determinado das autoridades constituídas, sejam elas quem forem, e sendo o nosso outro amigo o seu firme apoiante, com igual desprezo pelos seus méritos individuais, será facilmente de supor que as ocasiões para entrarem em colisão direta não são poucas nem muito distantes entre si. Dividiram a sacristia catorze vezes numa proposta para aquecer a igreja com água quente em vez de carvão: e fizeram discursos sobre liberdade e despesas, e prodigalidade e água quente, o que deixou toda a paróquia num estado de excitação. Então o capitão, quando fazia parte da comissão de visita, e o superintendente, seu oponente, apresentou certas acusações distintas e específicas relativas à administração do asilo para pobres, expressou corajosamente sua total falta de confiança nas autoridades existentes e pediu “uma cópia da receita com que foi preparada a sopa dos indigentes, bem como dos documentos relativos à mesma.” O superintendente resistiu firmemente a isso; fortalecendo-se com vários precedentes, recorreu aos costumes vigentes e recusou-se a apresentar os papéis, alegando o prejuízo que causaria ao serviço público, se documentos de natureza estritamente privada, transitassem entre o diretor do asilo e o cozinheiro, não devendo ser assim trazidos à luz do movimento de qualquer membro individual do conselho. A moção foi perdida por dois votos; e então o capitão, que nunca se deixa derrotar, solicitou uma comissão de inquérito sobre todo o caso. O caso tornou-se sério: a questão foi discutida reunião após reunião, e conselho após conselho; discursos foram feitos, ataques repudiados, desafios pessoais trocados, explicações recebidas, e a maior excitação prevaleceu, até que finalmente, quando a questão ia ser definitivamente decidida, o conselho descobriu que de uma forma ou de outra, eles haviam se emaranhado de tal maneira, da qual era impossível escapar com propriedade. Assim, a moção foi arquivada e todos se acharam extremamente importantes e bastante satisfeitos com a natureza meritória de todo o processo.

Esta era a situação em nossa paróquia há uma ou duas semanas, quando Simmons, o bedel, morreu repentinamente. O lamentado falecido havia se esforçado demais, um ou dois dias antes, para transportar uma mulher idosa, altamente embriagada, para o quarto

principal do asilo. A excitação assim ocasionada, somada a um forte resfriado, que este incansável oficial contraiu na qualidade de diretor da bomba de incêndio da paróquia, ao inadvertidamente jogar sobre si mesmo água em vez de fogo, revelou-se demais para uma constituição já debilitada pela idade; e uma noite foi transmitida ao Conselho a informação de que Simmons havia morrido e deixado seus cumprimentos.

Mal o fôlego tinha saído do corpo do funcionário falecido, quando o lugar se encheu de concorrentes ao cargo vago, cada um dos quais baseava suas reivindicações de apoio público, inteiramente no número e extensão de sua família, como se o cargo de bedel tivesse sido originalmente criado como um incentivo para a propagação da espécie humana. “Bung para bedel. Ele tem cinco filhos pequenos!” – “Hopkins para bedel. Ele tem sete filhos pequenos!!” – “Timkins para bedel. Ele tem nove filhos pequenos!!!” Assim eram os cartazes em grandes letras pretas sobre fundo branco, abundantemente colados nas paredes e afixados nas vitrines das principais lojas. O sucesso de Timkins era considerado certo: várias mães de família já haviam lhe garantido seus votos e os nove filhos pequenos poderiam começar a comemorar, não fosse a produção de outro cartaz, anunciando o aparecimento de um candidato ainda mais meritório. “Spruggins para bedel. Ele tem dez filhos pequenos (dois deles gêmeos) e uma esposa!!!” Não havia como resistir; dez crianças pequenas teriam sido quase irresistíveis por si mesmas, sem os gêmeos, mas o comovente parêntese sobre aquela interessante produção da natureza e a alusão ainda mais comovente à Sra. Spruggins deveriam garantir o sucesso. Spruggins se tornou imediatamente o favorito, e a aparição de sua senhora, quando ela se preparava para solicitar votos (o que encorajou esperanças confiantes de uma adição ainda maior à casa de Spruggins dentro em breve), aumentou a pretensão geral a seu favor. Os outros candidatos, exceto Bung, renunciaram em desespero. O dia da eleição foi fixado; e a campanha prosseguiu com vivacidade e perseverança de ambos os lados.

Os membros do conselho não poderiam escapar da excitação contagiante, inseparável da ocasião. A maioria das mulheres habitantes da paróquia declarou-se imediatamente a favor de Spruggins; e o antigo supervisor ficou do mesmo lado, alegando que homens com famílias numerosas sempre foram eleitos para o cargo, além do mais, ele devia admitir que, em outros aspectos, Spruggins era o candidato mais bem qualificado dos dois, ainda que fosse uma prática antiga, e ele não via razão para abandoná-la. Aquilo foi demais para o capitão. Ele imediatamente ficou do lado de Bung, fez campanha pessoalmente em todas as direções, escreveu sátiras sobre Spruggins e fez com que seu açougueiro as pendurasse em juntas

visíveis em sua vitrine. Aterrorizou sua vizinha, a velha senhora, com uma palpação no coração, por suas terríveis denúncias ao partido de Spruggins; e saracoteou de um lado para o outro, para cima e para baixo, para trás e para frente, até que todos os habitantes sóbrios da paróquia passaram a considerar inevitável que ele morresse de febre cerebral, muito antes do início das eleições.

O dia da eleição chegou. Não era mais uma luta individual, mas uma disputa partidária entre os meandros. A questão era se a influência destruidora dos supervisores, o domínio dos conselheiros da igreja e o despotismo devastador do escrivão da sacristia tornariam a eleição do bedel uma forma de nulidade: se deviam impor à paróquia um bedel eleito pela sacristia, para fazer as suas vontades e defender os seus pontos de vista, ou se os paroquianos, afirmando destemidamente os seus direitos indubitáveis, poderiam eleger por conta própria um bedel independente.

A nomeação foi marcada para ocorrer na sacristia, mas tão grande era a multidão de espectadores ansiosos, que foi necessário transferi-la para a igreja, onde a cerimônia começou com a devida solenidade. O comparecimento dos conselheiros e supervisores, e dos ex-conselheiros e ex-supervisores, com Spruggins logo atrás, despertou a atenção geral. Spruggins era um homenzinho magro, vestido de preto desbotado, com um rosto comprido e pálido e um semblante que expressava cansaço e precisando de cuidados, o que poderia ser atribuído à extensão de sua família ou à ansiedade de seus sentimentos. Seu oponente apareceu com um casaco usado do capitão – um casaco azul com botões brilhantes; calças brancas e aquela descrição de sapatos familiarmente conhecida pela denominação de “cano baixo”. Havia uma serenidade no semblante franco de Bung – uma espécie de dignidade moral em seu ar confiante – uma expressão do tipo “espero que vocês façam a coisa certa” em seus olhos – que infundiu animação em seus apoiadores e evidentemente desanimou seus oponentes.

O ex-conselheiro propôs então o nome de Thomas Spruggins como bedel. Ele o conhecia há muito tempo. Estava de olho nele há anos, e o observou com dupla vigilância durante meses. (Um paroquiano aqui sugeriu que isso poderia ser chamado de “visão dupla”, mas a observação foi abafada por altos gritos de “Ordem!”) Repetiu que o tinha debaixo dos olhos há anos e que poderia afirmar que nunca tinha conhecido um homem mais bem comportado, mais sóbrio, mais calmo e com uma mente mais bem regulada. Um homem com uma enorme família como nunca havia visto antes (vivas). A paróquia precisa de um homem em quem possa confiar (“Hurras!” pelo lado de Spruggins, respondido por aplausos irônicos do lado de Bung). Tal

homem estamos propondo agora (“Não”, “Sim”). Ele nunca se insinuaria para pessoas proeminentes (continuou o ex-conselheiro, no célebre estilo em negativa adotado por grandes oradores). Ele não faria referência a um cavalheiro que já ocupou uma posição elevada a serviço de sua majestade; ele não diria que aquele cavalheiro não era um cavalheiro; ele não afirmaria que aquele homem não era homem; ele não diria que era um paroquiano turbulento; ele não diria que se comportou grosseiramente mal, não apenas nesta, mas em todas as ocasiões anteriores; ele não diria que era um daqueles espíritos descontentes e traidores, que carregavam confusão e desordem por onde quer que fossem; ele não diria que abrigava em seu coração inveja, ódio, malícia e toda falta de caridade. Não! Ele desejaria que tudo fosse confortável e agradável e, por isso, não diria nada sobre a seu respeito (vivas).

O capitão respondeu num estilo parlamentar semelhante. Ele não diria que estava surpreso com o discurso que acabaram de ouvir; ele não diria que estava enojado (vivas). Ele não retrucaria os epítetos que foram lançados contra ele (mais vivas); ele não aludiria a homens que já ocuparam o cargo, mas agora estão felizes fora dele, que administraram mal o asilo, maltrataram os indigentes, diluíram a cerveja com água, deixaram o pão quase cru, desossaram a carne, aumentaram o trabalho e diminuíram a sopa (aplausos tremendos). Ele não perguntaria o que tais homens mereciam (uma voz: “Não merecem nada. Deixe que eles se virem!”). Ele não diria que uma explosão de indignação geral deveria expulsá-los da paróquia que haviam contaminado com a sua presença (“é isso o que eles merecem!”). Ele não aludiria ao infeliz que havia sido proposto – não diria, como instrumento do conselho, mas como bedel. Ele não faria propaganda para a família daquele indivíduo; ele não diria que dez filhos, gêmeos e uma esposa, eram péssimos exemplos de imitação indigente (aplausos). Ele não anunciaria detalhadamente as qualificações de Bung. O homem estava diante dele, e ele não diria em sua presença o que estaria disposto a dizer sobre ele, se estivesse ausente. (Aqui o Sr. Bung fez um sinal para um amigo próximo a ele, sob o chapéu, contraindo o olho esquerdo e colocando o polegar direito na ponta do nariz). Foi contestado a Bung que ele tinha apenas cinco filhos (“Ouçam, ouçam!”, gritou a oposição). Bem; ele ainda não sabia que a legislatura havia atribuído qualquer quantidade precisa de filhos como requisito para se ocupar o cargo de bedel; mas, assumindo como certo que uma família extensa era um grande requisito, ele pediu-lhes que olhassem para os fatos e comparassem *os dados*, sobre os quais não poderia haver erro. Bung tinha 35 anos. Spruggins – de quem ele desejava falar com todo o respeito possível – tinha 50. Não seria mais do que possível – não seria muito provável – que, quando

Bung atingisse a última idade, ele pudesse ver ao seu redor uma família, até mesmo superior em tamanho, número e extensão, do que aquela da qual Spruggins se orgulha atualmente? (aplausos ensurdecadores e lenços acenados) O capitão concluiu, entre fortes aplausos, convidando os paroquianos a tocarem o sino, a correrem para a urna, a libertarem-se dos ditados ou a serem escravos para sempre.

No dia seguinte começo a votação, e nunca houve tanta azáfama na nossa paróquia desde que apresentamos a nossa famosa petição antiescravagista^[9], que era tão importante que a Câmara dos Comuns ordenou que fosse impressa, a pedido do deputado do distrito. O capitão contratou duas carruagens de aluguel e um cabriolé para o pessoal de Bung – o cabriolé para os eleitores embriagados e as duas carruagens para as senhoras idosas, a maior parte das quais, devido à impetuosidade do capitão, foi levada até a urna e para casa novamente, antes que se recuperassem suficientemente da agitação para saber, com algum grau de clareza, o que estavam fazendo. O partido oposto negligenciou totalmente essas precauções, e a consequência foi que muitas senhoras que caminhavam vagarosamente até a igreja – pois era um dia muito quente – para votar em Spruggins, foram habilmente atraídas até as carruagens e votaram em Bung. Os argumentos do capitão também produziram um efeito considerável: a tentativa de influência por parte do conselho produziu um efeito ainda maior. Uma suspeita de má conduta foi levantada contra o secretário do conselho – um caso de atrocidade cruel e perdulária. Parece que o meliante tinha o hábito de comprar seis centavos de muffins, semanalmente, de uma velhinha que alugava uma pequena casa na paróquia e residia entre os colonos originais; na sua última visita semanal, foi-lhe transmitida uma mensagem por intermédio da cozinheira, redigida em termos misteriosos, mas indicando com suficiente clareza, que o apetite do secretário do conselho por muffins, no futuro, dependeria inteiramente em quem a velhinha votaria para bedel. Aquilo foi o suficiente: a correnteza já havia mostrado força anteriormente, e o impulso assim administrado dirigiu seu curso final. Os partidários de Bung iriam encomendar muffins no valor de um xelim semanalmente para o resto da vida natural da velhinha; os paroquianos gritaram alto; e o destino de Spruggins foi selado.

Foi em vão que os gêmeos foram exibidos com trajes do mesmo padrão e toucas de dormir combinando na porta da igreja: o menino no braço direito da Sra. Spruggins e a menina no esquerdo – até a própria Sra. Spruggins deixou de ser objeto de simpatia. A maioria alcançada por Bung na votação bruta foi de quatrocentos e vinte e oito, e a causa dos paroquianos triunfou.

AS SOCIEDADES BENEFICIENTES FEMININAS

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (20 de agosto de 1835)

A nossa Paróquia é muito prolífica em instituições de caridade organizadas por senhoras. No inverno, quando os pés molhados são comuns e os resfriados não são escassos, temos a sociedade feminina de distribuição de sopa, a sociedade feminina de distribuição de carvão e a sociedade feminina de distribuição de cobertores; no verão, quando os frutos de caroço florescem e as dores de estômago prevalecem, temos o dispensário feminino e a comissão feminina de visita aos enfermos; e durante todo o ano temos a sociedade feminina de educação infantil, a sociedade feminina de distribuição de bíblias e livros de orações e a sociedade feminina para auxílio mensal às parturientes. As duas últimas são decididamente as mais importantes; se elas produzem mais benefícios do que as demais, não cabe a nós dizer, mas podemos assumir a responsabilidade de afirmar, com a maior solenidade, que elas criam maior agitação e mais alvoroço do que todas as outras juntas.

Deveríamos estar dispostos a afirmar, à primeira vista, que a sociedade de bíblias e dos livros de orações não é tão popular quanto a sociedade de auxílio às parturientes; a sociedade de bíblias e dos livros de orações, no entanto, aumentou consideravelmente em importância nos últimos dois anos, tendo obtido alguma ajuda accidental da oposição facciosa da sociedade de educação infantil; cuja oposição facciosa originou-se da seguinte maneira: – Quando o jovem cura tornou-se popular e todas as senhoras solteiras da paróquia tomaram uma atitude séria quanto a suas vidas, as crianças de caridade tornaram-se de repente objetos de interesse peculiar e especial. As três senhoritas Brown (admiradoras entusiasmadas do cura) ensinaram, exercitaram, examinaram e reexaminaram as infelizes crianças, deixando os meninos quase anêmicos e as meninas à beira de uma tuberculose de tanto estudar. As três senhoritas Brown se destacaram muito bem, já que uma ajudava a outra; mas as crianças,

não sentindo nenhum alívio, exibiam sintomas evidentes de cansaço e a precisar de cuidados. A parte mais obtusa dos paroquianos riu de tudo isso, mas a parte mais letrada dos habitantes absteve-se de expressar qualquer opinião sobre o assunto até que a do cura fosse claramente apurada.

A oportunidade não tardou a chegar. O cura pregou um copioso sermão em nome da caridade educacional e, no sermão acima mencionado, discorreu em termos elogiosos sobre os esforços louváveis e infatigáveis de certos indivíduos estimáveis. Ouviram-se soluços vindos do banco das três senhoritas Brown; um sacristão foi visto correndo pelo corredor central até a porta da sacristia e retornando imediatamente, trazendo um copo d'água na mão. Seguiu-se um gemido baixo; mais dois sacristãos correram para o local, e as três senhoritas Brown, cada uma apoiada por um sacristão, foram conduzidas para fora da igreja e conduzidas novamente após o lapso de cinco minutos com lenços de bolso brancos nos olhos, como se estivessem participando de um funeral no cemitério adjacente. Se por um momento existisse alguma dúvida sobre a quem a alusão se pretendia aplicar, ela foi imediatamente removida. O desejo de aprimorar a caridade infantil tornou-se universal, e as três senhoritas Brown foram unanimemente solicitadas a dividir a escola em turmas e a atribuir cada turma à superintendência de duas jovens paroquianas.

Ter pouco conhecimento é algo perigoso, mas não ter vontade de colaborar é ainda pior; as três senhoritas Brown nomearam todas as solteironas e excluíram cuidadosamente as jovens. As tiazonas triunfaram, e as mães dedicadas acabaram reduzidas às profundezas do desespero, e não há como dizer em que ato de violência a indignação geral contra as três senhoritas Brown poderia ter se manifestado, se um acontecimento perfeitamente providencial não tivesse mudado a maré da opinião pública. A Sra. Johnson Parker, mãe de sete moças muito boas – todas solteiras – relatou precipitadamente a várias outras mães que tinham filhas solteiras que cinco homens idosos, seis mulheres idosas e inúmeras crianças, nos assentos livres perto do seu banco, tinham o hábito de ir à igreja todos os domingos, sem Bíblia ou livro de orações. Isso deveria acontecer em um país civilizado? Poderiam tais coisas ser toleradas num país cristão? Nunca! Uma sociedade feminina de distribuição de Bíblias e livros de orações foi formada instantaneamente: presidente, Sra. Johnson Parker; tesoureiras, auditoras e secretárias, as senhoritas Johnson Parker: assinaturas foram feitas, Bíblias foram compradas, sendo distribuídas a todas as pessoas com assentos menos destacados, e quando o primeiro trecho foi ministrado, no primeiro domingo seguinte a esses eventos, houve tal uma queda de livros e um farfalhar de folhas, que se tornou moralmente impossível ouvir uma palavra do

serviço religioso por pelo menos cinco minutos.

As três senhoritas Brown e seu grupo perceberam o perigo que se aproximava e tentaram evitá-lo por meio do ridículo e do sarcasmo. “Nem os velhos nem as velhas conseguem ler os seus livros, agora que os possuem”, disseram as três senhoritas Brown. “Não se preocupem; eles podem aprender”, respondeu a Sra. Johnson Parker. “As crianças também não têm como lê-los”, sugeriram as três senhoritas Brown. “Não importa; elas podem ser ensinadas”, retrucou a Sra. Johnson Parker. Teve início, então, uma medição de forças. As senhoritas Brown foram examinadas publicamente – sentimento popular inclinado à sociedade de educação infantil. As senhoritas Johnson Parker espalharam publicamente que estava havendo uma reação em favor da distribuição de livros de oração. Uma pena teria girado a balança, e foi o que aconteceu. Um missionário tinha acabado de voltar das Índias Ocidentais; ele seria apresentado à Sociedade dos Missionários Dissidentes por causa de seu casamento com uma viúva rica. Propostas foram feitas aos dissidentes pelas Johnson Parker. O objetivo delas era o mesmo, e por que não realizar uma reunião conjunta das duas sociedades? A proposta foi aceita. A reunião foi devidamente anunciada por anúncio público e o salão ficou lotado até sufocar. O missionário apareceu no palanque; ele foi saudado com entusiasmo. Repetiu um diálogo que ouvira entre dois negros, atrás de uma sebe, sobre o tema das sociedades de distribuição de Bíblias; a aprovação foi retumbante. Ele fez uma imitação dos dois negros em um inglês ruim; o teto só faltou cair de tantos aplausos. Desse período datamos (com uma insignificante exceção) um aumento diário na popularidade da sociedade de distribuição de Bíblias, e um aumento de popularidade que, apesar da oposição débil e impotente da sociedade de educação infantil, apenas tende a aumentar.

Agora, os grandes pontos da sociedade para auxílio mensal às parturientes são que ela depende menos das flutuações da opinião pública do que as sociedades de distribuição de livros e a sociedade de educação infantil; e que, aconteça o que acontecer, nunca faltam objetos sobre os quais exercer sua benevolência. A nossa paróquia é muito populosa e, no mínimo, contribui, devemos estar dispostos a dizer, um pouco mais do que a sua quota-parte devida para o número total de nascimentos na metrópole e nos seus arredores. A consequência é que a sociedade de auxílio mensal floresce e investe os seus membros a uma quantidade invejável de assistência trabalhosa. A sociedade (cujas únicas noções de divisão do tempo parece ser a sua divisão em meses) realiza mensalmente chás de caridade, nos quais são recebidos os relatórios mensais, é eleita uma secretária para o mês seguinte e as caixas com donativos que não foram utilizadas naquele mês são cuidadosamente examinadas.

Nunca estivemos presentes em nenhuma dessas reuniões, das quais nem é necessário dizer que os cavalheiros são cuidadosamente excluídos; mas o Sr. Bung foi chamado perante o conselho uma ou duas vezes, e temos autoridade para afirmar que seus procedimentos são conduzidos com grande ordem e regularidade: não mais do que quatro membros podem falar ao mesmo tempo, sob qualquer pretexto. A comissão regular é composta exclusivamente por senhoras casadas, mas um grande número de jovens solteiras, de dezoito a vinte e cinco anos de idade, respectivamente, são admitidas como membros honorários, em parte porque são muito úteis para reabastecer as caixas com donativos e visitar as reclusas; em parte porque é altamente desejável que sejam iniciadas, desde cedo, nos deveres mais sérios e matronais de reconfortar na hora da morte de uma parturiente; e em parte porque não é incomum que mães prudentes aproveitem maravilhosamente bem essa circunstância em especulações matrimoniais.

Além da entrega mensal das caixas de donativos (que são sempre pintadas de azul, com o nome da sociedade escrito em grandes letras brancas na tampa), a sociedade distribui ocasionalmente caldo de carne e uma composição de cerveja morna, especiarias, ovos e açúcar, comumente conhecida pelo nome de “gemada”, às pacientes. E aqui novamente os serviços dos membros honorários são requisitados e concedidos com muita alegria. Delegações de duas ou três são enviadas para visitar as pacientes, e nessas ocasiões há uma grande degustação de gemada e caldo, uma grande agitação de pequenas panelas no fogão, um vestir e despir bebês, tal amarrar, dobrar e prender; tal cuidado e aquecimento de perninhas e pezinhos diante do fogo, uma confusão tão deliciosa de tagarelice, agitação, importância e diligência, que nunca pode ser desfrutada em toda a sua extensão, exceto em ocasiões semelhantes.

Na rivalidade entre essas duas instituições, e como um último esforço para adquirir popularidade paroquial, o pessoal da educação infantil decidiu, outro dia, realizar um grande teste público a seus alunos; e a grande sala de aula da escola anglicana foi, por e com o consentimento das autoridades paroquiais, dedicada a esse fim. Cartas convite foram encaminhadas a todos os principais paroquianos, incluindo, é claro, as diretoras das outras duas sociedades, para cujo benefício e edificação especial a exibição se destinava; e um grande público era esperado com segurança na ocasião. O chão foi cuidadosamente esfregado no dia anterior, sob a supervisão imediata das três senhoritas Brown. Bancos escolares foram colocados em toda a sala para acomodação dos visitantes. Textos escritos foram cuidadosamente selecionados e cuidadosamente emendados e corrigidos, até surpreenderem as crianças que os escreveram, um

pouco mais do que o grupo que os leu; as somas em adição composta eram ensaiadas e reensaiadas até que todas as crianças soubessem os resultados de cor; e todos os preparativos foram na escala mais laboriosa e abrangente. A manhã chegou: as crianças foram ensaboadas, esfregadas e enxugadas, até que seus rostos brilhassem novamente; o cabelo de cada aluno foi cuidadosamente penteado até os olhos, conforme o caso; as meninas se viram adornadas com capas brancas como a neve e gorrinhos amarrados na cabeça por uma única fita roxa; já os meninos mais velhos tiveram o pescoço enrijecido por colarinhos de dimensões surpreendentes.

As portas foram abertas e as senhoritas Brown e companhia surgiram em vestidos lisos de musselina branca e gorros iguais – o uniforme para aplicar o teste às crianças. A sala encheu-se: as saudações da companhia foram ruidosas e cordiais. As partidárias das sociedades de distribuição tremeram, pois a sua popularidade estava em jogo. O menino mais velho deu um passo à frente e fez um discurso propiciatório por trás do colarinho. Discurso nascido da caneta do Sr. Henry Brown; os aplausos foram universais e as Johnson Parker ficaram horrorizadas. O teste prosseguiu com sucesso e terminou em triunfo. A sociedade para a educação infantil havia conquistado uma vitória momentânea e as Johnson Parker retiraram-se em desespeto.

Um conselho secreto das duas sociedades de distribuição foi realizado naquela noite, com a Sra. Johnson Parker na presidência, para considerar os melhores meios de recuperar o terreno que haviam perdido em favor da paróquia. O que poderia ser feito? Outra reunião! Meu Deus! quem iria comparecer? O missionário não poderia ser chamado outra vez; e os escravos foram todos libertados. Um passo ousado deve ser dado. Os paroquianos devem ser surpreendidos de uma forma ou de outra; mas ninguém foi capaz de sugerir qual deveria ser o passo. Por fim, ouviu-se uma senhora muito idosa murmurar, em tons indistintos: “Exeter Hall”^[10]. Uma luz repentina irrompeu na reunião. Foi resolvido por unanimidade que uma delegação de senhoras idosas deveria visitar um orador consagrado, implorando sua ajuda e o favor de um discurso; e a delegação também deveria visitar outras duas ou três velhas tontas, não residentes na paróquia, e solicitar a sua presença. A missão foi um sucesso, a reunião foi realizada; o orador (um irlandês) veio. Ele falou de ilhas verdejantes – costas distantes – a imensidão do Atlântico – as profundezas do mar – a caridade cristã – sangue e extermínio – misericórdia nos corações – mãos armadas – altares e lares – deuses domésticos. Ele enxugou os olhos, assoou o nariz e fez citações em latim. O efeito foi tremendo – o latim era um sucesso decisivo. Ninguém sabia exatamente do que se tratava, mas todos sabiam que

devia ser comovente, porque até o orador ficou emocionado. As sociedades de distribuição conquistaram uma popularidade sem precedentes entre as senhoras de nossa paróquia; e a de educação infantil está deteriorando rapidamente.

CENAS

AS RUAS – MANHÃ

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (21 de julho de 1835)

A aparência apresentada pelas ruas de Londres uma hora antes do nascer do sol, numa manhã de verão, é mais impressionante até mesmo para os poucos cujas infelizes buscas de prazer, ou dificilmente menos infelizes atividades de negócios, os fazem estar bem familiarizados com a cena. Há um ar de desolação fria e solitária nas ruas silenciosas que estamos acostumados a ver lotadas em outras ocasiões por uma multidão ocupada e ansiosa, e nos edifícios silenciosos e fechados, que durante todo o dia fervilham de vida e agitação, isso é muito impressionante.

O último homem bêbado, que encontrará o caminho de casa antes do sol, apenas cambaleia pesadamente, rugindo o peso da canção de bebida da noite anterior: o último vagabundo sem-teto que a penúria e a polícia deixaram pelas ruas, tenta proteger seus membros gelados em algum canto pavimentado, para sonhar com comida e calor. Os bêbados, os esbanjadores e os miseráveis desaparecem; a parte mais sóbria e ordeira da população ainda não despertou para o trabalho do dia, e a quietude da morte toma conta das ruas; sua própria tonalidade parece ser transmitida a eles, fria e sem vida quando olham à luz cinzenta e sombria do amanhecer. Os pontos de condução das grandes vias estão desertos: as casas noturnas estão fechadas; e as calçadas, escolhidas para servir de passarela para a miséria devassa, estão vazias.

Ocasionalmente, um policial solitário é visto nas esquinas, olhando indiferentemente para a paisagem deserta à sua frente; e de vez em quando um gato de aparência libertina corre furtivamente pela rua e chega a seu próprio território com a mesma cautela e astúcia – primeiro margeando uma pipa d'água, depois uma grande lixeira e, depois, pousando nas lajes – como se estivesse consciente de que seu caráter dependia de sua bravura da noite anterior, escapando à observação pública. Uma janela de quarto parcialmente aberta aqui e ali revela o calor do tempo e o sono inquieto de seu ocupante; e o

fraco brilho da luz de lamparina, através da persiana da janela, denota um quarto de vigília ou de doença. Com estas poucas exceções, as ruas não apresentam sinais de vida, nem mesmo nas residências.

Uma hora passa; as torres das igrejas e os telhados dos edifícios principais são levemente tingidos pela luz do sol nascente; e as ruas, em graus quase imperceptíveis, começam a retomar a sua agitação e animação. As carroças do mercado avançam lentamente: o carroceiro sonolento instiga impacientemente seus cavalos cansados, ou tenta em vão despertar o menino, que, luxuosamente estendido em cima das cestas de frutas, esquece, em um esquecimento feliz, sua curiosidade há muito acalentada por eis as maravilhas de Londres.

Animais rudes, sonolentos e de aparência estranha, um meio caminho entre cavaliços e cocheiros de aluguel, começam a fechar as venezianas das primeiras tabernas; e mesinhas de negócio, com os habituais preparativos de um café da manhã na rua, aparecem nos postos habituais. Vários homens e mulheres (principalmente estas últimas), carregando pesados cestos de frutas, descem com dificuldade o lado do parque de Piccadilly, a caminho de Covent Garden, e, seguindo-se uns aos outros em rápida sucessão, formam uma larga e longa fila que dobra quarteirões até chegar a Knightsbridge.

Aqui e ali, um pedreiro com o jantar do dia amarrado em um lenço, caminha rapidamente para o seu trabalho, e ocasionalmente um pequeno grupo de três ou quatro estudantes em uma expedição de banho furtivo atravessa alegremente a calçada, sua alegria barulhenta contrastando fortemente com o comportamento do pequeno limpador de chaminés, que, tendo batido à porta e tocado a campainha até os braços doerem, e sendo proibido por uma legislatura misericordiosa de colocar seus pulmões em perigo ao gritar, senta-se pacientemente na soleira da porta, até que a empregada acorde.

O mercado de Covent Garden, e as avenidas que levam até ele, estão repletos de carroças de todos os tipos, tamanhos e descrições, desde a pesada carroça, com seus quatro cavalos robustos, até a barulhenta carroça do comerciante, com seu burro tuberculoso. A calçada já está coberta de folhas de repolho podres, feno quebrado e todo o lixo indescritível de um mercado de vegetais; os homens gritam, as charretes recuam, os cavalos relincham, os meninos brigam, as mulheres do cesto conversam, os pasteleiros discursam sobre a excelência de sua pasteleria e os burros zurram. Esses e uma centena de outros sons formam um composto bastante discordante para os ouvidos de um londrino, e notavelmente desagradável para os cavalheiros do interior que dormem nos Hummums^[1] pela primeira vez.

Mais uma hora se passa e o dia começa para valer. A empregada,

que, sob o pretexto de dormir profundamente, desconsiderou totalmente o chamado da Patroa meia hora antes, é avisada pelo Patrão (enviado pela Patroa para esse fim), que são seis e meia. Quando ela acorda de repente, com um espanto bem fingido, e desce muito mal-humorada, desejando, enquanto acende as luzes, que o princípio da combustão espontânea se estenda aos carvões e fogão de cozinha. Quando o fogo é aceso, ela abre a porta da rua para pegar o leite, quando, pela coincidência mais singular do mundo, descobre que a criada da casa ao lado acabou de pegar seu leite também, e que o ajudante do Sr. Todd, do outro lado da rua, está, por um acaso igualmente extraordinário, abrindo a padaria do patrão. A consequência inevitável é que ela simplesmente vá, com a jarra de leite na mão, até a porta ao lado, apenas para dizer “bom dia” a Betsy Clark, e que o ajudante do Sr. Todd simplesmente se aproxime para dizer “bom dia” para ambas; e como o ajudante do referido Sr. Todd é quase tão bonito e fascinante quanto o próprio padeiro, a conversa rapidamente se torna muito interessante, e provavelmente se tornaria ainda mais, se a patroa de Betsy Clark, que sempre a segue por aí, não tivesse dado uma batida furiosa na janela do quarto, na qual o ajudante do Sr. Todd tenta passar friamente, enquanto volta para sua loja muito mais rápido do que saiu dela; e as duas garotas correm de volta para seus respectivos lugares e fecham as portas da rua com uma suavidade surpreendente, cada uma delas enfiando a cabeça para fora da janela da sala da frente, um minuto depois, porém, ostensivamente com o pretexto de procurar pelo carteiro que já estava passando, mas na verdade com o propósito de ter outro vislumbre do ajudante do Sr. Todd, que, sendo um apreciador de correspondências, mas mais de mulheres, dá uma breve olhada nas correspondências e uma longa olhada nas moças, para muito a satisfação de todas as partes envolvidas.

O próprio coche com a mala postal segue para a estação no devido tempo, e os passageiros que saem da carruagem matutina olham com espanto para os passageiros que estão entrando, que parecem tristes e sombrios, e evidentemente estão sob a influência daquela estranha sensação provocada pelas viagens, que faz com que os acontecimentos de ontem de manhã pareçam ter acontecido há pelo menos seis meses, e induz as pessoas a perguntarem-se com considerável gravidade se os amigos e parentes que deixaram para trás na noite anterior, mudaram muito desde que os deixaram. A estação está toda animada e as carruagens, que estão prestes a sair, estão rodeadas pela habitual multidão de negociantes e desconhecidos, que parecem considerar, só Deus sabe o motivo, que é absolutamente impossível qualquer homem poder subir em uma carruagem sem exigir pelo menos seis centavos em laranjas, um canivete, um livro de bolso, um anuário do ano

passado, um estojo de lápis, um pedaço de bolo e uma pequena coleção de caricaturas.

Mais meia hora, e o sol lança seus raios brilhantes alegremente pelas ruas ainda meio vazias, e brilha com força suficiente para despertar a sombria preguiça do aprendiz, que faz uma pausa a cada dois minutos em sua tarefa de varrer a loja e lavar a calçada da frente, para dizer a outro aprendiz com emprego semelhante, quão quente estará hoje, ou para ficar com a mão direita protegendo os olhos e a esquerda apoiada na vassoura, observando os coches, ou alguma outra carruagem rápida, até que desapareça de vista. Depois ele entra novamente na loja, invejando os passageiros da rápida carruagem e pensando na velha casa de tijolos vermelhos “lá no campo”, onde ele estudava: as misérias do leite e da água, do pão duro e das sobras, desvanecendo-se no nada diante da agradável lembrança do campo verdejante onde os meninos costumavam brincar, e do lago verde cujo fundo ele media com uma vara para poder mergulhar tranquilo, e outras recordações dos tempos de estudante.

Os cabriolés, com baús e caixas de chapéus entre as pernas do condutor ou amarrados do lado de fora, sacodem rapidamente para cima e para baixo nas ruas a caminho das estações ou dos ancoradouros dos paquetes; e os condutores e cocheiros que estão em seu intervalo lustram a parte ornamental de seus veículos sujos – os primeiros se perguntam como as pessoas podem preferir “essas carruagens lotadas conduzidas por feras selvagens a um cabriolé firme com um trotador rápido”, e os últimos admirando como as pessoas podem confiar seus pescoços a um desses “cabriolés malucos, quando podem ter um espetacular coche com um par de alazões que não vão sair correndo por aí feito doidos”; um consolo inquestionavelmente baseado em fatos, visto que nunca se soube de um cocheiro que corresse com seu coche, “exceto”, como observou o esperto cocheiro na frente da fila, “exceto um, e foi *ele* quem saiu correndo, e não seus cavalos”.

As lojas estão agora completamente abertas e os aprendizes e lojistas estão ocupados limpando e enfeitando as vitrines durante o dia. As padarias da cidade estão cheias de criados e crianças aguardando o primeiro lote de pãezinhos – uma operação que foi realizada há uma hora nos subúrbios: para uma população de escriturários madrugadores dos subúrbios de Somers e Camden, Islington, e Pentonville, invadindo rapidamente a cidade ou direcionando seus passos para Chancery-lane e Inns of Court. Homens de meia-idade, cujos salários não aumentaram de forma alguma na mesma proporção de suas famílias, avançam com dificuldade, aparentemente sem nenhum objetivo em vista a não ser o escritório de contabilidade;

conhecendo de vista quase todas as pessoas que encontram ou ultrapassam, pois os têm visto todas as manhãs (exceto domingo) durante os últimos vinte anos, mas não falam com ninguém. Se acontecer de eles ultrapassarem um conhecido pessoal, eles apenas trocam uma saudação apressada e continuam andando ao lado dele ou na frente dele, conforme seu ritmo de caminhada possa acontecer. Quanto a parar para apertar a mão, ou para pegar no braço do amigo, parecem pensar que, como não está incluído no seu salário, não têm o direito de o fazer. Pequenos estafetas, com chapéus grandes, que se tornaram homens antes de serem meninos, correm aos pares, com o primeiro paletó cuidadosamente escovado e as calças brancas do domingo passado abundantemente manchadas de poeira e tinta. É evidentemente necessário um esforço mental considerável para evitar investir parte do dinheiro do jantar do dia na compra de tortas amanhecidas tão tentadoramente expostas em prateleiras empoeiradas nas portas de alguma confeitaria; mas a consciência da sua própria importância e o recebimento de sete xelins por semana, com a perspectiva de um aumento antecipado para oito, vem em seu auxílio, e eles, portanto, colocam os chapéus um pouco mais para o lado e olham com superioridade para os gorros de todas as aprendizes de chapeleiras e espartilheiras que eles encontram – pobres meninas! – o mais duro dos trabalhos, o mais mal pago e, muitas vezes, a mais explorada classe da comunidade.

Onze horas e um novo grupo de pessoas enche as ruas. As mercadorias nas vitrines estão dispostas de maneira convidativa; os lojistas, com seus lenços brancos e paletós bem-ajambrados, parecem não conseguir limpar uma vitrine nem se suas vidas dependessem disso. As carroças desapareceram de Covent Garden; os carroções já retornaram e os vendedores ambulantes voltaram para seus cafofos simplórios nos subúrbios; os escriturários estão em seus escritórios, e os troles, cabriolés, carruagens e cavalos de sela transportam seus patrões para um mesmo destino. As ruas estão repletas de uma vasta multidão de pessoas, alegres e miseráveis, ricas e pobres, ociosas e trabalhadoras; e chegamos ao calor, à agitação e à atividade do meio-dia.

AS RUAS – NOITE

Publicado pela primeira vez no *Bell's Life in London* (17 de janeiro de 1836)

As ruas de Londres, para serem contempladas no auge de sua glória, deveriam ser vistas em uma noite escura, monótona e sombria de inverno, quando há umidade suficiente deslizando suavemente para deixar o pavimento escorregadio, sem limpá-lo de qualquer de suas impurezas; e quando a névoa pesada e preguiçosa, que paira sobre todos os objetos, faz com que os lampiões a gás pareçam mais brilhantes e as lojas bem iluminadas mais esplêndidas, pelo contraste que apresentam com a escuridão ao redor. Todas as pessoas que estão em casa numa noite como esta parecem dispostas a ficar tão aconchegadas e confortáveis quanto possível; e os pedestres nas ruas têm excelentes razões para invejar os indivíduos afortunados que estão sentados junto à sua própria lareira.

Nas ruas maiores e melhores, as cortinas das salas de jantar estão bem fechadas, os fogos da cozinha brilham intensamente e os vapores saborosos dos jantares quentes saúdam as narinas do transeunte faminto, enquanto ele caminha penosamente pela área. Nos subúrbios, o menino vendedor de bolinhos desce a ruazinha, muito mais devagar do que costuma fazer; pois a Sra. Macklin, no número 4, mal abriu a pequena porta de casa e gritou: “Bolinhos!” com toda a sua força; a Sra. Walker, no número 5, coloca a cabeça para fora da janela da sala e grita “Bolinhos!” também; e mal a Sra. Walker conseguiu pronunciar as palavras de seus lábios, a Sra. Peplow, do outro lado da rua, já vai perdendo seu filho de vista. O jovem Peplow, que corre rua abaixo, com uma velocidade que nada além de bolinhos amanteigados em perspectiva poderia inspirar, arrasta o menino de volta com força total, ao que a Sra. Macklin e a Sra. Walker, apenas para poupar problemas ao menino e para dizer algumas palavras de boa vizinhança à porta da Sra. Peplow, cruzam a rua e comprem alguns bolinhos, quando resulta da declaração voluntária da Sra. Walker, que seu “chá está esperando, e as xícaras e pires estão prontos”, e que, como era uma noite tão miserável ao ar livre, ela decidira tomar uma xícara de

chá agradável, quente e confortável – uma ideia à qual, pela mais singular coincidência, as outras duas senhoras haviam chegado simultaneamente.

Depois de uma pequena conversa sobre o mau tempo e os méritos do chá, com uma digressão relativa à maldade dos meninos como regra, e à amabilidade do jovem Peplow como exceção. A Sra. Walker vê o marido descendo a rua; e ele parece querer muito uma xícara de chá, pobre homem, depois de sua caminhada dura desde as docas, ela imediatamente atravessa a rua, com os bolinhos na mão; a Sra. Macklin faz o mesmo, e depois de algumas palavras para a Sra. Walker, todos entram em suas pequenas casas e batem as pequenas portas da rua, que não são abertas novamente pelo resto da noite, exceto para o vendedor de cerveja que passa às nove horas, o qual chega com uma lanterna pendurada na frente de sua bandeja e diz, enquanto empresta um jornal à Sra. Walker, que, pelos infernos, mal consegue segurar a jarra, muito menos sentir o jornal, pois é uma das noites mais penosas que ele já viu, exceto aquela noite em que o homem morreu de frio em Brickfield.

Depois de uma pequena conversa profética com o policial da esquina, abordando uma provável mudança no tempo e o início de uma forte geada, o vendedor de cerveja das nove horas retorna à casa de seu patrão e mantém-se ocupado o resto da noite, atiçando assiduamente a lareira da taberna e participando respeitosamente da conversa dos nobres reunidos em torno dela.

As ruas nas proximidades de Marshgate e Victoria Theatre apresentam uma aparência de sujeira e desconforto em tal noite, que os grupos que as circulam vão aos poucos diminuindo. Até mesmo o pequeno templo de lata consagrado às batatas assadas, encimado por um esplêndido desenho em lâmpadas coloridas, parece menos alegre do que o habitual, e quanto à barraca de tortas de rim, sua glória desapareceu completamente. A vela da lamparina transparente, feita de papel impermeável, embelezada com “desenhos”, já se apagou cinquenta vezes, de modo que o comerciante de tortas de rim, cansado de correr de um lado para o outro até a adega mais próxima, para conseguir alguma luz, desistiu da ideia de iluminação em desespero, e os únicos sinais de seu “paradeiro” são as faíscas brilhantes, das quais uma longa fileira irregular gira pela rua toda vez que ele abre seu forno portátil para entregar uma torta quentinha para um cliente.

Vendedores de peixes, ostras e frutas vagam desesperançados pela sarjeta, tentando em vão atrair clientes; e os meninos esfarrapados que geralmente se divertem pelas ruas ficam agachados em pequenos grupos em alguma porta saliente ou sob a barraca de lona de um vendedor de queijos, onde grandes lampiões a gás, totalmente

descobertos, exibem enormes fachos de brilho avermelhado. Ali há ainda queijos amarelados, misturados com pequenas porções de *bacon* barato, vários potes de manteiga de Dorset (que chegam semanalmente) e pãezinhos do “melhor frescor”.

Aqui, eles se divertem com conversas teatrais, decorrentes de sua última visita – na qual pagaram metade do preço – à Galeria Victoria, admiram o terrível combate, que é repetido todas as noites, e discorrem sobre a maneira inimitável como Bill Thompson pode “virar o macaco duplo”,^[12] ou percorre as misteriosas involuções da trompa de um marinheiro.

São quase onze horas e a chuva fina e fria que vem caindo há tanto tempo começa a despencar com força; o vendedor de batatas assadas foi embora – o homem das tortas de rim acabou de sair carregando apetrechos debaixo do braço – o queijeiro fechou a barraca e os meninos se dispersaram. O constante estalido dos tamancos no pavimento escorregadio e irregular, e o farfalhar dos guarda-chuvas, enquanto o vento sopra contra as vitrines, testemunham a inclemência da noite; e o policial, com sua capa impermeável bem abotoada, parece, ao segurar o chapéu na cabeça e se virando para evitar a rajada de vento e chuva que o atinge na esquina, muito longe de se felicitar pela perspectiva que tem diante de si.

A pequena mercearia, com a campainha quebrada atrás da porta, cujo tilintar melancólico foi regulado pela demanda por quartos de açúcar e quantidades de café, está fechando. As multidões que passaram de um lado para outro durante todo o dia estão diminuindo rapidamente; e o barulho de gritos e brigas que sai das tavernas é quase o único som que quebra a melancólica quietude da noite.

Havia um outro, mas cessou. Aquela infeliz mulher com o bebê nos braços, em cuja forma magra está cuidadosamente enrolado o resto de seu escasso xale, tem tentado cantar alguma balada popular, na esperança de arrancar alguns centavos do transeunte compassivo. Uma risada brutal a respeito de sua voz fraca foi tudo o que ela ganhou. As lágrimas caem grossas e rápidas pelo seu rosto pálido; a criança está com frio e com fome, e seu choro baixo e meio abafado aumenta a miséria de sua infeliz mãe, enquanto ela geme alto e afunda desesperadamente no degrau frio e úmido da porta.

Cantar! Quão poucos daqueles que passam por uma criatura tão miserável como esta pensam na angústia do coração, no desalento da alma e do espírito, que o próprio esforço de cantar produz. Zombaria amarga! Doença, abandono e fome, articulando vagamente as palavras da cantiga alegre, que animou suas horas de festa e alegria, Deus sabe com que frequência! Isso não é motivo de zombaria. A voz fraca e trêmula conta uma terrível história de necessidade e fome; e a débil

cantora desta canção estrondosa tem de se afastar, apenas para morrer de frio e fome.

Uma hora da manhã! Os festeiros que voltam dos diferentes teatros caminham pelas ruas lamacentas; cabriolés, coches, carruagens e transportes dos teatros passam rapidamente; barqueiros com lanternas escuras e sujas nas mãos e grandes placas de latão no peito, que estiveram gritando e navegando nas últimas duas horas, retiram-se para seus ancoradouros, para se consolarem com o conforto do cachimbo e da cerveja morna com gim; os frequentadores dos teatros e camarotes pela metade do preço lotam as diferentes pensões; e costeletas, rins, coelhos, ostras, cerveja escura, charutos e uma porção de outras coisas são servidas em meio a um barulho e confusão de gente fumando, correndo, talheres se chocando e a tagarelice dos garçons. Absolutamente indescritível.

A parcela mais musical da comunidade lúdica se dirige a algum encontro harmônico. Por uma questão de curiosidade, vamos segui-los até lá por alguns momentos.

Numa sala elevada e de amplas dimensões, estão sentados cerca de oitenta ou cem convidados, batendo nas mesas pequenas vasilhas de estanho e martelando, com os cabos das facas, como se fossem fabricantes de malas. Estão aplaudindo a canção que acaba de ser entoada pelos três “cavalheiros profissionais” no topo da mesa central, um dos quais está na cadeira – um homenzinho pomposo com a careca emergindo da gola do seu casaco verde. Os outros estão sentados um de cada lado dele – um homem corpulento de voz baixa e um homem moreno, de rosto fino, vestido de preto. O homenzinho na cadeira é o personagem mais divertido – que grandeza condescendente e *que voz!*

“Um baixo!”, diz o jovem cavalheiro perto de nós ao seu companheiro. “Um baixo! Eu acredito em você; ele pode cantar mais grave do que qualquer homem: às vezes tão baixo que você não consegue ouvi-lo.” E assim ele canta. Ouvi-lo rosnando, gradualmente cada vez mais baixo, até que não consiga mais voltar, é a coisa mais encantadora do mundo, e é completamente impossível testemunhar impassível a impressionante solenidade com que ele derrama sua alma em “My 'art's in the 'ighlands”^[13] ou “The brave old Hoak”^[14]. O homem corpulento também é viciado em sentimentalismo e canta “Fly, fly from the world, my Bessy, with me”^[15], ou alguma música parecida, com doçura feminina e nos tons mais sedutores que se possa imaginar.

“Por favor, façam seus pedidos, senhores... por favor, façam seus pedidos”, diz o homem de rosto pálido e ruivo; e pedidos de “algumas coisas” de gim e “algumas coisas” de *brandy*, e litros de cerveja escura, e charutos de suavidade peculiar, são feitos ruidosamente de todas as

partes do salão. Os “cavalheiros profissionais” estão no auge da sua glória e fazem com a cabeça acenos condescendentes, ou mesmo uma ou duas palavras de cumprimento, aos frequentadores mais conhecidos do salão, da maneira mais branda e condescendente possível.

O homenzinho de rosto redondo, com sobretudo marrom, meias e sapatos brancos, faz a parte cômica; o ar misto de abnegação e consciência mental de seus próprios poderes, com o qual ele reconhece o chamado da cátedra, é particularmente gratificante. “Cavalheiros”, diz o homenzinho pomposo, acompanhando a palavra com uma batida na mesa do martelo do presidente – “Cavalheiros, permitam-me chamar sua atenção – nosso amigo, o Sr. Smuggins, assim o exige.” – “Bravo!” gritam todos; e Smuggins, depois de uma quantidade considerável de tosse em forma de sinfonia, e uma ou duas fungadas muito jocosas, que proporcionam deleite geral, canta uma canção cômica, com um refrão de trá-lá-lá no fim de cada verso, fazendo-o muito mais longo que o próprio verso. É recebido com aplausos ilimitados, e depois que algum aspirante a gênio se ofereceu para fazer uma recitação e falhou terrivelmente, o homenzinho pomposo dá outra batidela e diz: “Cavalheiros, vamos prestar atenção à canção, por favor.” Esse anúncio suscita aplausos tumultuosos, e os espíritos mais enérgicos expressam a aprovação incondicional que isso lhes proporciona, quebrando um ou dois copos de cerveja escura – um artifício humorístico, mas que frequentemente provoca ligeiras altercações quando uma forma de pagarem os danos é proposta pelo garçom.

Cenas como essas continuam até três ou quatro horas da manhã; e mesmo quando alguns lugares fecham, outros novos se abrem à disposição do novato curioso. Mas como uma descrição de todos eles, por mais leve que seja, exigiria um volume, cujo conteúdo, por mais instrutivo que fosse, não seria de forma alguma agradável, fazemos nossa reverência e baixamos as cortinas.

AS LOJAS E SEUS LOJISTAS

Publicado pela primeira vez no *Morning Chronicle* (10 de outubro de 1834)

Que alimento inesgotável para a especulação as ruas de Londres oferecem! Nunca fomos capazes de concordar com Sterne em ter pena do homem que podia viajar de Dã para Beersheba e dizer que tudo era enfadonho[16]; não temos a menor comiseração pelo homem que consegue pegar o chapéu e a bengala e caminhar de Covent Garden até o cemitério da Igreja de St. Paul e voltar, sem obter alguma diversão – quase dissemos instrução – de sua perambulação. E ainda assim existem tais seres: nós os encontramos todos os dias. Grandes carros pretos e coletes brilhantes, bengalas azeviches e semblantes descontentes são as características desse pessoal; outras pessoas passam rapidamente por você, avançando com dificuldade para os negócios ou correndo alegremente em busca do prazer. Esses homens passam indiferentemente, parecendo tão felizes e animados quanto um policial de plantão. Nada parece causar uma impressão em suas mentes: nada, exceto ser surrado por um porteiro ou atropelado por um cabriolé, perturbará a sua serenidade. Você os encontrará em um belo dia em qualquer uma das principais vias: espie pela vitrine de uma charutaria no West End à noite, se conseguir vislumbrar entre as cortinas azuis que interceptam o olhar vulgar, e veja-os em seu único prazer de existência. Lá estão eles descansando, cercados por charutos, caixas de cachimbos e correntes de relógio douradas, com toda a dignidade de bigodes e suíças; sussurrando palavras suaves para a jovem com um vestido cor de âmbar e grandes brincos, que, sentada atrás do balcão em chamas de adoração e luz a gás, é a admiração de todas as criadas do bairro, e a inveja de cada aprendiz de chapelaria num raio de três quilômetros.

Uma de nossas principais diversões é observar o progresso gradual – a ascensão ou queda – de determinadas lojas. Conhecemos intimamente vários delas, em diferentes pontos da cidade, e conhecemos perfeitamente toda a sua história. Poderíamos citar de imediato, pelo menos vinte, que temos certeza de que não pagaram

impostos nos últimos seis anos. Elas nunca são frequentadas por mais de dois meses consecutivos e, acreditamos sinceramente, testemunharam cada transação comercial incluída no anuário lojista.

Há uma, cuja história é uma amostra das restantes, por cujo destino nos interessamos especialmente, tendo tido o prazer de a conhecer desde que foi inaugurada. Fica na margem sul do Tâmis – um pouco além de Marshgate. Originalmente, era uma loja exclusiva, substancial e bonita; o proprietário entrou em dificuldades, a casa decaiu, os fregueses desapareceram e todo o negócio ruiu. Foi nesse período que nosso contato com ela começou; a pintura estava toda gasta; as janelas estavam quebradas, a área estava verde com o abandono e o transbordamento da cisterna; a própria cisterna não tinha tampa e a porta da rua era a própria imagem da miséria. O principal passatempo das crianças da vizinhança era reunir-se em grupo nos degraus e, por sua vez, ficar batendo várias vezes na porta, para grande *alegria* dos vizinhos em geral, e especialmente da velha e nervosa senhora da porta ao lado. Foram feitas inúmeras denúncias e diversas pequenas bacias de água despejadas sobre os infratores, mas sem efeito. Nesse estado de coisas, o dono da loja náutica que ficava na esquina, da maneira mais prestativa, tirou a aldrava e vendeu-a: e a infeliz casa ficou parecendo mais miserável do que nunca.

Abandonamos nossa amiga por algumas semanas. Qual não foi a nossa surpresa, ao regressarmos, não encontrarmos vestígios da sua existência! Em seu lugar havia uma bela loja, quase concluída, e nas venezianas havia grandes notas informando ao público que em breve seria inaugurada com “um extenso estoque de artigos de linho e armarinhos”. Foi inaugurada no devido tempo; havia o nome do proprietário “e Cia.” em letras douradas, quase deslumbrantes demais para serem vistas. Tantas fitas de renda e xales! e dois jovens tão elegantes atrás do balcão, cada um com seu colarinho limpo e gravata branca, como se fossem amante em um folhetim. Quanto ao proprietário, ele não fazia nada além de andar de um lado para outro na loja, oferecendo cadeiras para as senhoras e mantendo conversas importantes com o mais bonito dos jovens, que os vizinhos suspeitavam ser o “e Cia”. Vimos tudo isso com tristeza; sentimos um pressentimento fatal de que a loja estava condenada – e assim foi. Sua decadência foi lenta, mas inexorável. Bilhetes foram aparecendo aos poucos nas vitrines; depois, rolos de flanela, com etiquetas, eram colados do lado de fora; depois foi colada uma intimação na porta da rua, informando que deveriam retirar a mobília do primeiro andar; então um dos jovens desapareceu completamente, o outro passou a usar um lenço preto, e o proprietário a beber sem parar. A loja ficou empoeirada, os vidros quebrados permaneceram sem conserto e o estoque foi desaparecendo aos poucos. Por fim, vieram cortar a água,

e assim o vendedor de linho desligou-se, deixando ao senhorio os seus cumprimentos e a chave.

O próximo ocupante era um papeleiro sofisticado. A loja estava pintada de forma mais modesta do que antes, mas ainda assim estava bem-cuidada; mas de alguma forma sempre pensávamos, ao passarmos, que parecia uma empresa pobre e em dificuldades. Desejamos boa sorte ao homem, mas temíamos por seu sucesso. Ele era viúvo, evidentemente, e tinha emprego em outro lugar, pois passava por nós todas as manhãs no caminho para a cidade. O negócio era conduzido por sua filha mais velha. Pobre garota! como ela precisava de ajuda. Ocasionalmente víamos de relance duas ou três crianças, tão lamuriosas quanto ela, sentadas na pequena sala atrás da loja; e nunca passávamos a noite sem ver a menina mais velha trabalhando, fosse para eles, fosse fazendo alguma ninharia elegante para vender. Muitas vezes pensávamos, já que seu rosto pálido parecia mais triste e pensativo à luz fraca das velas, que se aquelas mulheres imprudentes, que interferem no miserável mercado de pobres criaturas como essas, conhecessem apenas metade da miséria que sofrem, e as amargas privações que suportam, em suas honrosas tentativas de ganhar uma escassa subsistência. Se poderiam, talvez, renunciar até mesmo às oportunidades de gratificação da vaidade e a um amor imodesto pela autopromoção, em vez de levá-las a um último recurso terrível, que chocaria os delicados sentimentos dessas senhoras *caridosas* ao ouvirem seu nome.

Mas estamos nos esquecendo da loja. Pois bem, continuamos a observá-la e todos os dias ela mostrava muito claramente o aumento da pobreza dos seus ocupantes. As crianças estavam limpas, é verdade, mas as roupas estavam puídas e surradas; nenhum inquilino ocupava a parte superior da casa, de cujo arrendamento teria sido obtida uma parte dos meios de pagamento do aluguel, e um definhamento lento e desgastante impediu a menina mais velha de continuar seus afazeres. O dia chegou. O proprietário, que havia sofrido com as extravagâncias do seu último inquilino, não teve compaixão pelas dificuldades do seu sucessor e o despejou. Certa manhã, ao passarmos, os homens da mudança estavam removendo os poucos móveis que havia na casa, e um cartaz recém-colocado nos informou que estava novamente “Para alugar”. O que aconteceu com o último inquilino nunca soubemos; esperamos que a garota tenha se recuperado de todo o sofrimento e de toda tristeza. Que Deus a ajude!

Estávamos um tanto curiosos para saber qual seria a próxima etapa – pois o local não tinha menor chance de dar certo, estava perfeitamente claro. O cartaz logo foi retirado e algumas alterações foram feitas no interior da loja. Estávamos cheios de expectativa;

esgotamos as conjecturas – imaginamos todos os negócios possíveis, nenhum dos quais era perfeitamente conciliável com a nossa ideia da decadência gradual do lugar. Finalmente a casa foi reaberta e nos perguntamos por que não havíamos adivinhado a situação real do local antes. A loja – já não tão espaçosa quanto nos bons tempos – fora convertida em duas: uma era de uma fabricante de chapéus, a outra, uma tabacaria, que também vendia bengalas e jornais dominicais; as duas estavam separadas por uma divisória fina, coberta com papel listrado de péssimo gosto.

A tabacaria durou mais tempo do que qualquer inquilino de que nos lembremos. Ele era um animal de cara vermelha, atrevido e imprestável, evidentemente acostumado a aceitar as coisas como elas surgissem e a tirar o melhor proveito de um trabalho ruim. Ele vendeu tantos charutos quanto pôde e fumou o resto. Ele ocupou a loja enquanto pôde fazer as pazes com o proprietário e, quando não conseguiu mais manter a paz, fechou as portas com muita frieza e se foi. Desde então, as duas espeluncas sofreram inúmeras alterações. A tabacaria foi sucedida por um cabeleireiro de teatro, que ornava a vitrine com uma grande variedade de “personagens” e horrendas cenas de batalha. A fabricante de chapéus deu lugar a um verdureiro, e o histriônico cabeleireiro foi sucedido, por sua vez, por um alfaiate. As mudanças foram tão numerosas que ultimamente pouco mais fizemos do que assinalar os indícios peculiares, mas certos, de uma casa mal habitada. Tem progredido em graus quase imperceptíveis. Os donos das lojas foram, gradualmente, cedendo cômodo após cômodo, até ficarem apenas com a pequena sala para si próprios. Primeiro apareceu uma placa de latão na porta privativa, com a inscrição “Escola para Senhoras” legivelmente gravada; pouco depois observamos uma segunda placa de latão, depois um sino e, depois, outro sino.

Quando paramos diante de nossa velha amiga e observamos seus sinais de pobreza, que não devem ser desprezados, pensamos, ao nos virarmos, que a casa havia atingido o nível mais baixo de degradação. Nós estávamos errados. Quando passamos por ali da última vez, um abatedouro havia se instalado no local, e um grupo de aves de aparência melancólica se mantinha entretido entrando correndo pela porta da frente e saindo pela porta dos fundos.

O SCOTLAND YARD[17]

Publicado pela primeira vez no *Morning Chronicle* (4 de outubro de 1836)

O Scotland Yard é um pequeno, muito pequeno pedaço de terra, margeado de um lado pelo rio Tâmesa, do outro pelos jardins de Northumberland House: delimitado pelo fim de Northumberland Street e pelos fundos de Whitehall Place. Quando este território foi descoberto acidentalmente por um cavalheiro do interior que se perdeu pelo centro da cidade, há alguns anos, descobriu-se que os colonos originais eram um alfaiate, um taverneiro, dois donos de pensão e um vendedor de tortas de frutas; e também foi descoberto que continha uma raça de homens fortes e corpulentos, que iam regularmente ao cais do Scotland Yard todas as manhãs, por volta das cinco ou seis horas, para encher pesadas carroças com o carvão que vinha de diferentes lugares no interior do país e que serviam de combustível para os habitantes locais. Depois de esvaziarem as carroças, voltavam novamente para buscar novos suprimentos; e esse comércio continuava ao longo do ano.

Como os colonos derivavam a sua subsistência da satisfação das necessidades destes comerciantes primitivos, os artigos expostos à venda e os locais onde eram vendidos apresentavam fortes sinais exteriores de serem expressamente adaptados aos seus gostos e desejos. O alfaiate exibia em sua vitrine um par de polainas de couro liliputianas e uma diminuta vestimenta de operário, enquanto cada ombreira da porta era apropriadamente decorada com uma imitação de saco de carvão. Os dois donos de pensão ofereciam pernis de uma magnitude e pudins de uma solidez que só os coletores de carvão poderiam apreciar; e o vendedor de tortas de frutas exibia em sua vitrine bem limpa grandes composições brancas de farinha e banha, ornamentadas com manchinhas cor-de-rosa, dando uma rica promessa de frutas dentro, o que fazia suas enormes bocas salivarem enquanto passavam.

Mas o local mais escolhido em todo o Scotland Yard era a antiga taberna da esquina. Ali, em uma sala escura com lambris de aparência

antiga, alegre pelo brilho de uma poderosa lareira e decorada com um enorme relógio, cujo mostrador era branco e as figuras pretas, sentavam-se os vigorosos carregadores de carvão, bebendo grandes goles das melhores cervejas e soprando grossos volumes de fumaça, que serpenteavam pesadamente acima de suas cabeças e envolviam a sala em uma espessa nuvem escura. Desse aposento suas vozes poderiam ser ouvidas em uma noite de inverno, penetrando até a própria margem do rio, enquanto gritavam algum coro vigoroso ou rugiam o peso de uma canção popular; detendo-se nas últimas palavras com uma força e uma ênfase que fazia o próprio teto acima deles tremer.

Ali também contavam velhas lendas sobre o que era o Tâmis nos tempos antigos, quando a Patent Shot Manufactory^[18] ainda não havia sido construída e a ponte Waterloo^[19] sequer havia sido pensada; e então eles balançavam a cabeça com olhares portentosos, para profunda edificação da crescente geração de trabalhadores que se aglomeravam ao redor deles e se perguntavam onde tudo isso iria terminar; onde o alfaiate tirava solenemente o cachimbo da boca e dizia como esperava que terminasse bem, mas duvidava muito que terminasse ou não, e não sabia dizer corretamente o que fazer a respeito disso – uma expressão misteriosa de opinião, proferida com ar semiprofético, que nunca deixava de suscitar a mais plena concordância do grupo reunido; e assim eles continuavam bebendo e pensando na vida até as dez horas, quando a esposa do alfaiate o arrastava até em casa. O pequeno grupo se dispersava, para se encontrarem novamente na mesma sala, e dizerem e fazerem exatamente as mesmas coisas, na noite seguinte à mesma hora.

Por volta dessa época, as barcas que subiam o rio começaram a trazer vagos rumores para o Scotland Yard de que alguém na cidade teria ouvido dizer que o senhor prefeito havia ameaçado com muitas palavras derrubar a velha ponte de Londres, e construir uma nova. A princípio, esses rumores foram tratados como contos da carochinha, totalmente desprovidos de fundamento, pois ninguém no Scotland Yard duvidava de que, se o senhor prefeito contemplasse qualquer desígnio obscuro, ele simplesmente ficaria preso na Torre de Londres^[20] por uma semana ou duas e, então, decapitado por alta traição.

Aos poucos, porém, os relatos foram ficando mais fortes e mais frequentes, e por fim uma barcaça, carregada com o melhor carvão da região de Wallsend,^[21] trouxe à tona a informação positiva de que vários dos arcos da velha ponte haviam sido enterditados e que os preparativos para a construção de uma nova estavam em andamento. Que excitação foi vista na antiga taberna naquela noite memorável!

Cada homem olhou para o rosto do vizinho, pálido de alarme e espanto, e leu nele um eco dos sentimentos que enchiam seu próprio peito. O mais velho dos carregadores presente provou, por demonstração, que no momento em que os pilares fossem removidos, toda a água do Tâmis escorreria limpa e deixaria uma ravina seca em seu lugar. O que aconteceria com as barcas de carvão – com o comércio do Scotland Yard – com a própria existência de sua população? O alfaiate balançou a cabeça com mais sabedoria do que de costume e, apontando severamente para uma faca sobre a mesa, pediu-lhes que esperassem para ver o que acontecia. Ele não disse nada – ele não diria; mas se o senhor prefeito não fosse vítima da indignação popular, ficaria bastante surpreso. Era tudo.

Eles esperaram; barcaça após barcaça chegava, e ainda nenhuma notícia do assassinato do senhor prefeito. A primeira pedra foi derrubada por um duque – irmão do rei. Os anos se passaram e a nova ponte foi inaugurada pelo próprio rei. Com o passar do tempo, as manilhas acabaram sendo removidas; e quando as pessoas do Scotland Yard se levantaram na manhã seguinte, com a expectativa confiante de poder chegar a Pedlar's Acre^[22] sem molhar as solas dos sapatos, descobriram, para seu indescritível espanto, que a água estava exatamente onde costumava estar.

Um resultado tão diferente daquele que haviam previsto desta primeira melhoria produziu todo o seu efeito sobre os habitantes do Scotland Yard. Um dos donos de pensão começou a cortejar a opinião pública e a procurar clientes entre uma nova classe de pessoas. Ele começou a cobrir suas mesinhas de jantar com toalhas brancas e pediu a um aprendiz de pintor que escrevesse algo sobre pernis quentes assados para duas pessoas em uma das vitrines de sua vitrine. A melhoria começou a marchar a passos rápidos até o limiar do Scotland Yard. Um novo mercado surgiu em Hungerford,^[23] e os Comissários da Polícia estabeleceram o seu escritório próximo a Whitehall. O tráfego no Scotland Yard aumentou; novos membros foram acrescentados à Câmara dos Comuns, os representantes metropolitanos consideraram-no um belo atalho e muitos outros pedestres começaram a seguir o seu exemplo.

Observamos o avanço da civilização e o contemplamos com um suspiro. O dono de pensão, que resistiu corajosamente à inovação das toalhas de mesa, perdia terreno todos os dias, à medida que o seu adversário o ganhava, e uma rivalidade mortal surgiu entre eles. O mais elegante dos dois já não tomava a cerveja vespertina no Scotland Yard, mas bebia gim com água num salão chique na rua do Parlamento. O vendedor de tortas de frutas continuou a visitar a antiga taverna, mas passou a fumar charutos, a se autodenominar

confeiteiro e a ler jornais. Os velhos carregadores de carvão ainda se reuniam em volta da velha lareira, mas a conversa deles era triste: e a canção alta e o grito de alegria não eram mais ouvidos.

E o que é o Scotland Yard agora? Como mudaram seus antigos costumes; e como desapareceu a antiga simplicidade dos seus habitantes! A velha taberna cambaleante foi convertida em uma espaçosa e elevada adega; folhas de ouro foram usadas na construção das letras que adornam seu exterior, e uma certa arte poética passou a ser usada, para insinuar que se você bebe uma determinada quantidade de cerveja, deve segurar-se firmemente na amurada. O alfaiate exhibe em sua vitrine o desenho de um sobretudo marrom de aspecto estrangeiro, com botões de seda e golas e punhos de pele. Ele usa calças listradas e flagramos seus assistentes (pois ele tem assistentes agora) sentados atrás do balcão da loja com o mesmo uniforme.

No outro extremo da pequena fileira de casas, um sapateiro instalou-se numa casinha de tijolos, com a inovação adicional de um primeiro andar; e ali expõe à venda botas – verdadeiras botas Wellington^[24] – um artigo que há alguns anos nenhum dos habitantes originais tinha visto ou ouvido falar. Foi outro dia que um costureiro abriu outra lojinha no meio da fileira de casas; e, quando pensávamos que o espírito de mudança não poderia produzir nenhuma alteração além disso, surgiu um joalheiro, e não contente em expor inúmeros anéis dourados e pulseiras de cobre, colocou um anúncio, que ainda está colado em sua vitrine, que as “damas” poderiam furar as orelhas ali. O costureiro emprega uma jovem que usa um avental com bolsos; e o alfaiate informa ao público que todo cavalheiro deve ter a própria caixa de costura.

Em meio a toda essa mudança, inquietação e inovação, resta apenas um velho, que parece lamentar a queda deste lugar antigo. Ele não conversa com a espécie humana, mas, sentado num banco de madeira no ângulo do muro que fica de frente para o cruzamento de Whitehall Place, observa em silêncio as brincadeiras de seus cães elegantes e bem alimentados. Ele é o guia espiritual do Scotland Yard. Anos e anos passaram sobre sua cabeça; mas, com tempo bom ou ruim, quente ou frio, úmido ou seco, caia granizo, chuva ou neve, ele ainda está em seu lugar habitual. A miséria e a necessidade estão retratadas em seu semblante; sua forma está curvada pela idade, sua cabeça está grisalha pela longa provação, mas lá ele fica sentado dia após dia, meditando sobre o passado; e para lá ele continuará a arrastar seus membros enfraquecidos, até que seus olhos se fechem para o Scotland Yard e para o mundo inteiro.

Daqui a alguns anos, um arqueólogo de uma outra geração, olhando

para algum registro bolorento das lutas e paixões que agitavam o mundo nesses tempos, poderá lançar os olhos sobre as páginas que acabamos de preencher: e nem todo o seu conhecimento da história do passado, nem todo o seu conhecimento em letras de forma, ou a sua habilidade em colecionar livros, nem todos os estudos áridos de uma longa vida, ou os volumes empoeirados que lhe custaram uma fortuna, o ajudarão a descobrir o paradeiro, seja do Scotland Yard, ou de qualquer um dos pontos de referência que mencionamos ao descrevê-lo.

REFLEXÕES EM MONMOUTH STREET

Publicado pela primeira vez no *Morning Chronicle* (24 de setembro de 1836)

Sempre tivemos um apego particular à Monmouth Street[25], como o único empório autêntico e verdadeiro de roupas de segunda mão. Monmouth Street é venerável por sua antiguidade e respeitável por ser útil. Já Holywell Street[26], nós desprezamos; os judeus ruivos e de bigodes vermelhos que arrastam os fregueses à força para suas lojas minúsculas lhes empurrando todo tipo de roupas, quer o freguês queira ou não, nós detestamos[27].

Os habitantes de Monmouth Street são uma classe distinta; uma raça pacífica e reservada, que se isola na maior parte do tempo em porões profundos ou em pequenas salas nos fundos, e que raramente sai ao mundo, exceto no crepúsculo e no frescor da noite, quando podem ser vistos sentados, em cadeiras na calçada, fumando cachimbo ou observando as brincadeiras de seus cativantes filhos enquanto eles se deleitam na sarjeta, uma feliz tropa de pequenos varredores de rua. Seus semblantes apresentam uma expressão pensativa em uma indeterminada indicação de seu amor pelos negócios; e suas habitações se distinguem por aquele desrespeito à aparência externa e negligência ao conforto pessoal, tão comuns entre pessoas que estão constantemente imersas em reflexões profundas e profundamente engajadas em atividades sedentárias.

Insinuamos a antiguidade do nosso local favorito. “Um casaco bordado de Monmouth Street” era uma expressão de algo antiquado há um século; e ainda achamos que Monmouth Street é a mesma. Os sobretudos com botões de madeira usurparam o lugar dos pesados casacos bordados com largas lapelas; coletes bordados com largas lapelas, deram lugar a jaquetas axadrezadas com gola redonda; e chapéus de três pontas, de aspecto singular, deram lugar às copas baixas e abas largas da escola de cocheiros; mas foram os tempos que mudaram, não Monmouth Street. Apesar de todas as alterações e mudanças, Monmouth Street ainda permanece o cemitério da moda; e tal, a julgar por todas as aparências presentes, permanecerá até que

não haja mais moda para ser enterrada.

Adoramos caminhar entre esses extensos bosques de mortos ilustres e nos entregar às especulações que eles dão origem; ora vestindo um casaco falecido, depois um par de calças moribundo, e logo os restos mortais de um colete vistoso, após algum ser de nossa autoria conjurar e se esforçar, a partir da forma e do estilo da própria vestimenta, para trazer seu antigo dono diante de nossos olhos. Continuamos especulando dessa maneira, até que fileiras inteiras de casacos saltassem dos cabides e se abotoassem, por vontade própria, em volta da cintura de usuários imaginários. A seguir, fileiras de calças saltariam para encontrá-los, coletes quase explodiram de ansiedade em vesti-los e meio acre de sapatos de repente sairia à procura de pés para calçar. Então, sairiam todos cambaleando pela rua com um barulho que nos despertaria de nosso agradável devaneio e nos afastaria lentamente, com um olhar perplexo. Seríamos objeto de espanto para a boa gente de Monmouth Street, mas não despertaríamos suspeitas nos policiais parados na esquina oposta.

Estávamos ocupados assim outro dia, tentando calçar um par de botas num personagem ideal, para quem, para dizer a verdade, era um número um pouco menor que o normal, quando nossos olhos por acaso se desviaram e pousaram em alguns conjuntos de roupas dispostos do lado de fora de uma vitrine, que imediatamente nos ocorreu, devem ter pertencido, em períodos diferentes, e sido usados pelo mesmo indivíduo, e agora, por uma daquelas estranhas conjunções de circunstâncias que ocorre às vezes, estavam a ser expostos juntos à venda na mesma loja. A ideia parecia fantástica e voltamos a olhar para as roupas com a firme determinação de não nos deixarmos levar facilmente. Não, estávamos certos; quanto mais observávamos, mais estávamos convencidos da exatidão da nossa impressão anterior. Lá estava toda a vida do homem escrita de forma tão legível naquelas roupas, como se tivéssemos sua autobiografia escrita em pergaminho diante de nós.

A primeira peça era um pequeno traje remendado e muito sujo; um daqueles conjuntos retos de tecido azul em que os meninos costumavam ser confinados, antes que os cintos e as túnicas surgissem, e as velhas noções tivessem desaparecido: um dispositivo engenhoso para exibir toda a simetria da figura de um menino, prendendo-o em uma jaqueta bem justa, com uma fileira ornamental de botões em cada ombro, e depois abotoando as calças por cima, de modo a dar às pernas a aparência de estarem enganchadas, logo abaixo das axilas. Essa era a roupa do menino. Tinha pertencido a um rapaz da cidade, como podíamos ver; havia um encurtamento nas pernas e nos braços do traje; e joelhos volumosos, peculiares à

juventude emergente das ruas de Londres. Ele não deve ter frequentado muito a escola, evidentemente. Se fosse uma escola normal para meninos, não o teriam deixado brincar tanto no chão e esfregar os joelhos até ficarem brancos. Ele também teve uma mãe indulgente e bastante tolerante, como indicavam as numerosas manchas de alguma substância pegajosa nos bolsos e logo abaixo do queixo, que nem mesmo a habilidade do vendedor conseguiu disfarçar. Eram pessoas decentes, mas não abastadas, caso contrário ele não teria superado o tamanho da roupa à medida que crescia, tendo de completar o paletó com pedaços de veludo. De qualquer forma, no entanto, ele frequentou uma escola e aprendeu a escrever – e com tinta de um tom negro bastante tolerável, se o lugar onde ele costumava limpar a caneta pudesse ser tomado como evidência.

Um traje negro e o paletó se transformaram em um casaco diminuto. Seu pai havia morrido e a mãe arranjava para o menino um emprego de mensageiro em algum escritório. A nova roupa foi usada bastante; desbotou e puiu antes de ser colocada de lado, mas limpa e livre de sujeira até o fim. Pobre mulher! Poderíamos imaginar sua alegria dissimulada com a escassa refeição e a recusa em comer a sua pequena porção, para que seu filho faminto pudesse ter o suficiente. A ansiedade constante pelo bem-estar dele e o orgulho diante de seu crescimento misturavam-se às vezes com o pensamento, quase agudo demais para suportar, de que à medida que ele crescesse e se tornasse um homem, sua antiga afeição poderia esfriar, velhas bondades desapareceriam de sua mente e velhas promessas seriam esquecidas – a dor aguda que mesmo então uma palavra descuidada ou um olhar frio lhe causaria – tudo impregnado em nossos pensamentos tão vividamente como se a própria cena estivesse passando diante de nós.

Estas coisas acontecem a cada hora e todos nós sabemos disso; e ainda assim sentimos tanta tristeza quando vimos, ou imaginamos ter visto – não faz diferença qual – a mudança que começou a ocorrer agora, como se tivéssemos concebido a mera possibilidade de tal coisa pela primeira vez.

O traje seguinte era elegante, mas desleixado; destinado a ser alegre, mas não tão decente quanto as roupas surradas; cheirando a uma sala ociosa, e a companheiros canalhas, disse-nos – pensávamos – que o conforto da viúva havia desaparecido rapidamente. Podíamos imaginar aquele casaco – imagine! podíamos vê-lo; já o tínhamos visto uma centena de vezes – passeando em companhia de três ou quatro outros casacos do mesmo corte, em algum lugar de libertinagem à noite.

Vestimos, num instante, na mesma vitrine, meia dúzia de meninos de quinze a vinte anos; eles colocam charutos na boca e as mãos nos

bolsos, e os vemos enquanto passeavam pela rua e paravam na esquina, com a piada obscena e o juramento tantas vezes repetido. Nunca os perdemos de vista, até que eles inclinaram um pouco mais os chapéus para o lado e entraram em alguma taverna. Então entramos na casa desolada, onde a mãe ficava sentada até altas horas da noite, sozinha; nós a observamos, enquanto ela andava pela sala com uma ansiedade febril e, de vez em quando, abria a porta, olhava melancolicamente para a rua escura e vazia e voltava novamente, para ficar continuamente decepcionada. Vimos o olhar de paciência com que ela suportou a ameaça brutal, ou melhor, até mesmo o golpe da embriaguez; e ouvimos a agonia das lágrimas que jorravam de seu coração, enquanto ela caía de joelhos em seu apartamento solitário e miserável.

Um longo período se passou, e uma mudança maior ocorreu, desde que o traje descrito mais acima foi deixado de lado. Falamos de um homem corpulento, de ombros largos e peito robusto; e sabíamos imediatamente, como qualquer um que olhasse para aquele largo casaco verde, com grandes botões de metal, que seu usuário raramente caminhava por aí sem um cachorro em seus calcanhares, e algum rufião preguiçoso, a própria contrapartida de si mesmo, ao seu lado. Os vícios do menino cresceram com o homem, e assim podemos até imaginar sua casa – se é que um lugar assim merece esse nome.

Vimos o quarto vazio e miserável, desprovido de móveis, aglomerado com sua esposa e filhos; todos pálidos, famintos e débeis. O homem amaldiçoando suas lamentações, cambaleando até o armário de bebidas, de onde acabara de voltar, seguido por sua esposa e um bebê doente, clamando por pão. Ouvimos a briga e as barulhentas recriminações que o fato de ele ter batido nela ocasionou. E então a imaginação nos levou a algum asilo metropolitano, situado no meio de ruas e becos lotados, cheios de vapores nocivos e cheios de gritos atormentados, onde uma mulher velha e débil, implorando perdão para seu filho, jazia morrendo em um quarto escuro e fechado, sem nenhuma criança para segurar sua mão e sem ar puro do céu para abanar sua testa. Um desconhecido fechou os olhos que haviam se fixado num olhar frio e sem sentido, e ouvidos estranhos receberam as palavras murmuradas por aqueles lábios brancos e semicerrados.

Uma blusa grosseira, com um lenço de algodão gasto e outras peças de roupa de tipo mais comum completam a história. Uma prisão e a sentença: banimento ou forca. O que o homem teria dado então, para ser mais uma vez o humilde e satisfeito trabalhador de seus anos de menino; ter sido restaurado à vida, mas por uma semana, um dia, uma hora, um minuto, apenas por um período que lhe permitisse dizer uma palavra de arrependimento apaixonado e ouvir um som de perdão

sincero daquela forma fria e medonha que jazia apodrecendo na sepultura do indigente! As crianças selvagens nas ruas, a mãe uma viúva indigente; ambos profundamente contaminados pela profunda desgraça do nome do marido e do pai, e impelidos pela pura necessidade, a descer o precipício que o levou a uma morte prolongada, possivelmente de muitos anos de duração, a milhares de quilômetros de distância. Não tínhamos ideia do final da história; mas foi fácil adivinhar seu término.

Demos um ou dois passos adiante e, para restaurar o tom naturalmente alegre de nossos pensamentos, começamos a encaixar pés e pernas imaginários em um porão cheio de botas e sapatos, com uma velocidade e precisão que teriam surpreendido o maior artista especialista em trabalhar o couro. Havia um par de botas em particular – umas botinas bicolores alegres, bem-humoradas e de aparência vigorosa, que despertou nosso mais caloroso olhar; descobrimos dentro delas, um pouco antes de compreendermos sua utilidade, um bondoso, corado e jovial fazendeiro. Eram exatamente a coisa certa para ele. Ali estavam suas enormes pernas gordas salientes, e apertadas demais para permitir que ele as prendesse nas alças pelas quais as havia puxado; e as perneiras de veludo; e seu avental azul amarrado na cintura; e seu lenço vermelho e casaco azul, e um chapéu branco inclinado para um lado da cabeça; e lá estava ele, com um largo sorriso em seu grande rosto vermelho, assobiando, como se qualquer outra ideia além de ser feliz e confortável nunca tivesse passado por sua cabeça.

Esse era homem segundo o nosso coração; sabíamos tudo sobre ele; já o havíamos visto chegando a Covent Garden em sua carruagem verde, com o cavalo gordo e atarracado, meio milhar de vezes; e mesmo enquanto lançávamos um olhar afetuoso para suas botas, naquele instante, a silhueta de uma criada coquete apareceu de repente em um par de sapatos de cetim^[28] dinamarquês e postou-se ao seu lado, e imediatamente reconhecemos a mesma garota que havia aceitado sua oferta de carona, bem deste lado da ponte suspensa de Hammersmith,^[29] na última terça-feira de manhã em que viajamos de Richmond para a cidade.

Havia ainda uma mulher muito elegante, com um chapéu vistoso, calçando um par de botinas de tecido cinza, com franjas e cadarços pretos. Ela tocava cuidadosamente a ponta de suas botinas nas botas do rapaz e parecia muito ansiosa para chamar sua atenção, mas não pudemos notar se nosso amigo fazendeiro tinha ficado cativado por essas lisonjas; pois além de dar uma piscadela quando se encontraram, como se quisesse dar a entender que ele entendia perfeitamente seu fim e objetivo, ele não lhe deu mais atenção. Sua indiferença, porém,

foi amplamente recompensada pela excessiva galanteria de um cavalheiro muito idoso, com uma bengala de ponta prateada, que calçava um par de grandes sapatos listrados, e que estava em um canto do balcão, e se entregando a uma variedade de gestos que expressavam sua admiração pela senhora de botinas de pano – para imensa diversão de um jovem que colocamos em um par de mocassins e que certamente teria rasgado ao meio o casaco ao se abaixar para dar seus cumprimentos, às gargalhadas, ao velho senhor.

Já há algum tempo que observávamos esta pequena pantomima com grande satisfação, quando, para nosso indescritível espanto, percebemos que todos os personagens, incluindo um numeroso *corps de ballet* de botas e sapatos ao fundo da loja, dentro dos quais estivemos apressadamente empurrando todos os pés que encontramos pelo caminho, estavam se preparando para dançar. Alguma música começou a tocar naquele momento, e eles foram sem demora. Foi perfeitamente encantador testemunhar a agilidade do fazendeiro e suas botas. E lá foram elas, primeiro de um lado, depois do outro, depois cortando, depois arrastando, depois avançando até os cetins dinamarqueses, depois recuando, depois dando voltas, e depois repetindo mais uma vez todas as evoluções, sem parecer sofrer minimamente com a violência do exercício.

Os cetins dinamarqueses também não estavam nem um pouco atrasados, pois saltavam e pulavam em todas as direções; e embora não fossem tão regulares, nem tão fiéis à época como as botinas de pano, ainda assim, como pareciam fazê-lo de coração, e por gostar mais, confessamos sinceramente que preferíamos o estilo de dança deles ao outro. Mas o velho cavalheiro de sapatos listrados era o objeto mais divertido de toda a festa; pois, além de suas tentativas grotescas de aparentar menos idade e mais sensualidade – que por si só eram suficientemente divertidas –, o jovem de mocassins conseguia habilmente, cada vez que o velho cavalheiro avançava para saudar a senhora de botinas de pano, pisar com todo o seu peso sobre os dedos dos pés do velho, o que o fazia rugir de angústia e fazia com que todos os outros morressem de rir.

Estávamos desfrutando plenamente dessas festividades quando ouvimos uma voz estridente e nada musical exclamar: “Espero que você venha me visitar outras vezes, seu descarado!” e olhando atentamente para ver de onde vinha o som, descobrimos que ele vinha, não da jovem com botinas de pano, como a princípio estávamos inclinados a supor, mas de uma senhora corpulenta de aparência idosa que estava sentada numa cadeira no topo da escadaria da loja, aparentemente com o propósito de supervisionar a venda dos artigos ali dispostos.

Um realejo, que estava com força total logo atrás de nós, parou de tocar; as pessoas em que estávamos calçando os sapatos e botas fugiram com a interrupção; e como estávamos conscientes de que, na profundidade de nossos devaneios, poderíamos ter ficado olhando rudemente para a velha senhora durante meia hora sem saber disso, também fugimos e logo estávamos imersos na mais profunda obscuridade das ruas adjacentes.

AS CARRUAGENS DE ALUGUEL E SUAS ESTAÇÕES

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (31 de
janeiro de 1835)

Afirmamos que os cocheiros, propriamente ditos, pertencem exclusivamente à metrópole. Podemos ser informados de que existem pontos de carruagens em Edimburgo; e para não irmos tão longe contrariando a nossa posição, podemos ser lembrados de que Liverpool, Manchester, “e outras grandes cidades” (como diz a expressão parlamentar), têm as suas paradas de carruagens. Concedemos prontamente a esses lugares a posse de certos veículos, que podem parecer quase tão sujos, e até mesmo andar quase tão lentamente, quanto os coches de Londres; mas que eles tenham a menor pretensão de competir com a metrópole, seja em termos de estações, condutores ou mesmo animais, nós indignadamente negamos.

Pegue uma carruagem comum, pesada e frágil, de Londres, da velha escola, e deixe qualquer homem ter a ousadia de afirmar, se puder, que já viu qualquer objeto na face da terra que se pareça com ela, a menos que na verdade, seja outra carruagem tão velha quanto a primeira. Observamos recentemente em algumas estações, e dizemos isso com profundo pesar, carruagens verdes bastante elegantes e carruagens de amarelo polido, com quatro rodas da mesma cor da carruagem, embora seja perfeitamente notório para todos que estudaram o assunto, que cada roda deveria ser de uma cor diferente e um tamanho diferente. Estas são inovações e, tal como outras melhorias erradamente consideradas, são sinais terríveis da inquietação da mente pública e do pouco respeito prestado às nossas instituições consagradas pelo tempo. Por que as carruagens deveriam ser tão limpas? Nossos ancestrais as encontraram sujas e as deixaram assim. Por que deveríamos nós, com um desejo febril de “continuar em movimento”, desejar viajar a uma velocidade de oito quilômetros por hora, enquanto os antigos se contentavam em sacolejar nas pedras a apenas seis? Estas são considerações solenes. As carruagens de

aluguel são parte integrante da lei do país; elas foram criadas pelo Legislativo; chapeadas e numeradas pela sabedoria do Parlamento.^[30]

Então, por que elas tiveram de ser eclipsadas pelos cabriolés e pelos ôníbus?^[31] Ou por que razão deveriam as pessoas ser autorizadas a andar depressa por oito *pence* o quilómetro rodado, depois de o Parlamento ter tomado a decisão solene de que deveriam pagar um xelim o quilómetro por andarem devagar? Fazemos uma pausa para uma resposta; e, não tendo chance de obtê-la, começamos um novo parágrafo.

Nosso conhecimento das estações de carruagens é de longa data. Somos um livro ambulante de tarifas, sentindo-nos meio obrigados, por assim dizer, a estar sempre certos em pontos contestados. Conhecemos de vista todos os cocheiros regulares^[32] num raio de quatro quilómetros de Covent Garden, e ficaríamos quase tentados a acreditar que todos os cavalos das carruagens daquele distrito também nos conheciam de vista, se metade deles não fosse cego. Temos grande interesse em carruagens de aluguel, mas raramente as pegamos, tendo o dom de inventar artifícios que nos faz desistir quando tentamos fazê-lo. Somos tão grandes amigos dos cavalos, dos cocheiros e de outros, quanto o renomado Sr. Martin^[33], de notoriedade como comerciante, e ainda assim nunca cavalgamos. Não temos cavalo, mas um cavalete; não desfrutamos tanto andar em um lombo de cavalo do que comer um lombo de carneiro; e, seguindo nossas próprias inclinações, nunca seguimos os cães de caça. Deixando esses meios mais rápidos de subir ao solo, ou de depositar-se nele, para quem gosta deles, por meio de nossa estação de carruagens, tomamos nossa posição.

Há uma parada de carruagens sob a mesma janela onde estou escrevendo;^[34] apenas uma carruagem se encontra por lá agora, mas é um belo exemplar da classe de veículos a que aludimos – um carro grande, desajeitado e quadrado, de cor amarela desbotada (como uma morena biliosa), com vidros muito pequenos, mas uma estrutura muito grande; os painéis são ornamentados com um brasão desbotado,^[35] em formato semelhante a um morcego dissecado, o eixo é vermelho e a maioria das rodas são verdes. O assento do cocheiro está parcialmente coberto por um sobretudo velho, com uma multiplicidade de capas, e alguns panos de aspecto extraordinário; e a palha, com a qual está recheada a almofada de lona, fica saliente em vários lugares, como se rivalizasse com o feno, que espreita pelas frestas do guarda-volumes. Os cavalos, com cabeças caídas e cada um com crina e cauda tão escassas e desgrenhadas como as de um cavaleiro de balanço desgastado, estão pacientemente parados sobre alguma palha úmida, ocasionalmente estremecendo e sacudindo os arreios; e de vez em quando um deles leva a boca ao ouvido do

companheiro, como se dissesse, num sussurro, que gostaria de assassinar o cocheiro. O próprio cocheiro está na estrebaria; e o tratador, com as mãos enfiadas nos bolsos o máximo que pode, dando estranhos passos de dança em frente à bomba-d'água, para manter os pés aquecidos.

A criada com as fitas cor-de-rosa da casa número 5, do outro lado da rua, abre de repente a porta, e quatro crianças pequenas imediatamente saem correndo e gritam “Cocheiro!” com todas as suas forças e energias. O tratador sai correndo da bomba-d'água, agarra os cavalos pelas respectivas rédeas e os arrasta, e a carruagem também, até a casa, gritando o tempo todo para pelo cocheiro com toda a força, ou melhor, com toda a voz, por um rosnado grave e profundo. Uma resposta é ouvida da sala de bebidas; o cocheiro, com seus sapatos de sola de madeira, faz ecoar novamente a rua ao atravessá-la correndo; e então há uma luta, desvia de uma valeta na calçada e da grade do canil para colocar a porta da carruagem em frente à porta da casa, onde as crianças estão em perfeito estado de euforia. Que comoção! A velha senhora, que ficou ali por um mês, está voltando para o campo. Caixa após caixa entra e um lado do veículo fica cheio de bagagem em um piscar de olhos; as crianças ficam zanzando e atrapalham todo mundo, e a mais nova, que se aborreceu ao tentar carregar um guarda-chuva, se machuca e começa a espernear. O pequeno desaparece e segue-se uma breve pausa, durante a qual a velha senhora está, sem dúvida, despedindo-se dos anfitriões na sala dos fundos. Ela finalmente aparece, seguida pela filha casada, por todas as crianças e um par de criadas, que, com a ajuda conjunta do cocheiro e do tratador, conseguem instalar a senhora em segurança na carruagem. Um manto é entregue e uma pequena cesta, que quase poderíamos jurar, contendo uma pequena garrafa escura e alguns sanduíches. O tratador, subindo os degraus, bate a porta e diz: “Golden Cross, Charing Cross, Tom”^[36]; “Adeus, vovó”, gritam as crianças, e a carruagem sai em sua velocidade de quatro quilômetros por hora, e a mãe e as crianças se retiram para dentro da casa, com exceção de um pequeno vilão, que corre rua acima no máximo de sua velocidade, perseguido por uma das criadas, nem um pouco descontente por ter essa oportunidade de exibir seus atrativos. Ela o traz de volta e, depois de lançar dois ou três olhares graciosos para o outro lado do caminho, que são dirigidos a nós ou ao garçonzinho (não temos certeza), fecha a porta, e a estação de carruagens está novamente abandonada.

Muitas vezes nos divertimos com o intenso deleite com que “uma criada pau para toda obra”, que é enviada em uma carruagem, se deposita lá dentro; e a indescritível gratificação que os meninos, que foram despachados para uma missão semelhante, parecem obter ao subir no coche. Mas não nos lembramos de ter nos divertido mais com

uma festa do que com aquela que vimos outra manhã em Tottenham Court Road.^[37] Era uma festa de casamento e aconteceu em uma das ruas nos arredores de Fitzroy Square. Lá estava a noiva, com um vestido branco fino e um grande rosto corado; e a dama de honra, uma jovem baixinha, rechonchuda e bem-humorada, vestida, claro, com o mesmo traje apropriado; e o noivo e seu padrinho, com paletós azuis, coletes amarelos, calças brancas e luvas de Berlin^[38] a condizer. Pararam na esquina da rua e chamaram uma carruagem com ar de dignidade indescritível. No momento em que entraram, a dama de honra jogou um xale vermelho, que sem dúvida trouxera de propósito, negligentemente sobre o número da porta, evidentemente para iludir os pedestres, fazendo-os acreditar que a carruagem de aluguel era uma carruagem particular; e lá foram eles, perfeitamente satisfeitos com o sucesso da imposição e bastante inconscientes de que havia um grande número na parte de trás da carruagem, em uma placa do tamanho de uma lousa escolar. Um xelim por quilômetro rodado! – a viagem custou cinco vezes mais, pelo menos, para eles.

Que livro interessante uma carruagem de aluguel poderia produzir, caso tivessem um cérebro para armazenar todas as histórias que levam em seu grande corpo! A autobiografia de uma carruagem quebrada certamente seria tão divertida quanto a autobiografia de um dramaturgo falido; e poderia contar tanto sobre os polos de suas viagens quanto outros sobre suas expedições até o Polo. Quantas histórias poderiam ser contadas sobre as diferentes pessoas que ela carregou para tratar de questões de negócios ou lucro – prazer ou dor! E quantas histórias melancólicas das mesmas pessoas em épocas diferentes! A camponesa – a mulher vistosa e excessivamente vestida – a prostituta bêbada! O aprendiz inexperiente – o grande perdulário – o ladrão!

Falar de cabriolés! Esses veículos servem muito bem em casos de alguma expedição, quando se trata de salvar pescoço ou não, de vida ou morte, de lar temporário ou de longo prazo. Mas, além de um cabriolé não ter aquela seriedade de comportamento que tão peculiarmente distingue uma carruagem, nunca se esqueça que um cabriolé é uma coisa de ontem e que nunca será melhor. Um cabriolé de aluguel sempre foi e sempre será um cabriolé de aluguel, desde sua primeira entrada na vida. Ao passo que uma carruagem é um resquício da nobreza do passado, uma vítima da moda, um suporte de uma antiga família inglesa, sempre carregando seus brasões e, tempos atrás, escoltada por homens de libré, despojada de seus trajes elegantes, e lançada ao mundo, como um laçao outrora inteligente quando não é mais suficientemente juvenil para seu cargo, progredindo cada vez mais na escala da degradação sobre quatro rodas, até que finalmente chega a – *uma estação para aluguel!*

DOCTORS' COMMONS[39]

Publicado pela primeira vez no *Morning Chronicle* (11 de outubro de 1836)

Caminhando sem objetivo definido nos arredores da Catedral de St. Paul, descemos por uma rua chamada Paul's Chain[40] e, seguindo em frente por algumas centenas de metros, nos encontramos, como consequência natural, em Doctors' Commons. Atualmente, Doctors' Commons é conhecida como o lugar onde concedem licenças de casamento a casais apaixonados e divórcios a casais infieis; registrando os testamentos de pessoas que não têm alguma propriedade para legar, e punindo cavalheiros impetuosos que chamam as damas por nomes desagradáveis, assim que descobrimos que estávamos realmente dentro de seu recinto, sentimos um desejo louvável de nos familiarizarmos melhor com ele; e como o primeiro objeto de nossa curiosidade era a Corte, cujos decretos podem até desatar os laços do matrimônio, procuramos um caminho até ela; e dirigimos nossos passos para lá sem demora.

Atravessando um pátio tranquilo e sombreado, pavimentado com pedra, sob o olhar de desaprovação de velhas casas de tijolos vermelhos, em cujas portas estavam pintados os nomes de diversos civis eruditos, paramos diante de uma pequena porta de fundo verde e pregos de latão, que, cedendo ao nosso empurrão suave, imediatamente nos permitiu entrar em um antigo apartamento de aparência pitoresca, com janelas rebaixadas e lambris pretos esculpidos, na extremidade superior dos quais, sentados numa plataforma elevada, de formato semicircular, estavam cerca de uma dúzia de cavalheiros de aparência solene, em trajes vermelhos e perucas brancas.

Na mesa mais elevada, ao centro, estava sentado um senhor muito gordo e de rosto vermelho, com óculos de tartaruga, cuja aparência digna anunciava ser o juiz; e em volta de uma longa mesa verde abaixo, algo como uma mesa de bilhar sem tabelas e caçapas, havia uma série de personagens de aparência muito presunçosa, com gravatas rígidas e trajes pretos com golas de pele branca, a quem

imediatamente designamos como sendo os procuradores da Justiça. Na extremidade inferior da mesa de bilhar estava um indivíduo sentado numa poltrona e com uma peruca, que mais tarde descobrimos ser o escrivão; e sentado atrás de uma pequena escrivaninha, perto da porta, estava um homem de aparência respeitável, vestido de preto e um corpo gordo, sorridente e de aparência civilizada, metido em beca e luvas pretas de pelica, culotes e peças de sedas, peitilhos de babados, cachos na cabeça e um bastão de prata na mão, a quem não tivemos dificuldade em reconhecer como o meirinho. Este último, de fato, rapidamente nos tranquilizou sobre esse ponto, pois, aproximando-se de nós e iniciando imediatamente uma conversa, ele nos comunicou, em menos de cinco minutos, que ele era o oficial de justiça, e o outro, o guardião do tribunal; que este era o Arches Court^[41] e, portanto, os advogados usavam togas vermelhas e os procuradores trajes com gola de pele; e que quando as outras Cortes se reuniam ali, as roupas eram diferentes; com muitos outros fragmentos de inteligência igualmente interessantes. Além desses dois oficiais, havia um velhinho magricela, de longos cabelos grisalhos, agachado num canto remoto, cujo dever, informou-nos nosso comunicativo amigo, era tocar uma grande sineta quando a corte abrisse pela manhã, e que, a julgar por sua aparência, devia estar exercendo esse trabalho nos últimos dois séculos, pelo menos.

O cavalheiro de rosto vermelho e óculos de tartaruga ficou prestando atenção o tempo todo na conversa. Ele também falava, só que muito rápido, o que parecia ser um hábito; não de maneira grosseira, mas sim uma espécie de modo de vida. Então tivemos bastante tempo para olhar ao nosso redor. Havia um indivíduo que nos divertiu muito. Este era um dos cavalheiros de peruca e vestes vermelhas, que estava sentado diante da lareira no centro da corte, na atitude do descarado colosso, com total exclusão de todos os outros. Ele havia puxado a toga para trás, da mesma maneira que uma mulher desleixada faria com suas anáguas em seus dias promíscuos, para que ele pudesse sentir todo o calor do fogo. Sua peruca estava toda torta, com a cauda espalhada pelo pescoço; suas escassas calças cinzentas e polainas pretas curtas, feitas no pior estilo possível, importavam uma aparência adicional deselegante à sua pessoa rude; e o colarinho mole e mal engomado quase lhe obscurecia os olhos. Nunca mais seremos capazes de reivindicar qualquer crédito como fisionomistas, pois, após um exame cuidadoso do semblante deste cavalheiro, chegamos à conclusão de que ele não revelava nada além de presunção e tolice, quando nosso amigo com o bastão de prata sussurrou em nosso ouvido que ele não era outro senão um doutor em direito civil, e só Deus sabe o que mais. Então é claro que estávamos enganados, e ele deveria ser um homem muito talentoso. Ele escondia isso tão bem – talvez com a

visão misericordiosa de não surpreender muito as pessoas comuns – que você poderia supor que ele é um dos cães mais estúpidos do mundo.

Tendo o cavalheiro de óculos concluído seu julgamento, e tendo decorrido alguns minutos, para dar tempo ao burburinho na corte diminuir, o escrivão apelou à causa seguinte, que era “o gabinete do Juiz trabalhando em *Bumble* contra *Sludberry*”. Um movimento geral foi visível na corte, aquando deste anúncio, e o prestativo funcionário do bastão prateado sussurrou-nos que “haveria alguma diversão agora, pois este era um caso conturbado”.

Não ficamos muito mais sábios com esta informação, até que descobrimos, no discurso de abertura do promotor, que, sob uma lei quase obsoleta do tempo de um dos reis Eduardo, a corte estava autorizada a aplicar a pena de excomunhão, a qualquer pessoa que fosse provada culpada do crime de “fazer bagunça” ou “arrumar briga” em qualquer igreja ou sacristia adjacente a ela; e constatou-se, por vinte e oito depoimentos, devidamente referidos, que numa certa noite, numa determinada reunião da sacristia, numa determinada paróquia particularmente indicada, Thomas Sludberry – contra quem é movido esse processo – usou e aplicou a Michael Bumble, o requerente, as palavras “Vou te arrebentar”; e que, sobre o citado Michael Bumble e outros protestando com o réu Thomas Sludberry, sobre a impropriedade de sua conduta, o citado Thomas Sludberry repetiu a expressão acima mencionada: “Vou te arrebentar”; e, além disso, desejou e solicitou saber se o citado Michael Bumble “estava querendo”; acrescentando, “que se o citado Michael Bumble estava querendo alguma coisa, seria ele, o dito Thomas Sludberry, o homem que iria lhe dar”; ao mesmo tempo, fazendo uso de outras expressões hediondas e pecaminosas, todas as quais, segundo Bumble, estavam dentro da intenção e do significado da Lei; e, portanto, ele, pela salvação de sua alma e pelo castigo de Sludberry, rogava por uma sentença de excomunhão contra o réu em conformidade.

Sobre estes fatos iniciou-se uma longa discussão, de ambos os lados, para grande edificação de um número de pessoas interessadas nas disputas paroquiais, que lotavam a corte; e depois de alguns discursos muito longos e graves terem sido feitos a favor e contra das partes, o cavalheiro de rosto vermelho e óculos de tartaruga fez uma revisão do caso, que ocupou mais meia hora, e então pronunciou sobre Sludberry a terrível sentença de excomunhão por quinze dias, e pagamento das custas da ação. Após isso, Sludberry, que era um pequeno vendedor de cerveja de gengibre, de rosto corado e aparência astuta, dirigiu-se à corte e disse, se eles fossem bons o suficiente para arcar com os custos e, como alternativa, excomungá-lo pelo resto de sua vida natural, seria

muito mais conveniente para ele, pois ele nunca ia à igreja. A este apelo o cavalheiro de óculos não deu outra resposta senão um olhar de virtuosa indignação; e Sludberry e seus amigos se retiraram. Quando o homem com o bastão de prata nos informou que a corte estava prestes a se levantar, nós também nos retiramos – ponderando, enquanto nos afastávamos, sobre o belo espírito dessas antigas leis eclesiásticas, os sentimentos gentis e de boa vizinhança que elas pretendem despertar e o forte apego às instituições religiosas que elas não podem deixar de gerar.

Estávamos tão perdidos nessas reflexões que viramos para a rua e nos deparamos com um batente de porta antes de nos lembrarmos de onde estávamos andando. Ao olhar para cima para ver em que casa havíamos tropeçado, a palavra “Testamenteiro”, escrita em caracteres grandes, encontrou nossos olhos; e como estávamos com humor para passear e o lugar era público, entramos.

A sala na qual entramos era um lugar comprido e de aparência movimentada, dividida, de cada lado, em uma variedade de pequenas seções, nas quais alguns funcionários estavam empenhados em copiar ou examinar escrituras. No centro da sala havia diversas mesas quase na altura do peito, em cada uma das quais havia três ou quatro pessoas de pé, debruçadas sobre grandes livros volumosos. Como sabíamos que estavam pesquisando testamentos, imediatamente eles atraíram a nossa atenção.

Era curioso contrastar a indiferença preguiçosa dos escriturários que procuravam algum fim jurídico, com o ar de seriedade e interesse que distinguia os estranhos ao local, que procuravam o testamento de algum parente falecido; os primeiros parando de vez em quando com um bocejo impaciente, ou levantando a cabeça para olhar as pessoas que passavam pela sala; os últimos debruçando-se sobre os livros e percorrendo coluna após coluna de nomes na mais profunda abstração.

Havia um homenzinho de rosto sujo e avental azul que, depois de uma manhã inteira de busca, pesquisando coisas que aconteceram cerca de cinquenta anos atrás, acabara de encontrar o testamento que tanto desejava, que um dos funcionários lia para ele em voz baixa e apressada de um livro grosso de papel-pergaminho com fechos grandes. Era perfeitamente evidente que quanto mais o funcionário lia, menos o homem do avental azul entendia sobre o assunto. Quando o primeiro volume foi trazido, ele tirou o chapéu, alisou o cabelo, sorriu com grande autossatisfação e olhou para o rosto do leitor com o ar de um homem que havia se preparado para captar cada palavra que seria emitida. As primeiras duas ou três linhas eram bastante compreensíveis; mas então começaram os detalhes técnicos e o

homenzinho começou a parecer um tanto duvidoso. Depois veio toda uma série de palavrórios complicados, e ele ficou à deriva. À medida que o leitor prosseguia, ficava evidente que se tratava de um caso perdido, e o homenzinho, com a boca aberta e os olhos fixos no rosto do leitor, olhava com uma expressão de espanto e perplexidade irresistivelmente ridícula.

Um pouco mais adiante, um velho de feições duras e rosto profundamente enrugado examinava atentamente um longo testamento com a ajuda de um par de óculos com armação feita de chifre: pausando ocasionalmente em sua tarefa e anotando astutamente algum breve memorando das heranças contidas nele. Cada ruga em sua boca desdentada e seus olhos aguçados e perspicazes revelavam avareza e astúcia. Suas roupas estavam bem surradas, mas era fácil ver que ele as usava por opção e não por necessidade; todos os seus olhares e gestos, até as pequeninas pitadas de rapé que de vez em quando tirava de uma pequena lata, falavam de riqueza, penúria e avareza.

Assim ele calmamente fechou o livro de registros, levantou os óculos e guardou seus pedaços de papel em uma grande carteira de couro, pensamos que ele estava negociando com algum herdeiro pobre e arrasado que, cansado de esperar ano após ano, até que algum interesse na vida surgisse, estava vendendo sua sorte, exatamente quando ela começava a se tornar mais valiosa, por uma décima segunda parte do seu valor. Era uma boa especulação – muito segura. O velho guardou cuidadosamente a carteira no bolso interno do sobretudo e saiu mancando com um olhar malicioso de triunfo. Esse tal testamento o rejuvenesceu em dez anos, no cálculo mais baixo.

Tendo iniciado nossas observações, certamente as teríamos estendido a pelo menos mais uma dúzia de pessoas, se o silêncio repentino e o gesto de deixar de lado aqueles velhos livros comidos por traças não nos tivessem avisado que a hora de fechar o escritório havia chegado; e assim nos privou de um prazer e poupou nossos leitores de uma inflição.

Naturalmente caímos numa série de reflexões enquanto caminhávamos de volta para casa, sobre as curiosas velhas lembranças de gostos e desgostos; de ciúmes e vinganças; de afeto que desafia o poder da morte e de ódio perseguido além do túmulo, que esses depositários contêm; sinais silenciosos, mas impressionantes, alguns deles, de excelência de coração e nobreza de alma; exemplos melancólicos, outros, das piores paixões da natureza humana. Quantos homens, enquanto jaziam mudos e indefesos no leito da morte, teriam dado mundos se não fosse a força e o poder para apagar a evidência silenciosa de animosidade e amargura, que agora está registrada

contra eles em Doctors' Commons!

RECREAÇÕES LONDRINAS

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (17 de março de 1835)

O desejo das pessoas nas classes mais humildes da vida, de imitar as maneiras e costumes daqueles a quem a sorte colocou acima deles, é frequentemente objeto de observação, e não raro de reclamação. A inclinação pode existir, e sem dúvida existe, em grande medida, entre a pequena nobreza – os pretensos aristocratas – da classe média. Comerciantes e escriturários, com famílias elegantes que leem romances e filhas assinantes de clubes de livro, organizam pequenas reuniões numa humilde imitação do Almack's^[42] e passeiam pelo sujo “quarto grande” de algum hotel de segunda categoria com tanta complacência quanto os poucos invejáveis que têm o privilégio de exibir sua magnificência naquele refúgio exclusivo da moda e da tolice. As jovens aspirantes, que leem relatos inflamados de alguma “feira chique^[43] da vida nobre”, de repente tornam-se desesperadamente caridosas; visões de admiração e matrimônio flutuam diante de seus olhos; descobre-se que alguma instituição maravilhosamente meritória, da qual, pelo acidente mais estranho do mundo, nunca se ouviu falar antes, está em uma condição debilitada: a grande sala de Thomson, ou o berçário de Johnson, é imediatamente ocupada, e as mencionadas jovens senhoras, por mera caridade, exibem-se durante três dias, das doze às quatro, pela pequena taxa de um xelim por cabeça! Com exceção destas classes da sociedade, porém, e de algumas pessoas fracas e insignificantes, não pensamos que a tentativa de imitação a que aludimos prevaleça em grande medida. O caráter diferente das recreações de diferentes classes muitas vezes nos divertiu; e nós o escolhemos como tema do nosso presente retrato, na esperança de que possa divertir nossos leitores.

Se se pode dizer que o homem comum da cidade, que sai do Lloyd's às cinco da tarde e volta para casa em Hackney, Clapton, Stamford Hill^[44] ou qualquer outro lugar, tem alguma recreação diária além do jantar, este certamente é o seu jardim. Ele nunca faz nada com as próprias mãos; mas ele tem muito orgulho disso; e se você está

desejoso de cortejar-lhe a filha mais nova, certifique-se de ficar extasiado com cada flor e bebida de fruta que existe por lá. Se a sua pobreza de expressão o obriga a fazer qualquer distinção entre as duas, certamente recomendamos que você conceda mais admiração ao seu jardim do que ao seu vinho. Ele sempre dá uma caminhada por lá, antes de partir para a cidade pela manhã, e fica particularmente ansioso para que o viveiro de peixes seja mantido especialmente limpo. Se você o visitar no domingo de verão, cerca de uma hora antes do jantar, você o encontrará sentado em uma poltrona, no gramado atrás da casa, com um chapéu de palha, lendo um jornal de domingo. A uma curta distância dele você provavelmente observará um belo periquito em uma grande gaiola de arame de latão; muito provavelmente, as duas filhas mais velhas estão passeando em uma das calçadas acompanhadas por um casal de jovens cavalheiros, que seguram guarda-sóis sobre elas – é claro, apenas para se protegerem do sol – enquanto as crianças mais novas, sob o olhar da babá, passeiam indiferentes, na sombra.

Para além destas ocasiões, o seu deleite no seu jardim parece surgir mais da consciência da posse do que do verdadeiro prazer de aproveitá-lo. Quando ele leva você para jantar em um dia de semana, está por demais fatigado com as ocupações da manhã e é até compreensível que só fale de serviço; mas quando tira as roupas de trabalho, depois de ter bebido três ou quatro cálices de seu vinho do Porto favorito, ele ordena que as janelas francesas de sua sala de jantar (que, claro, dão para o jardim) sejam abertas, e jogando para longe o guardanapo de seda enquanto se espreguiça em sua poltrona, discorre longamente sobre a beleza do lugar e o custo de sua manutenção. Isto é para impressionar você – que é um jovem amigo da família – com o devido senso da excelência do jardim e da riqueza de seu proprietário; e quando ele se cansa do assunto, vai dormir.

Existe uma outra classe de homens muito diferente, cuja recreação é de fato o seu jardim. Um indivíduo desta classe reside a uma curta distância da cidade – digamos, em Hampstead Road, ou Kilburn Road, ^[45] ou em qualquer outra *road* onde as casas sejam pequenas e arrumadas e tenham pequenos trechos de jardim nos fundos. Ele e a esposa – que tem um corpo tão limpo e atarracado quanto ele – ocupam a mesma casa desde que ele se aposentou do trabalho, há vinte anos. Eles não têm família. Certa vez, eles tiveram um filho, que morreu com cerca de cinco anos de idade. O retrato da criança está pendurado sobre a lareira da melhor sala de estar, e um pequeno cartão no qual ele costumava desenhar está cuidadosamente preservado como uma relíquia.

Quando o tempo está bom, o velho cavalheiro fica quase

constantemente no jardim; e quando está chuvoso ou úmido para demais para ficar lá fora, ele olha pela janela, a cada hora. Ele sempre tem algo para fazer lá, e você o verá cavando, varrendo, podando e plantando, com manifesto deleite. Na primavera, não há fim para semear sementes e colocar sobre elas gravetos, com rótulos, que parecem epitáfios para sua memória; e à noite, quando o sol se põe, a perseverança com que ele carrega um grande regador é perfeitamente surpreendente. A única outra diversão que tem é o jornal, que folheia todos os dias, do começo ao fim, geralmente lendo as informações mais interessantes para a esposa, durante o café da manhã. A velha senhora gosta muito de flores, como testemunham os jacintos na janela da sala e os vasos de gerânios no pequeno pátio da frente. Ela também se orgulha do jardim: e quando uma das quatro árvores frutíferas produz uma quantidade maior de groselhas do que o normal, estas são cuidadosamente conservadas numa garrafa de vinho no aparador, para edificação dos visitantes, que são devidamente informados de que o Sr. Fulano plantou com as próprias mãos a árvore que as produziu. Numa noite de verão, quando o grande regador tiver sido enchido e esvaziado umas catorze vezes, e o velho casal estiver bastante exausto de andar de um lado para o outro, você os verá sentados felizes juntos em sua pequena e aconchegante casa, desfrutando da calma e da paz do crepúsculo, e observando as sombras que caem sobre o jardim, e gradualmente se tornam mais densas e mais sombrias, obscurecendo os matizes de suas flores mais alegres – não é um mau emblema dos anos que silenciosamente rolaram sobre suas cabeças, amortecendo em seu curso os mais brilhantes matizes de esperanças e sentimentos iniciais que há muito desapareceram. Estas são suas únicas recreações e não exigem mais. Eles têm dentro de si os materiais de conforto e conteúdo; e a única ansiedade de cada um é morrer antes do outro.

Este, porém, não é um retrato ideal. *Costumava* haver muitos idosos com esta descrição; o seu número pode ter diminuído e pode diminuir ainda mais. É uma questão saber se o rumo que a educação feminina tem tomado nos últimos tempos – se a busca por frivolidades vertiginosas e por coisas vazias tende a incapacitar as mulheres para aquela vida doméstica tranquila, na qual elas se mostram muito mais lindamente do que nas reuniões mais lotadas, é uma questão que deveríamos sentir pouca gratificação em discutir: esperamos que não.

Voltemo-nos agora para outra parcela da população de Londres, cujas recreações apresentam um contraste tão forte quanto se pode imaginar – referimo-nos aos prazeres dominicais; e imploremos aos nossos leitores que se imaginem parados ao nosso lado em algum desses locais de encontro bem conhecidos e rústicos.

O calor está intenso nesta tarde, e as pessoas, para quem são organizadas festas a cada momento, parecem tão calorosas como as mesas recentemente postas, e parecem estar em brasa. Que algazarra infernal! Homens e mulheres – meninos e meninas – namorados e pessoas casadas – bebês nos braços e crianças em cadeiras – cachimbos e camarões – charutos e mariscos – chá e tabaco. Cavalheiros, em coletes escandalosos e correntes de relógio de aço, passeando, três lado a lado, com surpreendente dignidade (ou como o cavalheiro no camarote ao lado observa jocosamente, “queimando as absurdas gorduras!”) – senhoras, com grandes, longos e brancos lenços como se fossem pequenas toalhas de mesa, perseguindo-se na grama da maneira mais lúdica e interessante, com o objetivo de atrair a atenção dos referidos cavalheiros – maridos em perspectiva pedindo garrafas de cerveja de gengibre para os objetos de seus afetos, com um desrespeito pródigo pelas despesas; e os referidos “objetos” engolindo enormes quantidades de camarões e mariscos, com igual desrespeito à própria saúde corporal e ao conforto subsequente – meninos, com grandes chapéus de seda equilibrados no topo da cabeça, fumando charutos e tentando parecer que gostavam deles – cavalheiros de camisa rosa e coletes azuis, ocasionalmente perturbando a si mesmos ou a outra pessoa com suas próprias bengalas.

Alguns dos trajés dessas pessoas provocam sorrisos, mas são todos limpos, felizes e dispostos a serem bem-humorados e sociáveis. Aquelas duas mulheres de aparência maternal, com peliças elegantes, que conversam tão confidencialmente, inserindo um “senhora” a cada quatro palavras, conheceram-se há cerca de um quarto de hora: isso teve origem na admiração pelo menino que pertence a uma delas – aquele diminuto espécime de humano com chapéu de três pontas de cetim rosa com penas pretas. Os dois homens de casaco azul e calças desbotadas, que andam de um lado para o outro, fumando cachimbo, são seus maridos. A festa no camarote oposto é um exemplo bastante justo da generalidade dos visitantes. Estes são o pai e a mãe, e a velha avó: um rapaz e uma moça, e um indivíduo chamado pelo eufônico título de “Tio Bill”, que é evidentemente o mais espirituoso de todos. Eles têm cerca de meia dúzia de crianças com eles, mas nem é necessário notar o fato, pois isso é algo natural aqui. Cada mulher nesse imenso parque, que está casada há algum tempo, deve ter tido gêmeos em duas ou três ocasiões; é impossível explicar a extensão da população juvenil de qualquer outra forma.

Observe o inexprimível deleite da velha avó com a esplêndida piada de Tio Bill, do tipo “chá para quatro, pão com manteiga para quarenta”; e a forte explosão de alegria que se segue ao fato de ele colocar um “rabo de cavalo” de papel na gola do garçom. O rapaz do grupo evidentemente está “fazendo companhia” à sobrinha de Tio Bill:

e as insinuações do tio – como, por exemplo, “Não se esqueça de mim para o jantar”, “Vou cuidar do bolo, Sally”, “Vou ser o padrinho do seu primeiro filho – aposto que será um menino”, e assim por diante, são igualmente embaraçosas para os jovens e encantadoras para os mais velhos. Quanto à velha avó, ela está em perfeito êxtase e não faz nada além de rir até ter acessos de tosse, até terminarem o “gin e água quente com”,^[46] com o qual tio Bill pediu “copos redondos” depois do chá, “só para manter o ar da noite do lado de fora e para deixá-lo confortável e rígido para um dia surpreendentemente quente!”

Está escurecendo e as pessoas começam a se mover. A estrada que leva à cidade está lotada; as pequenas cadeiras portáteis^[47] são arrastadas com dificuldade, as crianças estão cansadas e distraem a si mesmas e o grupo em geral chorando, ou recorrem ao expediente muito mais agradável de ir dormir – as mães começam a desejar estar em casa novamente – os enamorados ficam mais sentimentais do que nunca, à medida que chega a hora da despedida – os jardins parecem bastante tristes, à luz das duas lanternas penduradas nas árvores para comodidade dos fumantes – e os garçons que estiveram correndo incessantemente há seis horas, percebem que se sentem um pouco cansados, enquanto contam os copos e os seus ganhos.

O RIO

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (6 de junho de 1835)

“Você gosta de água?” é uma pergunta feita com muita frequência, no calor do verão, por jovens com aparência de anfíbio. “Muito”, é a resposta geral. “E você?” – “Claro, seria impossível ficar sem ela”, é a resposta, acompanhada de diversos adjetivos, que expressa a admiração sincera do orador por esse elemento. Agora, com todo o respeito pela opinião da sociedade em geral, e dos clubes de regata em particular, sugerimos humildemente que algumas das reminiscências mais dolorosas na mente de cada indivíduo que ocasionalmente se divertiu no Tâmisia devem estar relacionadas com a sua recreação aquática. Quem já ouviu falar de uma festa aquática bem-sucedida? – ou, para colocar a questão de uma forma ainda mais inteligível, quem já viu uma dessas festas ter sucesso? Já participamos de inúmeros passeios aquáticos, mas declaramos solenemente que não podemos lembrar de uma única ocasião desse tipo, que não tenha sido marcada por mais misérias do que qualquer um poderia supor que pudessem ser razoavelmente amontoadas no espaço de cerca de oito ou nove horas. Algo sempre dava errado. Ora a tampa do molho da salada que caía e espalhava tudo no chão, ou o convidado tão aguardado que acabava não chegando, ou aquele desagradável camarada que acabava vindo em seu lugar, ou uma ou duas crianças que acabavam caindo na água, ou o cavalheiro que, na tentativa de ajudar, acabava colocando a vida de todos em perigo, ou os cavalheiros que se ofereciam para remar e que, mesmo não tendo ideia de como fazer esse trabalho, afundavam os remos na água e não conseguiam levantá-los novamente, nem que puxassem com toda a força; em ambos os casos, tombando de cabeça para baixo com uma violência surpreendente e exibindo as solas dos sapatos aos ocupantes do barco, de uma forma muito humilhante.

Admitimos que as margens do Tâmisia são muito bonitas em Richmond e Twickenham, e em outras paragens mais distantes, muitas vezes procuradas, embora raramente alcançadas; mas do “Red-us”^[48]

de volta à ponte Blackfriars, o cenário muda maravilhosamente. A Penitenciária^[49] é um edifício nobre, sem dúvida, e os jovens alegres, que gostam especialmente de escolher esta parte do rio para nadar nas noites de verão, podem não ficar mal à distância; mas quando você é obrigado a se manter na margem voltando para casa, e nota que as mocinhas ficam coradas e olham perseverantemente para o outro lado, enquanto as mulheres casadas tosse levemente e olham fixamente para a água, você se sente estranho – especialmente se acontecer de você ter tentado a abordagem mais distante do sentimentalismo, durante uma ou duas horas antes.

Embora a experiência e o sofrimento tenham produzido em nossas mentes o resultado que acabamos de declarar, não estamos de forma alguma cegos ao sentido adequado da diversão que um observador pode extrair dos amantes da canoagem. O que pode ser mais divertido do que a marina numa bela manhã de domingo? A maré está favorável a Richmond e algumas dezenas de barcos estão se preparando para a recepção dos grupos que os contrataram. Dois ou três sujeitos, com calças grossas e camisas Guernsey,^[50] tomam as providências necessárias, fazendo pequenas paradas; ora descendo a marina com um par de esquifes e uma almofada – depois conversando com o biscoiteiro, que, como toda a sua tribo, parece ser totalmente incapaz de fazer qualquer coisa além de ficar vagando por aí – depois tornam a voltar com um leme e um apoio para os pés – depois consolando-se com outra conversa – e depois perguntando-se, com as mãos nos bolsos espaçosos, “Onde é que aqueles cavalheiros vão conseguir colocar seis remadores?”. Um deles, o líder, com as pernas das calças cuidadosamente dobradas para, presumimos, andar melhor na água – pois é um elemento no qual ele se sente infinitamente mais à vontade do que em terra – é um personagem e tanto, e compartilha com o falecido engolidor de ostras o célebre sobrenome “Dando”^[51]. Observe-o, fazendo uma pausa de alguns minutos em seu trabalho, ele se senta negligentemente na beira de um barco e abana seu peito largo e peludo com um boné mal-ajambrado. Observe suas magníficas suíças, embora avermelhadas, e observe o humor um tanto natural com que ele zomba dos rapazes e aprendizes, ou astuciosamente ludibria os cavalheiros, que acabam lhe oferecendo um copo de gim, do qual realmente acreditamos ele bebe em um dia o mesmo que seis homens comuns, sem nunca ficar um átomo prejudicado por isso.

Mas a companhia chega e Dando, aliviado de seu estado de letargia, entra em atividade. Estão todos vestindo um figurino marítimo completo, com paletós azuis, camisas listradas e bonés de todos os tamanhos e padrões, desde o gorro de veludo de fabricação francesa, até o toucado leve, familiar aos estudantes dos antigos livros de ortografia, como tendo, segundo a autoridade do retrato, feito parte

do traje do reverendo Sr. Dilworth.^[52]

Este é o momento mais divertido para observar uma corriqueira festa aquática de domingo. É evidente que até este período não houve nenhum grau desprezível de orgulho por parte de todos em relação ao seu conhecimento de navegação; a visão da água rapidamente esfria sua coragem, e o ar de abnegação com que cada um deles insiste em que outro pegue o remo é perfeitamente encantador. Por fim, depois de muitas mudanças e inquietações, resultantes da escolha de um remo: a incapacidade de um cavalheiro de remar deste lado, de outro de remar daquele, e de um terceiro que não consegue remar de forma alguma, a tripulação está finalmente sentada. “Vamos colocá-lo na água!” grita o contramestre, que parece tão tranquilo e confortável como se estivesse navegando no Golfo da Biscaia. A ordem é obedecida; o barco imediatamente vira completamente e segue em direção à ponte de Westminster, em meio a um barulho e uma agitação como nunca antes visto, exceto quando o *Royal George*^[53] afundou. “Ao contrário, senhor”, grita Dando, “Pro lado da popa, senhor”; diante disso, e como cada um achasse que era com ele que Dando estava falando, todos viraram o barco para a contracorrente e o barco volta, primeiro a popa, de volta ao ponto de partida. “Você, senhor, aí atrás, ao contrário; o senhor, aí da frente, não consegue remar?” grita Dando, num frenesi de excitação. “Vamos remar ou não vamos, Tom?” ecoa alguém do grupo. “Mas Tom não é o da frente”, responde outro. “É ele, sim”, grita um terceiro; e o pobre jovem, correndo o risco iminente de romper um vaso sanguíneo, rema e rema, até que a proa do barco fique exatamente na direção da ponte de Vauxhall. “Isso mesmo, agora todo mundo remando junto!”, grita Dando de novo, acrescentando, em voz baixa, para alguém perto dele: “Ficarei surpreso se vir novamente um barco cheio de idiotas como esse na minha vida!” e o barco avança em zigue-zague, cada um dos seis remos mergulhando na água em momentos diferentes; e a marina fica mais uma vez vazia, até a chegada do próximo grupo.

Uma disputada partida de remo no Tâmesa é uma cena muito animada e interessante. A água está repleta de barcos de todos os tamanhos, tipos e descrições; lugares nas barcaças de carvão nos diferentes cais ficam lotados por multidões de espectadores, cerveja e tabaco circulam livremente; homens, mulheres e crianças aguardam o início com uma expectativa ofegante; barcos de seis e oito remos deslizam suavemente para cima e para baixo, esperando para acompanhar seus favoritos durante a corrida; bandas musicais contribuem para a animação, senão para a harmonia da cena; grupos de barqueiros reúnem-se nas diferentes escadas, discutindo os méritos dos respectivos candidatos; e o barco premiado, que é conduzido lentamente por um par de remos curtos, é objeto de interesse geral.

São duas horas e todos olham ansiosos na direção da ponte por onde passarão os candidatos ao prêmio – duas e meia, e a atenção geral que foi preservada por tanto tempo começa a diminuir, quando de repente um tiro é ouvido, e começa um barulho de “hurras” distante ao longo de cada margem do rio – todas as cabeças estão inclinadas para a frente – o barulho se aproxima cada vez mais – os barcos que estavam esperando na ponte começam a subir rapidamente o rio, e um barco a remo bem tripulado passa pelo arco, e os que estão sentados nele gritam encorajadoramente para aqueles que ainda não estão visíveis.

“Lá estão eles”, é o grito geral – e aparece o primeiro barco, cujos remadores estão com a pele esgarçada, e usam todas as suas forças para manter a liderança que assumiram – outros quatro seguem logo atrás – a gritaria é tremenda e o interesse intenso. “Vá em frente, Rosa” – “Dá neles, Vermelho” – “Sulliwin para sempre” – “Bravo! George” – “Vamos, Tom, agora... agora... agora... por que seu parceiro não se esforça?” – “Quatro para um que o Amarelo vence,” e assim por diante. Cada pequena taverna tem a sua torcida e hasteia sua bandeira; e os homens que vencem a disputa são saudados em meio a barulho e gritos, batidas e confusão, que ninguém pode imaginar se não tiver testemunhado, e da qual qualquer descrição transmitiria uma ideia muito vaga.

Um dos lugares mais divertidos que conhecemos é o cais de barcos a vapor de London Bridge, também conhecido como St. Katharine's Dock Company,^[54] nas manhãs de sábado no verão, quando os navios a vapor para Gravesend e Margate costumam estar lotados demais; e como acabamos de dar uma olhada no rio acima da ponte, esperamos que nossos leitores não se oponham a nos acompanhar a bordo de um paquete até Gravesend.

Carruagens param a todo momento na entrada do cais, e o olhar de confusão e espanto com que os passageiros se deixam levar e entregam suas bagagens nas mãos dos carregadores, que naturalmente pegam todas de uma vez, e saem com elas, sabe Deus para onde, é extremamente ridículo. Um barco para Margate repousa ao lado do cais, o barco para Gravesend (que parte primeiro) está atracado diretamente ao lado dele; e à medida que se forma uma comunicação temporária entre os dois, por meio de uma prancha e um corrimão, a confusão natural da cena não diminui de forma alguma.

“Gravesend?” pergunta um pai corpulento de uma família corpulenta, que o segue, sob a orientação da mãe e de um criado, correndo o grande risco de dois ou três deles ficarem para trás na confusão. “Gravesend?”

“Por favor, passe, senhor”, responde o atendente – “é o outro barco, senhor.”

Então, o pai corpulento, bastante perplexo, e a mãe corpulenta um tanto distraída pela ansiedade materna, acabam indo com todo o grupo para o barco de Margate e, depois de se felicitar por ter conseguido assentos muito confortáveis, o pai corpulento vai até a guarda-volumes para olhar por sua bagagem, que ele tem uma vaga lembrança de ter dado a algum homem, de alguma maneira, para levar para algum lugar. Nenhuma bagagem, entretanto, que tenha a mais remota semelhança com a sua, em forma ou formato, foi descoberta; em que o pai corpulento chama muito alto um oficial, a quem expõe o caso, na presença de outro pai de outra família – um homenzinho magro – que concorda inteiramente com ele (o pai corpulento) em pensar que já é hora de algo ser feito com essas empresas a vapor, e que, como o Projeto de Lei das Corporações^[55] não conseguiu fazê-lo, algo mais deve ser feito; pois realmente a propriedade das pessoas não deve ser sacrificada desta forma; e que se a bagagem não for devolvida sem demora, ele cuidará para que ela seja colocada nos jornais, para que o público não seja vítima desses grandes monopólios. A isto, o oficial, por sua vez, responde que aquela empresa, desde que a St. Katharine's Dock Company foi criada, protege vidas e propriedades; que se fosse a London Bridge Wharf Company, na verdade, ele não deveria ter se perguntado, visto que a moralidade daquela empresa (sendo eles a concorrência) não pode ser respondida por ninguém; mas, neste caso, ele está convencido de que deve haver algum engano e não se importaria de fazer um juramento solene diante de um magistrado de que o cavalheiro encontrará sua bagagem antes de chegar a Margate.

Aqui, o pai corpulento, pensando que haviam chegado ao ponto da questão, responde que, por acaso, eles não iam para Margate nenhuma, e que “Passageiro para Gravesend” estava escrito na sua bagagem, em letras de cinco centímetros de comprimento; é aí que o oficial explica rapidamente o erro, e a mãe corpulenta, as crianças corpulentas e o criado saem apressados com todo o despacho possível para chegar a bordo do barco para Gravesend, ao qual chegaram bem a tempo de descobrir que sua bagagem estava lá, mas os assentos confortáveis não. Então o sino, que é o sinal para a partida do barco para Gravesend, começa a tocar furiosamente: e as pessoas acompanham o ritmo do sino, entrando e saindo do nosso barco em um ritmo duplamente rápido. O sino para; o barco arranca: as pessoas que se despediam dos amigos a bordo são levadas contra a sua vontade; e as pessoas que se despediram de seus amigos em terra descobrem que realizaram uma cerimônia muito desnecessária, por não se deixarem levar. Os passageiros regulares, que possuem passagens para toda a temporada, descem para tomar café da manhã; as pessoas que compraram jornais matutinos preparam-se para lê-los;

e as pessoas que nunca desceram o rio antes pensam que tanto o transporte marítimo quanto a água parecem muito melhores à distância.

Quando descemos até Blackwall^[56] e começamos a nos mover mais rapidamente, o ânimo dos passageiros parece aumentar proporcionalmente. Velhas senhoras que trouxeram consigo grandes cestos de vime, começaram a trabalhar seriamente na demolição de sanduíches pesados e passar adiante uma taça de vinho, que é frequentemente reabastecida com uma garrafa larga e baixa, mais parecendo uma bolsa de água quente, com considerável alegria: entregando-a primeiro ao cavalheiro de boné roto, que toca harpa – em parte como uma expressão de satisfação por seus esforços anteriores, e em parte para induzi-lo a tocar alguma coisa que faça “Alick” dançar. Feito isso, Alick, que é uma criança pálida e sem graça, com meias vermelhas de lã, dá alguns pequenos pulos no convés, para satisfação indescritível de seu círculo familiar. As meninas que trouxeram o primeiro volume de algum novo romance em sua bolsa tornam-se extremamente queixosas e comentam com o Sr. Brown ou com o jovem Sr. O'Brien – que já estavam de olho nelas – sobre o azul do céu e o brilho da água. O Sr. Brown – ou o Sr. O'Brien, tanto faz nesse caso – comenta em voz baixa que ultimamente tem sido bastante insensível às belezas da natureza, que todos os seus pensamentos e desejos estão centrados em um único objeto – então a jovem olha para cima e, falhando em sua tentativa de parecer indiferente, olha para baixo novamente; e vira a próxima folha com grande dificuldade, para permitir um prolongado roçar de mãos.

Telescópios, sanduíches e copos de *brandy* com água começam a ser muito requisitados; e homens tímidos que olhavam para o motor pela escotilha, encontram, para seu grande alívio, um assunto sobre o qual podem conversar uns com os outros – e também abundantemente – o Vapor.

“Que maravilha é o vapor, meu caro.” “Ah! (um suspiro profundo) é claro que é, *sir*.” “Um poder incrível, meu caro.” “Imenso... imenso!” “Grandes negócios foram feitos graças ao vapor, meu caro.” “Ah! (outro suspiro diante da imensidão do assunto e um aceno de cabeça) nem me diga, *sir*.” “Ainda está no começo, dizem, meu caro.” Novos comentários deste tipo são geralmente o início de uma conversa que se prolonga até a conclusão da viagem e, talvez, estabeleçam as bases para um relacionamento falante entre meia dúzia de cavalheiros que, tendo suas famílias em Gravesend, compram passagens de barco para o resto da temporada e jantam a bordo regularmente todas as noites.

OS JARDINS DE VAUXHALL[57] À LUZ DO DIA

Publicado pela primeira vez no *Morning Chronicle* (26 de outubro de 1836)

Houve um tempo em que, se um homem se aventurasse a perguntar como seriam os jardins de Vauxhall à luz do dia, seria saudado com um grito de escárnio pelo absurdo da ideia. Vauxhall à luz do dia! Um carregamento sem carregador, a Câmara dos Comuns sem o presidente da Câmara, um lampião a gás sem o gás – ah, bobagem, a coisa não era para ser pensada. Corria o boato, também, naquela época, de que os jardins de Vauxhall, durante o dia, eram palco de experimentos secretos e ocultos; que ali os escultores praticavam a arte mística de cortar um presunto de tamanho moderado em fatias finas o suficiente para pavimentar todo o terreno; que, à sombra das árvores altas, homens estudiosos estavam constantemente empenhados em experiências químicas, com o objetivo de descobrir quanta água uma tigela de negus[58] poderia suportar; e que em alguns recantos mais distantes, apropriados ao estudo da ornitologia, outros sábios e eruditos estavam, por um processo conhecido apenas por eles, incessantemente empenhados em reduzir as aves a uma mera combinação de pele e osso.

Vagos rumores deste tipo, juntamente com muitos outros de natureza semelhante, lançavam sobre os jardins de Vauxhall um ar de profundo mistério; e como há muito no misterioso, não há dúvida de que para muitas pessoas, em todo o caso, o prazer que proporcionavam não era nem um pouco aumentado por esta mesma circunstância.

Desta classe de pessoas confessamos termos feito parte. Gostávamos de passear entre aqueles bosques iluminados, pensando nas pacientes e laboriosas pesquisas que ali se faziam durante o dia, e testemunhando os seus resultados nas ceias servidas à luz das lâmpadas e ao som da música à noite. Templos, salões, cosmoramas[59] e fontes brilhavam e cintilavam diante de nossos olhos; a beleza das cantoras e o comportamento elegante dos cavalheiros cativavam

nossos corações; algumas centenas de milhares de lâmpadas adicionais ofuscavam nossos sentidos; uma ou duas tigelas de ponche confundiam nossos cérebros; e éramos felizes.

Numa maldita hora, os proprietários dos jardins de Vauxhall começaram a abri-los durante o dia. Ficamos pesarosos, pois perturbou de maneira rude e severa aquele véu de mistério que pairou sobre a propriedade por muitos anos, e que ninguém, exceto o sol do meio-dia e o falecido Sr. Simpson^[60], jamais havia penetrado. Nós evitamos ir até lá; não sabendo exatamente por qual razão. Talvez uma consciência mórbida de uma decepção iminente – talvez um pressentimento fatal – talvez o tempo; fosse o que fosse, não *fomos* até que o segundo ou terceiro anúncio de uma corrida entre dois balões conseguiu nos tentar. *Aí, fomos.*

Pagamos nosso xelim no portão e então vimos pela primeira vez que a entrada, se é que havia alguma magia nisso, estava agora decididamente desencantada, sendo, na verdade, nada mais nada menos do que uma combinação de tábuas e serragem muito grosseiramente pintadas. Ao passarmos rápido, olhamos para a orquestra e para o salão de jantar – simplesmente os reconhecemos, e isso foi tudo. Aproximamo-nos do campo de fogos de artifício; lá, pelo menos, não ficaríamos desapontados. Chegamos lá e ficamos enraizados no local com mortificação e espanto. *Aquilo* era a torre mourisca? Um barracão de madeira com uma porta no centro e manchas vermelhas e amarelas em toda a volta, como uma gigantesca caixa de relógio? *Aquele* era o lugar onde, noite após noite, tínhamos visto o destemido Sr. Blackmore^[61] dar suas terríveis piruetas, cercado por línguas de fogo e estrondos de artilharia, e onde as vestes brancas de Madame Sei-lá-quem^[62] (agora esquecemos até o nome dela), que nobremente dedicou sua vida à fabricação de fogos de artifício, tantas vezes foi vista tremulando ao vento, enquanto invocava uma luz vermelha, azul ou de cor festiva para iluminar seu templo? *Aquele* era..., mas nesse momento o sino tocou; as pessoas saíram em disparada, desordenadamente, para o local de onde vinha o som; e nós, por mera força do hábito, estávamos correndo entre os primeiros, como se fosse para o resto da vida.

Era o chamado para o concerto de uma orquestra. Um pequeno grupo de homens sombrios, com chapéus de três pontas, estava “executando” a abertura para *Tancredi*,^[63] e um numeroso grupo de damas e cavalheiros, com suas famílias, havia deixado para trás suas canecas de cerveja meio vazias nos camarotes do jantar, e se aglomerado no local. Intenso foi o murmúrio baixo de admiração quando um cavalheiro particularmente pequeno, de fraque, conduziu uma dama particularmente alta, com uma capa de tafetá azul e um

gorro do mesmo tecido, ornamentado com grandes penas brancas, e imediatamente iniciou um dueto melancólico.

Conhecíamos bem o cavalheiro pequeno; tínhamos visto uma semelhança litografada dele, em muitas peças musicais, com a boca bem aberta como se estivesse cantando; uma taça de vinho na mão; e uma mesa com duas garrafas e quatro abacaxis ao fundo. Também havíamos contemplado a dama alta, perdidos em êxtase de admiração, muitas e muitas vezes – como as pessoas *parecem* diferentes à luz do dia, ainda mais sem nenhuma taça de ponche, com certeza! Foi um lindo dueto: primeiro, o cavalheiro baixinho fez uma pergunta e depois a dama alta respondeu; então, o cavalheiro pequeno e a dama alta cantaram juntos de forma muito melodiosa; na sequência, o cavalheiro passou por um pequeno momento de veemência sozinho, e cantou o mais alto que pôde, na excitação de seus sentimentos, aos quais a dama alta respondeu de maneira semelhante; o cavalheiro baixinho deu um ou dois trinados, após o que a dama alta fez o mesmo, e então ambos se fundiram imperceptivelmente no tom original, com a banda atacando-os com fúria. Após isso, o cavalheiro baixinho e a dama alta saíram, e os aplausos foram arrebatadores.

O cantor cômico, porém, era o favorito; realmente pensamos que aquele senhor, com o jantar embrulhado num lenço de bolso, que estava perto de nós, teria desmaiado de excesso de alegria. Um cavalheiro maravilhosamente jocoso que é o cantor cômico; suas características distintivas são: uma peruca que se aproxima do linho e um semblante envelhecido, e ele leva o nome de um dos condados ingleses,^[64] se bem nos lembramos. Ele cantou uma canção muito boa sobre as várias fases da vida de um homem, cuja primeira meia hora proporcionou à assembleia o mais puro deleite; do resto não podemos fazer nenhum relatório, pois não ficamos para ouvir mais nada.

Continuamos caminhando e nos deparamos com uma decepção a cada passo; nossas vistas favoritas não passavam de meros remendos de tinta; a fonte que brilhava tão vistosamente à luz das lâmpadas tinha a aparência de um cano de água que havia estourado; todos os ornamentos estavam sujos e todos os passeios, sombrios. Havia uma tentativa espectral de dança de corda no pequeno teatro aberto. O sol brilhava sobre as roupas de lantejoulas dos artistas, e suas evoluções eram tão inspiradoras e apropriadas quanto uma dança caipira em um enterro. Então refizemos nossos passos até o campo de fogos de artifício e nos misturamos com a pequena multidão de pessoas que contemplavam o Sr. Green.^[65]

Cerca de meia dúzia de homens continham a impetuosidade de um dos balões, que estava completamente cheio e já tinha o cesto acoplado; e como se espalharam rumores de que um lorde estava

“subindo”, a multidão estava mais ansiosa e falante do que o normal. Havia um homenzinho vestido de preto, com o rosto sujo e um lenço preto desbotado com uma borda vermelha, amarrado negligentemente em volta do pescoço, que conversava com todos e tinha algo a dizer sobre cada observação feita dentro de sua audiência. Ele estava parado com os braços cruzados, olhando para o balão, e de vez em quando expressava seus sentimentos de reverência pelo aeronauta, dizendo, enquanto olhava em volta para chamar a atenção de alguém: “Este é o grande Green; pense nisso aqui sendo sua ducentésima subida; um homem como Green não terá dor de dente na vida, nem em cem anos, e isso é tudo. Quando você encontrar talentos reais, e naturais também, incentive-os, é o que eu digo”; e quando teve a garantia de que havia sido bem ouvido e compreendido, ele cruzou os braços com mais determinação do que nunca e olhou para o balão com uma espécie de desafio de admiração a qualquer outro homem vivo, além dele mesmo e de Green, que impressionou a multidão com a opinião de que ele era um oráculo.

“Ah, você está certo, senhor”, disse outro cavalheiro, com sua esposa, filhos, mãe, cunhada, e uma série de amigas, em toda a gentileza de lenços de bolso brancos, babados e jaquetas, “O Sr. Green é um homem de fibra, senhor, e não temo por ele.”

“Temer!” disse o homenzinho: “não é uma coisa adorável vê-lo subindo em um balão com sua esposa, enquanto seu filho e sua nora se acotovelam em outro, e todos eles viajando vinte ou trinta milhas em três horas ou mais e depois voltando numa charrete? Não sei onde esta ciência vai parar, veja bem; é isso que me incomoda.”

Aqui houve uma conversa considerável entre as mulheres de jaquetinhas.

“Do que as senhoras estão rindo, *sir*?” perguntou o homenzinho, condescendente.

“É apenas minha irmã Mary”, disse uma das garotas, “que diz que espera que o lorde não fique assustado quando estiver no cesto e queira sair correndo de lá.”

“Acalme-se com isso, minha querida”, respondeu o homenzinho. “Se ele se movesse um centímetro sem permissão, Green simplesmente lhe daria um tapa na cabeça com o telescópio, o que o mandaria para o fundo da cesta em um piscar de olhos, e o atordoaria até que eles pousassem novamente.”

“Ele faria isso?” perguntou o outro homem.

“Sim, ele faria”, respondeu o homenzinho, “e também não pensaria nisso, mesmo que fosse o rei em pessoa. A presença de espírito de Green é maravilhosa.”

Justo neste momento todos os olhares se voltaram para os preparativos que estavam sendo feitos para a partida. O cesto foi preso ao segundo balão, os dois foram aproximados e uma banda militar começou a tocar, com um zelo e um fervor que deixariam o homem mais tímido que existe feliz demais para aceitar qualquer meio de abandonar aquele local específico da terra em que todos estavam. Então o Sr. Green pai, e sua nobre companheira entraram em um cesto, e o Sr. Green júnior, e seus acompanhantes entraram no outro; e então os balões subiram, e os viajantes aéreos se levantaram, e a multidão lá fora gritou de alegria, e dois cavalheiros que nunca haviam voado antes, tentaram agitar suas bandeiras, como se não estivessem nervosos, mas apenas agitados pela velocidade da subida; e os balões foram levados suavemente para longe, e nosso pequeno amigo dizia solenemente, muito depois de terem sido reduzidos a meros pontos no ar, que ele ainda conseguia distinguir o chapéu branco do Sr. Green. Os jardins liberaram as multidões, meninos corriam para cima e para baixo gritando “olha o balão”; e em todas as avenidas lotadas as pessoas saíam correndo de suas lojas para o meio da rua e, depois de olharem para o ar para dois pequenos objetos pretos até quase deslocarem o pescoço, voltavam lentamente, perfeitamente satisfeitas.

No dia seguinte, houve um grande relato da subida dos balões nos jornais matutinos, e o público foi informado de que aquele era o melhor dia, exceto outros quatro, na memória do Sr. Green; como eles mantiveram a visão da terra até perdê-la atrás das nuvens; e como o reflexo do balão nas massas ondulantes de vapor era maravilhosamente pitoresco; junto com um pouco de ciência sobre a refração dos raios solares e algumas dicas misteriosas a respeito do calor atmosférico e das inclementes correntes de ar.

Houve também um relato interessante de como um homem em um barco pôde ser ouvido claramente pelo Sr. Green júnior ao exclamar: “Meu olho!”, que o Sr. Green júnior, atribuiu à sua voz subindo até o balão e ao som sendo jogado de volta de sua superfície para dentro do cesto; e o conjunto terminava com uma ligeira alusão a outra subida na próxima quarta-feira, que serão muito instrutivas e muito divertidas, como os nossos leitores verão se consultarem os jornais. Se nos esquecemos de mencionar a data, basta-lhes esperar até ao próximo verão e contabilizar a primeira subida, e isso responderá igualmente bem ao propósito.

COCHES MATUTINOS

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (19 de fevereiro de 1835)

Muitas vezes nos perguntamos quantos meses de viagens incessantes em uma carruagem da mala postal seriam necessários para matar um homem; e imaginando, por analogia, gostaríamos muito de saber quantos meses de viagens constantes numa sucessão de coches matutinos um infeliz mortal poderia suportar. [66] Quebrar um homem vivo sobre quatro rodas não seria nada comparado a perturbar seu descanso, sua paz, seu coração – tudo menos seu jejum; e a punição de Ixion [67] (a única pessoa prática, aliás, que descobriu o segredo do movimento perpétuo) cairia em total insignificância diante daquela que sugerimos. Se tivéssemos sido um clérigo poderoso naqueles bons tempos, quando o sangue era derramado tão livremente quanto a água, e os homens eram ceifados como grama, na causa sagrada da religião, teríamos ficado muito quietos até conseguirmos encontrar algum canalha especialmente obstinado, que positivamente se recusasse a se converter à nossa fé, e então teríamos reservado para ele um lugar interno em um pequeno coche, que viajava dia e noite: e garantindo o restante dos lugares para homens corpulentos com uma ligeira tendência a tossir e cuspir o tempo todo, nós o teríamos iniciado em suas últimas viagens: deixando-o impiedosamente à mercê de todas as torturas que atendentes, senhorios, cocheiros, guardas, carregadores, camareiras e outras figuras familiares em seu caminho, poderiam considerar apropriado em infligir a alguém.

Quem nunca experimentou as misérias inevitavelmente resultantes de uma convocação para empreender uma viagem apressada? Você recebe uma notificação do seu local de trabalho – onde quer que seja, ou seja lá o que for – de que será necessário deixar a cidade sem demora. Você e sua família são imediatamente lançados num estado de tremenda excitação; uma mensagem é enviada imediatamente para a lavadeira; todo mundo está agitado; e você mesmo, com um sentimento de dignidade que não consegue esconder completamente, corre até o escritório de reservas para garantir seu lugar. Aqui, uma

dolorosa consciência de sua própria falta de importância surge pela primeira vez em sua mente – as pessoas são tão frias e serenas como se ninguém estivesse saindo da cidade, ou como se uma viagem de centenas de quilômetros fosse um mero nada. Você entra em uma sala de aparência mofada, ornamentada com grandes cartazes anunciando os itinerários e horários dos coches; a maior parte do lugar fica atrás de um balcão enorme, pesado e tosco, e equipado com aberturas que parecem tocas de animais menores em um zoológico itinerante, sem grades. Cerca de meia dúzia de pessoas fazem reservas em formulários de papel pardo, que um dos funcionários joga nas aberturas mencionadas com um ar de imprudência que deixa você bastante irritado, lembrando-se da nova mala de tecido que comprou pela manhã; carregadores, parecendo verdadeiros Atlas,^[68] entram e saem correndo, com grandes pacotes nos ombros; e enquanto você espera para pedir as informações necessárias, você se pergunta o que diabos os funcionários do escritório de reservas poderiam ter sido antes de serem funcionários do escritório de reservas; um deles, com a caneta atrás da orelha e as mãos para trás, está diante da lareira, como um retrato de corpo inteiro de Napoleão; o outro, com o chapéu mal colocado na cabeça, anota os nomes dos passageiros nos livros com uma frieza inexprimivelmente provocadora; e ainda tem aquele vilão que assobia – na verdade apita – enquanto um homem lhe pergunta qual o preço da tarifa até Holyhead! – e as condições do tempo também! São claramente uma raça isolada, evidentemente não possuindo simpatias ou sentimentos em comum com o resto da humanidade. Finalmente chega sua vez e, tendo pago a passagem, você pergunta, trêmulo: “A que horas será necessário que eu esteja aqui pela manhã?” – “Às seis horas”, responde o do apito, jogando descuidadamente o dinheiro que você acabou de lhe dar em uma tigela de madeira sobre a mesa. “Um pouco antes, é melhor”, acrescenta o homem com as inomináveis calças amassadas, com tanta facilidade e complacência como se o mundo inteiro caísse da cama às cinco da manhã. Você vira para a rua, ruminando enquanto volta para casa sobre até que ponto os homens se tornam endurecidos na crueldade, por costume.

Nada é inquestionavelmente mais miserável do que ser obrigado a levantar-se à luz de velas. Se você alguma vez duvidou do fato, você será dolorosamente convencido do seu erro, na manhã da sua partida. Você deixou ordens estritas, durante a noite, para ser chamado às quatro e meia, e não fez nada durante toda a noite, a não ser cochilar por cinco minutos de cada vez, e acordar de repente de um sonho terrível no qual os ponteiros de um grande relógio de igreja giravam pelos números do mostrador com surpreendente velocidade. Por fim, completamente exausto, você cai gradualmente num sono revigorante

– seus pensamentos ficam confusos – as carruagens, que estiveram “partindo” diante de seus olhos a noite toda, tornam-se cada vez menos distintas, até desaparecerem completamente; num momento você está conduzindo com toda a habilidade e inteligência de um cocheiro experiente – em outro, você mais parece um condutor aposentado; logo você está profundamente abafado por dentro e acaba de reconhecer na pessoa do guarda um antigo colega de escola, a cujo funeral, mesmo em seu sonho, você se lembra de ter assistido há dezoito anos. Finalmente você cai num estado de completo esquecimento, do qual você é despertado, como se fosse para um novo estado de existência, por uma ilusão singular. Você é aprendiz de fabricante de baús; como, ou por que, ou quando, ou por que, você não se dá ao trabalho de perguntar; mas lá está você, colando o forro na tampa de uma maleta. Misturado a outros aprendizes na oficina, há um em especial que martela muito bem! – *toc, toc, toc* – que sujeito trabalhador ele deve ser! você o ouviu trabalhando na última meia hora, e ele martelava incessantemente o tempo todo. *Toc, toc, toc*, de novo – ele está falando agora – o que foi que ele disse? Cinco horas! Você faz um esforço violento e se levanta da cama. A visão é imediatamente dissipada; a oficina do fabricante de baús é o seu próprio quarto, e o outro aprendiz é a sua trêmula criada, que se esforçou em vão para acordá-lo durante o último quarto de hora, correndo o risco iminente de quebrar os próprios nós dos dedos ou os painéis da porta.

Você passa a se vestir, com toda a rapidez possível. A vela plana acesa com o longo pavio fornece luz suficiente para mostrar que as coisas que você deseja não estão onde deveriam estar, e você sofre um atraso insignificante por ter guardado cuidadosamente uma de suas botas devido à ansiedade excessiva da noite anterior. Porém, você acaba rapidamente a toalete, pois não é exigente em tal ocasião, e havia feito a barba na noite anterior; então, colocando seu sobretudo Petersham^[69] e seu xale verde de viagem, e segurando sua bolsa com a mão direita, você desce levemente as escadas, para não acordar ninguém da família, e depois de parar na sala de estar por um momento, só para tomar uma xícara de café (a dita sala parece notavelmente confortável, com tudo fora do lugar e coberta com as migalhas do jantar da noite anterior), você tira as correntes e abre o ferrolho da porta da frente, e encontra-se, finalmente, na rua.

Por tudo o que é miserável! O gelo está derretendo. Você olha para a longa perspectiva de Oxford Street, as luzes a gás refletidas tristemente na calçada molhada, e não consegue discernir nenhum pontinho na rua que encoraje a crença de que há um cabriolé ou uma carruagem disponível – os próprios cocheiros voltaram para casa em desespero. A neve fria cai com aquela regularidade suave que indica

uma duração de pelo menos vinte e quatro horas; a umidade paira sobre os telhados das casas e postes de luz, e se agarra a você como um manto invisível. A água está “entrando” em todas as áreas, os canos estouraram, os tanques de água estão transbordando; as sarjetas parecem lutar contra o tempo, as alavancas das bombas-d’água descem por vontade própria, os cavalos das carroças caem e não há quem os ajude a se levantar, os policiais parecem ter sido cuidadosamente polvilhados com pó de vidro; aqui e ali um entregador de leite caminha lentamente, com um pedaço de pano em volta de cada pé para evitar que escorregue; rapazes que “não dormem no emprego”, mas que também não têm permissão para dormir fora dele, não conseguem acordar seus patrões trovejando na porta da loja e chorando de frio – o composto de gelo, neve e água na calçada tem alguns centímetros de espessura – ninguém se atreve a andar rápido para se manter aquecido, e ninguém conseguiria manter-se aquecido se o fizesse.

São cinco e quinze quando você passa por Waterloo Place a caminho da Golden Cross e descobre, pela primeira vez, que foi chamado cerca de uma hora mais cedo. Você não tem tempo para voltar; não há nenhum lugar aberto para entrar e você, portanto, não tem outro recurso senão seguir em frente, o que você faz, sentindo-se extremamente satisfeito consigo mesmo e com tudo sobre você. Você chega à agência de viagens e olha melancolicamente para o pátio em busca da carruagem que o levará e, que, pelo que você pode ver, pode ter voado para longe, pois não consegue ver nada parecido com um coche sendo preparado para partir. Você vai até o balcão de reservas, que, com as luzes a gás e a lareira acesa, parece bastante confortável em contraste – isto é, se algum lugar *pode* parecer confortável às cinco e meia de uma manhã de inverno. Lá está o mesmo guarda-livros, na mesma posição, como se não tivesse se mexido desde que você o viu ontem. Quando ele lhe informa que o coche está no pátio e será trazido dentro de cerca de um quarto de hora, você deixa sua mala e vai até a taverna mais próxima – não com a absurda ideia de se aquecer e ficar à vontade, pois você sente que tal resultado seria totalmente desanimador, mas com o propósito de conseguir alguma bebida quente enquanto espera. É o que você faz, – quando a chaleira ferve! evento que ocorre exatamente dois minutos e meio antes do horário fixado para a saída do coche.

A primeira badalada das seis horas, ressoa no campanário da igreja de St Martin-in-the-Fields, no momento em que você toma o primeiro gole do líquido fervente. Você chega ao balcão de reservas em dois segundos, e o taverneiro se sente muito confortável em tomar a bebida que você deixou para trás, aproximadamente no mesmo tempo. O coche está lá; assim como os cavalos, e um segurança, e dois ou três

carregadores levam as bagagens, subindo e descendo os degraus da agência de viagens, com uma rapidez ofegante. O lugar, que há poucos minutos estava tão quieto e silencioso, agora está cheio de agitação; os primeiros vendedores dos jornais matutinos chegam e você é atacado por todos os lados com gritos de “*Times*, senhores, o *Times*”, “Aqui está o *Chronicle* – *Morning Chronicle* – *Chronicle*”, “*Herald*, quer um *Morning Herald*, senhora?”^[70] “Um assassinato muito interessante, senhores.” “O curioso caso da promessa não-cumprida, senhoras.” Os passageiros de dentro já estão em seus cantos, e os de fora, com exceção de você, andam de um lado para outro na calçada para se manterem aquecidos; consistem em dois jovens de cabelos muito compridos, aos quais o granizo concedeu a aparência de caudas de rato cristalizadas; uma jovem magra, fria e rabugenta, um velho cavalheiro com o mesmo temperamento, envolto em algo como uma capa e boné, com a intenção de parecer um oficial militar; todos os membros do grupo, com um grande xale duro cobrindo o queixo, parecendo exatamente como se estivessem tocando uma flauta de Pã.

[71]

“Vamos tirar a roupa, Bob”, diz o cocheiro, que agora aparece pela primeira vez, com um sobretudo azul áspero, cujos botões das costas estão tão afastados que não dá para ver os dois ao mesmo tempo. “Vamos, cavalheiros”, grita o segurança, com a lista de passageiros na mão. “Já estão cinco minutos atrasados!” E lá vêm os passageiros – os dois jovens fumando como fornos de cal e o velho cavalheiro resmungando audivelmente. A jovem magra sobe se segurando no teto à custa de muitos puxões, empurrões, pedindo ajuda e causando a maior confusão, e ela retribui expressando sua solene convicção de que nunca mais conseguirá descer.

“Muito bem”, grita finalmente o segurança, levantando-se de um salto quando o coche arranca e tocando a corneta logo a seguir, em prova da solidez dos seus pulmões. “Vamos lá, Harry, dê-lhes na cabeça”, grita o cocheiro – e partimos tão rapidamente como se a manhã estivesse “muito bem”, assim como o coche: e ansiosos pelo término de nossa jornada, como tememos que nossos leitores tenham feito, há muito tempo, até a conclusão de nosso artigo.

OS ÔNIBUS[72]

Publicado pela primeira vez no *Morning Chronicle* (26 de setembro de 1834)

É geralmente permitido que os meios de transporte públicos proporcionem um extenso campo de diversão e observação. De todos os meios de transporte públicos que foram construídos desde os dias da Arca – pensamos que é o mais antigo já registrado – até hoje, nossos maiores elogios vão para os ônibus. Uma carruagem longa não deve ser desprezada, é claro, mas aí você tem apenas seis lugares no máximo, e as chances são de que as mesmas pessoas o acompanhem por todo o percurso – sem mudança, nem variação. Além disso, depois das primeiras doze horas, as pessoas ficam irritadas e sonolentas, e quando você vê um homem de touca de dormir, você perde todo o respeito por ele; pelo menos, esse é o nosso caso. Então, em estradas tranquilas, as pessoas frequentemente ficam prostradas e contam longas histórias, e mesmo aquelas que não falam podem ter predileções muito desagradáveis. Certa vez, viajamos cerca de seiscentos quilômetros dentro de uma carruagem ao lado de um homem corpulento, que levava um copo de rum com água quente o qual era enchido pela janela em cada local onde trocávamos de cavalo. Isto foi decididamente desagradável. Também viajamos, numa outra oportunidade, com um garotinho de aspecto pálido, cabelos claros e sem pescoço perceptível, vindo da escola para a cidade sob a proteção do vigilante, e instruído a ser deixado em Cross Keys até ser procurado. Isto é, talvez, ainda pior do que rum e água numa atmosfera fechada. Depois, há toda a série de males resultantes de uma mudança de cocheiro; e a tristeza da descoberta – que o vigilante certamente fará no momento em que você começar a cochilar – de que ele precisa pegar um pacote de papel pardo, que ele se lembra claramente de ter depositado sob o assento no qual você está descansando. Muita agitação e tateamento acontecem, e quando você está completamente acordado e com câibras severas, mantendo as pernas erguidas por um esforço quase sobrenatural, enquanto o vigilante procura atrás do banco, ele se lembra, de repente, que havia

colocado o tal pacote no maleiro. Bang, ele bate a porta; o pacote é encontrado imediatamente; a carruagem continua sua viagem; e o vigilante toca a corneta o mais alto que pode, como se zombasse de sua miséria.

Agora, você não encontra nenhuma dessas aflições em um ônibus; mesmice nunca pode haver. Os passageiros mudam com tanta frequência durante uma viagem quanto as figuras de um caleidoscópio e, embora não sejam tão brilhantes, são muito mais divertidos. Acreditamos que não há nenhum caso registrado de um homem que tenha dormido em um desses veículos. Quanto às histórias longas, alguém se aventuraria a contá-las num ônibus? e mesmo que o fizesse, onde estaria o mal? ninguém poderia ouvir o que ele estava falando. De novo; as crianças, embora ocasionalmente, não são frequentemente encontradas num ônibus; e mesmo quando estão, se o veículo estiver cheio, como geralmente acontece, alguém se senta em cima delas e não temos consciência de sua presença. Sim, após uma reflexão madura e uma experiência considerável, chegamos à conclusão de que, de todos os veículos conhecidos, desde a carruagem sem janelas em que fomos levados para sermos batizados, até aquela sombria condução em que um dia devemos fazer a nossa última viagem terrena, não há nada como um ônibus.

A máquina em que fazemos a nossa viagem diária desde o final de Oxford Street até à cidade pode competir com qualquer outro *buss*^[73] na estrada, seja pela ostentação do seu exterior, pela perfeita simplicidade do seu interior, ou pela frieza natural de seu condutor. Este jovem cavalheiro é um exemplo singular de devoção própria; seu zelo um tanto destemperado em favor de seus empregadores o está constantemente colocando em problemas e, ocasionalmente, atrás das grades. Porém, assim que se vê em liberdade, retoma as funções de sua profissão com ardor inabalável. O trabalho é sua principal distinção. Seu grande orgulho é “que ele pode jogar um velhote para dentro do ônibus, trancá-lo lá dentro, antes que ele saiba para onde vai” – uma façanha que ele realiza com frequência, para a diversão infinita de todos, exceto do velho cavalheiro em questão, que, de uma forma ou de outra, nunca consegue entender a graça da coisa.

Não temos conhecimento de que alguma vez tenha sido determinado com precisão quantos passageiros o nosso ônibus irá transportar. A impressão na mente do condutor é evidentemente a de que ele é grande o suficiente para acomodar qualquer número de pessoas que possam ser atraídas até ele. “Tem lugar?” grita um pedestre esbaforido. “Temos muito espaço, senhor”, responde o condutor, abrindo gradualmente a porta, e não revelando o estado real do caso, até que o infeliz esteja na escada. “Onde?” pergunta o indivíduo aprisionado, na tentativa de recuar novamente. “De qualquer lado,

senhor”, retruca o condutor, empurrando-o para dentro e batendo a porta. “Tudo bem, Bill.” A retirada é impossível; o recém-chegado perambula até cair em algum lugar, e lá ele fica.

Quando chegamos à cidade um pouco antes das dez, quatro ou cinco do nosso grupo são passageiros regulares. Sempre os pegamos nos mesmos lugares e eles geralmente ocupam os mesmos assentos; eles estão sempre vestidos da mesma maneira e invariavelmente discutem os mesmos assuntos – a rapidez crescente dos cabriolés e o desrespeito às obrigações morais evidenciado pelos condutores de ônibus. Há um velhinho irritadiço, com a cabeça empoada, que sempre se senta do lado direito da porta quando você entra, com as mãos cruzadas em cima do guarda-chuva. Ele é extremamente impaciente e fica ali sentado com o objetivo de ficar de olho no condutor, com quem geralmente mantém um diálogo contínuo. Ele é muito oficioso ao ajudar as pessoas a entrar e sair, e sempre se oferece para dar uma cutucada no condutor com seu guarda-chuva, quando alguém quer descer. Ele geralmente recomenda que as mulheres tenham seis *pence* em mãos, para evitar atrasos; e se alguém abaixar uma janela que ele possa alcançar, ele imediatamente a fecha novamente.

“Ora, por que você parou?” diz o pequeno ancião todas as manhãs, no momento em que há o menor indício de que ele “parou” na esquina de Regent Street, quando um diálogo como o seguinte ocorre entre ele e o condutor:

“Por que você parou?”

Aqui o condutor assobia e finge não ouvir a pergunta.

“Eu perguntei [uma cutucada], por que você parou?”

“Para apanhar passageiros, senhor.”

“Eu sei que você parou para apanhar passageiros; mas você não deveria ter parado aqui. *Por que* você parou?”

“Olhe, senhor, essa é uma pergunta difícil. Acho que é porque prefiro parar aqui a continuar.”

“Ora essa!”, exclama o velhinho, com grande veemência, “vou dar um jeito em você amanhã. Muitas vezes ameacei fazê-lo; mas agora vou conseguir.”

“Obrigado, senhor”, responde o condutor, tocando seu quepe com uma zombeteira expressão de gratidão; – “muito obrigado, de fato, senhor.” Aqui os jovens do ônibus riem muito, e o velho cavalheiro fica com o rosto muito vermelho, parecendo completamente exasperado.

O cavalheiro corpulento de gravata branca, do outro lado do veículo, parece muito profético e diz que algo tem de ser feito

rapidamente com esses sujeitos, ou então a situação vai degradingolar; e o homem maltrapilho e elegante com a bolsa verde expressa toda a sua concordância com a opinião, como tem feito regularmente todas as manhãs durante os últimos seis meses.

Um segundo ônibus surge agora e para imediatamente atrás de nós. Outro ancião levanta a bengala no ar e corre com todas as forças em direção ao nosso ônibus; acompanhamos seu progresso com grande interesse; a porta é aberta para recebê-lo, mas, repentinamente, ele desaparece – havia se confundido e estava sendo levado embora pelo ônibus errado. Em seguida, ouvimos o tom de escárnio do condutor do outro ônibus dizendo o que “havia feito com aquele velho arrogante”, e a voz do “velho arrogante” é ouvida, protestando em vão contra aquela detenção ilegal. Finalmente, saímos chacoalhando pela rua, com o outro ônibus sacodindo atrás de nós, e cada vez que paramos para apanhar um passageiro, o nosso oponente faz o mesmo; às vezes nós pegamos o passageiro; às vezes eles o pegam; mas quem não o pega, diz que deveria tê-lo feito, e os condutores dos respectivos veículos trocam insultos um com o outro de acordo.

Ao chegarmos às proximidades de Lincoln's-inn-Fields, Bedford Row ou outros locais bem frequentados, deixamos muitos de nossos passageiros originais sair e pegamos outros novos, que são recebidos com extremo mau humor. É bastante notável como as pessoas que já estão dentro do ônibus sempre olham para os recém-chegados, como se tivessem alguma ideia indefinida de que não têm absolutamente nada a fazer ali. Estamos bastante convencidos de que o pequeno ancião tem alguma noção desse tipo e que considera a entrada deles uma espécie de impertinência negativa.

As conversas agora foram totalmente abandonadas; cada pessoa olha vagamente pela janela à sua frente e todos pensam que o vizinho da frente está olhando para ele. Se um homem desce em Shoe Lane e outro na esquina de Farringdon Street,^[74] o velhinho resmunga e sugere a este último que, se ele também tivesse descido em Shoe Lane, ele os teria poupado de mais uma parada; então os jovens riem de novo, e o velho cavalheiro adquire uma aparência muito solene, e não diz mais nada até chegar ao ponto final, quando sai trotando o mais rápido que pode, deixando-nos fazer o mesmo e desejando, à medida que nos afastamos, que pudéssemos transmitir a outros qualquer parte dessa experiência que acabamos de ter.

UM ESBOÇO PARLAMENTAR

Publicado pela primeira vez como dois artigos, "A Casa" e "Bellamy's" (7 de março e 11 de abril de 1835), no *Evening Chronicle*, antes de ser incluído na segunda série como "Um Esboço Parlamentar – com Alguns Retratos " (dezembro de 1836)

Esperamos que nossos leitores não fiquem alarmados com este título bastante ameaçador. Garantimos-lhes que não estamos prestes a tornar-nos políticos, nem temos a menor intenção de ser mais prosaicos do que o habitual – se pudermos evitar. Ocorreu-nos que um breve esboço do aspecto geral da Casa, [75] e das multidões que a ele recorrem na noite de um debate importante, seria divertido: e como fizemos algumas visitas a esta casa acima mencionada em outros tempos – já a visitamos com bastante frequência para nosso propósito, e com muita frequência para nossa paz e conforto pessoal – decidimos tentar algumas descrições sobre ela. Dispensando de nossas mentes, portanto, todos aqueles sentimentos de admiração relacionados a ideias vagas de violação de privilégios, arautos parlamentares [76] com seus bastões disciplinadores, a denúncias seríssimas e, a honorários ainda mais pesados a serem pagos – que existem apenas para causar uma excitação calculada – e entramos no prédio, indo imediatamente ao nosso assunto.

Quatro e meia da tarde – e às cinco o proponente do discurso estará “de pé”, como os jornais às vezes anunciam como novidade, como se os oradores tivessem ocasionalmente o hábito de ficar de cabeça para baixo. Os membros estão chegando, um após o outro, em cardumes. Os poucos espectadores que conseguem ficar de pé nas passagens, observam-nos à medida que passam, com o máximo interesse, e o homem que consegue identificar um membro ocasionalmente torna-se uma pessoa de grande importância. De vez em quando você ouve sussurros sinceros de “Aquele é Sir John Thomson”. “Qual? aquele com a ordem dourada pendurada no pescoço?” “Não, não; aquele é um dos mensageiros... é o outro, de luvas amarelas, *aquele* é Sir John Thomson.” “Ali está o Sr. Smith.” “Meu Deus!” “Sim, é ele. Como vai,

senhor?” O Sr. Smith, que é um novo membro do Parlamento, para, vira-se com um ar de encantadora urbanidade (contra todos os boatos que tentaram arrancar sua imagem esta manhã); agarra ambas as mãos do seu agradecido eleitor e, depois de o cumprimentar com o mais entusiástico calor, corre para o átrio com uma extraordinária demonstração de ardor pela causa pública, deixando uma imensa impressão a seu favor na mente de seu “concidadão”.

As chegadas aumentam em número, e o calor e o ruído aumentam numa proporção muito desagradável. Os criados de libré se postam em ambos os lados do corredor, e você se reduz ao menor espaço possível para evitar ser expulso. Você vê aquele homem corpulento, de voz rouca, de casaco azul, chapéu de abas largas e coroa estranha, calça de veludo branco e botas altas, que tem falado incessantemente há meia hora e cuja importância tem ocasionado muita alegria entre os estranhos. Esse é o grande conservador da paz de Westminster. Você não pode deixar de notar a graça com a qual ele saudou o nobre lorde que acabou de falecer, ou a excessiva dignidade do seu ar, ao protestar com a multidão. Ele está bastante exaltado agora, por causa do comportamento muito irreverente daqueles dois jovens atrás dele, que não fizeram nada além de rir durante todo o tempo desde que chegamos.

“Será que eles vão discutir esta noite, senhor...?” – pergunta timidamente um homenzinho magro no meio da multidão, na esperança de acalmar o oficial do Parlamento.

“Como o senhor *pode* fazer essas perguntas, *sir*?” responde o funcionário, num tom incrivelmente alto, e agarrando o fino bastão que carrega na mão direita. “Reze para que não, *sir*. Eu te imploro; por favor, reze para que não, *sir*.” O homenzinho parece notavelmente fora de seu ambiente, e a parte não iniciada da multidão está em convulsões de riso.

Justamente neste momento surge algum infeliz, com ar muito sorridente, no fundo do longo corredor. Ele conseguiu escapar à vigilância da guarda especial lá embaixo e evidentemente está se felicitando por ter chegado tão longe.

“Volte, senhor – você não pode ficar vir aqui”, grita o funcionário roufenho, com tremenda ênfase na voz e nos gestos, no momento em que o transgressor encontra seu olhar.

O estranho para.

“Está ouvindo, senhor? O senhor tem de sair”, continua o dignitário oficial, empurrando suavemente o intruso cerca de meia dúzia de metros.

“Vamos, não me empurre”, responde o estranho, virando-se com

raiva.

“Empurro, sim, *sir*.”

“Não empurra, não, senhor.”

“Saia, *sir*.”

“Tire as mãos de mim, senhor.”

“Saia da passagem, *sir*.”

“Você é um insolente, senhor.”

“Um o quê?” exclama ele de dentro de suas botas.

“Um insolente, senhor, um sujeito muito insolente”, reitera o estranho, agora completamente transtornado.

“Por favor, não me obrigue a expulsá-lo, *sir*”, retruca o outro, “por favor, não faça isso – minhas instruções são para manter esta passagem livre – são ordens do Orador, *sir*.”

“Dane-se o Orador, senhor!” grita o intruso.

“Aqui, Wilson! – Collins!” diz, ofegante, o oficial, na verdade paralisado com essa expressão insultuosa, que em sua mente é tudo senão alta traição; “Tirem esse homem – tirem-no, eu digo! Como você ousa, *sir*?” e o infeliz desce cinco degraus de cada vez, virando-se a cada parada, para tentar voltar, e denunciando amarga vingança contra o comandante-em-chefe e todos os seus comparsas.

“Abram caminho, cavalheiros, por favor, abram caminho para os membros do Parlamento, eu imploro!” grita o zeloso oficial, voltando-se e precedendo toda uma série de liberais e independentes.

Você vê este cavalheiro de aparência feroz,^[77] com uma tez quase tão pálida quanto seu linho, e cujo grande bigode preto nos trariam a lembrança de um manequim na vitrine de um cabeleireiro, se seu semblante possuísse um pingaço do ar divino que aquelas caricaturas de cera do rosto humano oferecem. Ele é um oficial da milícia e a pessoa mais curiosa da Câmara. Pode haver algo mais estranhamente absurdo do que a grandeza burlesca de seu ar, enquanto ele caminha até o saguão, revirando os olhos como aqueles bonequinhos em um relógio holandês barato? Ele nunca aparece sem aquele maço de papéis sujos que carrega debaixo do braço esquerdo, e que geralmente se supõe ser o orçamento para 1804, ou algum documento igualmente importante. Ele é muito pontual em seu comparecimento à Câmara, e seu orgulhoso grito de “A-ten-ção, a-ten-ção” é frequentemente o sinal para uma risada geral.

Este é o cavalheiro que certa vez enviou um mensageiro à Galeria dos Visitantes na antiga Câmara dos Comuns, para perguntar o nome de um indivíduo que usava óculos, a fim de poder reclamar ao

Presidente da Câmara que a pessoa em questão estava questionando-o! Em outra ocasião, ele teria ido até a cozinha do Bellamy's^[78] – um lugar onde pessoas que não são membros do Parlamento são toleradas como se o fossem – e avistado dois ou três cavalheiros que lá jantavam, e que, ele sabia, não eram parlamentares, e não podendo, naquele lugar, ficarem ressentidos com o seu comportamento, ele entregou-se à gentileza de sentar-se perto do grupo e colocou os pés, com a botinas e tudo, sobre a mesa em que jantavam! Mas geralmente ele é inofensivo e sempre muito divertido.

À força de paciência e de um pouco de interesse do nosso amigo oficial, conseguimos chegar até a antecâmara, e você consegue ter um vislumbre ocasional da Câmara, quando a porta se abre para a admissão dos membros. O lugar já está razoavelmente cheio e pequenos grupos de parlamentares estão reunidos, discutindo os temas interessantes do dia.

Aquele sujeito de aparência elegante, de casaco preto com acabamentos e punhos de veludo, que usa seu chapéu *D'Orsay*^[79] de maneira tão pouco conveniente, é “Tom, o Honesto”, um representante metropolitano;^[80] e o homem grande de capa com forro branco – não o homem junto à coluna; o outro, com cabelos claros pendurados sobre a gola do casaco, é seu colega. O homem calado e de ar cavalheiresco, de sobretudo azul, calça cinza, lenço e luvas brancas, cujo casaco bem abotoado mostra com grande vantagem sua figura viril e peito largo, é um personagem muito conhecido.^[81] Ele travou muitas batalhas em seu tempo e as venceu como os heróis de antigamente, sem outras armas além daquelas que os deuses lhe deram. O velho de feições duras que está perto dele é realmente um bom exemplar de uma classe de homens, agora quase extinta. Ele é um representante do condado e tem sido desde tempos imemoriais. Veja seu casaco folgado, largo e marrom, com bolsos espaçosos de cada lado; as calças e as botas até os joelhos, o colete imensamente comprido e a corrente prateada do relógio pendurada abaixo dele, o chapéu marrom de abas largas e o lenço branco amarrado com um grande laço, com pontas soltas saindo do babado da camisa. É um vestuário que raramente se vê hoje em dia, e quando os poucos que o usam morrerem, ele estará totalmente extinto. Ele pode contar longas histórias a respeito de Fox, Pitt, Sheridan e Canning,^[82] e como o Parlamento era administrado muito melhor naquela época, quando eles costumavam acordar às oito ou nove horas da manhã, exceto nos dias mais importantes, quando todos eram informados de antemão. Ele tem um grande desprezo por todos os jovens membros do Parlamento e considera completamente impossível que um homem possa dizer algo que valha a pena ouvir, a menos que tenha estado no Parlamento durante os últimos quinze anos, sem dizer absolutamente

nada. Ele é de opinião que “aquele jovem Macaulay”^[83] é um impostor; ele admite que lorde Stanley^[84] possa fazer algo interessante um dia desses, mas “ele é muito jovem, meu caro – muito jovem”. Ele é uma excelente autoridade em fatos passados e, quando se torna mais falante, depois do vinho, contará como *sir* Fulano de Tal, quando era cabo eleitoral do governo, tirou quatro homens doentes de suas camas para votar na maioria, e que três deles morreram no caminho de volta para casa; contará também como o Parlamento ficou dividido diante dessa questão; contará como o Orador certa vez sentou-se por acidente na cadeira de um dos parlamentares e foi obrigado a ficar sozinho ali durante três horas, até que algum membro da Casa pudesse ser acordado e levado de volta até lá para removê-lo da suspensão; e ainda falará de muitas outras anedotas de descrição semelhante.

Lá está ele, apoiado em sua bengala; olhando para a multidão de dândis ao seu redor com o mais profundo desprezo; e evocando, diante de sua mente, as cenas que ele presenciou no velho Parlamento, em tempos passados, quando seus próprios sentimentos eram mais frescos e brilhantes, e quando, como ele imagina, a inteligência, o talento e o patriotismo floresciam também com mais brilho.

Você está curioso para saber quem é aquele jovem de sobretudo grosseiro, que cumprimentou todos os membros que entraram no Parlamento desde que aqui estamos. Ele não é um membro; ele é apenas um “servo hereditário”,^[85] ou, por outras palavras, um correspondente irlandês de um jornal irlandês, que tenta tirar vantagem de algum parlamentar que ele nunca viu antes na vida. Lá vai ele de novo – mais um! Deus abençoe este homem, ele já está com o chapéu e os bolsos cheios.

Fomos tentar nossa sorte na Galeria dos Visitantes, já que a natureza do debate encorajava muito pouca esperança de sucesso. O que você está fazendo? Mantendo sua determinação como se fosse um talismã a cujo comando o postigo se abriria? Absurdo. Basta aguardar para pedir um autógrafo, se valer a pena pedi-lo, e aparecer na porta com o polegar e o indicador inseridos expressivamente no bolso do colete. Este homem alto e robusto, vestido de preto, é o porteiro. “Tem algum lugar?”, pergunta você. “Nem um centímetro. Há pelo menos duas ou três dúzias de cavalheiros esperando lá embaixo pela chance de alguém sair.” Saque a carteira e pergunte de novo – “Tem *certeza* de que não há espaço?” – “Vou dar uma olhada”, responde o porteiro, com um olhar ávido para a sua carteira, “mas temo que não haja nenhum.” Ele retorna e com verdadeiro sentimento garante que é moralmente impossível chegar perto da galeria. Não adianta esperar. Quando lhe for recusada a admissão na Galeria de Visitantes da Câmara dos Comuns, sob tais circunstâncias, você deve voltar para

casa totalmente satisfeito, pois o local está de fato completamente lotado.

Refazendo o caminho pelo longo corredor, descendo as escadas e atravessando o pátio do Palácio, paramos numa pequena porta contígua à entrada do Rei na Câmara dos Lordes. A ordem do arauto parlamentar irá admiti-lo na Galeria dos Jornalistas, de onde você poderá obter uma visão razoavelmente boa da Câmara. Cuidado com as escadas, elas não são das melhores; atravesse esse pequeno postigo – aí está. Assim que seus olhos se acostumarem um pouco com a penumbra do local e com o brilho dos lustres logo abaixo, você verá que algum personagem sem importância do lado ministerial da Câmara (à sua direita) está falando, em meio a um zumbido de vozes e confusão que rivalizaria com a torre de Babel, se não fosse pela circunstância de estar tudo em uma única língua.

O tal “atenção, atenção”, que ocasionou aqueles risos, veio do nosso belicoso amigo de bigode; ele está sentado no banco de trás, encostado na parede, atrás do parlamentar que está falando, com o aspecto tão feroz e intelectual como sempre. Agora, dê uma olhada ao seu redor! O corpo da Câmara e as galerias laterais estão repletos de parlamentares; alguns, com as pernas apoiadas no encosto do assento da frente, outros, com as suas estendidas ao máximo no chão; uns saindo, outros entrando; todos conversando, rindo, descansando, tossindo, fazendo perguntas, questionando ou roncando; eles representam um conglomerado de barulho e confusão, que não pode ser encontrado em nenhum outro lugar existente, nem mesmo em uma feira superlotada, ou numa rinha de galos em toda sua glória.

Mas não vamos nos esquecer da cozinha do Bellamy's, ou, por outras palavras, a sala de descanso, comum a ambas as Casas do Parlamento, onde ministerialistas e oposicionistas, reformistas e conservadores, radicais, pares e destrutivos, estranhos da galeria, e estranhos mais favorecidos do bar, são igualmente livres para entrar; onde vários membros honoráveis provam a sua perfeita independência permanecendo durante todo um pesado debate, consolando-se no conforto mundano; e de onde são convocados pelos cabos eleitorais, quando o Parlamento está prestes a se dividir; seja para dar seus “votos de consciência” em questões sobre as quais eles são conscientemente inocentes de saber qualquer coisa, seja para encontrar uma vazão para a exuberância lúdica de suas fantasias inspiradas no vinho, em gritos barulhentos de “Votação”, ocasionalmente variados com um pouco de uivos, latidos, cacarejos ou outras ebulições de animação senatorial.

Depois de subir a estreita escadaria que, nessa atual Câmara dos Comuns temporária, conduz ao local que descrevemos, provavelmente

observará algumas salas à sua direita, com mesas espalhadas para o jantar. Nenhuma delas é a cozinha, embora ambas se dediquem ao mesmo propósito; a cozinha fica mais à nossa esquerda, subindo meia dúzia de degraus. Antes de subirmos a escada, porém, devemos pedir-lhe que pare em frente a este pequeno bar com janelas de guilhotina; e imploro sua atenção especial ao velho sujeito vestido de preto, firme e de aparência honesta, que é seu único ocupante. Nicholas (não nos importamos de mencionar o nome do velho, pois se Nicholas não é um homem público, quem será? – e os nomes dos homens públicos são propriedade pública) – Nicholas é o mordomo do Bellamy's e tem estado no mesmo lugar, vestido exatamente da mesma maneira, e dito precisamente as mesmas coisas, desde que o mais antigo dos seus visitantes atuais pode se lembrar. Nicholas é um excelente criado – um incomparável preparador de molhos para salada – um admirável preparador de água com gás e limão – um especial criador de ponches – e, acima de tudo, um inigualável conselheiro para queijos. Se o velho tem algo como vaidade em sua composição, este é certamente o seu orgulho; e se fosse possível imaginar que alguma coisa neste mundo pudesse perturbar sua calma impenetrável, deveríamos dizer que seria duvidar de seu julgamento sobre este importante ponto.

Não precisamos lhe contar tudo isso, entretanto, pois se você tiver um átomo de observação, basta dar uma olhada em sua cabeça e rosto elegantes e de aparência sábia – seu lenço branco e elegante, amarrado ao pescoço com um laço do mesmo jeito há pelo menos vinte anos, fundindo-se em graus imperceptíveis em uma pequena camisa trançada com babados – e sua forma de aparência confortável envolta em um terno preto bem escovado – lhe daria uma ideia melhor de seu verdadeiro caráter do que uma coluna de nossa pobre descrição poderia transmitir.

Nicholas está bastante fora de seu ambiente agora; ele não consegue ver a cozinha como no prédio antigo; lá, uma janela de sua vitrine se abria para o salão, e então, para edificação e conforto dos membros mais jovens, ele ficava ali por uma hora, respondendo perguntas respeitadas sobre Sheridan, e Perceval, e Castlereagh,^[86] e Deus sabe quem mais, com manifesto deleite, sempre inserindo um “Senhor” antes do nome de cada um de seus interlocutores parlamentares.

Nicholas, como todos os homens da sua idade e posição, tem uma grande ideia da degeneração dos tempos. Ele raramente expressa quaisquer opiniões políticas, mas conseguimos verificar, pouco antes da aprovação da Lei da Reforma,^[87] que Nicholas era um ardente reformista. Qual não foi o nosso espanto ao descobrir, logo após a primeira reunião do Parlamento reformado, que ele era um conservador muito inveterado e decidido! Foi muito estranho: alguns

homens mudam de opinião por necessidade, outros por conveniência, outros por inspiração; mas o fato de Nicholas sofrer qualquer mudança em qualquer aspecto era um evento que nunca havíamos contemplado e que deveríamos ter considerado impossível. A sua forte opinião contra a cláusula que autorizava os distritos metropolitanos a elegerem também os membros do Parlamento era totalmente inexplicável.

Finalmente descobrimos o segredo; os membros metropolitanos do Parlamento sempre jantavam em casa. Que patifes! Quanto à concessão de cadeiras adicionais à Irlanda, foi ainda pior – decididamente inconstitucional. Ora, meu caro, um parlamentar irlandês vai lá e come mais do que três parlamentares ingleses juntos. Eles não bebem vinho, mas um litro de cerveja, e depois voltam para suas casas, nos prédios de Manchester, ou em Millbank Street,^[88] para tomar uísque com água. E qual foi a consequência? Ora, o interesse foi perdido, senhor – por sua clientela.

Um velhinho esquisito é Nicholas, e faz parte do prédio do Parlamento tão completamente quanto os tijolos. Ficamos nos perguntando se ele alguma vez deixou o antigo lugar, e esperávamos ver nos jornais, na manhã seguinte ao incêndio, um relato patético de um velho senhor vestido de preto, de aparência decente, que foi visto em uma das janelas superiores quando as chamas estavam em sua altura e declarando sua firme intenção de cair junto com o prédio. Ele deve ter sido retirado à força. No entanto, aqui está ele de novo, com a aparência de sempre, como se estivesse em uma caixa de música desde a última sessão. Lá está ele, em seu antigo posto todas as noites, exatamente como o descrevemos: e, como os personagens são escassos, e os servos fiéis ainda mais escassos, que ele esteja lá por muito tempo. E tenho dito!

Agora, quando você se sentou na cozinha e notou a grande lareira e a assadeira em uma extremidade do salão – a mesinha para lavar copos e escorrer jarras na outra – o relógio acima da janela em frente à St. Margaret's Church^[89] – as mesas de pinho e as velas de cera – as toalhas de mesa adamascadas e o chão liso – os pratos e porcelanas nas mesas, e a grelha sobre o fogo; e algumas outras anomalias peculiares ao local – apontaremos à sua atenção duas ou três das pessoas presentes, cuja posição ou absurdos as tornam mais dignas de observação.

É meio-dia e meia, e como a votação não está prevista para dentro de uma ou duas horas, alguns membros estão passando o tempo por ali, em vez de ficarem no bar do Parlamento, ou dormindo num dos lados das galerias. Aquele homem singularmente desajeitado e de aparência desajeitada, com chapéu branco-acastanhado e calças pretas

largas que chegam até a metade da perna das botas, que está encostado no biombo, aparentemente iludindo-se com a crença de que ele está a pensar em alguma coisa, é um esplêndido exemplo de um membro da Câmara dos Comuns que concentra na sua própria pessoa a sabedoria de um eleitorado. Observe a peruca, de tom escuro, mas de cor indescritível, pois se for naturalmente marrom, adquiriu uma tonalidade preta pelo longo serviço, e se for naturalmente preta, a mesma causa lhe conferiu um tom de marrom enferrujado; e observe quão materialmente os grandes óculos semelhantes a antolhos auxiliam a expressão daquele rosto tão inteligente. Falando sério, você já viu um semblante que expressasse tão bem tamanha e desalentada estupidez, ou viu uma forma tão estranhamente perfeita? Ele não é um grande orador: mas quando *discursa* no Parlamento, o efeito é absolutamente irresistível.

O senhor baixinho de nariz pontudo que acaba de saudá-lo é um parlamentar, ex-vereador e uma espécie de bombeiro amador. Ele e o célebre cão bombeiro foram notavelmente ativos à época do incêndio das duas casas do Parlamento – ambos corriam para cima e para baixo, para dentro e para fora, ficando sob os pés das pessoas e no caminho de todos, totalmente impressionados com a crença de que estavam fazendo um grande bem e latindo tremendamente. O cachorro voltou silenciosamente para seu canil, mas o senhor manteve um barulho tão incessante por algumas semanas após o ocorrido, que se tornou um verdadeiro incômodo. No entanto, como não ocorreram mais incêndios parlamentares, e como conseqüentemente ele não teve mais oportunidades de escrever aos jornais para relatar como, para preservar as fotos, ele as cortou de suas molduras e prestou outros grandes serviços nacionais, ele tem gradualmente recaiu em seu antigo estado de calma.

Aquela mulher de preto – não a que está tendo o queixo acariciado por um lorde, mas a outra, a mais baixinha das duas – é “Jane”, a Hebe^[90] do Bellamy’s. Jane é uma personagem tão boa quanto Nicholas, à sua maneira. Suas principais características são um total desprezo pela grande maioria dos visitantes; a sua qualidade predominante, a apaixonante simpatia, como não se pode deixar de observar, se notarmos a alegria com que ela ouve algo que o jovem parlamentar perto dela murmura de forma um tanto ininteligível ao seu ouvido (pois o seu discurso é bastante grosso por uma causa ou outra), e com que brincadeira ela enfia o cabo de um garfo no braço com que ele a segura, como resposta.

Jane não é má em dar respostas e as espalha com um grau de liberalidade e total ausência de reserva ou restrição, o que ocasionalmente provoca grande espanto nas mentes de estranhos. Ela

também faz piadas com Nicholas, mas o admira com muito respeito – a impassibilidade inabalável com que Nicholas recebe as piadas mencionadas e observa certas brincadeiras (as únicas recreações de Jane, e são muito inocentes também) que ocasionalmente ocorrem na passagem, não é a parte menos divertida de seu personagem.

As duas pessoas que estão sentadas à mesa do canto, no outro extremo do salão, são hóspedes constantes há muitos anos; e um deles festejou dentro destas paredes, muitas vezes, com os personagens mais brilhantes de uma época também brilhante. Ele se foi para a outra Casa desde então; a maior parte dos amigos morreu, e suas visitas ao Bellamy's diminuíram.

Se ele realmente está jantando agora, a que horas ele pode ter jantado? Uma segunda e sólida peça de alcatra desapareceu, e ele comeu a primeira em apenas quatro minutos e 45 segundos, pelo relógio acima da janela. Já existiu tal personificação de Falstaff? ^[91] Observe o ar com que ele se regozija à mesa, ao retirar o guardanapo que foi colocado sob seu queixo para pegar os restos de caldo da carne, e com que gosto ele bebe a cerveja preta que foi trazida, expressamente para ele, numa vasilha de estanho. Ouça o som rouco daquela voz, mantida grave pelo peso da comida e pelos profundos goles de vinho, e diga-nos se você já viu uma imagem tão perfeita de um *gourmand*; e se ele não é exatamente o homem que você consideraria ter sido o parceiro das farras parlamentares de Sheridan, o cocheiro voluntário da carruagem que o levou para casa e o perturbador involuntário de todo o grupo.

Que contraste divertido entre sua voz e aparência, e a do velho magro e barulhento, que está sentado à mesma mesa e que, elevando uma voz pequena e rachada ao seu tom mais alto, invoca a condenação sobre seus próprios olhos ou de outra pessoa no início de cada frase que ele pronuncia. “O Capitão”, como o chamam, é um antigo frequentador do Bellamy's; acostumado a dar uma parada lá mesmo depois que a Casa incendiou-se (um crime inexprimível aos olhos de Jane), e um reservatório ambulante completo de bebidas espirituosas e água.

O velho nobre – ou melhor, o velho senhor – pois sua nobreza é relativamente recente – está bebendo um enorme copo de ponche quente; enquanto o outro pragueja e bebe, bebe e pragueja, e fuma. Membros do Parlamento chegam a cada momento em grande alvoroço para informar que “O Chanceler do Tesouro chegou” e para conseguir copos de conhaque e água para sustentá-los durante a votação; as pessoas que pediram o jantar, desfazem o pedido e se preparam para descer as escadas quando, de repente, ouve-se um sino tocar com tremenda violência e um grito de “Vo-ta-ção!” é ouvido pelos

corredores. É o suficiente; lá se vão os membros desordenadamente. O salão fica vazio em um instante; o ruído rapidamente desaparece; você ouve o rangido da última bota no último degrau e fica sozinho com o leviatã dos bifes de alcatra.

JANTARES PÚBLICOS

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (7 de abril de 1835)

Todos os jantares públicos em Londres, desde o banquete anual do lorde prefeito em Guildhall, até as comemorações dos limpadores de chaminés na taverna White Conduit House;^[92] dos ourives aos açougueiros, dos xerifes aos viticultores licenciados; são cenas divertidas. De todos os entretenimentos desta descrição, contudo, achamos que o jantar anual de alguma instituição de caridade pública é o mais divertido. Num jantar de empresas, as pessoas são quase todas iguais – veteranos regulares, que fazem disso uma questão de negócios e algo do qual não se deve rir. Num jantar político, todo mundo fica desagradável e inclinado a discursar – praticamente a mesma coisa, aliás; mas num jantar de caridade você vê pessoas de todos os tipos, classes e descrições. O vinho pode não ser muito especial, com certeza, e ouvimos alguns monstros de coração duro resmungarem na hora da coleta do dinheiro; mas realmente achamos que a diversão derivada da ocasião é suficiente para contrabalançar até mesmo essas desvantagens.

Suponhamos que você seja induzido a comparecer a um jantar com esta descrição – “Instituição Benevolente de Amigos dos Órfãos Indigentes”, ou algo assim. O nome da instituição de caridade tem uma ou duas linhas a mais, mas não importa o resto. Você tem uma lembrança nítida, entretanto, de que adquiriu uma subscrição a pedido de algum amigo caridoso: e se deposita em uma carruagem de aluguel, cujo cocheiro – sem dúvida que você pode fazer a coisa com estilo – faz ouvidos moucos às suas súplicas sinceras para ser deixado na esquina de Great Queen Street, e persiste em levá-lo até a entrada principal de Freemasons’ Hall,^[93] em torno da qual uma multidão de pessoas está reunida para testemunhar a entrada dos amigos dos órfãos indigentes. Você ouve grandes suposições enquanto paga a entrada, sobre a possibilidade de você ser o nobre Lorde anunciado para ocupar a cadeira na ocasião, e fica muito satisfeito ao saber que eventualmente decidem que você é apenas um “cantor”.

A primeira coisa que chama a atenção, ao entrar, é a surpreendente importância dos convidados. Você observa uma porta no primeiro patamar, cuidadosamente guardada por dois recepcionistas, para dentro e para fora da qual correm cavalheiros corpulentos com rostos muito vermelhos, com um grau de velocidade altamente impróprio para a gravidade das pessoas de sua idade e corpulência. Você faz uma pausa, bastante alarmado com a agitação e pensando, em sua inocência, que pelo menos duas ou três pessoas devem ter sido levadas para fora do salão de jantar aos trancos e barrancos. Mas você é imediatamente alertado por um dos recepcionistas de que deve ir “lá pra cima, por favor, *sir*; esta é a sala dos convidados especiais”. Você sobe as escadas, respectivamente; perguntando-se, enquanto sobe, quais podem ser as funções desses convidados e se eles fazem alguma coisa além de confundir uns aos outros e atropelar os garçons.

Tendo guardado seu chapéu e sua capa, e recebido em troca um pedaço de cartolina notavelmente pequeno (que, naturalmente, você perde, antes de precisar dele novamente), você entra no salão, onde há três longas mesas para os convidados menos ilustres e outra, colocada sobre uma plataforma elevada numa extremidade superior para recepção dos amigos muito especiais dos órfãos indigentes. Tendo a sorte de encontrar um prato sem o nome de ninguém escrito em um cartão, você sabiamente se senta imediatamente e tem um pouco de tempo livre para olhar ao seu redor. Garçons, com cestos de vinho nas mãos, colocam garrafas de xerez nas mesas, a distâncias muito respeitáveis; saleiros de aparência melancólica e galhetas de vinagre deteriorados, que poderiam ter pertencido aos pais dos órfãos indigentes em sua época, estão espalhados em intervalos distantes sobre a toalha de mesa; e as facas e os garfos parecem ter cumprido o seu dever em todos os jantares públicos em Londres desde a ascensão de George I. Os músicos estão desafinando, arranhando e se contorcendo tremendamente – não tocando qualquer música, mas notas de preparação; e vários cavalheiros deslizam pelas laterais das mesas, olhando prato após prato com uma ansiedade frenética, a expressão de seus semblantes ficando cada vez mais sombria à medida que se deparam com os cartões de todos, menos o seu.

Você se vira para dar uma olhada na mesa atrás de você e – não tendo o hábito de comparecer a jantares públicos – fica um tanto impressionado com a aparência do grupo no qual seus olhos pousam. Um de seus principais membros é um homem pequeno, com um rosto comprido e um tanto inflamado, e cabelos grisalhos penteados para cima na frente; ele usa um lenço de seda preta em volta do pescoço, sem nenhuma presilha, como se fosse uma tentativa de gravata, e seus companheiros o chamam pelo conhecido nome de “Fitz”, ou algum monossílabo semelhante. Perto dele está um homem corpulento, de

lenço branco e colete amarelo, com cabelos escuros e brilhantes, cortados bem curtos na frente, e um rosto grande, redondo e de aparência saudável, no qual preserva cuidadosamente um sorriso meio sentimental. Ao lado dele, novamente, está um homem de cabeça grande, cabelos pretos e bigodes espessos; e em frente deles estão dois ou três outros, um dos quais é uma pessoa pequena, de rosto redondo, de traje formal e colete azul. Há algo peculiar em seu ar e maneiras, embora dificilmente você possa descrever o que é; você não pode se livrar da ideia de que eles vieram para algum outro propósito que não apenas comer e beber. Você, contudo, não tem tempo para debater o assunto, pois os garçons (que estavam postados em filas ao longo do salão, colocando os pratos sobre as mesas) retiram-se para a extremidade inferior; o homem soturno de casaca azul e botões brilhantes, que controla a direção da música, olha para a galeria e grita “banda!” em voz bem alta; irrompeu a orquestra, levantaram-se os visitantes, em marcha catorze banqueiros, cada um com um longo bastão na mão, como o gênio do mal numa pantomima; depois o presidente, depois os convidados especiais; todos eles sobem pelo salão, o mais rápido que podem, curvando-se, e sorrindo, e parecendo extremamente amáveis. Os aplausos cessam, os agradecimentos são proferidos, começa o barulho de pratos e travessas; e todos parecem muito satisfeitos, seja com a presença dos ilustres visitantes, seja com o início do tão esperado jantar.

Quanto ao jantar em si – o mero jantar – acontece da mesma forma em todos os lugares. As terrinas de sopa são esvaziadas com uma rapidez terrível – os garçons levam embora as travessas de linguado para colocar o molho de lagosta e trazem de volta as travessas de molho de lagosta, mas sem linguado; as pessoas que sabem trincar aves se sentem grandes tolas fazendo-o, e as pessoas que não o sabem não têm interesse em aprender. As facas e os garfos formam um acompanhamento agradável para a música de Auber,^[94] e a música de Auber seria um acompanhamento agradável para o jantar, se você pudesse ouvir alguma coisa além dos pratos. A refeição desaparece – fôrmas de gelatina desaparecem como um raio – os comedores saudáveis enxugam a testa e parecem um tanto vencidos pelos esforços recentes – pessoas que pareciam muito zangadas até agora tornam-se notavelmente brandas e convidam você para tomar um vinho – velhos senhores dirigem sua atenção para a galeria das damas^[95] e fazem um grande esforço para impressioná-los com o fato de que a caridade é sempre favorecida de maneira peculiar nesse aspecto – todos parecem dispostos a se tornar faladores – e o zumbido da conversa é alto e geral.

“Por favor, silêncio, senhores, por favor, para a ação de graças!” grita o mestre-de-cerimônias com pulmões estrondosos – vestindo,

aliás, um peitilho de mestre-de-cerimônias, colete e gravata – as três peças sempre exibem tons distintos de um branco turvo. – “Vamos rezar, silêncio, senhores. Vamos dar graças!” Os cantores, que você descobre não serem outros senão o mesmo grupo que a princípio despertou sua curiosidade, depois de “ajustar” suas vozes imediatamente começam a cantar um trá-lá-lá de forma sombria, em que os veteranos regulares explodem em gritos ocasionais de: “Psiu... psiu... garçons! Silêncio, garçons... fiquem parados, garçons... afastem-se, garçons,” e outros exorcismos, proferidos em tom de protesto indignado. A graça logo é concluída e o grupo retoma seus assentos. A parcela não iniciada dos convidados aplaude a reza com tanta veemência como se fosse uma canção cômica, para grande escândalo e indignação dos comensais regulares, que imediatamente tentam reprimir essa aprovação sacrílega, com gritos de “Silêncio, silêncio!” ao que os outros, confundindo esses sons com assobios, aplaudem de forma mais tumultuada do que antes e, para colocar a sua aprovação fora de qualquer possibilidade de dúvida, gritam “Bis, bis!” mais veementemente.

No momento em que o barulho cessa, o brinde começa: – “Cavalheiros, encham suas taças, por favor!” Distribuídas as garrafas e cheias as taças, o mestre-de-cerimônias prossegue, falando pausadamente: “Cavalheiros – suas – taças – estão cheias? Façam silêncio, senhores, que aí vem o pre-si-den-te!” O presidente levanta-se e, depois de afirmar que considera desnecessário prefaciá-lo o brinde que vai propor, com quaisquer observações que sejam, vagueia num labirinto de frases e tropeça da maneira mais extraordinária, apresentando um lamentável espetáculo de humanidade mistificada, até chegar às palavras, “soberano constitucional destes reinos”, às quais cavalheiros idosos exclamam “Bravo!” e martelam tremendamente a mesa com os cabos das facas. “Sob todas as circunstâncias, este momento deve encher o rei de orgulho, lhe daria o maior prazer – e poderia até dizer, dar-lhe-ia satisfação [irrompem aplausos] propor este brinde. Quais não devem ter sido os seus sentimentos, então, quando teve a satisfação de anunciar que recebeu a autorização do Tesouro Real de fazer a doação anual real da quantia de 25 libras em ajuda aos fundos desta instituição de caridade!” Este anúncio (que tem sido feito regularmente por todos os presidentes, desde a fundação da primeira instituição de caridade, há quarenta e dois anos) suscita os mais veementes aplausos; o brinde é feito com muitos aplausos e batidas; e “Deus salve a Rainha”^[96] é cantado pelos “cavalheiros profissionais”; os cavalheiros não profissionais juntam-se ao coro e dão ao hino nacional um efeito que os jornais, com grande justiça, descrevem como “eletrizante”.

Feitos os demais brindes “leais e patrióticos” com todo o

entusiasmo, uma canção cômica bem cantada pelo cavaleiro de gravatinha e uma sentimental pelo segundo grupo, chegamos ao brinde mais importante da noite: “Prosperidade à caridade.” Aqui, novamente, somos obrigados a adotar a fraseologia jornalística e a expressar nosso pesar por termos sido “impedidos de fornecer até mesmo a substância das observações do senhor lorde”. Basta dizer que o discurso, que é um dos mais longos, é recebido com entusiasmo; e depois de feito o brinde, os banqueiros (parecendo mais importantes do que nunca) saem do salão e logo retornam, liderando uma procissão de órfãos indigentes, meninos e meninas, que andam pelo salão, fazendo medidas e reverências, e pisando nos calcanhares uns dos outros, e parecendo querer uma taça de vinho cada um, para grande satisfação de todos os presentes, e especialmente das damas patronas da galeria. *Saem* as crianças e entram novamente os banqueiros, cada um com uma bandeja azul na mão. A banda toca uma música animada; a maior parte dos convidados coloca as mãos nos bolsos e parece bastante séria; e o barulho das moedas de ouro, chocalhando na louça, é ouvido em todas as partes do salão.

Após um breve intervalo, ocupado por canções e brindes, o secretário coloca os óculos e passa a ler o relatório e a lista de subscrições, esta última sendo ouvida com grande atenção. “Sr. Smith, um guinéu^[97] – Sr. Tompkins, um guinéu – Sr. Wilson, um guinéu – Sr. Hickson, um guinéu – Sr. Nixon, um guinéu – Sr. Charles Nixon, um guinéu – [hurra, hurra!] – Sr. James Nixon, um guinéu – Sr. Thomas Nixon, uma libra [aplausos ensurdecedores]; Lorde Fitz Binkle, o presidente do dia, em contemplação a uma doação anual de quinze libras, trinta guinéus [prolongado alvoroço: vários cavalheiros batem suas taças de vinho na mesa, na veemência de sua aprovação]. *Lady* Fitz Binkle, em contemplação a uma doação anual de dez libras, vinte libras [saudações prolongadas e gritos de ‘Bravo!’].” Terminada a lista, o presidente se levanta e propõe à saúde do secretário, já que não conhece indivíduo mais zeloso ou estimável. O secretário, em agradecimento, observa que *ele* não conhece pessoa de mais excelência do que o presidente – exceto o secretário-mor da instituição de caridade, a cuja saúde *ele* propõe um brinde. O secretário-mor, em agradecimento, observa que *ele* não conhece homem mais digno do que o secretário – exceto o Sr. Walker, o auditor, a cuja saúde *ele* propõe um brinde. O Sr. Walker, em agradecimento, descobre algum outro indivíduo estimável, ao qual somente o secretário-mor é inferior – e assim eles continuam brindando, elogiando e agradecendo. O único outro brinde importante é feito à “senhora patronesse aqui presente!”, fazendo com que todos os cavalheiros voltem os olhos para a galeria das damas, gritando tremendamente; e homenzinhos pedantes, que beberam mais vinho do que o normal, beijam as mãos

da senhora e exibem contorções angustiantes no rosto, na firme convicção de estarem flertando.

Prolongamos tanto nosso jantar que mal temos tempo de acrescentar uma palavra a título de graça. Podemos apenas pedir aos nossos leitores que não imaginem, só porque tentamos extrair alguma diversão de um jantar de caridade, que com isso queremos menosprezar, seja a excelência das instituições benevolentes que abundam em Londres, ou os motivos estimáveis daqueles que as apoiam.

O PRIMEIRO DE MAIO

Publicado pela primeira vez como "A Little Talk about Spring, and the Sweeps" na coletânea *The Library of Fiction, or Family Storyteller*, No. 3 (31 de maio de 1836)

“Agora, senhoras, lá em cima no sótão: apenas uma vez por ano, por favor!”

Moça segurando uma concha de latão^[98]

“Limpador – limpador – lim-pa-dor!”

Propaganda de ordem ilegal^[99]

Primero de Maio!^[100] Há um frescor alegre nessas palavras, trazendo à nossa mente milhares de pensamentos sobre tudo o que é agradável por natureza e belo em sua forma mais encantadora. Que homem existe sobre cuja mente uma brilhante manhã de primavera não exerce uma influência mágica – transportando-o de volta aos dias de suas brincadeiras infantis e evocando diante dele o velho campo verde com suas árvores balançando suavemente e pássaros cantando como nunca se ouviu até então – onde a borboleta esvoaçava muito mais alegremente do que agora, em todas as suas divagações – onde o céu parecia mais azul, e o sol brilhava com mais intensidade – onde o ar soprava mais fresco sobre a grama mais verde, e flores com cheiro mais doce – onde tudo tinha uma tonalidade mais rica e brilhante do que agora! Tais são os sentimentos profundos da infância, e tais são as impressões que cada objeto encantador imprime em seu coração! O viajante corajoso vagueia pelo labirinto de florestas densas e inexploradas, onde os raios do sol nunca brilharam e o ar puro do céu nunca tocou; ele fica à beira da cachoeira estrondosa e, tonto e perplexo, observa a massa espumosa enquanto ela salta de pedra em pedra e de penhasco em penhasco; ele permanece nas planícies férteis de uma terra de sol perpétuo e deleita-se com o luxo de seu hálito agradável. Mas o que são as florestas profundas, ou as águas trovejantes, ou as paisagens mais ricas que a natureza abundante já

espalhou, para encantar os olhos e cativar os sentidos do homem, em comparação com a lembrança das antigas cenas de sua juventude? Cenas mágicas, de fato; pois as fantasias da infância os vestiram com cores mais brilhantes que o arco-íris, e quase tão fugazes!

Antigamente, a primavera trazia consigo não apenas associações como essas, ligadas ao passado, mas também folguedos e jogos do presente – danças alegres em torno de pilares rústicos, adornadas com emblemas da estação e criadas em homenagem à sua chegada. Onde estão agora? Ainda temos os pilares, mas já não são rústicos; e quanto aos dançarinos, eles estão acostumados com salões e luzes, e não ficariam bem ao ar livre. Pense também na imoralidade! O que diriam os seus entusiastas sabáticos, a um círculo aristocrático circundando a coluna do duque de York em Carlton Terrace^[101] – uma grande *poussette*^[102] da classe média, em torno do monumento a Alderman Waithman em Fleet Street^[103] –, ou de uma ciranda geral de chefes de família ao pé do Obelisco nos campos de St. George?^[104] Infelizmente! o romantismo não consegue resistir ao ato de rebelião; e a simplicidade bucólica não é compreendida pela polícia.

Bem; há muitos anos, tornamo-nos um tipo de pessoa firme e prosaica. Como dançar na primavera estava abaixo de nossa dignidade, desistimos de fazê-lo e, com o passar do tempo, o costume desceu às classes dos limpadores de chaminés – uma queda certamente, porque, embora os limpadores sejam companheiros muito bons à sua maneira e, além disso, muito úteis numa comunidade civilizada, eles não são exatamente o tipo de pessoa que dá o tom às pequenas elegâncias da sociedade. Os limpadores, no entanto, ficaram com a dança para si, cuidando de sua tradição. Este foi um duro golpe para o romantismo que envolve a estação da primavera, mas também não o destruiu totalmente; pois uma parte dele foi mantido pelos limpadores através da dança, tornando-os objeto de grande interesse. Um mistério pairava sobre os limpadores daquela época. Existiam lendas de cavalheiros ricos que perderam filhos e que, após muitos anos de tristeza e sofrimento, os encontraram na forma de limpadores de chaminés. Havia histórias sobre um jovem que, tendo sido tirado dos pais na infância e dedicado à profissão de limpador de chaminés, foi enviado, no decorrer de sua carreira profissional, para limpar a chaminé do quarto de sua mãe; e como, sentindo calor e cansaço ao sair da chaminé, ele se deitou na cama em que tantas vezes dormiu quando criança, e foi descoberto e reconhecido ali por sua mãe, que uma vez a cada ano de sua vida, a partir de então, solicitava o prazer da companhia de cada um dos limpadores de Londres, à uma e meia da tarde, para comer rosbife, pudim de ameixa, tomar cerveja preta e receber seis *pence* como gorjeta.

Histórias como essas, e havia muitas delas, lançavam um ar de

mistério em torno dos limpadores e produziam neles alguns daqueles bons efeitos da doutrina que pregam que os animais provêm da transmigração das almas. Ninguém (exceto os senhores) pensava em maltratar um limpador, porque ninguém sabia quem ele poderia ser, ou que filho de nobre ou de cavalheiro poderia vir a ser. A limpeza de chaminés era, por muitos adeptos do mundo sobrenatural, considerada uma espécie de período probatório, num período anterior ou posterior ao qual vários jovens nobres adquiririam a sua posição e títulos: e a profissão era exercida por eles com grande respeito.

Lembramos, quando em nossa juventude, de um pequeno garoto da nossa idade, com cabelos cacheados e dentes brancos, que acreditávamos devota e sinceramente ser o filho perdido e herdeiro de algum ilustre senhor – impressão que se transformou em uma convicção imutável em nossa mente infantil. O sujeito de nossas especulações nos informou, um dia, em resposta à nossa pergunta, proposta alguns momentos antes de sua subida ao topo da chaminé da cozinha, “que ele acreditava ter nascido nos *vorviks*,^[105] mas nunca conheceu seu pai”. Tínhamos certeza, a partir de então, de que um dia ele se tornaria um lorde. Nunca ouvimos tocar os sinos da igreja, nem vimos uma bandeira hasteada na vizinhança, sem pensar que o feliz acontecimento havia finalmente ocorrido, e que seu pai, há muito desaparecido, havia chegado em uma carruagem puxada por seis cavalos para levá-lo para casa, em Grosvenor Square.^[106] Ele nunca veio, entretanto; e, no momento, o jovem cavalheiro em questão é chefe dos limpadores de chaminés nas vizinhanças de Battle Bridge,^[107] sendo suas características distintivas uma decidida antipatia por tomar banho e a posse de um par de pernas muito inadequadas para suportar seu corpo pesado e desajeitado.

Tendo desaparecido o romantismo da primavera, estávamos ansiosos para nos consolar da melhor maneira possível com a incerteza que envolvia o nascimento e a ascendência de seus dançarinos assistentes, os limpadores de chaminés; e nós nos *consolamos* com isso por muitos anos. Mas, mesmo esta perversa fonte de conforto recebeu um choque do qual nunca se recuperou – um choque que foi na realidade o seu golpe mortal. Não podíamos disfarçar de nós mesmos o fato de que famílias inteiras de limpadores nasciam regularmente de limpadores de chaminés, nos distritos rurais de Somers Town e Camden Town – que o filho mais velho sucedia o pai no negócio, que os irmãos o ajudavam e começavam a trabalhar por conta própria; que seus filhos, novamente, eram educados na mesma profissão; e que sobre suas identidades não poderia haver nenhuma dúvida. Não podíamos fechar os olhos a essa verdade melancólica, mas, no entanto, nunca chegamos admiti-la e vivemos durante alguns anos num estado de ignorância voluntária. Fomos despertados de nosso sono agradável por

certas insinuações sombrias lançadas por um amigo nosso, no sentido de que as crianças nas classes mais baixas da vida estavam começando a *escolher* o limpador de chaminés como sua atividade específica; que vários rapazes fizeram pedidos às autoridades constituídas, para lhes permitir prosseguir o objeto da sua ambição com o pleno consentimento e sanção da lei; que o caso, em suma, estava se tornando um mero contrato legal. No início, fizemos ouvidos moucos a esses rumores, mas lenta e seguramente eles se apoderaram de nós. Mês após mês, semana após semana, ou melhor, dia após dia, finalmente, encontramos relatos de aplicações semelhantes. O véu foi removido, todo o mistério chegou ao fim e a limpeza de chaminés tornou-se uma atividade favorita e privilegiada. Não há mais ocasião para raptar meninos; pois os meninos se aglomeram em multidões para conseguir o serviço. O romantismo do tráfico de crianças desapareceu, e o limpador de chaminés de hoje não se parece mais com o de trinta anos atrás, assim como um batedor de carteiras da Fleet Street com um bandoleiro espanhol, ou Paul Pry com Caleb Williams.^[108]

Essa decadência gradual e desuso da prática de levar jovens nobres ao cativoiro e obrigá-los a subir pelas chaminés foi um duro golpe, se assim podemos falar, para o romantismo da limpeza de chaminés e, ao mesmo tempo, para o romantismo da primavera. Mas mesmo isso não foi tudo, pois há alguns anos atrás as danças no Primeiro de Maio começaram a declinar; observou-se que pequenos limpadores se reuniam em grupos de dois ou três, sem o apoio de um “verde”,^[109] sem nenhum “milorde” para atuar como mestre-de-cerimônias e sem a “*milady*” para presidir o erário. Mesmo em companhias onde havia um “verde” ele era um nada absoluto – um mero acaso – e os acompanhamentos instrumentais raramente se estendiam além das pás e de um conjunto de flautas de Pã, mais conhecidas por muitos como “gaita”.

Esses foram os sinais dos tempos, presságios portentosos de uma mudança iminente; e qual foi o resultado que eles anteciparam? Ora, os mestres dos limpadores de chaminés, influenciados por um espírito inquieto de inovação, na verdade interpuseram a sua autoridade, em oposição à dança, e substituíram-na por um jantar – um jantar comemorativo na White Conduit House – onde rostos limpos apareceram em vez de rostos manchados de preto e calças com cordões à altura do joelho e paletós substituíram as ceroulas escuras e os sapatos com rosetas.

Cavalheiros que tinham o hábito de montar cavalos modestos e pessoas firmes desprovidas de ociosidade em suas almas elogiaram essa alteração aos céus, e a conduta dos mestres dos limpadores de

chaminés foi descrita além do alcance do elogio. Mas qual é a realidade? Que qualquer homem negue, se puder, que depois de a toalha ter sido removida, panelas e potes novos colocados sobre a mesa, e os costumeiros brindes leais e patrióticos propostos, o célebre Sr. Sluffen, de Adam and Eve Court,^[110] cuja autoridade nem o mais maligno de nossos oponentes pode questionar, expressou-se de maneira chula e confusa.^[111] Em seu discurso ele admitiu que as chaminés podem ser limpas tanto por máquinas quanto por meninos e reconheceu que o trabalho é bastante bárbaro para os garotos. Sendo, um “limpa-chaminés” há mais de trinta anos e tendo praticamente crescido dentro de uma chaminé, ele entendia por que os garotos gostavam de continuar fazendo “suas escaladas”. A partir desse dia, datamos a queda total do último remanescente das danças do Primeiro de Maio, entre a *elite* da profissão: e a partir desse período iniciamos uma nova era naquela parte das nossas associações primaveris que se relaciona com o Primeiro de Maio.

Estamos cientes de que a parte irrefletida da população nos encontrará aqui, com a afirmação de que as danças no Primeiro de Maio ainda continuam – que os “verdes” são vistos anualmente a vagar pelas ruas – que os jovens em trajes de palhaços precedem eles, dando vazão às ebulições de suas brincadeiras; e que lordes os seguem por toda parte.

Certo. Estamos prontos para reconhecer que, como espetáculo, essas procissões melhoraram muito: não negamos a introdução do solo dos tambores; chegaremos ao ponto de admitir uma fantasia ocasional sobre o triângulo, mas aqui terminam as nossas admissões. Negamos positivamente que os limpadores de chaminés tenham arte ou participem desses processos. Acusamos claramente os limpadores de jogar aquilo que deveriam limpar nos olhos do público. Acusamos varredores de rua, oleiros e cavalheiros que dedicam suas energias à linha de venda de mercadorias, de obter dinheiro uma vez por ano, sob falsos pretextos. Apegamo-nos com um carinho peculiar aos costumes de tempos passados e excluímos a convicção tanto quanto pudemos, mas ela se impôs sobre nós; e agora proclamamos a um público iludido que os dançarinos do Primeiro de Maio *não* são limpadores de chaminés. O tamanho deles, por si só, é suficiente para repudiar a ideia. É um fato notório que o gosto amplamente difundido pelos fogões com registo aumentou materialmente a procura por rapazes pequenos; enquanto os homens, que hoje em dia, sob um caráter fictício, dançam pelas ruas no Primeiro de Maio, ficariam presos na chaminé da cozinha, para não falar da sala de estar. Esta é uma forte evidência presumível, mas temos provas positivas – a evidência dos nossos próprios sentidos. E aqui está o nosso testemunho.

Na manhã do dia dois de maio,^[112] no ano do Nosso Senhor Jesus Cristo de 1836, saímos para passear, com uma espécie de esperança perdida de ver alguma coisa que pudesse nos induzir a acreditar que era realmente primavera e não Natal. Depois de vagarmos até a Copenhagen House,^[113] sem encontrar nada que pudesse dissipar nossa impressão de que havia um erro nos almanaques, voltamos pela Maiden Lane,^[114] com a intenção de passar pelo extenso bairro de colonos situado entre ela e Battle Bridge, que é habitada por proprietários de carroças puxadas por burros, caldeireiros de carne de cavalo, oleiros e catadores de cinzas. Teríamos atravessado esse bairro, sem paradas ou interrupções, se uma pequena multidão reunida em torno de uma choupana não tivesse atraído nossa atenção e nos induzido a parar.

Quando dizemos “choupana”, não nos referimos ao edifício do tipo conservatório, que, segundo a velha canção, o Amor viveu quando era jovem,^[115] mas a uma casa de madeira com janelas cheias de retalhos e papel, e uma pequeno quintal ao lado, com um carrinho de limpeza, dois cestos, algumas pás e pequenos montes de cinzas e fragmentos de porcelana e azulejos espalhados por todo lado. Diante deste local convidativo fizemos uma pausa; e quanto mais olhávamos, mais nos perguntávamos que circunstância excitante poderia ser aquela que induziu os membros mais destacados da multidão a encostar o nariz na janela da sala, na vã esperança de vislumbrar o que estava acontecendo lá dentro. Depois de olharmos vagamente ao nosso redor por alguns minutos, perguntamos, sobre os motivos daquele ajuntamento, para um cavalheiro que vestia um impermeável e fumava cachimbo à nossa direita; mas como a única resposta que obtivemos foi uma pergunta divertida sobre se nossa mãe havia se desfeito de sua máquina de lustrar; decidimos, então, aguardar a solução da questão em silêncio.

Julgue nossa indignação virtuosa, quando a porta da choupana se abriu e dela saiu um grupo, vestido com fantasias e simulando a aparência de limpadores de chaminés do Primeiro de Maio!

A primeira pessoa que apareceu foi “milorde”, vestindo um paletó azul com botões brilhantes, com papel dourado pregado nas costuras, calças amarelas até os joelhos, meias de algodão e sapatos cor-de-rosa; um chapéu armado, ornamentado com pedaços de papel de várias cores, um *buquê* do tamanho de uma couve-flor premiada na lapela, um longo lenço Belcher^[116] na mão direita e uma bengala fina na esquerda. Um murmúrio de aplausos percorreu a multidão (que era composta principalmente por amigos pessoais de sua excelência), quando esta figura graciosa apareceu, que se transformou em uma explosão de aplausos quando sua bela parceira na dança saltou para se

juntar a ele. A senhora usava um vestido de crepe cor-de-rosa – que mais lembrava uma cortina –, com um corpete baixo e mangas curtas. A simetria dos tornozelos estava parcialmente escondida por um par de calças com babados muito perceptível; e a inconveniência que poderia ter resultado do fato de seus sapatos de cetim branco serem alguns números maiores que seu pé foi evitada pelo fato de eles estarem firmemente presos aos seus tornozelos por fortes tiras de sandálias.

Sua cabeça estava ornamentada com uma profusão de flores artificiais; e na mão ela carregava uma grande concha de latão, onde recebia as moedas, que ela figurativamente denominava de “latinhas”. Os outros personagens eram um jovem cavalheiro com roupas de mulher e uma touca de viúva; dois palhaços que andavam com as mãos na lama, para deleite incomensurável de todos os espectadores; um homem com um tambor; outro homem com um flajolé; uma mulher imunda usando um imenso xale, com uma caixa debaixo do braço para o dinheiro – e por último, mas não menos importante, o “verde”, personificado por ninguém menos que nosso conhecido amigo vestido na roupa impermeável.

O homem martelava o tambor, o flajolé chiava, as pás batiam, o “verde” rolava, lançando-se primeiro para um lado e depois para o outro; “*milady*” jogava o pé direito sobre o tornozelo esquerdo e o pé esquerdo sobre o tornozelo direito, alternadamente; “*milorde*” corria alguns passos à frente e batia com a cabeça no “verde”, e depois alguns passos para trás na ponta dos pés beirando a multidão, e então ia para a direita, e depois para a esquerda, e então se esquivava de “*milady*” contornando o “verde”; e finalmente passava o braço dela pelo dele e pedia aos meninos que gritassem, o que eles faziam vigorosamente – pois essa era a dança.

Passamos pelo mesmo grupo, acidentalmente, à noite. Nunca vimos um “verde” tão bêbado, um lorde tão briguento (não: nem na Câmara dos Lordes depois do jantar), uma dupla de palhaços tão melancólica, uma senhora tão enlameada, ou um grupo tão miserável.

Como o Primeiro de Maio decaiu! Quantos jogos alegres, como dançar em volta do Mastro de Maio,^[117] caíram em desuso; e não importa quão pouco pareça importar se eles foram perdidos ou não, quantos hábitos dissolutos e viciosos tomaram o seu lugar! Quanta alegria e simplicidade ociosa eles levaram consigo, e quanta degradação e aborrecimento deixaram para trás!

CASAS DE PENHORES E LOJAS NÁUTICAS

Publicado pela primeira vez no *Morning Chronicle* (15 de dezembro de 1834)

Quando afirmamos que as lojas de penhores são lugares estranhos e que, se uma história autêntica de seu conteúdo pudesse ser obtida, forneceria muitas páginas de diversão e muitas histórias melancólicas, é necessário explicar a classe de lojas às quais nós aludimos. Talvez, quando usarmos o termo “Loja de Penhores”, as mentes de nossos leitores imediatamente imaginem armazéns grandes e bonitos, exibindo uma longa perspectiva de mesas de jantar polidas à francesa, cômodas de jacarandá e lavabos de mogno, com uma vista ocasional de uma cama de quatro colunas e cortinas, e um primeiro plano apropriado de cadeiras de sala de jantar. Talvez imaginem que nos referimos a uma classe humilde de depósitos de móveis usados. Sua imaginação os levará então naturalmente àquela rua nos fundos de Long Acre, [118] que é composta quase inteiramente por lojas de moveis usados; onde você anda por bosques de móveis enganosos e de aparência vistosa, e onde a perspectiva é ocasionalmente animada por um tapete vermelho, azul e amarelo brilhante, adornado com a agradável imagem de um coche dos correios a toda velocidade, ou um estranho animal, supostamente destinado a parecer um cachorro, com uma massa de tecido de pelúcia na boca, que se parece vagamente com uma cesta de flores.

A propósito, este é um artigo tentador para jovens esposas nas classes mais humildes da vida, que têm uma sala no primeiro andar para mobiliar – elas estão perdidas em admiração e dificilmente sabem qual admirar mais. O cachorro é muito bonito, mas elas já têm um cachorro na melhor bandeja de chá e mais dois no aparador da lareira. Ademais, há algo tão gentil naquele coche dos correios; e os passageiros lá fora (todos de chapéu) dão um ar de realidade!

Os produtos aqui são adaptados ao gosto, ou melhor, aos meios, dos compradores de poucas posses. Encontramos algumas das mesas de Pembroke *aparentemente* mais bonitas que já foram vistas: a madeira é tão verde quanto as árvores do parque, e as folhas quase certamente

cairão no decorrer de um ano. Há também uma variedade muito extensa de camas de armar, feitas de madeira mesclada, e inúmeros exemplares daquela imposição básica à sociedade – um sofá-cama.

Uma cama dobrável é uma peça de mobília simples e honesta; pode se passar ligeiramente por um móvel de gavetas; e às vezes até se faz uma tentativa maluca de fazê-la passar por uma estante de livros; enfeite-a como quiser, no entanto, a cama dobrável parece desafiar o disfarce e insistir em que seja claramente compreendido que ela é uma cama dobrável, e nada mais – que ela é indispensavelmente necessária, e que sendo tão útil, ela desdenha de ser ornamental.

Quão diferente é o comportamento de um sofá-cama! Envergonhado de seu uso real, ele se esforça para parecer um artigo de luxo e delicadeza – uma tentativa na qual falha miseravelmente. Não tem nem a respeitabilidade de um sofá, nem as virtudes de uma cama; todo homem que mantém um sofá-cama em sua casa torna-se parte de uma fraude intencional e voluntária – questionamos se você poderia insultá-lo mais do que insinuando que você nutre a menor suspeita de sua verdadeira finalidade.

Para encerrar essa digressão, imploramos para dizer que nenhuma dessas classes de casas de penhores constitui o tema deste artigo. As lojas a que nos referimos são imensamente inferiores àquelas em cuja aparência exterior tocamos ligeiramente. Nossos leitores devem ter observado muitas vezes, em alguma rua secundária de um bairro pobre, uma pequena loja suja, expondo à venda o mais extraordinário e confuso amontoado de artigos velhos, desgastados e miseráveis, que bem se possa imaginar. Nossa admiração por eles terem sido comprados só será igualada por nosso espanto diante da ideia de serem novamente postos à venda. Numa tábua, ao lado da porta, estão colocados cerca de vinte livros – todos volumes ímpares; e tantas taças de vinho – todas com padrões diferentes; várias fechaduras, uma velha panela de barro cheia de chaves enferrujadas; dois ou três enfeites de lareira vistosos – rachados, é claro; os restos de um lustre, sem nenhum dos adereços; uma moldura redonda como um “O” maiúsculo, que já abrigou um espelho; uma flauta completa, com exceção de uma palheta do meio; um par de ferros de frisar; e um isqueiro. Em frente à vitrine, estão dispostas meia dúzia de cadeiras de espaldar alto, sem estofamento e com pernas quebradas; um armário de canto; duas ou três mesas de mogno bem escuro com abas retráteis pouco equilibradas; alguns potes de picles; alguns frascos cirúrgicos, com rótulos dourados e sem rolha; um retrato sem moldura de uma jovem que viveu por volta do início do século XIII, feito por um artista que nunca prosperou; uma série incalculável de miscelâneas de todos os tipos, incluindo garrafas e armários, trapos e ossos, telas de lareira e

aldravas de porta, ferros de passar, vestimentas e roupas de cama, uma luminária de corredor e uma porta de quarto. Imagine, além dessa massa incongruente, uma boneca negra com vestido branco, com dois rostos – um olhando para a rua e outro olhando para baixo, balançando-se no alto da porta; uma placa com a inscrição comprimida “Venda de produtos náuticos”,^[119] em letras brancas e esguias, cuja altura é estranhamente desproporcional à largura; e você tem diante de si exatamente o tipo de loja para a qual desejamos direcionar sua atenção.

Embora a mesma mistura heterogênea de coisas possa ser encontrada em todos esses locais, é curioso observar como alguns dos artigos menores expostos à venda – artigos de vestuário, por exemplo – marcam de forma verdadeira e precisa a personalidade de algumas regiões.

Veja Drury Lane e Covent Garden, por exemplo. São essencialmente áreas teatrais. Não há um garçom por perto que não seja, em maior ou menor grau, um personagem dramático. Os meninos de recado e os filhos dos lojistas são todos seres destinados ao palco: eles “decoram” peças em cozinhas dos fundos alugadas para esse fim e ficam horas diante de uma vitrine, contemplando um grande retrato do Sr. Fulano de Tal ou de qualquer outro, do Royal Coburg Theatre, “que esteve representando o papel de Tongo, o Traidor”.^[120] A consequência é que não há uma loja de artigos náuticos na vizinhança que não exiba à venda alguns artigos desbotados de elegância dramática, como três ou quatro pares de botas bufantes, sujas, com abas vermelhas viradas, até então usadas por um “quarto ladrão” ou “quinto indigente”; um par de espadas enferrujadas, algumas manoplas e certos ornamentos resplandecentes que, se fossem amarelos em vez de brancos, poderiam ser considerados placas de seguro dos escritórios Sun Fire.^[121] Existem várias dessas lojas nas ruas estreitas e nos pátios sujos, tantas delas perto dos teatros nacionais, e todas elas oferecem produtos tentadores dessa descrição, com a adição, talvez, de um vestido cor-de-rosa de senhora coberto de lantejoulas; grinaldas brancas, sapatos de palco e uma tiara brilhando como lâmpadas de ribalta. Eles foram comprados de alguns miseráveis supranumerários, ou atores de sexta categoria, e agora são oferecidos em benefício da nova geração, que, sob a condição de fazer certos pagamentos semanais, totalizando cerca de dez vezes o seu valor, podem aproveitar-se de tais barganhas desejáveis.

Tomemos um quarteirão muito diferente e apliquemo-lo ao mesmo teste. Olhe para um revendedor de produtos náuticos, naquele depósito de lixo, bebedeira e prostituição: ladrões, ostras, batatas assadas e salmão em conserva – Ratcliff Highway.^[122] Aqui, o

vestuário é todo náutico. Grosseiros casacos azuis com botões de madrepérola, chapéus de oleado, camisas rústicas de estampa xadrez e grandes calças de lona que parecem ter sido feitas para um par de corpos em vez de um par de pernas, são os produtos básicos. Depois, há grandes maços de lenços de bolso de algodão, em cores e padrões totalmente diversos e jamais vistos, com exceção daqueles nas costas das três jovens sem chapéu que acabaram de passar. A mobília é praticamente a mesma de outros lugares, com a adição de uma ou outra maquete de navio e algumas gravuras antigas de combates navais em molduras ainda mais antigas. Na vitrine estão algumas bússolas, uma pequena bandeja contendo relógios de prata em caixas malfeitas de papelão; há também alguns tipos de troféu e cigarreiras com tampas, ambos ornamentados com um navio, ou uma âncora, ou algo desse tipo. Um marinheiro geralmente penhora ou vende tudo o que possui antes de estar em terra por muito tempo e, se não o fizer, algum companheiro favorito gentilmente lhe poupa o trabalho. Em qualquer dos casos, há uma probabilidade equilibrada de que posteriormente ele compre inconscientemente as mesmas coisas por um preço mais elevado do que pagou inicialmente por elas.

Novamente: faça uma visita levando um desses objetos a outra parte de Londres, tão diferente desses dois lugares quanto eles entre si. Atravesse para o lado de Surrey e observe as lojas dessa descrição que podem ser encontradas perto da prisão de King's Bench e em The Rules.^[123] Quão diferentes são, e quão apropriadamente descrevem o declínio de certos habitantes infelizes desta parte da metrópole! A prisão e a negligência fizeram o seu trabalho. É aqui que as consequências da naturalização entre os depravados residentes da prisão dos devedores se tornam aparentes; velhos amigos os abandonaram; as lembranças da antiga prosperidade desapareceram; e com elas todos os pensamentos do passado e todos os cuidados com o futuro. Primeiro, relógios e anéis, depois sobretudo, casacos e todos os artigos de vestuário mais caros chegaram à casa de penhores. Esse recurso miserável fracassou finalmente, e a venda de algum artigo insignificante numa dessas lojas foi a única forma que restou de arrecadar um ou dois xelins, para satisfazer as exigências urgentes do momento. Penteadeiras e escrivatinhas, velhas demais para serem penhoradas, mas boas demais para se manter; armas, varas de pescar, instrumentos musicais, todos no mesmo estado; foram vendidos primeiro, e o sacrifício foi apenas ligeiramente sentido. Mas a fome deve ser saciada, e o que já se tornou um hábito pode ser facilmente utilizado quando surge uma emergência. Peças leves de vestuário, primeiro as do homem falido, depois as de sua esposa, por fim as de seus filhos, até mesmo as do caçula, foram separadas aos poucos. Lá estão elas, jogadas juntas descuidadamente até que um comprador se

apresente, velhas, remendadas e consertadas, é verdade; mas a marca e os materiais falam de dias melhores; e quanto mais velhas são, maior é a miséria e a penúria daqueles que outrora as usaram.

CASA DE PENHORES

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (30 de junho de 1835)

Dos numerosos receptáculos de miséria e angústia que infelizmente abundam nas ruas de Londres, talvez não haja nenhum que apresente cenas tão impressionantes como as casas de penhores. A própria natureza e descrição destes lugares fazem com que sejam pouco conhecidos, exceto pelos seres infelizes cuja devassidão ou infortúnio os leva a procurar o alívio temporário que tais casas oferecem. O assunto pode parecer, à primeira vista, nada convidativo, mas mesmo assim nos aventuramos nele, na esperança de que, no que diz respeito aos limites do nosso presente artigo, ele não apresente nada que desagrade até mesmo ao leitor mais exigente.

Existem algumas casas de penhores de descrição muito superior. Existem graus na penhora, como em tudo o mais, e as distinções devem ser observadas mesmo na pobreza. A aristocrática capa espanhola e a camisa plebeia de chita, o garfo de prata e o cadeado de ferro, a gravata de musselina e o lenço Belcher, mal se combinariam; assim, o melhor tipo de penhorista se autodenomina ourives e decora sua loja com belas bugigangas e joias caras, enquanto o mais humilde agiota anuncia corajosamente seu ofício e convida o público a visitá-lo. É com as casas de penhores desta última classe que temos de lidar. Seleccionamos uma para nosso propósito e nos esforçaremos para descrevê-la.

Esta casa de penhores está situada perto de Drury Lane, na esquina de uma praça, que oferece uma entrada lateral para acomodação dos clientes que desejam evitar a observação dos transeuntes ou a chance de serem reconhecidos pelo público na rua. É uma loja baixa, de aparência suja e empoeirada, cuja porta está sempre entreaberta de modo suspeito: meio convidativa, meio repelente ao visitante hesitante, que, se ainda não iniciado, examina um dos antigos broches de granada na vitrine por um ou dois minutos com uma ansiedade afetada, como se estivesse pensando em comprá-lo; e então, olhando cautelosamente ao redor para se certificar de que ninguém o observa,

entra apressadamente: a porta se fecha sozinha à sua passagem. A fachada da loja e os caixilhos apresentam marcas evidentes de terem sido pintados; mas qual era originalmente a cor, ou em que data provavelmente foi aplicada, continua a ser uma questão que, depois de tantos anos, é mais fácil de perguntar do que de responder. A tradição determinava há tempos que a transparência da porta da frente, que exibe à noite três esferas vermelhas sobre um fundo azul, apresentasse a inscrição, em letras graciosas, “Dinheiro em troca de prata, joias, roupas e todos os tipos de bens”, mas alguns hieróglifos ilegíveis são tudo o que resta agora para atestar o fato. A prataria e as joias parecem ter desaparecido, juntamente com o cartaz, pois os artigos de estoque, expostos com alguma profusão na montra, não incluem quaisquer itens luxuosos de qualquer espécie. Algumas velhas xícaras de porcelana; alguns vasos modernos, adornados com pinturas sórdidas de três cavaleiros espanhóis tocando violões; ou um grupo de camponeses farreando: cada camponês com uma perna dolorosamente elevada no ar, como forma de expressar sua perfeita liberdade e alegria; vários jogos de xadrez, duas ou três flautas, alguns violinos, um retrato de olhos redondos olhando atônito de um fundo muito escuro; alguns livros de orações e missais vistosamente encadernados, duas fileiras de relógios de prata tão desajeitados e quase tão grandes quanto o primeiro fabricado por Ferguson^[124]; numerosas colheres de mesa e de chá antiquadas, expostas em forma de leque, e em grupo de seis; colares de coral com grandes fechos dourados; placas cartonadas com anéis e broches, presos e etiquetados separadamente, como os insetos do Museu Britânico; porta-canetas e caixinhas de rapé de prata, com uma estrela maçônica, completam o departamento de joalheria; enquanto cinco ou seis camas manchadas e engorduradas, camadas de cobertores e lençóis, lenços de seda e algodão e roupas de todos os tipos constituem a parte mais útil, embora ainda menos ornamental, dos artigos expostos à venda. Uma extensa coleção de plainas, cinzéis, serras e outras ferramentas de carpinteiro, que foram penhoradas e nunca resgatadas, formam o primeiro plano da imagem; enquanto as grandes molduras cheias de trouxas etiquetadas, que são vagamente vistas através das janelas sujas do andar de cima – a vizinhança miserável – as casas vizinhas, esparsas, espremidas e podres, com uma ou duas cabeças imundas e de aparência nociva enfiadas para fora de cada janela, e velhas painéis vermelhas e plantas raquíticas expostas nos parapeitos cambaleantes, para o perigo manifesto das cabeças dos transeuntes – os homens barulhentos que vagam sob o arco na esquina da praça, ou perto da taverna vizinha – e suas esposas, pacientemente de pé no meio-fio, com grandes cestos de vegetais baratos pendurados em volta deles para venda, completam a cena.

Se o exterior da casa de penhores é calculado para atrair a atenção, ou excitar o interesse, do pedestre especulativo, o seu interior não pode deixar de produzir o mesmo efeito em maior grau. A porta da frente, que já notámos, abre-se para o interior da loja, que é o balneário de todos aqueles clientes cujo conhecimento habitual de tais cenas os torna indiferentes à observação dos seus companheiros de pobreza. A porta lateral abre-se para uma pequena passagem a partir da qual meia dúzia de portas (que podem estar fechadas pelo lado de dentro por ferrolhos) abrem-se para um número correspondente de pequenos quartos, ou armários, que ficam de frente para o balcão. Aqui, a parcela mais tímida ou respeitável do público se esconde da atenção do restante e espera pacientemente até que o cavalheiro atrás do balcão, com cabelo preto encaracolado, anel de diamante no dedo e duplas correntes de prata segurando o relógio de bolso, se sinta disposto a honrá-lo com sua atenção – uma consumação que depende consideravelmente do temperamento do referido cavalheiro naquele momento.

Esse indivíduo elegantemente vestido está a registar a duplicata que acabou de preencher, num grosso livro: processo do qual é ocasionalmente desviado, por uma conversa que mantém com outro jovem empregado de modo semelhante, a uma pequena distância dele, cujas alusões a “aquela última garrafa de soda na noite passada” e “como se sentiu quando a jovem mulher se aproximou dele” pareciam referir-se às consequências de alguma escapada amorosa ocorrida na noite anterior. Os clientes geralmente, no entanto, parecem incapazes de participar da diversão derivada dessa conversa, pois uma velha mulher de aparência pálida, que estava há meia hora apoiada com os dois braços no balcão com um pequeno embrulho à sua frente, de repente interrompe a conversa dirigindo-se ao balconista coberto de joias: “Agora, Sr. Henry, apresse-se, boa alma, pois meus dois netos estão trancados em casa e estou com medo de um possível incêndio.” O balconista levanta ligeiramente a cabeça, com ar de profunda abstração, e retoma a anotação com tanta cautela como se estivesse entalhando. “A senhora está com pressa esta noite, não é mesmo, Sra. Tatham?” – a única resposta que ele se digna a dar depois de um intervalo de cinco minutos ou mais. “Sim, estou mesmo, Sr. Henry; agora, atenda-me, seja gentil. Eu não te incomodaria, só que as crianças não param de me preocupar.” “O que temos aqui?” – pergunta o lojista, desembulhando a trouxa – “coisas antigas, suponho: um par de espartilhos e uma anágua. A senhora devia trazer outra coisa. Não posso lhe emprestar nada por eles; eles estão completamente desgastados a essa altura, de tanto colocá-los e tirá-los, três vezes por semana. “Oh! você é um malvado, isso sim”, responde a velha, rindo muito, como se estivesse sido pega de

surpresa; “Eu gostaria de ter o dom da palavra como você; provavelmente não estaria empenhando minhas coisas com tanta frequência! Não, não; não é uma anágua; é um vestido de criança e um lindo lenço de seda, que pertence ao meu marido. Ele pagou quatro xelins por ele, no mesmo abençoado dia em que quebrou o braço.” – “Quanto quer por isso? pergunta o Sr. Henry, olhando ligeiramente para os artigos, que com toda probabilidade são velhos conhecidos. “Quanto quer por isso?” – “Dezoito *pence*.” – “Emprestolhe nove *pence*” – “Ah, me dê um xelim; seja generoso... sim?” – “Nenhum centavo a mais.” – “Bem, suponho que vou ter de aceitar isso mesmo.” A duplicata é emitida, um bilhete afixado no pacote e o outro entregue à velha; o pacote é jogado descuidadamente em um canto, e algum outro cliente se apresenta para que seja atendido sem mais demora.

A escolha recai sobre um sujeito com a barba por fazer, sujo e de aparência embriagada, cujo tapa-olho de papel manchado, colado negligentemente sobre um dos olhos, comunica uma expressão adicionalmente repulsiva ao seu semblante pouco convidativo. Ele estava desfrutando de um pouco de relaxamento de sua vida sedentária havia quinze minutos, quando chutou sua esposa pela praça. Ele veio para resgatar algumas ferramentas: – provavelmente para completar um trabalho, pelo qual já recebeu algum dinheiro, se seu semblante inflamado e seu ar de embriagado puderem ser tomados como prova do fato. Depois de esperar algum tempo, ele faz notar a sua presença descontando o seu mau humor num moleque esfarrapado que, não conseguindo por qualquer outro processo colocar o rosto ao nível do balcão, esforçou-se para subir, e depois enganchando-se com os cotovelos – uma posição instável, da qual ele cai em intervalos, geralmente pousando na ponta dos pés da pessoa que está ao seu lado. No presente caso, o infante recebe um tapa que o faz cambalear até a porta; e o autor do golpe é imediatamente objeto de indignação geral.

“Por que você bateu no garoto, seu bruto?” exclama uma mulher desalinhada, com dois ferros de passar roupa dentro de uma pequena cesta. “Acha que ele é sua esposa, seu mau-caráter?” “Vá e enforque-se numa árvore!” retruca o cavalheiro, com um olhar, ao mesmo tempo, ébrio e estúpido, visando um golpe na mulher e felizmente errando o alvo. “Vá e enforque-se; e espere até que eu venha e te esquarteje.” – “Me esquartejar?”, retruca a mulher, “Eu é que gostaria de esquartejar você, seu vagabundo! (falando alto.) Ah! seu grande vagabundo! (bem mais alto.) Onde está sua esposa, seu mau-caráter? (Mais alto ainda; as mulheres dessa classe são sempre solidárias e defendem ardorosamente qualquer causa que encontram.) Sua pobre e querida esposa, que é tratada pior que um cachorro... bater em uma mulher... você é um homem! (esganiçando) eu gostaria de pegar você... eu o

mataria, eu o mataria, mesmo se morresse para isso!” – “Agora seja civilizada”, retruca o homem ferozmente. “Seja civilizada, uma ova!” retorque a mulher com desdém. “Não é chocante?” ela continua, virando-se e apelando para uma velha senhora que está espiando por um dos pequenos armários que descrevemos anteriormente, e que não tem a menor objeção em participar do ataque, possuindo, como ela faz, a confortável convicção de que foi chamada para a briga. “Não é chocante, senhora?” – “Terrível!” responde a velha, sem saber exatamente a que se refere a pergunta. “Ele tem uma esposa, senhora, a quem gosta de mutilar, e é uma jovem tão industriosa e trabalhadora quanto pode ser, (falando rápido) que vive no quartinho dos fundos da casa, enquanto que meu marido e eu moramos no quarto da frente (falando com grande rapidez) – e às vezes o ouvimos bater nela quando ele chega em casa bêbado, ou a noite toda, e não apenas espancando ela, mas espancando os próprios filhos também, para deixá-la ainda mais infeliz – ah, sua besta! e ela, pobre criadora, não levanta a voz a ele, nem faz nada, porque ainda ama o desgraçado, apesar de tudo... que azar!” Aqui, enquanto a mulher fica completamente sem fôlego, o próprio penhorista, que acaba de aparecer atrás do balcão em uma roupa cinza, aproveita a oportunidade favorável para dizer uma palavra: “Agora, não quero saber desse tipo de coisa nas minhas instalações!” ele intervém com um ar de autoridade. “Sra. Mackin, fique quieta, ou não vou lhe dar nem quatro vinténs pelo ferro de passar roupa que a senhora trouxe; e Jinkins, deixe o canhoto aí até ficar sóbrio e mande sua esposa vir buscar as duas plainas, pois não quero mais você em minha loja; então suma, antes que eu suma com você!”

Este discurso eloquente produz tudo menos o efeito desejado; as mulheres protestam em conjunto; o homem responde de forma desaforada que está a ponto de conseguir uma hospedagem gratuita para passar a noite, quando entra sua esposa, uma mulher miserável e desgastada, aparentemente no último estágio de decadência, cujo rosto apresenta marcas evidentes de abuso recente, e cuja força parece não se equiparar ao fardo – bastante leve, só Deus sabe! – da magra e doente criança que ela carrega nos braços. O grosseirão logo direciona sua raiva covardemente na direção dela, que se mantém inabalada. “Venha para casa, querido”, grita a miserável criatura, em tom suplicante; “Venha para casa, lá você pode ficar à vontade e deitar-se em sua cama.” – “Vá para casa você”, responde o furioso rufião. “Venha para casa”, repete a esposa, desatando a chorar. “Vá você para casa”, retruca novamente o marido, reforçando seu argumento com um golpe que faz a pobre criatura sair correndo da loja. Seu “protetor natural” a segue pela praça, alternadamente dando vazão à sua raiva acelerando seu progresso e derrubando a pequena touca azul sobre o

rosto da infeliz criança, tornando-o ainda mais entristecido.

No último guichê, situado no canto mais escuro e obscuro da loja, consideravelmente afastado de qualquer um dos candeeiros a gás, estão uma jovem delicada de cerca de vinte anos e uma senhora idosa, evidentemente a sua mãe, pela semelhança entre as duas, que ficam um pouco atrás, como que para evitar a observação até do lojista. Não é a primeira visita a uma casa de penhores, pois respondem sem hesitação às perguntas habituais, feitas de maneira bastante respeitosa e num tom muito mais baixo do que o habitual, “Qual o seu nome? – “Estes objetos são seus, é claro?” – “Onde você mora?” – “Governanta ou inquilina?”. Negociam também um empréstimo mais elevado do que o comerciante está inicialmente inclinado a oferecer, o que um completo estranho não estaria disposto a fazer; e a mulher mais velha incita a filha, em sussurros quase inaudíveis, a exercer todos os seus poderes de persuasão para obter um adiantamento da soma e a discorrer sobre o valor dos artigos que trouxeram para levantar a quantia de que precisam. Há uma pequena corrente de ouro e uma meia aliança: propriedade da jovem, pois ambas são pequenas demais para a mãe; devem ter sido dadas à moça em tempos melhores; preservadas, talvez, uma vez, em memória do doador, mas entregues agora sem luta; pois a miséria endureceu a mãe, e seu exemplo endureceu a jovem, e a perspectiva de receber dinheiro, juntamente com a lembrança da miséria que ambas vêm suportando por falta dele – a frieza de velhos amigos – a recusa severa de alguns, e a compaixão ainda mais irritante de outros – parece ter obliterado a consciência da auto-humilhação, que a ideia da sua situação atual teria outrora despertado.

No guichê seguinte, está uma jovem, cujos trajas, miseravelmente pobres, mas extremamente vistosos, muito leves para enfrentar o frio, mas extravagantemente elegantes, revelam claramente sua posição. O rico vestido de cetim com seus enfeites desbotados, os sapatos finos e desgastados e as meias de seda cor-de-rosa, o chapéu de verão usado durante o inverno e o rosto encovado, onde uma mancha de ruge serve apenas como um índice para os estragos da saúde desperdiçada, jamais recuperada, e a felicidade perdida jamais restaurada, e onde o sorriso praticado é uma zombaria miserável da tristeza do coração, não pode ser enganado. Há algo na aparência de sua jovem vizinha, e na visão das pequenas bugigangas que ofereceu em penhor, que parece ter despertado na mente desta mulher alguma recordação adormecida, e que mudou, por um instante, todo o seu comportamento. Seu primeiro impulso precipitado foi inclinar-se para a frente, como se quisesse examinar mais minuciosamente a aparência de suas companheiras semiocultas; a seguir, ao vê-las desviar involuntariamente, recuou para o fundo do guichê, cobriu o rosto com

as mãos e começou a chorar.

Existem estranhas cordas no coração humano, que permanecerão adormecidas durante anos de depravação e maldade, mas que finalmente vibrarão devido a alguma pequena circunstância aparentemente trivial em si, mas conectada por alguma associação indefinida e indistinta, com dias passados que nunca poderão ser lembrados, e com lembranças amargas das quais a criatura mais degradada que existe não pode escapar.

Havia ainda outra espectadora, na pessoa de uma mulher dentro da loja; a mais baixa das mais baixas; suja, sem chapéu, exibicionista e desleixada. Sua curiosidade foi a princípio atraída pelo pouco que conseguia ver do grupo; então sua atenção. O olhar malicioso, meio de soslaio, mudou para uma expressão de algo parecido com interesse, e um sentimento semelhante ao que descrevemos apareceu por um momento, e apenas um momento, estendendo-se até mesmo ao seu peito.

Quem dirá quando essas mulheres poderão mudar de posição? A última tem apenas mais dois estágios – o hospital e o túmulo. Quantas mulheres situadas como suas duas companheiras – situação na qual ela certamente já esteve – terminarão seu curso de modo tão lamentável, da mesma maneira miserável! Uma delas já está seguindo seus passos com uma rapidez assustadora. Em quanto tempo a outra logo seguirá o mesmo caminho! Quantas não fizeram o mesmo!

PERSONAGENS

PENSAMENTOS SOBRE AS PESSOAS

Publicado pela primeira vez no *Evening Chronicle* (23 de abril de 1835)

É estranho a pouca atenção, boa, má ou indiferente, com que um homem pode viver e morrer em Londres. Ele não desperta simpatia no peito de nenhuma pessoa; sua existência não interessa a ninguém além de si mesmo; não se pode dizer que ele será esquecido quando morrer, porque ninguém se lembrou dele quando ele estava vivo. Há uma numerosa classe de pessoas nesta grande metrópole que parece não ter um único amigo e de quem ninguém parece se importar. Instados, em primeiro lugar, pela necessidade imperiosa, recorreram a Londres em busca de emprego e de meios de subsistência. É difícil, sabemos, romper os laços que nos unem aos nossos lares e amigos, e mais difícil ainda apagar as milhares de lembranças de dias felizes e de velhos tempos, que estão adormecidas em nosso peito há anos, e apenas acorrem à nossa mente, para trazer diante dela associações relacionadas com os amigos que nos restam, as cenas que provavelmente vimos pela última vez e as esperanças que uma vez acalentamos, mas que não podemos mais alimentar. Esses homens, porém, felizmente para si mesmos, há muito esqueceram tais pensamentos. Velhos amigos do interior morreram ou emigraram; ex-correspondentes perderam-se, como eles próprios, na multidão e na agitação de alguma cidade movimentada; e eles gradualmente se transformaram em meras criaturas passivas de hábitos e resistência.

Estávamos sentados em St. James's Park^[125] outro dia, quando nossa atenção foi atraída por um homem que imediatamente colocamos em nossa mente como sendo dessa classe de pessoas. Era um homem alto, magro e pálido, com um casaco preto, calça cinza surrada, polainas pequenas apertadas e luvas marrons de castor. Ele tinha um guarda-chuva em uma das mãos – não para usar, pois o dia estava bom – mas, evidentemente, porque sempre levava um para o escritório pela manhã. Ele andava de um lado para o outro diante do pequeno trecho de grama onde estavam colocadas as cadeiras para aluguel, não como se estivesse fazendo isso por prazer ou recreação, mas como se fosse

uma questão de compulsão, assim como ele caminhava até o escritório todas as manhãs vindo dos bairros mais remotos de Islington. Era segunda-feira; ele havia escapado por vinte e quatro horas da escravidão da escrivania; e estava caminhando aqui para se exercitar e se divertir – talvez pela primeira vez em sua vida. Estávamos inclinados a pensar que ele nunca havia tirado férias antes e que não sabia o que fazer consigo mesmo. As crianças brincavam na grama; grupos de pessoas perambulavam, conversavam e riam; mas o homem caminhava constantemente para cima e para baixo, desatento e sem ser notado, seu rosto magro e pálido parecendo incapaz de mostrar uma expressão de curiosidade ou interesse.

Havia algo nos modos e na aparência do homem que nos contava, imaginamos, toda a sua vida, ou melhor, todo o seu dia, pois um homem desse tipo é inconfundível. Pensamos ter quase visto o pequeno escritório sujo onde ele entra todas as manhãs, pendurando o chapéu no mesmo cabide e colocando as pernas debaixo da mesma mesa: primeiro, tirando aquele casaco preto que dura o ano inteiro, e vestindo aquele que cumpriu o dever no ano passado e que guarda na mesa para não gastar o outro. Ali ele fica sentado até as cinco horas da tarde, trabalhando, o dia todo, tão regularmente quanto o relógio acima da lareira, cujo tique-taque alto é tão monótono quanto toda a sua existência: só levanta a cabeça quando alguém entra no recinto, ou quando, no meio de algum cálculo difícil, olha para o teto como se houvesse inspiração na claraboia empoeirada com um nó verde no centro de cada vidraça. Por volta das cinco e meia, ele desce lentamente de seu banquinho habitual e, novamente, trocando o casaco, segue para seu restaurante de sempre, em algum lugar perto de Bucklersbury.^[126] O garçom recita os preços de maneira bastante confidencial – pois é um cliente regular – e depois de perguntar: “Qual é o melhor corte?” e “O que foi preparado por último?” ele pede um pratinho de rosbife com verduras e meia caneca de cerveja preta. Ele pede o prato do dia, porque as verduras custam um *penny* a mais que as batatas, e ele havia pedido “dois pães” ontem, com a enormidade adicional de “um queijo” anteontem. Resolvido esse ponto importante, ele pendura o chapéu – tirou-o no momento em que se sentou – e solicita o jornal ao cavalheiro do lado. Se conseguir lê-lo enquanto está jantando, vai comer com muito mais entusiasmo; equilibrando-o contra a garrafa de água, comendo um pedaço de carne e lendo uma ou duas linhas, alternadamente. Exatamente cinco minutos antes de completar a hora, ele tira um xelim do bolso, paga a conta, deposita cuidadosamente o troco no bolso do colete (primeiro deduzindo um *penny* para o garçom) e retorna ao escritório, de onde, se não for noite de receber correspondência de fora, ele sai novamente, em cerca de meia hora. Ele então caminha para casa, em seu ritmo habitual, até

seu quartinho nos fundos em Islington, onde toma chá; talvez consolando-se durante a refeição com a conversa do filhinho da senhoria, a quem de vez em quando recompensa com um *penny*, por resolver problemas em simples acréscimos. Às vezes, há uma ou duas cartas para levar ao seu empregador, em Russell Square;^[127] e então, o rico homem de negócios, ouvindo sua voz, grita da sala de jantar: “Entre, Sr. Smith” e o Sr. Smith timidamente, e desejando condescendentemente sentar-se, enfia cuidadosamente as pernas sob a cadeira e senta-se a uma distância considerável da mesa enquanto bebe o copo de xerez que lhe é servido pelo filho mais velho, e depois de bebê-lo, ele recua e desliza para fora da sala, num estado de agitação nervosa da qual não se recupera perfeitamente, até que se encontra mais uma vez em Islington Road. Pobres e inofensivas criaturas são esses homens; contentes, mas não felizes; de espírito quebrantado e humildes, eles podem não sentir dor, mas nunca sentem um momento de prazer.

Compare esses homens com outra classe de seres que, como eles, não têm amigos nem companheiros, mas cuja posição na sociedade é o resultado de sua própria escolha. Geralmente são senhores de cabeça branca e rosto vermelho, viciados em vinho do Porto e botas de Hesse,^[128] que por alguma causa, real ou imaginária – geralmente a primeira, a excelente razão é que são homens ricos e de relacionamentos pobres – ficam desconfiados de todos, e comportam-se como misantropos entre quatro paredes, tendo grande prazer em se considerarem infelizes, e fazendo de que todos que se aproximem, miseráveis. Você pode ver homens como esses em qualquer lugar; você os encontrará nos cafés pelas suas exclamações descontentes e pelo luxo de seus jantares; nos teatros, por estarem sempre sentados no mesmo lugar e olharem com olhar preconceituoso para todos os jovens que os rodeiam; na igreja, pela pomposidade com que entram e pelo tom alto com que repetem as orações; nas festas, irritando-se com o jogo de cartas e odiando a música. Um velho tipo desse terá seus aposentos esplendidamente mobiliados e colecionará em profusão livros, pratos e gravuras; não tanto para sua própria satisfação, mas para ser superior àqueles que têm o desejo, mas não os meios, de competir com ele. Ele pertence a dois ou três clubes e é invejado, lisonjeado e odiado pelos membros de todos eles. Às vezes ele será procurado por um parente pobre – um sobrinho casado talvez – para alguma pequena ajuda: e então ele declamará com honesta indignação sobre a imprevidência dos jovens casados, a inutilidade de uma esposa, a insolência de ter uma família, a atrocidade de se endividar com a renda de cento e vinte e cinco libras por ano e outros crimes imperdoáveis; encerrando suas exortações com uma revisão complacente de sua própria conduta e uma delicada alusão ao perdão paroquial. Ele morre, algum dia

depois do jantar, de apoplexia, tendo legado sua propriedade a uma sociedade bíblica, e a instituição ergue uma lápide em sua memória, expressando sua admiração por sua conduta cristã neste mundo, e sua confortável convicção de sua felicidade no além vida.

Mas, ao lado dos nossos amigos muito especiais, cavaleiros, cocheiros e auxiliares, que admiramos em proporção à sua fria imprudência e perfeito autocontrole, não há classe de pessoas que nos diverte mais do que os aprendizes londrinos. Eles não são mais um corpo organizado, obrigado por um pacto solene por aterrorizar os súditos de Sua Majestade rebatendo com bofetadas todas as vezes que se sentiam ofendidos. Eles estão agora vinculados apenas por contratos e, quanto à sua bravura, é facilmente contida pelo temor saudável à Nova Polícia^[129] e pela vista em perspectiva de uma cela úmida, terminando em um escritório de polícia e uma reprimenda. Eles ainda são, porém, uma classe peculiar, e não menos agradáveis por serem inofensivos. Será que alguém pode deixar de notá-los nas ruas no domingo? E já houve esforços tão inofensivos no grandioso e magnífico como os jovens exibem! Caminhamos pela Strand, há um ou dois domingos, seguindo um pequeno grupo; e eles nos divertiram durante todo o caminho. Eles tinham vindo de alguma parte da cidade; era entre três e quatro horas da tarde; e eles estavam a caminho do parque. Eram quatro, todos de braços dados, com luvas brancas de pelica como noivas, calças leves de estampas inéditas e casacos para os quais a língua inglesa ainda não tem nome – uma espécie de cruzamento entre casacão e um sobretudo, com a gola de um, a barra do outro e bolsos próprios.

Cada um dos rapazes carregava um grosso bastão, com uma grande borla no topo, que ocasionalmente girava graciosamente; e os quatro, parecendo tranquilos e despreocupados, caminhavam num passo de fanfarrão meio paralítico que parecia irresistivelmente ridículo. Um dos integrantes do grupo tinha um relógio do tamanho e formato de uma enorme maçã, enfiado no bolso do colete, que ele comparava cuidadosamente com os relógios da igreja de São Clemente e da Nova Igreja, o iluminado relógio de Exeter 'Change, o da Igreja de São Martinho e o da Guarda Montada.^[130] Quando finalmente chegaram em St. James Park, o membro do grupo que calçava as botas mais bem feitas, alugou uma segunda cadeira expressamente para seus pés e se jogou neste luxo de dois *pence* com um ar que nivelou todas as distinções entre Brookes's e Snook's, Crockford's e Bagnigge Wells.^[131]

Podemos rir dessas pessoas, porém elas nunca poderão despertar nossa raiva. Geralmente se dão bem consigo mesmas e isso é quase natural, de bom humor com todos ao seu redor. Além disso, são sempre o tênue reflexo de luzes superiores; e, se demonstram um

pouco de tolice ocasional em suas próprias pessoas, isso é certamente mais tolerável do que a presunção precoce do Quadrant,^[132] do dandismo bigodudo de Regent Street e Pall Mall, ou da galanteria em sua senilidade presente em toda parte.

UMA CEIA DE NATAL

Publicado pela primeira vez como "Festividades de Natal!"
no *Bell's Life in London* (27 de dezembro de 1835)

Época de Natal! O indivíduo deve ser realmente um misantropo, em cujo peito algo semelhante a um sentimento jovial não é despertado – em cuja mente algumas associações agradáveis não são despertadas – pela volta do Natal. Há pessoas que lhe dirão que o Natal não é para elas o que costumava ser; que cada Natal seguinte encontrava alguma esperança acalentada, ou perspectiva feliz, do ano anterior, esmaecida ou extinta; que o presente serve apenas para lembrá-los das circunstâncias reduzidas e dos rendimentos escassos – dos banquetes que uma vez concederam a amigos vazios e dos olhares frios que os encontram agora, na adversidade e no infortúnio. Nunca preste atenção a essas reminiscências sombrias. Existem poucos homens que viveram tempo suficiente no mundo, que não conseguem evocar tais pensamentos em nenhum dia do ano. Então não escolha o mais alegre dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano para suas tristes lembranças, mas aproxime sua cadeira do fogo ardente – encha o copo e recomecem a música – e se sua sala for menor do que era há doze anos, ou se o seu copo estiver cheio de ponche barato, em vez de vinho espumante, sorria para o assunto, e beba de um só trago. Depois, encha novamente o copo, e cante a velha cantiga que você costumava cantar, e agradeça a Deus não ser pior. Observe os rostos alegres de seus filhos (se houver) enquanto eles se sentam em volta da lareira. Um pequeno assento pode estar vazio; uma forma leve que alegrou o coração do pai e despertou o orgulho da mãe ao olhar pode não estar lá. Não pense no passado; não pense que há apenas um ano, a bela criança agora virando pó, sentou-se diante de você, com a flor da saúde em suas bochechas e a alegria da infância em seus olhos alegres. Reflita sobre suas bênçãos atuais – das quais todo homem tem muitas – e não sobre seus infortúnios passados, dos quais todos os homens têm algumas. Encha o copo novamente, com o rosto alegre e o coração contente. Nossa vida está nisso, mas seu Natal será feliz e seu ano novo mais feliz!

Quem pode ser insensível às manifestações de bons sentimentos e ao intercâmbio honesto de apego afetuoso que abundam nesta época do ano? Uma festa de Natal em família! Não conhecemos nada na natureza mais encantador! Parece haver uma magia no próprio nome do Natal. Os ciúmes mesquinhos e as discórdias são esquecidos; despertam-se sentimentos sociais, em seios aos quais há muito eram estranhos; pai e filho, ou irmão e irmã, que se encontraram e passaram com olhar desviado, ou com um olhar de frio reconhecimento, meses antes, oferecem e retribuem o abraço cordial, e enterram suas animosidades passadas em sua felicidade presente. Corações bondosos que ansiavam um pelo outro, mas foram retidos por falsas noções de orgulho e dignidade, estão novamente reunidos, e tudo é bondade e benevolência! Quem dera o Natal durasse o ano inteiro (como deveria), e que os preconceitos e paixões que deformam a nossa melhor natureza nunca fossem postos em ação entre aqueles a quem deveriam ser sempre estranhos!

A festa familiar de Natal, a que nos referimos, não é um mero ajuntamento de relações, realizado com uma ou duas semanas de antecedência, originado neste ano, sem precedentes familiares no último e sem probabilidade de se repetir no próximo. Não. É uma reunião anual de todos os membros acessíveis da família, jovens ou idosos, ricos ou pobres; e todas as crianças esperam por isso, com dois meses de antecedência, numa febre de expectativa. Antigamente, acontecia na casa do vovô; mas o vovô envelhecendo, e a vovó envelhecendo também, e um tanto enfermos, eles desistiram de cuidar da casa e passaram a viver com o tio George; então, a festa sempre acontece na casa do tio George, mas a vovó é quem prepara a maior parte das guloseimas, e o vovô é quem sempre vai até o mercado em Newgate para comprar o peru, que ele contrata um carregador para levar para casa atrás dele, triunfante, sempre insistindo em que o homem fosse recompensado com um copo de bebida, além da gorjeta paga, para brindar “um feliz Natal e um próspero Ano-Novo” à tia George. Quanto à vovó, ela é muito secreta e misteriosa por dois ou três dias antes, mas não o suficiente, para evitar que se espalhem boatos de que ela comprou uma linda capa nova com fitas cor-de-rosa para cada um dos empregados, junto com diversos livros, canivetes e estojos para os mais jovens; para não falar de várias alterações secretas ao pedido originalmente feito pela tia George na confeitaria, como mais uma dúzia de tortas para o jantar e um grande bolo de ameixa para as crianças.

Na véspera de Natal, vovó está sempre de excelente humor, e depois de empregar todas as crianças, durante o dia, no descaroçamento das ameixas, e tudo isso, insiste, regularmente todos os anos, em que o tio George desça à cozinha, tire o casaco e mexa o pudim por cerca de

meia hora, o que o tio George faz com bom humor, para o deleite vociferante das crianças e dos empregados. A noite termina com um glorioso jogo de cabra-cega, numa fase inicial em que vovô toma muito cuidado para ser apanhado, para que tenha oportunidade de mostrar a sua destreza.

Na manhã seguinte, o velho casal, com tantas crianças quanto o banco pode comportar, vai à igreja em grande pompa: deixando tia George em casa limpando garrafas de cristal e enchendo galheteiros, e tio George carregando garrafas de vinho para a sala de jantar, pedindo o saca-rolhas e atrapalhando todo mundo.

Quando o grupo volta da igreja para o almoço, o vovô tira do bolso um pequeno raminho de visco e tenta os meninos a beijarem suas priminhas – um procedimento que proporciona satisfação ilimitada tanto aos rapazes quanto aos homens adultos, mas que um tanto ultraja as ideias de decoro da vovó, até que o vovô diz que, quando tinha apenas treze anos e três meses, *ele* também beijou a vovó debaixo de um visco, ao que as crianças batem palmas e riem muito, assim como a tia George e o tio George; e a vovó parece satisfeita e diz, com um sorriso benevolente, que o vovô era um cachorrinho atrevido, ao que as crianças riem com muito entusiasmo novamente, e o vovô com mais entusiasmo do que qualquer uma delas.

Mas todas essas diversões não são nada em comparação com a excitação subsequente quando vovó vestindo um chapéu enfeitado e um vestido de seda cor de ardósia, e vovô, com uma camisa lindamente trançada e lenço branco no pescoço, sentam-se de um lado da lareira da sala, com os filhos do tio George e inúmeros priminhos, sentados à sua frente, aguardando a chegada dos esperados visitantes. De repente, ouve-se uma carruagem de aluguel parar, e o tio George, que estava olhando pela janela, exclama: “Aqui está Jane!” em que as crianças correm para a porta e descem as escadas desordenadamente; e tio Robert e tia Jane, e o querido bebezinho, e a babá, e todo o grupo, são conduzidos escada acima em meio a gritos tumultuados de “Oh, que coisinha!” das crianças e advertências frequentemente repetidas da babá para não machucarem o bebê. E o vovô pega a criança, e a vovó beija a filha, e a confusão dessa primeira entrada mal diminuiu, quando chegam algumas outras tias e tios com mais primos, e os primos mais velhos flertam entre si, e os primos pequenos também, aliás, e nada se ouve além de um barulho confuso de conversas, risadas e alegria.

Uma dupla batida hesitante na porta da frente, ouvida durante uma pausa momentânea na conversa, provoca uma pergunta geral de “Quem é?” e duas ou três crianças, que estavam à janela, anunciam em voz baixa que é a “pobre tia Margaret”. Após isso, tia George sai

da sala para dar as boas-vindas a recém-chegada; e vovó se empertiga, bastante rígida e imponente; pois Margaret casou-se com um homem pobre sem o seu consentimento. Não sendo a pobreza um castigo suficientemente pesado para o seu delito, foi desprezada pelos seus amigos e excluída da companhia dos seus parentes mais queridos. Mas o Natal chegou, e os sentimentos desagradáveis que lutaram contra melhores disposições durante o ano, derreteram-se como gelo recém-formado sob o sol da manhã. Não é difícil, num momento de raiva, um pai acusar uma filha desobediente; mas bani-la, num período de boa vontade e hilaridade geral, da lareira, ao redor da qual ela se sentou em tantas comemorações do mesmo dia, expandindo-se lentamente, desde a infância até a meninice, e depois explodindo, quase imperceptivelmente, em uma mulher, é muito diferente. O ar de retidão consciente e de perdão frio que a velha senhora assumiu não lhe agrada; e quando a pobre jovem é conduzida por sua irmã, de aparência pálida e desolada – não por causa da pobreza, pois ela poderia suportar isso, mas pela consciência de negligência imerecida e indelicadeza imerecida – é fácil ver o quanto dessa posição ainda é mantida. Sucede-se uma pausa momentânea; a jovem se separa repentinamente da irmã e se joga, soluçando, no pescoço da mãe. O pai dá um passo apressado e aperta a mão do genro. Amigos se aglomeram para oferecer seus sinceros parabéns, e a felicidade e a harmonia prevalecem novamente.

Quanto ao jantar, foi perfeitamente delicioso – nada acontece de errado e todos estão de bom humor e dispostos a agradar e ficar satisfeitos. O vovô relata um fato circunstancial da compra do peru, com uma ligeira digressão relativamente à compra de perus anteriores, em Natais passados, que a avó corrobora nos mínimos detalhes. Tio George conta histórias, come peru, bebe vinho, e brinca com as crianças na mesa lateral, e pisca para as primas que estão paquerando, ou estão sendo paqueradas, e alegre a todos com seu bom humor e hospitalidade; e quando, finalmente, um criado corpulento entra cambaleando com um pudim gigantesco, com um raminho de azevinho no topo, há tantas risadas, e gritos, e palmas de mãozinhas gordinhas, e chutes de pernas gordas e atarracadas, como só pode ser igualado pelos aplausos com que o surpreendente feito de servir conhaque aceso em tortas picadas é recebido pelos visitantes mais jovens. Depois a sobremesa! – e o vinho! – e a diversão! Que discursos lindos, e *que* canções, do marido da tia Margaret, que se revela um homem tão simpático e *tão* atencioso com a vovó! Até mesmo o vovô não apenas canta sua canção anual com um vigor sem precedentes, mas ao ser agraciado com um “Bis!” unânime, de acordo com o costume anual, começa a cantar uma nova canção que ninguém, exceto a vovó, jamais ouviu antes; e um jovem primo mandrião, que

caiu em desgraça com os pais, por certos pecados hediondos cometidos e omitidos – deixando de visitá-los e persistindo em beber muito – surpreende a todos, levando-os a cair na gargalhada ao apresentar as canções extraordinariamente mais engraçadas que já ouvimos na vida. E assim a noite passa, recheada de boa vontade racional e alegria, fazendo mais para despertar a simpatia de cada membro do grupo em favor do seu próximo, e para perpetuar o seu bom sentimento durante o ano seguinte, do que metade das homilias que já foram escritas, por metade dos Teólogos que já viveram.

O ANO-NOVO

Publicado pela primeira vez no *Bell's Life in London* (3 de janeiro de 1836)

De depois do dia de Natal, a época anual mais agradável que existe é a chegada do Ano-Novo. Há um grupo lacrimoso de pessoas que entram o Ano-Novo em vigília e jejum, como se fossem obrigados a comparecer como principais enlutados às exéquias do antigo. Agora, não podemos deixar de pensar que é muito mais elogioso, tanto para o ano velho que já passou, como para o Ano-Novo que está apenas começando a nascer sobre nós, ver o velho saindo e o novo entrando, com contentamento e alegria.

Deve ter havido algumas ocorrências no ano que passou que podemos relembrar, com um sorriso de alegre lembrança, se não com um sentimento de sincera gratidão. E somos obrigados por todas as regras de justiça e equidade a dar ao Ano-Novo o crédito para que seja bom, até que ele se prove indigno da confiança que depositamos nele.

Esta é a nossa visão do assunto; e recebendo-o, apesar do nosso respeito ao ano velho, um dos poucos momentos restantes de cuja existência desaparece a cada palavra que escrevemos, aqui estamos nós, sentados junto à nossa lareira nesta última noite do ano velho, mil e oitocentos e trinta e cinco, escrevendo este artigo com um rosto tão jovial, como se nada de extraordinário tivesse acontecido, ou estivesse prestes a acontecer, que perturbasse nosso bom humor.

Os coches de aluguel e carruagens continuam subindo e descendo a rua em rápida sucessão, transportando, sem dúvida, pessoas elegantemente vestidas a festas lotadas; batidas duplas, fortes e repetidas, na porta de entrada da casa de persianas verdes, anunciam para toda a vizinhança que há uma grande festa do outro lado da rua; e vimos pela janela, e também através da neblina – que acabou por se tornar tão densa que tivemos de pedir que acendessem as velas e abrissem as cortinas –, confeitheiros com caixas verdes na cabeça e carrinhos de armazém de móveis, com assentos de vime e lamparinas francesas,^[133] correndo para as inúmeras casas onde anualmente se realiza um festival em homenagem à ocasião.

Podemos imaginar uma dessas festas, pensamos, tão bem como se estivéssemos devidamente vestidos e arroçados, e tivéssemos sido anunciados na porta do salão de festas.

Veja a casa com persianas verdes, por exemplo. Sabemos que se trata de uma festa de danças, porque vimos alguns homens a levantarem o tapete do salão de visitas enquanto estávamos sentados a tomar o desjejum esta manhã, e se forem necessárias mais provas, e temos de dizer a verdade, acabamos de ver uma das moças “arrumando” o cabelo de outras moças, perto de uma das janelas do quarto de cima, num estilo incomum de esplendor, que nada mais que um baile poderia justificar.

O dono da casa com persianas verdes ocupa um cargo público; sabemos disso pelo corte de seu terno, pela gravata que usa no pescoço e pela autossatisfação de seu andar – as próprias persianas verdes têm um ar de Somerset House.^[134]

“Alto! Um táxi!” Esse é um funcionário novo que trabalha no mesmo departamento; um jovem bem-arrumado, com tendência a resfriados e calosidades, que vem com um par de botas com adereços de pano preto, e traz os sapatos no bolso do casaco. Ele está calçando os sapatos neste exato momento no corredor. Agora ele é anunciado pelo mordomo a outro “criado” de uniforme azul, que é um mensageiro disfarçado do mesmo escritório.

O homem do primeiro patamar precede-o até à porta de acesso.

“Sr. Tupples!” anuncia o mensageiro.

“Como vai, Sr. Tupples?” diz o dono da casa, afastando-se da lareira, diante da qual estava falando sobre política e aquecendo-se. “Querida, este é o Sr. Tupples (que recebe uma saudação cortês da dona da casa); Tupples, minha filha mais velha; Julia, minha querida, o Sr. Tupples; Tupples, eis minhas outras filhas e meu filho.

Tupples esfrega as mãos com força e sorri como se tudo fosse uma grande diversão, e fica constantemente se curvando e virando-se, até que toda a família tenha sido apresentada, quando ele desliza para uma cadeira num canto do sofá e inicia uma conversa diversa com as jovens sobre o tempo, os teatros, o ano que passou, o último assassinato que se tem conhecimento, balões, as mangas das roupas das senhoras, as festividades da época, e muitos outros tópicos de conversa fiada.

Mais batidas duplas à porta! que festa concorrida! que zumbido incessante de conversa e goles generalizados de café! Vemos Tupples agora, em nossa mente, no auge de sua glória. Ele acaba de entregar a xícara daquela senhora corpulenta ao criado; e agora, ele mergulha no meio da multidão de rapazes perto da porta, para interceptar o outro

criado e pegar o prato de bolinhos para a filha da velha senhora, antes que ele saia da sala; e agora, ao passar pelo sofá no caminho de volta, ele lança um olhar de reconhecimento e carinho às jovens tão condescendente e familiar como se as conhecesse desde a infância.

Pessoa encantadora esse Sr. Tupples – um perfeito cavalheiro – um companheiro tão encantador também! e como ri! – ninguém jamais entendeu as piadas de papai tão bem quanto o Sr. Tupples, que ri até ter convulsões a cada nova anedota que lhe é contada. Parceiro mais encantador! Conversa com todo mundo! e embora à primeira vista pareça bastante frívolo e superficial, é tão romântico e possui tanto sentimento! Um amor. Certamente não é um grande favorito dos jovens que zombam dele e fingem desprezá-lo; mas todo mundo sabe que isso é apenas inveja, e eles não precisam se dar ao trabalho de depreciar seus méritos, de qualquer maneira, pois mamãe diz que ele será convidado para todos os futuros jantares, mesmo que seja apenas para conversar com as pessoas entre os pratos principais e para distrair sua atenção quando houver algum atraso inesperado na cozinha.

No jantar, o Sr. Tupples se mostra ainda mais útil do que durante toda a noite. Quando o papai pede a todos que encham seus cálices com o propósito de brindar à felicidade ao longo do ano que se inicia, o Sr. Tupples está tão grogue que insiste com as jovens para que encham seus cálices, apesar de todas garantirem repetidamente que nunca poderão, em hipótese alguma, pensar em esvaziá-los. Em seguida, ele pede permissão para dizer algumas palavras sobre o sentimento há pouco expressado por papai – quando ele faz um dos discursos mais brilhantes e poéticos que se possa imaginar, sobre o ano velho e o ano novo. Depois de feito o brinde e depois das damas se retirarem, o Sr. Tupples pede a cada um dos cavalheiros que encha o seu cálice, pois ele tem mais um brinde a propor: no qual todos os cavalheiros gritam “Viva! Viva!” e passam adiante as jarras de vinho: e o Sr. Tupples sendo informado pelo dono da casa de que todos os copos já estavam cheios, e esperando por seu brinde, levanta-se e implora para lembrar aos cavalheiros presentes o quanto eles ficaram encantados com a variedade deslumbrante de elegância e beleza que a sala de estar exibiu naquela noite, e como seus sentidos foram encantados e seus corações cativados pela sedutora concentração de beleza feminina que aquela mesma sala exibiu tão recentemente. (Altos gritos de “Viva!”) Por mais que ele (Tupples) estivesse disposto a deplorar a ausência das senhoritas, por outros motivos, ele não pode deixar de obter algum consolo da reflexão de que a própria circunstância de elas não estarem presentes lhe permite propor um brinde, que de outra forma ele teria sido impedido de fazer – esse brinde que ele implora é: “Às damas!” (Muitos aplausos.) “Às damas!”

entre as quais as fascinantes filhas de seu excelente anfitrião se destacam por sua beleza, suas realizações e sua elegância. Ele implora que esvaziem uma garrafa em homenagem “às damas e um feliz Ano-Novo para elas!” (Aprovação prolongada; acima da qual o barulho das damas ensaiando a dança espanhola entre si, no alto, é claramente audível.)

Os aplausos que se seguiram a este brinde mal cessaram, quando se observou um jovem cavalheiro de colete cor-de-rosa, sentado no fundo da mesa, a ficar muito agitado e inquieto, e a evidenciar fortes indícios de algum desejo latente de dar desabafar com seus sentimentos em um discurso, que o cauteloso Tupples imediatamente percebendo, decide evitar falando ele mesmo. Ele, portanto, levanta-se novamente, com um ar de importância solene, e confia que lhe será permitido propor outro brinde (aprovação irrestrita, e o Sr. Tupples prossegue). Ele tem certeza de que todos devem estar profundamente impressionados com a hospitalidade – por que não dizer o esplendor – com que foram recebidos naquela noite por seu digno anfitrião e anfitriã. (Aplausos ilimitados.) Embora esta seja a primeira ocasião em que ele teve o prazer e o deleite de sentar-se àquela mesa, ele conhece seu amigo Dobble há muito tempo e intimamente, pois estão conectados nos negócios – ele gostaria que todos os presentes conhecessem Dobble tão bem quanto ele. (Uma tosse do anfitrião.) Ele (Tupples) pode colocar a mão sobre o próprio coração e declarar sua crença confiante de que um homem melhor, um marido melhor, um pai melhor, um irmão melhor, um filho melhor, um amigo melhor em qualquer relação de vida, do que Dobble, nunca existiu. (Altos gritos de “Viva!”) Eles o viram esta noite no seio pacífico de sua família; eles deveriam vê-lo pela manhã, nas difíceis tarefas de seu cargo. Calmo na leitura dos jornais matutinos, intransigente na assinatura do nome, digno nas respostas às perguntas de investidores estrangeiros, respeitoso no comportamento para com os superiores, majestoso no comportamento para com os mensageiros. (Vivas.) Quando ele presta este merecido testemunho das excelentes qualidades de seu amigo Dobble, o que ele pode dizer ao abordar um assunto como o da Sra. Dobble? É um requisito para ele discorrer sobre as qualidades daquela mulher amável? Não; ele poupará os sentimentos de seu amigo Dobble; ele poupará os sentimentos de seu amigo – se lhe permitir ter a honra de chamá-lo assim –, o Sr. Dobble júnior. (Aqui, o Sr. Dobble júnior, que anteriormente distendia sua boca em uma largura considerável, introduzindo uma laranja particularmente fina naquele traço, suspende as operações e assume uma aparência adequada de intensa melancolia). Ele simplesmente dirá – e tem certeza de que é um sentimento com o qual todos os que o ouvem concordarão prontamente – que seu amigo Dobble é tão superior a qualquer

homem que ele já conheceu, quanto a Sra. Dobble é muito superior a qualquer mulher que ele já viu (exceto suas filhas); e ele concluirá propondo seu digno brinde aos “Anfitriões, e que eles vivam para desfrutar de muitos mais Anos-Novos!”

O brinde é bebido com aclamação; Dobble agradece e todo o grupo se junta às damas na sala de estar. Jovens que eram tímidos demais para dançar antes do jantar encontram pares para conversar e parceiros de dança; os músicos apresentam inequívocos sinais de terem brindado o Ano-Novo, enquanto a companhia estava fora; e a dança continua até a primeira manhã do novo ano.

Mal escrevemos a última palavra da frase anterior, quando a primeira das doze badaladas ressoa nas igrejas vizinhas. Certamente – devemos confessá-lo agora – há algo de terrível nesse som. A rigor, pode não ser mais impressionante agora do que em qualquer outro momento; pois as horas passam com a mesma rapidez em outros períodos, e sua fuga é pouco ouvida. Mas medimos a vida do homem por anos, e é um toque solene que nos avisa que passamos por outro dos marcos que se interpõem entre nós e o túmulo. Disfarçando-o como pudermos, a reflexão se imporá em nossas mentes, de que quando a última badalada anunciar a chegada do Ano-Novo, poderemos ser insensíveis ao aviso oportuno que tantas vezes negligenciamos e a todos os sentimentos calorosos que brilha dentro de nós agora.

A SENHORITA EVANS E O EAGLE

Publicado pela primeira vez no *Bell's Life in London* (4 de outubro de 1835)

O Sr. Samuel Wilkins era carpinteiro, um carpinteiro diarista de pequenas dimensões, decididamente abaixo da estatura média – beirando, talvez, o nanismo. Seu rosto era redondo e brilhante, e seu cabelo cuidadosamente enrolado no canto externo de cada olho, até formar uma variedade daquela descrição conhecida como semicacheado. Seus ganhos eram suficientes para suas necessidades, variando de dezoito xelins a uma libra e cinco pence por semana – seus modos eram inegáveis – seus coletes de sábado deslumbrantes. Não é de admirar que, com estas qualificações, Samuel Wilkins tenha caído nas graças do sexo oposto: muitas mulheres foram cativadas por qualificações muito menos substanciais. Mas Samuel resistia às suas lisonjas, até que finalmente seus olhos pousaram sobre um Ser a quem, daquele momento em diante, ele sentiu que o destino lhe havia predestinado. Ele veio e conquistou[135] – fez seu pedido e foi aceito – amou e foi amado. Wilkins era o “companheiro” de Jemima Evans.

A senhorita Evans (ou Ivins, para adotar a pronúncia mais em voga em seu círculo de conhecidos) adotou desde cedo uma atividade útil numa sapataria, à qual mais tarde acrescentou a profissão de fabricante de chapéus de palha. Ela, a mãe e duas irmãs formavam um quarteto harmonioso na parte mais isolada de Camden Town; e foi aí que o Sr. Wilkins se apresentou, numa tarde de segunda-feira, em seu melhor traje, com o rosto mais radiante e o colete mais brilhante do que nunca. A família estava indo tomar chá e ficou *muito* feliz em vê-lo. Foi um pequeno banquete; além dos 60 gramas de chá verde e dos 100 gramas de chá mais barato, o Sr. Wilkins trouxera meio quilo de camarões, cuidadosamente envoltos em um lenço limpo, para dar um sabor à refeição e agradar a Sra. Ivins. Jemima estava “se refrescando” no andar de cima; então o Sr. Samuel Wilkins sentou-se e conversou sobre economia doméstica com a Sra. Ivins, enquanto as duas senhoritas Ivins mais novas, enfiavam pedaços de papel pardo acesos na grelha sob a chaleira, para fazer a água ferver para o chá.

“Estava pensando”, disse o Sr. Samuel Wilkins, durante uma pausa na conversa – “Estava pensando em levar J'mima ao Eagle^[136] esta noite.” – “Oh!” exclamou a Sra. Ivins. “Meu Deus! que legal!” disse a mais jovem das senhoritas Ivins. “Muito bom, eu declaro!” acrescentou a outra Srta. Ivins. “Diga a J'mima para vestir sua musselina branca, Tilly”, gritou a Sra. Ivins, com ansiedade maternal; e logo depois desceu a própria J'mima com um vestido de musselina branca cuidadosamente fechado e amarrado, um pequeno xale vermelho, também bem preso, um casquete de palha branca enfeitado com fitas vermelhas, um pequeno colar, um grande par de pulseiras, sapatos de cetim dinamarquês, e meias de malha trabalhada; luvas brancas de algodão nos dedos e uma bolsinha de cambraia, cuidadosamente dobrada, na mão – tudo muito fino e elegante. E lá se foram a Srta. J'mima Ivins e o Sr. Samuel Wilkins, que carregava uma bengala de cabo dourado, para admiração e inveja da rua em geral, e para grande satisfação da Sra. Ivins e, especialmente, para as senhoritas Ivins mais jovens. Mal haviam dobrado a Pancras Road^[137] e a Srta. J'mima Ivins encontra, pelo acidente mais afortunado do mundo, uma jovem conhecida, com *seu* acompanhante! como as coisas acontecem às vezes – eles também estavam indo ao Eagle. Então o Sr. Samuel Wilkins foi apresentado ao acompanhante da amiga da Srta. J'mima Ivins, e todos seguiram juntos, conversando, rindo e brincando com os mais diversos assuntos; e quando chegaram a Pentonville, o jovem acompanhante da amiga da Srta. Ivins convidou as damas para irem ao Crown, para provarem algum licor de frutas; depois de muito corar e rir, e esconderem os rostos em elaborados lenços de bolso, elas consentiram em segui-lo. Tendo provado uma dose, foram facilmente persuadidas a tomar outra; e sentaram-se no jardim, degustando o licor e olhando o movimento da rua, até que fosse a hora de ir ao Eagle; e então retomaram o trajeto, andando muito rápido, com medo de perder o início do concerto na rotunda.^[138]

“Como é agradável!” disse a Srta. J'mima Ivins, e a amiga da Srta. J'mima Ivins, ambas ao mesmo tempo, quando passaram pelo portão e já estavam dentro do jardim. Lá estavam as alamedas, lindamente plantadas e cobertas de cascalho – e as caixas de refrescos, pintadas e ornamentadas como caixas de rapé – e as lâmpadas coloridas que lançavam sua rica luz sobre as cabeças dos convidados – e a pista de dança pronta e marcada com giz para os pés dos dançarinos – e uma banda mourisca tocando numa extremidade do jardim – e uma banda militar tocando na outra. Nesse ínterim, os garçons corriam de um lado para o outro com copos de negus, copos de conhaque e água, garrafas de cerveja clara e garrafas de cerveja escura; e cerveja de gengibre estava acontecendo em um lugar, e brincadeiras estavam acontecendo em outro; e as pessoas aglomeravam-se à entrada da

Rotunda; e, em suma, toda a cena era, como observou a Srta. J'mima Ivins, inspirada pela novidade, ou pelo licor, ou por ambos, “uma excitação deslumbrante”. Quanto à sala de concertos, nunca houve nada tão esplêndido. Havia uma orquestra para os cantores, toda pintada, dourada e vitrificada; e aquele órgão! O jovem acompanhante da amiga da Srta. J'mima Ivins sussurrou que custara “quatrocentas libras”, ao que o Sr. Samuel Wilkins observou que “não era nem um pouco caro”; uma opinião totalmente compartilhada pelas damas. O público estava sentado em bancos elevados ao redor do salão e aglomerava-se em todas as partes dele; e todos comiam e bebiam o mais confortavelmente possível. Pouco antes do início do concerto, o Sr. Samuel Wilkins pediu dois copos de rum com água e duas rodela de limão para ele e o outro cavalheiro, uma dose de xerez para as damas e alguns biscoitos doces de sementes de cominho. Eles teriam ficado bastante confortáveis e felizes, não fosse um estranho cavalheiro de longas suíças que não tirava os olhos de cima da Srta. J'mima Ivins, e por outro cavalheiro, usando um colete xadrez, que piscava para a amiga da Srta. J'mima Ivins; em que o jovem acompanhante da amiga da Srta. Jemima Ivins começou a exibir sintomas de febre e a murmurar sobre o “descaramento de certas pessoas” que “abusavam da própria sorte”, e a insinuar, em termos indiretos, uma vaga intenção de arrancar a cabeça de alguém; o que ele só foi impedido de anunciar de forma mais enfática pela Srta. J'mima Ivins e sua amiga ameaçando desmaiar ali mesmo se ele dissesse mais uma palavra.

O concerto começou – uma introdução tocada no órgão. “Que solene!” exclamou a Srta. J'mima Ivins, olhando, talvez inconscientemente, para o cavalheiro de suíças. O Sr. Samuel Wilkins, que vinha resmungando há algum tempo, como se estivesse mantendo uma conversa confidencial com o cabo dourado da bengala, suspirou com força – um suspiro de vingança, talvez – mas não disse nada. “Bis!” gritou a amiga da Srta. J'mima Ivins. “Bis!” gritou imediatamente o cavalheiro de colete xadrez, batendo na mesa com uma garrafa de cerveja escura.

O jovem acompanhante da amiga da Srta. J'mima Ivins mediu o homem dentro do colete da cabeça aos pés e lançou um olhar de desdém para o Sr. Samuel Wilkins. Ouviu-se uma canção cômica, acompanhada no órgão. A Srta. J'mima Ivins teve convulsões de tanto rir – assim como o homem de suíças. Tudo o que as damas faziam, o homem de colete xadrez e o de suíças também faziam, para expressar unidade de sentimento e simpatia de alma; e a Srta. J'mima Ivins, e a amiga da Srta. J'mima Ivins, tornavam-se cada vez mais animadas e falantes, enquanto o Sr. Samuel Wilkins, e o jovem acompanhante da amiga da Srta. J'mima Ivins, mostravam-se, em proporção inversa,

cada vez mais taciturnos e ranzinzas.

Agora, se o assunto tivesse terminado aqui, o pequeno grupo poderia em breve ter recuperado a sua antiga equanimidade; mas o Sr. Samuel Wilkins e seu amigo começaram a lançar olhares de desafio ao homem de colete e ao de suíças. E o homem de colete e o de suíças, para insinuar o leve grau em que foram afetados pelos olhares acima mencionados, lançaram olhares de crescente admiração à Srta. J'mima Ivins e à amiga. Terminado o concerto e o vaudeville, o quarteto foi dar uma volta pelo jardim. O homem de colete e o de suíças fizeram o mesmo, tecendo diversos comentários elogiosos aos tornozelos da Srta. J'mima Ivins e da amiga, em tom audível. Por fim, não satisfeitos com essas inúmeras atrocidades, eles ainda se apresentaram e convidaram a Srta. J'mima Ivins, e a amiga da Srta. J'mima Ivins, para dançar, sem prestar mais atenção ao Sr. Samuel Wilkins e ao jovem acompanhante da amiga da Srta. J'mima Ivins, como se eles não fossem ninguém!

“O que você quer dizer com isso, canalha?” exclamou o Sr. Samuel Wilkins, segurando firmemente a bengala de cabo dourado com a mão direita. “O que há com *você*, seu pequeno farsante?” replicou o de suíças. “Como ousa insultar a mim e ao meu amigo?” perguntou o acompanhante da amiga. “Você e seu amigo que sejam enforcados!” respondeu o de colete. “Tome isso”, exclamou o Sr. Samuel Wilkins. A ponta da bengala de cabo dourado ficou visível por um instante, e então a luz das lâmpadas coloridas brilhou intensamente sobre ela enquanto ela girava no ar. “Dê nele”, disse o de colete. “Socorro!” gritaram as moças. O namorado da Srta. J'mima Ivins e o acompanhante da amiga jaziam ofegantes no cascalho, e o de colete e o de suíças desapareceram de vista.

A Srta. J'mima Ivins e sua amiga, conscientes de que a briga não era, em nenhum grau, atribuível a elas mesmas, entraram imediatamente em histeria; declararam-se as mais ofendidas das mulheres; exclamaram, em delírios incoerentes, que elas haviam sido mal interpretadas – injustamente mal interpretadas – oh! que elas nunca deveriam ter vivido para ver esse dia – e assim por diante. Cada vez que abriam os olhos e viam seus infelizes admiradores, voltavam a desmaiar. Foram levadas para suas respectivas residências em um coche de aluguel, em um estado de ebriedade, composto por doses de licor, xerez e excitação.

O ORADOR DE SALÃO

Publicado pela primeira vez como "O Parlour" no *Bell's Life in London* (13 de dezembro de 1835)

Estávamos perambulando certa noite, descendo por Oxford Street, Holborn, Cheapside, Coleman Street, Finsbury Square, e assim por diante, com a intenção de voltar para o oeste, por Pentonville e New Road, [139] quando começamos a sentir bastante sede e vontade descansar por cinco ou dez minutos. Assim, entramos numa taverna antiga, tranquila e decente, pela qual nos lembramos de ter passado um momento antes (não ficava longe de City Road), com o propósito de nos consolarmos com um copo de cerveja. A casa não era nenhum dos vossos palácios iluminados, estucados e polidos à francesa, mas uma modesta taverna da velha escola, com um pequeno e velho bar, e um pequeno e velho senhorio, que, com uma mulher e uma filha do mesmo padrão, estava confortavelmente sentado no bar acima mencionado – uma pequena sala confortável com uma lareira alegre, protegida por uma grande tela: de trás da qual a jovem emergiu ao notar nossa inclinação por um copo de cerveja.

“Não quer entrar no salão, *sir*?” perguntou a jovem, em tom sedutor.

“É melhor passar para o salão, *sir*”, disse o velhinho taverneiro, empurrando a cadeira para trás e olhando para um dos lados da tela, para observar nossa aparência.

“É muito melhor dentro do salão, *sir*”, disse a velhinha, colocando a cabeça para fora, do outro lado da tela.

Lançamos um leve olhar ao redor, como que para expressar nosso desconhecimento da localidade tão recomendada. O velhinho taverneiro percebeu nossa dúvida; saiu apressado pela pequena porta do pequeno bar; e imediatamente nos conduziu à própria sala.

Era um salão antigo, de aparência sombria, com lambris de carvalho, assoalho de saibro e uma lareira alta. As paredes eram ornamentadas com três ou quatro antigas gravuras coloridas em molduras pretas, cada gravura representando um combate naval, com dois navios de guerra se chocando vigorosamente, enquanto outro ou

dois navios explodiam ao longe, e o primeiro plano apresentava uma coleção diversa de mastros quebrados e pernas azuis saindo da água. Pendente do teto, no centro do salão, havia uma luminária a gás e uma campainha; de cada lado havia três ou quatro mesas compridas e estreitas, atrás das quais havia uma fileira densamente plantada daquelas cadeiras de madeira escorregadias e de aparência brilhante, peculiares à lugares desse tipo. A aparência monótona do lambril esmaecido era aliviada pela presença ocasional de uma escarradeira; e uma pilha triangular desses úteis artigos adornava os dois cantos superiores do salão.

Na mesa mais distante, mais próxima da lareira, com o rosto voltado para a porta no fundo da sala, estava sentado um homem corpulento de cerca de quarenta anos, cujo cabelo preto, curto e duro, enrolava-se firmemente em torno de uma testa larga e alta, e um rosto para o qual algo além de água e exercícios transmitia uma aparência bastante inflamada. Fumava um charuto, com os olhos fixos no teto, e tinha aquele ar oracular confiante que o caracterizava como líder político, autoridade geral e contador de anedotas universal do lugar. Evidentemente, ele acabara de se livrar de algo muito pesado; pois o restante do grupo fumava seus respectivos cachimbos e charutos, numa espécie de abstração solene, como se estivessem bastante impressionados com a magnitude do assunto recentemente em discussão.

À sua direita estava sentado um cavalheiro idoso, de cabeça branca e chapéu marrom de abas largas; à sua esquerda, um homem de nariz pontudo e cabelos claros, com um sobretudo marrom que chegava quase até os calcanhares, que alternadamente, baforava o cachimbo, e lançava um olhar de admiração para o homem de rosto vermelho.

“Totalmente extraordinário!” disse o homem de cabelos claros após uma pausa de cinco minutos. Um murmúrio de assentimento percorreu os convidados.

“Nada tão extraordinário, nada”, disse o homem de rosto vermelho, despertando subitamente de seu devaneio e voltando-se para o homem de cabelos claros no momento em que ele havia falado.

“Por que isto seria extraordinário? Por que é extraordinário? Prove que isto é extraordinário!”

“Ah, se você insiste nesse ponto...” disse o homem de cabelos claros, humildemente.

“Insisto nesse ponto!” exclamou o homem de rosto vermelho; “mas *devemos* insistir nesse ponto. Estamos, nos tempos de hoje, numa elevação calma de realização intelectual, e não no recesso escuro da privação mental. Provas, é o que eu exijo – provas, e não afirmações,

nestes tempos difíceis. Todo cavalheiro que me conhece sabe qual foi a natureza e o efeito das minhas observações quando a Sociedade Representativa do Descobrimento do Subúrbio de Old Street contemplava um candidato para aquele cargo na Cornualha – esqueci o nome daquele cargo. ‘O Sr. Snobee’, disse o Sr. Wilson, ‘é uma pessoa capaz e adequada para representar o distrito no Parlamento’. ‘Prove-o’, disse eu. ‘Ele é um amigo da Reforma’, disse o Sr. Wilson. ‘Prove-o!’, exclamei. ‘O abolicionista da dívida nacional, o oponente inabalável das pensões, o defensor intransigente dos negros, o redutor das sinecuras e dos mandatos dos parlamentares; o extensor de nada além dos sufrágios do povo’, disse o Sr. Wilson. ‘Prove-o!’, disse eu. ‘Seus atos o comprovam!’, disse ele. ‘Prove-os!’, insisti. E ele não pôde prová-los”, disse o homem de rosto vermelho, olhando em volta triunfante. “Assim o distrito não o teve; e se vocês levassem esse princípio ao máximo, não teriam dívidas, nem pensões, nem sinecuras, nem negros, nem nada. E então, alcançando uma elevação de realização intelectual e tendo alcançado o cume da prosperidade popular, vocês poderiam desafiar as nações da terra e erigir-se na orgulhosa confiança da sabedoria e da superioridade. Este é o meu argumento – este sempre foi o meu argumento – e se eu fosse membro da Câmara dos Comuns amanhã, faria com que todos tremessem com isso.” E o homem de rosto vermelho, tendo batido com força na mesa com o punho cerrado, para dar mais peso à declaração, continuou baforando como uma chaminé.

“Bem!” disse o homem de nariz pontudo, com uma voz muito lenta e suave, dirigindo-se à companhia em geral: “Eu sempre digo que, de todos os cavalheiros que tenho o prazer de encontrar nesta sala, não há ninguém cuja conversa eu goste tanto de ouvir quanto a do Sr. Rogers, ou cuja companhia seja tão proveitosa.”

“Companhia proveitosa!” disse o Sr. Rogers, pois esse, ao que parecia, era o nome do homem de rosto vermelho. “Vocês podem dizer que sou uma companhia proveitosa, por aprimorá-los de algum modo; se minha conversa é como meu amigo, Sr. Ellis, descreve aqui, não cabe a mim dizer nada sobre isso. Vocês, cavalheiros, são os melhores juízes nesse ponto; mas direi isto, quando cheguei a esta comarca e entrei neste salão pela primeira vez, há dez anos, não acredito que nele houvesse um homem que soubesse que era um escravo – e agora todos vocês sabem disso, e se submetem a isso. Inscrevam isso em meu túmulo e ficarei satisfeito.”

“Ora, quanto a inscrever isso em seu túmulo”, disse um pequeno verdureiro de rosto rechonchudo, “é claro que você pode registrar qualquer coisa, conforme quiser, desde que se refira a você e aos seus negócios; mas, quando você vem falar sobre escravos e que há abusos,

é melhor manter isso em família, porque eu, pelo menos, não venho aqui para ser xingado noite após noite.”

“Você é um escravo”, disse o homem de rosto vermelho, “e o mais lamentável de todos os escravos.”

“É impossível que eu seja”, interrompeu o verdureiro, “pois não fui beneficiado por nem um centavo dos vinte milhões que foram pagos pela sua alforria.”^[140]

“Um escravo voluntário”, exclamou o homem de rosto vermelho, ficando ainda mais vermelho de eloquência e contradição – “renunciando ao mais querido direito de nascença de seus filhos – negligenciando o chamado sagrado da Liberdade – que, implorando diante de você, apela aos sentimentos mais calorosos do seu coração e aponta para seus bebês indefesos, mas em vão.”

“Prove-o”, disse o verdureiro.

“Prove-o!” zombou o homem de rosto vermelho. “O quê! curvando-se sob o jugo de uma oligarquia insolente e facciosa; curvado pelo domínio de leis cruéis; gemendo sob a tirania e a opressão de todos, de todos os lados e de todos os cantos. Prove-o!” – O homem de rosto vermelho interrompeu-se abruptamente, zombou melodramaticamente e enterrou seu semblante e sua indignação juntos, tomando uma caneca de bebida.

“Ah, com certeza, Sr. Rogers”, disse um corretor corpulento, de colete largo, que manteve os olhos fixos naquele luminar durante todo o tempo em que falava. “Ah, com certeza”, disse o corretor com um suspiro, “esse é o ponto.”

“Claro, claro”, disseram vários membros da companhia, que entendiam quase tanto do assunto quanto o próprio corretor.

“É melhor você deixá-lo em paz, Tommy”, disse o corretor, a título de conselho ao pequeno verdureiro; “ele pode dizer que horas são sem olhar para os ponteiros de um relógio, ele pode. Experimente outro assunto, e verá que dá no mesmo, Tommy.”

“O que é um homem?” – continuou o exemplar de rosto vermelho da espécie, tirando indignado o chapéu do gancho na parede. “O que é um inglês? Ele será pisoteado por todos os opressores? Ele será derrubado a pedido de todos? O que é liberdade? Não é um exército permanente. O que é um exército permanente? Não é liberdade. O que é felicidade geral? Não é miséria universal. A liberdade não é imposto sobre janelas, é?”^[141] Os Lordes não são os Comuns, são?” E o homem de rosto vermelho, explodindo gradualmente numa frase radiante, na qual adjetivos como “covarde”, “opressivo”, “violento” e “sanguinário” formavam as palavras mais conspícuas, colocou o

chapéu sobre os olhos e saiu da sala, batendo a porta atrás de si.

“Homem maravilhoso!” disse o homem de nariz pontudo.

“Esplêndido orador!” acrescentou o corretor.

“Que poder!” disse todo mundo, menos o verdureiro. E enquanto diziam isso, todos balançaram a cabeça misteriosamente e, um por um, foram se retirando, deixando-nos sozinhos no velho salão.

Se tivéssemos seguido o precedente estabelecido em todos esses casos, teríamos caído num ataque de reflexão, sem demora. A aparência antiga do salão – os velhos painéis da parede – a lareira escurecida pela fumaça e pelo tempo – nos teria levado de volta pelo menos cem anos, e teríamos continuado sonhando, até que a jarra de estanho sobre a mesa, ou o pequeno congelador de cerveja,^[142] ganhasse vida e nos contasse uma longa história de tempos passados. Mas, de uma forma ou de outra, não estávamos com humor romântico; e embora tenhamos tentado arduamente dar vida aos móveis, eles permaneceram perfeitamente imóveis, obstinados e taciturnos. Estando assim reduzidos à desagradável necessidade de meditar sobre assuntos comuns, nossos pensamentos voltaram-se para o homem de rosto vermelho e sua exibição oratória.

Uma raça numerosa são esses homens de rosto vermelho; não há salão, nem clube, nem sociedade beneficente, nem festa humilde de qualquer tipo, sem seu homem de rosto vermelho. Eles são tolos e fracos e causam muitos danos à sua causa, por melhores que sejam. Então, apenas para manter um padrão, para reconhecer os outros, pegamos sua imagem imediatamente e a colocamos aqui. E essa é a razão pela qual escrevemos este artigo.

A PACIENTE DO HOSPITAL

Publicado pela primeira vez no *Carlton Chronicle* (6 de agosto de 1836)

Em nossas perambulações pelas ruas de Londres, após o cair da noite, muitas vezes paramos sob as janelas de algum hospital público e imaginamos as cenas sombrias e tristes que acontecem lá dentro. O movimento repentino de uma vela, à medida que seu raio fraco dispara de janela em janela, até que sua luz desapareça gradualmente, como se fosse levada para o fundo do quarto, até a cabeceira de algum paciente sofredor, é suficiente para despertar toda uma multidão de reflexões; o mero brilho das lâmpadas fracas, que, quando todas as outras habitações estão envoltas em escuridão e sono, denotam a câmara onde tantas formas se contorcem de dor ou definham de doença, é suficiente para conter a alegria mais turbulenta.

Quem pode descrever a angústia daquelas horas extenuantes, quando o único som que o doente ouve é o andar desarticulado de algum dorminhoco febril perto dele, o gemido baixo de dor, ou talvez a oração murmurada e há muito esquecida de um moribundo? Quem, senão aqueles que a sentiram, pode imaginar a sensação de solidão e desolação que deve ser a parte daqueles que, na hora de uma doença perigosa, são deixados aos cuidados de estranhos; afinal, que mãos, por mais gentis que sejam, podem limpar a testa pegajosa ou alisar a cama inquieta, como as da mãe, da esposa ou do filho?

Impressionados com estes pensamentos, desviamo-nos pelas ruas quase desertas; e a visão das poucas criaturas miseráveis que ainda pairam sobre elas não tende a diminuir a dor que tais meditações despertam. O hospital é um refúgio e local de descanso para centenas de pessoas que, se não fossem por essas instituições, morreriam nas ruas e portas; mas quais podem ser os sentimentos de alguns excluídos quando estão estendidos no leito da doença, com pouca esperança de recuperação? A mulher miserável que permanece na calçada, horas depois da meia-noite, e a sombra miserável de um homem – o resto horrível que a miséria e a embriaguez deixaram – que se agacha sob o parapeito de uma janela, para dormir onde há algum abrigo contra a

chuva, têm pouco que os ligue à vida. Mas o que lhes restou diante da morte? Quais são os confortos inusitados de um telhado e uma cama para eles, quando as lembranças de uma vida inteira de degradação se aproximam deles; quando a contrição parece uma zombaria e o arrependimento chega tarde demais?

Cerca de um ano atrás, enquanto caminhávamos por Covent Garden (estávamos pensando nessas coisas durante a noite), fomos atraídos pela aparência muito simpática de um batedor de carteiras, que, tendo se recusado a se dar ao trabalho de ir até a Chefatura de Polícia, alegando que não tinha a menor vontade de ir até lá, estava sendo transportado para lá em um carrinho de mão, para grande deleite da multidão.

De alguma forma, nunca conseguimos resistir a nos juntar a uma multidão, então juntamo-nos à turba e entramos na chefatura, na companhia de nosso amigo batedor de carteiras, alguns policiais e tantos espectadores de cara suja quantos puderam entrar.

Havia um jovem forte e mal-encarado, que estava sendo interrogado, sob a acusação muito comum de ter, na noite anterior, maltratado a mulher, com quem morava em alguma quadra vizinha. Várias testemunhas prestaram depoimento sobre atos da mais grosseira brutalidade; e foi lido um atestado do cirurgião residente de um hospital vizinho, descrevendo a natureza dos ferimentos que a mulher havia sofrido e insinuando que sua recuperação era extremamente duvidosa.

Parece ter sido levantada alguma questão sobre a identidade do prisioneiro; pois quando foi combinado que os dois magistrados deveriam visitar o hospital às oito horas daquela noite, para ouvir o depoimento dela, ficou decidido que o homem também deveria ser levado para lá. Ele ficou pálido com isso, e nós o vimos apertar a barra com muita força quando a ordem foi dada. Ele foi removido logo depois e não disse uma palavra.

Sentimos uma curiosidade irreprimível em testemunhar essa entrevista, embora seja difícil dizer por quê, pois sabíamos que seria dolorosa. Não teríamos muita dificuldade em obter a permissão, e nós a obtivemos.

O prisioneiro e o policial que o mantinha sob custódia já estavam no hospital quando chegamos e aguardavam a chegada dos magistrados numa pequena sala embaixo da escada. O homem estava algemado e seu chapéu foi puxado para cima dos olhos. Era fácil ver, porém, pela brancura de seu semblante e pelas contrações constantes dos músculos de seu rosto, que ele temia o que estava por vir. Após um curto intervalo, os magistrados e o escrevente foram recebidos pelo

cirurgião e por dois jovens que cheiravam muito forte a fumaça de tabaco – foram apresentados como “cirurgiões assistentes”. Depois que um magistrado se queixou amargamente do frio, e o outro da ausência de notícias no jornal vespertino, anunciou-se que a paciente estava pronta; e fomos conduzidos à “ala de acidentes” onde ela estava recolhida.

A luz fraca que brilhava no quarto espaçoso aumentava, em vez de diminuir, a aparência medonha das infelizes criaturas nas camas, dispostas em duas longas fileiras de cada lado. Numa cama, jazia uma criança envolta em bandagens, com o corpo meio consumido pelo fogo. Em outra, uma mulher, tornada horrível por algum acidente terrível, batia violentamente com os punhos cerrados sobre a colcha, agonizando de dor. Em uma terceira, jazia estirada uma jovem, aparentemente no pesado estupor, muitas vezes o precursor imediato da morte: seu rosto estava manchado de sangue e seu peito e braços estavam amarrados com tiras de linho. Duas ou três das camas estavam vazias e as suas novas ocupantes estavam sentadas ao lado, mas com rostos tão pálidos e olhos tão brilhantes e vidrados que era assustador de se olhar. Em cada rosto estava estampada a expressão de angústia e sofrimento.

O objeto da visita estava na extremidade superior do quarto. Era uma bela jovem de cerca de vinte e dois ou vinte e três anos. Seus longos cabelos negros, cortados às pressas perto dos ferimentos em sua cabeça, caíam sobre o travesseiro em mechas irregulares e emaranhadas. Seu rosto apresentava marcas profundas dos maus tratos que ela havia recebido: sua mão estava pressionada sobre o lado do corpo, como se sua principal dor estivesse ali; sua respiração era curta e pesada; e era evidente que sua vida se esvaía rapidamente. Ela murmurou algumas palavras em resposta à pergunta do magistrado se ela estava com muita dor; e, tendo sido levantada no travesseiro pela enfermeira, olhou vagamente para os estranhos semblantes que cercavam sua cama. O magistrado acenou com a cabeça para o policial, para que o acusado se aproximasse. Ele o fez e o colocou ao lado da cama. A jovem olhou com uma expressão selvagem e confusa; mas sua visão estava turva e ela não o reconheceu.

“Tire o chapéu dele”, disse o magistrado. O oficial fez o que lhe foi pedido e as feições do homem foram reveladas.

A moça levantou-se, com uma energia bastante sobrenatural; o fogo brilhou em seus olhos pesados, e o sangue correu para suas bochechas pálidas e encovadas. Foi um esforço convulsivo. Ela caiu de costas no travesseiro e, cobrindo o rosto cheio de cicatrizes e hematomas com as mãos, começou a chorar. O homem lançou um olhar ansioso para ela, mas por outro lado parecia totalmente impassível. Após uma breve

pausa, a natureza da missão foi explicada e o juramento prestado.

“Oh, não, cavalheiros!”, disse a moça, levantando-se mais uma vez e cruzando as mãos; “não, cavalheiros, pelo amor de Deus! Eu me feri sozinha – não foi culpa de ninguém – foi um acidente. Ele não me machucou; ele não faria isso por nada no mundo. Jack, querido Jack, você sabe que não faria isso!”

Sua visão estava falhando rapidamente e sua mão tateou a roupa de cama em busca da dele. Por mais bruto que fosse o homem, ele não estava preparado para isso. Ele virou o rosto para o outro lado e soluçou alto. A cor da jovem mudou e sua respiração ficou mais difícil. Ela estava evidentemente morrendo.

“Respeitamos os sentimentos que a levam a fazer isso”, disse o cavalheiro que falou primeiro, “mas deixe-me avisá-la, para não persistir no que você sabe ser falso, até que seja tarde demais. Não vai conseguir salvá-lo.”

“Jack”, murmurou a jovem, pousando a mão sobre seu braço, “eles não vão me convencer a amaldiçoar sua vida. Ele não fez nada, cavalheiros. Ele nunca me machucou.” Ela agarrou-lhe o braço com força e acrescentou, num sussurro entrecortado: “Espero que Deus Todo-Poderoso perdoe todo o mal que cometi e a vida que levei. Deus te abençoe, Jack. Algum gentil cavalheiro leve minhas lembranças ao meu pobre e velho pai. Há cinco anos, ele disse que gostaria que eu tivesse morrido criança. Ah, eu gostaria de ter morrido! Eu gostaria de ter feito isso!”

A enfermeira inclinou-se sobre a jovem por alguns segundos, e depois cobriu-lhe o rosto com o lençol. O lençol cobriu um cadáver.

O Malfadado Caso do Sr. John Dounce

Publicado pela primeira vez como "Amor e Ostras" no *Bell's Life in London* (25 de outubro de 1835)

Se tivéssemos que fazer uma classificação da sociedade, há um tipo particular de homens que deveríamos imediatamente colocar sob o título de “velhos namoradeiros”; e uma coluna com as dimensões mais extensas que os mais velhos exigiriam. Não podemos determinar a que causas precisas se deve o rápido avanço da população de idosos. Seria uma especulação interessante e curiosa, mas, como não temos espaço suficiente para dedicar aqui, afirmamos simplesmente o fato de que o número de velhos dessa estirpe tem aumentado gradualmente nos últimos anos, e que neste momento estão a aumentar de forma alarmante.

Após uma revisão geral do assunto, e sem considerá-lo minuciosamente em detalhes, deveríamos estar dispostos a subdividir os velhos gabolas em duas classes distintas – os velhos festeiros e os velhos discretos. Os velhos festeiros são velhos barrigudos disfarçados de jovens, que frequentam o Quadrant e Regent Street durante o dia: os teatros (especialmente os teatros administrados por mulheres) à noite; e que assumem toda a petulância e leviandade dos rapazes, sem a desculpa da juventude ou da inexperiência. Os velhos discretos são certos cavalheiros velhos e robustos, de aparência limpa, que sempre podem ser vistos nas mesmas tabernas, nos mesmos horários, todas as noites, fumando e bebendo na mesma companhia.

Certa época, costumava haver um belo grupo de velhos gabolas que podiam ser vistos em volta da mesa circular do Offley's^[143] todas as noites, entre as oito e meia e onze e meia. Já os perdemos de vista há algum tempo. Havia, e pode ainda haver, pelo que sabemos, dois esplêndidos exemplares em plena floração na Rainbow Tavern, em Fleet Street,^[144] que sempre costumavam sentar-se no camarote mais próximo da lareira e fumavam longos cachimbos de cerejeira pousados sob a mesa, com os forninhos apoiados no chão. Eram grandes gabolas – velhos gordos, de cara vermelha e de cabeça branca – sempre

presentes – um de um lado da mesa e o outro do lado oposto –, fumando e bebendo em grande estilo. Todos os conheciam, e algumas pessoas supunham que ambos eram imortais.

John Dounce era um velho da última classe (não queremos dizer imortal, mas discreto), um fabricante aposentado de luvas e suspensórios, viúvo, que vivia com as três filhas – todas adultas e todas solteiras – em Cursitor Street,^[145] Chancery Lane. Ele era um homem baixo, redondo, de rosto grande e atarracado, com chapéu de abas largas e paletó quadrado; e tinha aquele porte sério, mas confiante, peculiar aos velhos gabolas em geral. Funcionava como um relógio – café da manhã às nove – vestia-se e enfeitava-se um pouco – ia até o bar – tomava um copo de cerveja e lia o jornal – voltava para casa e levava as filhas para dar um passeio – almoçava às três – tomava um copo de bebida e baforava um cachimbo – cochilava – tomava um chá – outra pequena caminhada – voltava ao bar – um lugar importantíssimo – que noites deliciosas. Lá estavam o Sr. Harris, dono da papelaria jurídica, e o Sr. Jennings, fabricante de becas (dois velhos namoradeiros como ele), e Jones, o assistente da promotoria – que adorava beber rum – uma companhia fundamental – cheio de anedotas! E ali ficavam sentados todas as noites, até dez minutos antes da meia-noite, bebendo conhaque com água, fumando cachimbo, contando histórias e divertindo-se com uma espécie de jovialidade solene particularmente edificante.

Às vezes, Jones propunha uma “meia visita” a Drury Lane ou Covent Garden, para assistirem dois atos de uma peça de cinco atos, ou uma nova comédia, talvez, ou um balé. Nessas ocasiões, os quatro iam juntos, sem qualquer pressa ou afobação, mas tomando primeiro o conhaque com água, tranquilamente, e encomendando um bife e algumas ostras para o jantar na volta. Ao chegar, caminhavam calmamente até o fundo da plateia, quando o “tumulto” já havia entrado, como todas as pessoas sensatas fazem, e fizeram desde os tempos de juventude do Sr. Dounce, exceto quando o célebre Mestre Betty^[146] estava no auge de sua popularidade. O Sr. Dounce lembrava-se perfeitamente de ter tirado uma folga do trabalho e ido para o fundo da plateia às onze horas da manhã para ficar esperando lá até as seis da tarde, com alguns sanduíches embrulhados num lenço de bolso e um pouco de vinho em um frasco; e desmaiando, afinal, com o calor e o cansaço, antes de a peça começar; situação em que ele foi retirado da plateia e carregado para um dos camarins, sim senhor, por cinco das mais belas mulheres daquela época, sim senhor, que se compadeceram de sua situação e ministraram-lhe fortificantes e, na manhã seguinte, enviaram-lhe um criado negro, de um metro e oitenta de altura, vestido num libré azul e prata, com seus cumprimentos, e para saber como ele se encontrava, sim senhor – por Deus! Entre os

atos, o Sr. Dounce e o Sr. Harris, e o Sr. Jennings, costumavam se levantar e olhar ao redor do recinto, e Jones – sabendo que Jones conhecia todo mundo – apontou a elegante e célebre Lady Fulana de Tal nos camarotes, à menção de cujo nome o Sr. Dounce, depois de escovar o cabelo e ajustar o lenço no pescoço, “inspecionaria” a citada Lady Fulana de Tal através de uma longa luneta, e comentaria, também, que ela era uma “bela mulher – uma belíssima mulher, de fato”, ou que “deveria observá-la um pouco mais, hein, Jones?” Conforme o caso. Quando a dança começava, John Dounce e os velhos gabolas ficavam particularmente ansiosos para ver o que estava acontecendo no palco, e Jones – um cachorro malvado esse Jones – sussurrava pequenas observações críticas nos ouvidos de John Dounce, que as repassava ao Sr. Harris e este ao Sr. Jennings; e então todos os quatro riam até as lágrimas escorrerem de seus olhos.

Quando a cortina caiu, eles voltaram juntos, dois a dois, para os bifés e ostras. Quando chegavam ao segundo copo de conhaque com água, Jones – um malandro esse Jones – costumava contar como havia flagrado uma senhora vestida com plumas brancas, em um dos camarotes, olhando atentamente para o Sr. Dounce a noite toda, e como ele pegou o Sr. Dounce, sempre que ele pensava que ninguém estava olhando para ele, lançando em troca olhares ardentes de intensa devoção para a senhora. Nesse ponto, o Sr. Harris e o Sr. Jennings costumavam rir muito, e John Dounce com mais entusiasmo do que qualquer um deles, reconhecendo, porém, que já ia longe o tempo em que ele podia fazer tais coisas; ao que o Sr. Jones costumava cutucá-lo nas costelas e dizer que ele tinha sido um cão safado em sua época, o que John Dounce confessava com risadas. E depois de o Sr. Harris e o Sr. Jennings terem reclamado a reputação de terem sido cães safados também, eles se separavam harmoniosamente e seguiam para casa.

Os decretos do Destino e os meios pelos quais eles são realizados são misteriosos e inescrutáveis. John Dounce levou essa vida durante vinte anos ou mais, sem desejo de mudança, ou preocupação com a variedade, quando todo o seu sistema social foi repentinamente perturbado e virou completamente de pernas para o ar – não por um terremoto, ou alguma outra convulsão terrível da natureza, como o leitor estaria inclinado a supor, mas pela simples ação de uma ostra; e assim aconteceu.

Certa noite, o Sr. John Dounce estava voltando de seu bar preferido para sua residência na Cursitor Street – não embriagado, mas bastante animado, pois era o aniversário do Sr. Jennings. Tinham comido um par de perdizes no jantar e tomado uns dois copos a mais depois disso, e Jones estava mais divertido do que o normal – quando seus olhos

pousaram sobre uma recém-inaugurada loja que vendia ostras em larga escala. Os espécimes eram colocados em uma bacia de mármore circular bem funda, na vitrine, junto com pequenos barris redondos de ostras dirigidos a Lordes e Baronetes, e Coronéis e Capitães, em todas as partes habitáveis do globo.

Atrás dos espécimes estavam os barris, e atrás dos barris estava uma jovem de cerca de vinte e cinco anos, toda vestida de azul e sozinha – criatura esplêndida, rosto encantador e figura adorável! É difícil dizer se o rosto vermelho do Sr. John Dounce, iluminado pela luz bruxuleante da lâmpada a gás diante da vitrine da qual ele parou, excitou a risibilidade da moça, ou se uma exuberância natural de espíritos animais provou ser demais para aquela firmeza de comportamento que as formas de sociedade prescrevem de forma um tanto ditatorial. Mas é certo que a moça sorriu; depois colocou os dedos sobre os lábios, com uma lembrança impressionante do que deveria fazer; e finalmente retirou-se, tão tímida quanto uma ostra, para o fundo do balcão. O sentimento de cão safado apoderou-se de John Dounce: ele permaneceu ali – a moça de azul não fez nenhum sinal. Ele tossiu, mas ela não voltou. Ele entrou na loja.

“Você pode me abrir uma ostra, minha querida?” perguntou o Sr. John Dounce.

“Ouso dizer que posso, *sir*”, respondeu a moça de azul, com ar brincalhão. E o Sr. John Dounce comeu uma ostra, e depois olhou para a jovem, e depois comeu outra, e então apertou a mão da jovem enquanto ela abria a terceira, e assim por diante, até que ele devorou uma dúzia de ostras de oito *pence* em um instante.

“Você pode me abrir mais meia dúzia, minha querida?” perguntou o Sr. John Dounce.

“Vou ver o que posso fazer por você, *sir*”, respondeu a jovem de azul, ainda mais encantadora do que antes; e o Sr. John Dounce comeu mais meia dúzia de ostras de oito *pence*.

“Você não conseguiria me trazer um copo de conhaque com água, minha querida?” disse o Sr. John Dounce, quando terminou as ostras: num tom que claramente implicava sua suposição de que ela poderia.

“Vou ver, *sir*”, disse a jovem: e saiu correndo da loja e desceu a rua, seus longos cachos ruivos balançando ao vento da maneira mais encantadora; e ela voltou, saltando sobre as tampas do depósito de carvão como se fosse um pão, com um copo de conhaque com água, do qual o Sr. John Dounce insistiu que ela tomasse um pouco, pois era uma bebida comum para mulheres... quente, forte, doce. E havia bastante para dois.

Então, a jovem sentou-se com o Sr. John Dounce num pequeno

reservado vermelho de cortinas verdes, tomou um pequeno gole de conhaque com água e deu uma breve olhada para o Sr. John Dounce. Em seguida, virou a cabeça para o outro lado e prosseguiu com o charme pantomímico, que lembraram forçosamente ao Sr. John Dounce a primeira vez que ele cortejou sua primeira esposa, e que o fizeram sentir-se mais afetuoso do que nunca. Por causa de tal afeto, e movido por tal sentimento, o Sr. John Dounce sondou se a jovem tinha algum compromisso matrimonial, quando a jovem negou ter firmado qualquer tipo de compromisso – ela não suportava os homens, eles eram enganadores; então o Sr. John Dounce perguntou se essa condenação abrangente pretendia incluir outros homens além dos mais jovens; em que a jovem corou profundamente – ao menos, virou de lado a cabeça e disse que o Sr. John Dounce a tinha feito corar, então é claro que ela corou – e o Sr. John Dounce ficou muito tempo bebendo conhaque com água; e, finalmente, John Dounce foi para casa dormir e sonhou com sua primeira esposa, com sua segunda esposa, com a jovem, os perdizes, as ostras, o conhaque com água e compromissos desinteressados.

Na manhã seguinte, John Dounce estava bastante febril devido ao conhaque com água a mais da noite anterior; e, em parte na esperança de se acalmar comendo uma ostra, e em parte com o objetivo de saber se devia ou não alguma coisa à jovem, voltou à loja de ostras. Se a jovem parecia bonita à noite, era perfeitamente irresistível durante o dia; e, desse momento em diante, uma mudança ocorreu no sonho de John Dounce. Ele comprou pregadores de camisa, passou a usar um anel no dedo anelar e a ler poesia. Subornou um pintor barato de miniaturas para fazê-lo se parecer remotamente com um jovem, com uma cortina sobre a cabeça, seis grandes livros ao fundo e um campo aberto à distância (ele chamava isso de retrato); “continuou” se comportando de tal maneira até que as três senhoritas Dounce foram viver em pequenas pensões, pois ele tinha deixado sua casa em Cursitor Street aconchegante demais para abrigá-las; e, em suma, comportava-se e humilhava-se em todos os aspectos como um velho sarraceno absoluto; assim ele o era.

Quanto aos seus antigos amigos, os outros velhos gabolas que frequentavam o bar, ele se afastou deles gradativamente; pois, mesmo quando ia até lá, Jones – sujeito vulgar esse Jones – insistia em perguntar “quando seria?” e “se ele teria de usar luvas?”^[147] junto com outras perguntas de natureza igualmente ofensiva: das quais não apenas Harris ria, mas também Jennings. Assim, ele cortou relações com os dois completamente e se relacionava apenas com a moça de azul da simpática loja de ostras.

Agora vem a moral da história – pois afinal ela tem uma moral. A

supramencionada jovem, tendo obtido lucro e emolumento suficientes da ligação com John Dounce, não apenas recusou-se, quando as coisas chegaram a uma crise, a aceitá-lo para o melhor ou para o pior, como declarou expressamente, usando suas próprias palavras contundentes, que ela “não o aceitaria por preço algum”; e John Dounce, tendo perdido seus velhos amigos, alienado seus parentes e se tornado ridículo diante de todos, fez propostas sucessivamente a uma professora, a uma estalajadeira, a uma vendedora de tabaco e a uma governanta; e, sendo diretamente rejeitado por todas e cada uma delas, foi aceito por sua cozinheira, com quem agora vive, tendo se transformado num marido dominado, um monumento melancólico de miséria antiquada e um exemplo vivo para todos os velhos namoradeiros.

A MODISTA EQUIVOCADA: UM CONTO DE AMBIÇÃO

Publicado pela primeira vez como "A Costureira Vocal" no
Bell's Life in London (22 de novembro de 1835)

Miss Amelia Martin era pálida, alta, magra e tinha trinta e dois anos – o que as pessoas maldosas chamariam de comum, os relatórios policiais descreveriam como interessante. Ela era modista e costureira, vivendo de seu ofício e não acima dele. Se você fosse uma jovem criada e necessitasse dos préstimos de Miss Martin, como muitas outras criadas, você simplesmente teria ido, à tarde, para o número 47 da Drummond Street, George Street, Euston Square, [148] e depois de olhar para uma placa de bronze, afixada à porta, de trinta centímetros de largura por quarenta e cinco de altura, ornamentada com grandes botões de latão em cada um dos quatro cantos e com a inscrição “Miss Martin: chapelaria e costura, em todos os seus ramos”; você simplesmente teria dado duas batidas fortes à porta da rua, e a própria Miss Martin teria vindo, em um vestido merino da última moda, pulseiras de veludo preto no mais elegante princípio e outras pequenas elegâncias de igual descrição.

Se Miss Martin conhecesse a jovem que a procurava, ou se a jovem tivesse sido recomendada por qualquer outra jovem que Miss Martin conhecesse, Miss Martin imediatamente a levaria para a sala de visitas e conversaria com ela de um modo amigável – *tão* gentil e *tão* hospitaleiro – que pouco tinha de comercial. Então Miss Martin, depois de contemplar a figura e a aparência geral da jovem criada com grande aparente admiração, diria como ela ficaria bem, com certeza, em um vestido decotado e de mangas curtas; feito bem cheio nas saias, com quatro pregas na parte inferior; ao que a jovem criada responderia em termos expressivos de toda a sua concordância com a ideia e da virtuosa indignação com que refletia sobre a tirania das “patroas”, que não permitiam que uma jovem criada usasse mangas curtas – não, nem nada elegante, nem mesmo um par de brincos; isso sem falar na mania que tinham de esconder os cabelos de suas criadas sob aquelas toucas assustadoras. No final desta queixa, Miss Amelia

Martin sugeria, de longe, certas suspeitas sombrias de que algumas pessoas tinham ciúmes por causa das suas próprias filhas e eram obrigadas a manter sob controle os encantos de suas serviçais, por medo de se casarem primeiro, o que não era uma circunstância incomum – pelo menos, ela conhecera duas ou três jovens criadas, que se casaram muito melhor do que suas senhoritas, embora *elas* não fossem muito bonitas. A essa altura, a jovem criada informaria a Miss Martin, em sigilo, que uma de suas senhoritas estava noiva de um rapaz e ia se casar, e a mãe estava tão orgulhosa disso que não havia nenhuma influência sobre ela; mas como ela também não mantinha a cabeça tão erguida, pois, afinal, o moço era apenas um escriturário. E, depois de expressarem o devido desprezo pelos escriturários em geral, e pelo noivo escriturário em particular, e a opinião mais elevada possível de si mesmas e uma da outra, Miss Martin e a jovem criada desejavam boa noite uma à outra, de maneira amigável, mas perfeitamente gentil: e uma voltava para sua “casa”, e a outra, para seu apartamento no segundo andar do edifício.

Não há como dizer por quanto tempo Miss Amelia Martin teria continuado esse curso de vida; quão extensa seria a ligação que ela poderia ter estabelecido entre as jovens criadas; ou que valor suas exigências sobre as receitas trimestrais poderiam ter atingido, se uma série de circunstâncias imprevistas não tivesse direcionado seus pensamentos para uma esfera de ação muito diferente da costura ou da chapelaria.

Uma amiga de Miss Martin, que há muito tempo aceitava a corte de um pintor ornamental e ajudante de decoração, finalmente consentiu (quando ele resolveu finalmente pedi-la em casamento) em marcar o dia que faria do referido trabalhador um marido feliz. O dia escolhido para a celebração era uma segunda-feira, e Miss Amelia Martin foi convidada, entre outros, para prestigiar o jantar de casamento com a sua presença. Foi uma festa encantadora; Somers Town era a localidade, e o lugar, uma sala de frente. O pintor ornamental e ajudante de decoração havia alugado uma casa – sem alojamentos nem vulgaridades desse tipo, mas uma casa de verdade – quatro belos aposentos e uma pequena e encantadora cozinha no final do corredor – que era a coisa mais conveniente do mundo, pois as damas de honra poderiam sentar-se na sala da frente e receber os convidados, e depois correr para a pequena cozinha e ver como iam o pudim e a carne de porco cozinhando no caldeirão, e depois voltar para a sala, tão tranquila e confortável quanto possível. E que linda sala aquela! Lindo tapete Kidderminster^[149] – seis cadeiras novas com fundo de vime envernizado – três jarros de vinho e um copo em cada aparador – uma estatueta de jovens camponeses sobre o rebordo da lareira: a menina apoiada a uma cerca, e o menino brandindo um forcado – longas

cortinas brancas na janela – e, em suma, tudo na escala mais refinada que se possa imaginar.

Em seguida, o jantar. Começou com perna de carneiro assada e terminou com perna de carneiro cozida, um par de aves e presunto entre elas; jarros de cerveja nos cantos da mesa; pimenta, mostarda e vinagre no centro; assim como legumes, e pudim de ameixa, torta de maçã e tortinhas sem número; para não falar do queijo, aipo, agrião e todo esse tipo de coisa. Quanto aos convidados! A própria Miss Amelia Martin declarou, em ocasião posterior, que, por mais que tivesse ouvido falar das relações do pintor ornamental, nunca poderia ter imaginado que fossem tão distintas. Lá estava seu pai, um velho cavalheiro tão engraçado – e sua mãe, uma senhora tão querida – e sua irmã, uma garota tão encantadora – e seu irmão, um jovem de aparência tão viril – com olhos tão grandes! Mas mesmo todos estes não eram nada quando comparados com os seus amigos de dotes musicais, Sr. e Sra. Jennings Rodolph, de White Conduit, com quem pintor ornamental e ajudante de decoração teve a sorte de contrair intimidade enquanto se dedicava à decoração da sala de concertos daquela nobre instituição. Ouvi-los cantar separadamente era divino, mas quando passaram pelo trágico dueto de “Rufião vermelho, retire-se!”^[150] foi, como Miss Martin observou mais tarde, “emocionante”. E por que (como observou o Sr. Jennings Rodolph), por que eles não estavam envolvidos em um dos teatros subvencionados?^[151] Se lhe dissessem que suas vozes não eram poderosas o suficiente para encher a Câmara, sua única resposta seria que ele se apoiaria em qualquer quantia para preencher a Russell Square – uma declaração com a qual os convidados, após ouvirem o dueto, concordaram plenamente; então todos disseram que era um tratamento vergonhoso; e tanto o Sr. quanto a Sra. Jennings Rodolph concordaram que aquilo era de fato uma vergonha; o Sr. Jennings Rodolph parecia muito sério e disse que sabia quem eram seus malignos oponentes, mas era melhor que eles tomassem cuidado porquanto, pois se o irritassem demais, acabaria por levar o assunto ao Parlamento; e todos concordaram que isso “seria muito útil e muito apropriado que essas pessoas fossem um exemplo”. Assim, o Sr. Jennings Rodolph disse que iria pensar no assunto.

Quando a conversa retomou o tom anterior, o Sr. Jennings Rodolph reivindicou seu direito de solicitar um favor a uma das damas, e o direito sendo concedido, confiou que Miss Martin favoreceria a companhia com uma canção – uma proposta que recebeu aprovação unânime, ao que Miss Martin, depois de muitas hesitações e tosses, com um ou dois engasgos preparatórios, e uma declaração introdutória de que ela estava morrendo de medo de tentar fazer isso diante de tão grandes juízes da arte, iniciou uma espécie de chilrear

agudo contendo alusões frequentes a algum jovem cavalheiro chamado Henery, com uma referência ocasional à loucura e a corações partidos. O Sr. Jennings Rodolph frequentemente interrompia o andamento da música, exclamando: “Lindo!” – “Encantador!” – “Brilhante!” – “Oh! Esplêndido”, etc.; e no final a admiração dele, e de sua senhora, não tinha limites.

“Você já ouviu uma voz tão doce, minha querida?” perguntou o Sr. Jennings Rodolph à Sra. Jennings Rodolph.

“Nunca; na verdade, nunca antes, meu amor”, respondeu a Sra. Jennings Rodolph.

“Você não acha que Miss Martin, com um pouco de estudo, seria muito parecida com a Signora Marra Boni, minha querida?” perguntou o Sr. Jennings Rodolph.

“Foi exatamente o que pensei, meu amor”, respondeu a Sra. Jennings Rodolph.

E assim o tempo passou; O Sr. Jennings Rodolph executou melodias numa bengala e depois foi para trás da porta da sala e fez suas célebres imitações de atores, ferramentas cortantes e animais; Miss Martin cantou várias outras canções, recebidas com admiração cada vez maior; e até o velho e engraçado cavalheiro começou a cantar. Sua canção tinha propriamente sete versos, mas como ele não conseguia se lembrar de mais do que o primeiro, ele repetiu-o mais de sete vezes, aparentemente para sua própria satisfação pessoal. E então todo o grupo cantou o Hino nacional com nacional independência – cada um por si, sem referência ao outro – e separaram-se finalmente: todos declarando que nunca haviam passado uma noite tão agradável; e Miss Martin resolveu, interiormente, seguir o conselho do Sr. Jennings Rodolph, e “estrear” sem perda de tempo.

Agora, “estrear”, seja na atuação, ou no canto, ou na sociedade, ou na comédia, ou em qualquer outra coisa, é muito bom, e notavelmente agradável para o indivíduo principalmente envolvido, se ele ou ela conseguir ao menos sair com um êxito, e estando fora, para ficar fora, e não voltar; mas, infelizmente, acontece que ambas as consumações são extremamente difíceis de realizar, e que as dificuldades, de sair no primeiro caso, e se você superá-las, de permanecer de fora no segundo, são praticamente iguais, e nada de insignificante também – e foi o que Miss Amelia Martin logo descobriu. É um fato singular (havia damas no caso) que o principal ponto fraco de Miss Amelia Martin fosse a vaidade, e a principal característica da Sra. Jennings Rodolph era a paixão por vestidos. Ouviram-se lamentos sombrios vindos do segundo andar da casa de número 47 da Drummond Street, George Street, Euston Square; era Miss Martin praticando. Murmúrios

meio reprimidos perturbaram a calma dignidade da orquestra de White Conduit no início da temporada. Foi a aparição da Sra. Jennings Rodolph em traje de gala que os ocasionou. Miss Martin estudava incessantemente – a prática era a consequência. A Sra. Jennings Rodolph dava-lhe lições gratuitas, de vez em quando – daí os vestidos.

Semanas se passaram; a temporada de White Conduit havia começado e progredido, e já havia terminado mais da metade. O negócio de costura decaíra por negligência; e os seus lucros foram diminuindo quase imperceptivelmente. Um festival beneficente se aproximava; O Sr. Jennings Rodolph cedendo às sinceras solicitações de Miss Amelia Martin, apresentou-a pessoalmente ao “cavalheiro cômico” em cujo benefício seria realizado o festival. O cavalheiro cômico era todo sorrisos e amabilidades – ele havia composto um dueto, expressamente para a ocasião, e Miss Martin deveria cantá-lo com ele. A noite chegou; a sala estava lotada – noventa e sete garrafas de genebra de seis *pence*, trinta e dois cálices de conhaque com água, vinte e cinco garrafas de cerveja e quarenta e um canecos de ponche; o pintor ornamental e ajudante de decoração, com sua esposa e um seleto círculo de conhecidos, estavam sentados em uma das mesas laterais perto da orquestra. O concerto começou. Canção – sentimental – por um jovem cavalheiro de cabelos claros, de casaca azul com botões brilhantes – [aplausos]. Outra canção, de gênero duvidoso, por outro cavalheiro em outra casaca azul com botões ainda mais brilhantes – [aplausos mais fortes]. Dueto, Sr. Jennings Rodolph e Sra. Jennings Rodolph, “Rufião vermelho, retire-se!” – [grandes aplausos]. Solo, Miss Julia Montague (positivamente apenas nessa ocasião) – “Eu sou um frade”^[152] – [entusiasmo]. Dueto original, cômico – Sr. H. Taplin (o cavalheiro cômico) e Miss Martin – “As horas do dia”.^[153]

“Braavo! – Braavo!” – exclamou o grupo do pintor ornamental e ajudante de decoração, enquanto Miss Martin era graciosamente conduzida pelo cavalheiro cômico. “Mãos à obra, Harry”, gritaram os amigos pessoais do cavalheiro cômico. “Toc-toc-toc”, fez a batida do regente da orquestra sobre a estante. A sinfonia começou, e logo depois foi seguida por uma espécie de chilrear de ventríloquo, aparentemente procedente dos recantos mais profundos do interior de Miss Amelia Martin. “Canta alto!” – gritou um cavalheiro de casaca branca. “Não tenha medo de estourar os pulmões, minha velha!”, exclamou outro, “Chissssss” – fizeram as vinte e cinco garrafas de cerveja. “Silêncio, silêncio!” protestou o grupo do pintor ornamental e ajudante de decoração – “Chissss” fizeram novamente as garrafas de cerveja, acompanhadas, dessa vez, por todas as de gin e pela maioria das de conhaque.

“Expulsem esses vagabundos”, gritou o grupo do pintor ornamental

e ajudante de decoração, com grande indignação.

“Canta alto”, sussurrou o Sr. Jennings Rodolph.

“Estou cantando”, respondeu Miss Amelia Martin.

“Mais alto”, disse a Sra. Jennings Rodolph.

“Não posso”, respondeu Miss Amelia Martin.

“Fora, fora, fora”, gritou o resto da plateia.

“Braavo!” gritou o grupo do pintor.

Não adiantava: Miss Amelia Martin deixou o palco, com muito menos cerimônia do que quando entrou; e, como ela não conseguia cantar alto, nunca mais voltou. O bom humor geral só foi restaurado depois que o Sr. Jennings Rodolph ficou com o rosto roxo de tanto imitar diversos quadrúpedes, por mais de meia hora, sem ser capaz de se tornar audível. E, até hoje, nem o bom humor de Miss Amelia Martin foi recobrado, nem os vestidos feitos e presenteados à Sra. Jennings Rodolph, nem as habilidades vocais, que o Sr. Jennings Rodolph certa vez apostando sua reputação profissional, que Miss Martin possuía.

A ACADEMIA DE DANÇA

Publicado pela primeira vez no *Bell's Life in London* (11 de outubro de 1835)

De todas as academias de dança que já foram estabelecidas, nunca houve uma mais popular nas redondezas do que a do Signor Billsmethi, no King's Theatre. [154] Não estava localizada em Spring Gardens, ou Newman Street, ou Berners Street, ou Gower Street, ou Charlotte Street, ou Percy Street, ou qualquer outra das numerosas ruas que foram dedicadas voluntariamente a profissionais, dispensários e pensões; não ficava no extremo oeste – aproximava-se bastante da parte leste de Londres, estando situada no bairro populoso e em melhoria de Gray's Inn Lane. Não era uma academia de dança cara: quatro xelins e seis pence por trimestre é decididamente barato, no geral. Era um ambiente muito seletivo, o número de alunos era estritamente limitado a setenta e cinco e o pagamento adiantado de um trimestre era rigidamente exigido. Havia aulas públicas e particulares – um salão de baile e uma sala de estar. A família do Signor Billsmethi estava sempre presente na sala de visitas e incluída nas aulas; isto é, um aluno particular tinha o salão do Signor Billsmethi para dançar e também podia dançar com qualquer membro da família; e quando já estava suficientemente fatigado na sala de estar, passava a dançar com outros pares no salão de baile.

Tal era a academia de dança do Signor Billsmethi, quando o Sr. Augustus Cooper, de Fetter Lane, viu pela primeira vez um cartaz ambulante caminhando vagarosamente por Holborn Hill, anunciando ao mundo que o Signor Billsmethi, do King's Theatre, pretendia abrir a temporada com um Grande Baile.

Agora, o Sr. Augustus Cooper era um negociante de óleo e tinta que tinha acabado de adquirir a maioridade, com algum dinheiro, um pequeno negócio e uma pequena mãe, que, tendo administrado o marido e os negócios *dele* durante sua vida, passou a administrar o filho e *seus* negócios depois que enviuvou; e assim, de uma forma ou de outra, ele ficava enfiado na pequena sala dos fundos atrás da loja durante a semana, e em um balcão aberto (chamado por cortesia de

banco de igreja) em Bethel Chapel,^[155] aos domingos, e não fazia mais nada na vida, como se continuasse na infância; enquanto o Young White, seu vizinho do outro lado da rua, três anos mais novo que ele, ia para todo lado – ao teatro – aos concertos de harmônica – comia ostras aos montes – bebia galões de cerveja preta – até mesmo saía a noite toda e voltava para casa tão fresco pela manhã como se nada tivesse acontecido. Assim, o Sr. Augustus Cooper decidiu que não aguentaria mais, e naquela mesma manhã expressou à sua mãe a firme determinação de “sumir no mundo”, caso não lhe fosse imediatamente fornecida uma cópia da chave de casa. Ao caminhar por Holborn Hill, pensando em todas essas coisas, e imaginando como conseguiria ser introduzido pela primeira vez na sociedade refinada, quando seus olhos pousaram no anúncio do Signor Billsmethi, que imediatamente lhe ocorreu ser exatamente aquilo que ele queria; pois ele não só seria capaz de selecionar imediatamente um círculo de amizades elegantes, dentre os setenta e cinco alunos, a quatro xelins e seis *pence* por trimestre, mas poderia, ao mesmo tempo, se apresentar definitivamente à sociedade com facilidade e tranquilidade, para o grande deleite de seus atuais amigos. Então, ele parou o anúncio ambulante – um sanduíche de gente, composto por um menino entre duas tábuas – e, tendo conseguido um cartão muito pequeno com o endereço do Signor recortado nele, foi direto para a casa do Signor – e muito rápido ele caminhou também, por medo de que a lista fosse preenchida e os setenta e cinco completados antes que ele chegasse lá. O Signor estava em casa e, o que era ainda mais gratificante, era inglês! Um homem tão gentil – e tão educado! A lista não estava completa, mas era uma circunstância extraordinária o fato de haver apenas uma vaga, e mesmo essa teria sido preenchida naquela mesma manhã, só que o Signor Billsmethi ficou insatisfeito com as referências e, temendo muito que a dama não correspondesse às suas exigências, não a aceitou.

“Estou muito contente, Sr. Cooper”, disse o Signor Billsmethi, “por não tê-la admitido no grupo. Garanto-lhe, Sr. Cooper, não digo isso para lisonjeá-lo, pois sei que está acima disso, que me considero extremamente afortunado por ter um cavalheiro com suas maneiras e aparência, *sir*.”

“Também estou muito contente com isso, *sir*”, disse Augustus Cooper.

“E espero que nos conheçamos melhor, *sir*”, disse o Signor Billsmethi.

“É o que também espero, *sir*”, respondeu Augustus Cooper. Nesse momento, a porta se abriu e entrou uma jovem, com o cabelo enrolado em um coque por toda a cabeça e sandálias amarradas nos

tornozelos.

“Não vá embora, minha querida”, disse o Signor Billsmethi; pois a jovem não sabia que o Sr. Cooper estava lá quando ela entrou correndo, e ia sair correndo novamente em sua modéstia, toda confusa. “Não fuja, minha querida”, disse o Signor Billsmethi, “este é o Sr. Cooper – o Sr. Cooper, de Fetter Lane. Sr. Cooper, minha filha, *sir*... Srta. Billsmethi, *sir*, que espero que tenha o prazer de dançar muitas quadrilhas, minuets, gavotas, polcas, fandangos e mazurcas com você, *sir*. Ela dança todas elas, *sir*; e você também fará o mesmo, *sir*, antes que o trimestre acabe, *sir*.”

E o Signor Billsmethi deu um tapinha nas costas do Sr. Augustus Cooper, como se o conhecesse há doze anos, – tão amigável; – e o Sr. Cooper fez uma reverência para a jovem, e a jovem fez uma reverência para ele, e o Signor Billsmethi disse que eles eram o par mais bonito que ele já tinha visto em sua escola; ao que a jovem exclamou: “Ah, papai!” e ficou tão corada quanto o próprio Sr. Cooper – você poderia pensar que os dois estavam sob uma lâmpada vermelha de uma farmácia; e antes de o Sr. Cooper partir, ficou combinado que ele deveria se juntar ao círculo familiar naquela mesma noite – vê-os exatamente como eram – sem cerimônias nem tolices desse tipo – e aprender seus passos para não perder tempo, e ser capaz de tomar parte do próximo baile.

Bem; Augustus Cooper foi a uma das sapatarias baratas de Holborn, onde os sapatos masculinos de dança custam sete xelins e seis *pence* e os sapatos masculinos de caminhada não custam nada, e comprou um par de sapatos comuns de sete xelins e seis *pence*, sapatos longos, feitos na cidade, no qual ele se surpreendeu tanto quanto sua mãe, e foi até a casa do Signor Billsmethi. Havia outros quatro alunos particulares na sala de visitas: duas damas e dois cavalheiros. Pessoas tão encantadoras! Nem um pouco orgulhosas. Uma das damas em particular, vestida de Columbine, era extremamente afável; e ela e a Srta. Billsmethi demonstraram tanto interesse pelo Sr. Augustus Cooper, e brincaram, e sorriram, e pareciam tão encantadoras, que ele se sentiu bastante à vontade e aprendeu os passos num piscar de olhos. Depois que a aula terminou, o Signor Billsmethi, e a Srta. Billsmethi, e o Mestre Billsmethi, e uma outra jovem, e as duas damas, e os dois cavalheiros, dançaram uma quadrilha – nenhum escorregão ou deslize, mas um trabalho quente e regular, voando nos cantos, e mergulhando entre as cadeiras, e saindo pela porta, – algo como uma perfeita dança! O Signor Billsmethi em particular, mesmo tocando um pequeno violino, acompanhava todos os dançarinos, e Mestre Billsmethi, depois de todos já terem perdido o fôlego, dançou uma polca, com uma bengala em uma das mãos, e um prato de queijo na

cabeca, para admiração incondicional de toda a companhia. Então, o Signor Billsmethi insistiu, como eles estavam tão felizes, que todos deveriam ficar para jantar, e propôs enviar o Mestre Billsmethi para buscar a cerveja e os destilados, ao que os dois cavalheiros exclamaram que aquilo era uma vulgaridade. Quando iam discutir quem deveria pagar pelas bebidas, o Sr. Augustus Cooper disse que o faria, se eles tivessem a gentileza de permitir – e eles *tiveram* a gentileza de permitir; e Mestre Billsmethi trouxe garrafas de cerveja e de rum e passaram a noite toda bebendo. A Srta. Billsmethi apertou a mão do senhor Augustus Cooper por baixo da mesa, ao que o Sr. Augustus Cooper retribuiu o aperto. O rapaz voltou para casa por volta das seis horas da manhã, quando foi colocado na cama à força pelo aprendiz, depois de expressar repetidamente um desejo incontrollável de atirar seu reverenciado pai pela janela do segundo andar e estrangular o aprendiz com seu próprio lenço.

As semanas haviam se passado e os sapatos de sete xelins e seis *pence* da cidade estavam quase gastos, quando chegou a noite do grande baile de gala em que todos os setenta e cinco alunos se reuniram, pela primeira vez naquela temporada. O Sr. Augustus Cooper havia encomendado um traje novo para a ocasião, feito no melhor alfaiate da região. Era a sua primeira aparição em público; e, depois de uma grande dança siciliana com catorze jovens vestidas a caráter, ele iria abrir a quadrilha com a própria Srta. Billsmethi, de quem se tornara bastante íntimo desde o primeiro encontro. Que noite! Tudo estava admiravelmente organizado. Um valete pegava os chapéus e gorros na porta de entrada; havia uma cama dobrável na sala dos fundos, onde a Srta. Billsmethi preparava chá e café para os cavalheiros que decidissem pagar por eles, e para as damas que os acompanhassem. Vinho do Porto e limonada eram servidos a dezoito *pence* por pessoa e, em virtude de um acordo feito com o bar da esquina, um garçom extra foi contratado para a ocasião. Em suma, nada poderia exceder os acordos, exceto a companhia. Que damas! Que belas meias de seda cor-de-rosa! Que belas flores artificiais! Quantos coches de aluguel! Assim que um coche trazia um par de damas, outro coche aparecia e deixava outro par de damas, e todos elas conheciam: não apenas umas às outras, mas a maioria dos cavalheiros, o que tornava tudo o mais agradável possível e animado quanto poderia ser. O Signor Billsmethi, em traje social, com um grande laço azul na lapela, apresentava as damas aos cavalheiros que eram estranhos: e as damas conversavam – e riam – tornando ainda mais prazeroso olhar para elas.

Quanto à dança siciliana, foi a mais emocionante já vista; as moças giravam, rodopiavam, abanavam-se, enroscavam-se, segurando flores artificiais, e depois desenroscavam-se novamente! E quanto à

participação do Sr. Augustus Cooper na quadrilha, ele se saiu bem. Ele se perdia de sua parceira, de vez em quando, certamente, e nessas ocasiões descobria que ou estava dançando com louvável perseverança em outro cenário, ou deslizando em perspectiva, sem qualquer objeto definido; mas, de um modo geral, conseguiram empurrá-lo através da figura, até que ele apareceu no lugar certo. Seja como for, quando ele terminou, muitas damas e cavalheiros apareceram e o elogiaram muito, dizendo que nunca tinham visto um iniciante fazer algo parecido antes. O Sr. Augustus Cooper estava perfeitamente satisfeito tanto consigo mesmo quanto com seus colegas, e “aguentou” quantidades consideráveis de álcool e água, vinho do Porto e compostos, para o consumo e deleite de duas ou três dúzias de amigos muito particulares, selecionados do seleto círculo de setenta e cinco alunos.

Agora, quer fosse a força da bebida, ou a beleza das moças, ou qualquer outra coisa, aconteceu que o Sr. Augustus Cooper encorajou, em vez de repelir, as atenções muito lisonjeiras de uma jovem com tule marrom sobre um vestido de chita, que parecia particularmente impressionada com ele desde o início; e quando os incentivos se prolongaram por algum tempo, a Srta. Billsmethi traiu-se, tendo um ataque de ciúmes, chamando a jovem de tule marrom de “criatura”, o que induziu a jovem de tule marrom a responder, em certas frases contendo um comentário sarcástico sobre o pagamento de quatro xelins e seis *pence* por trimestre, ao que o Sr. Augustus Cooper, estando então num estado de considerável embriaguez, expressou toda a sua concordância. A Srta. Billsmethi, assim rejeitada, imediatamente começou a gritar no tom mais alto de sua voz, a uma velocidade de quatorze gritos por minuto; e, sem sucesso, num ataque violento aos olhos e ao rosto, primeiro da jovem de tule e depois do Sr. Augustus Cooper, pediu distraidamente aos outros setenta e três alunos para lhe fornecerem ácido oxálico^[156] para ela beber em particular; e, o pedido não sendo atendido, correu novamente até o Sr. Cooper; mas, nesse exato momento, seu espartilho se abriu e ela teve de ser levada para a cama.

Augustus Cooper, não sendo notável pela sua rapidez de compreensão, não conseguiu entender o que tudo aquilo significava, até que o Signor Billsmethi explicou de maneira muito satisfatória, declarando aos alunos que o Sr. Augustus Cooper tinha feito e confirmado várias promessas de casamento à sua filha em diversas ocasiões, e agora a abandonara vilmente; em que a indignação dos alunos tornou-se universal; e enquanto vários cavalheiros corajosos perguntavam com bastante urgência ao Sr. Augustus Cooper se ele precisava de alguma coisa para seu próprio uso, ou, em outras palavras, se “queria alguma coisa para si”, ele considerou prudente

fazer uma retirada precipitada. E o resultado da questão foi que a carta de um advogado chegou no dia seguinte e uma ação foi iniciada na semana seguinte; e que o Sr. Augustus Cooper, depois de ir duas vezes até o Serpentine,^[157] em Hyde Park, com o propósito de tentar se afogar, e voltar duas vezes para casa sem fazê-lo, tornou-se confiante de sua mãe, que resolveu o assunto com vinte libras de sua receita: o que rendeu vinte libras quatro xelins e seis *pence* pagos ao Signor Billsmethi, excluindo a “cera” e os “sapatos de dança”. Assim, o Sr. Augustus Cooper voltou a viver com sua mãe, e lá ele vive até hoje; e como ele perdeu a ambição de entrar para a sociedade e nunca mais foi visto pelo mundo, ele nunca verá esse relato de si mesmo e jamais terá aprendido a lição.

OS DECADENTES

Publicado pela primeira vez no *Morning Chronicle* (5 de novembro de 1834)

Existem certas descrições de pessoas que, curiosamente, parecem pertencer exclusivamente a esta metrópole. Você as encontra todos os dias nas ruas de Londres, mas ninguém as encontra em nenhum outro lugar; parecem brotar do solo e pertencem tão exclusivamente a Londres, quanto a própria fumaça que a cerca ou os seus tijolos encardidos cobertos de argamassa. Poderíamos ilustrar a observação com uma variedade de exemplos, mas, em nosso presente artigo, mencionaremos apenas uma classe, como amostragem – aquela classe que é tão própria e expressivamente designada como “decadentes”.

Ora, pessoas miseráveis, Deus sabe, podem ser encontradas em qualquer lugar, e pessoas elegantes não são artigos mais escassos fora de Londres do que dentro dela; mas essa combinação das duas – miséria e elegância – é tão puramente local quanto a estátua em Charing Cross ou a bomba em Aldgate.^[158] É digno de nota, também, que apenas os homens são decadentes. As mulheres são sempre sujas e desleixadas ao extremo ou arrumadas e respeitáveis, por mais pobre que seja sua aparência. Um homem muito pobre, “que já viu dias melhores”, como diz o ditado, é uma estranha combinação de sujeira e desleixo e tentativas miseráveis de esperteza perdida.

Tentaremos explicar nossa concepção do termo que dá título a este artigo. Se você encontrar um homem vagando por Drury Lane, ou encostado em um poste em Long Acre, com as mãos nos bolsos de uma calça desbotada abundantemente salpicada de manchas de gordura: as calças caídas sobre as botas e amarradas com dois cordões na parte externa de cada perna – vestindo, também, o que tem sido um casaco marrom com botões brilhantes e um chapéu meio dobrado dos lados, inclinado sobre o olho direito – não tenha pena dele. Ele não é um decadente. Os “concertos de harmônica” em alguma taverna de quarta categoria, ou os fundos de um teatro privado, são seus locais preferidos; ele nutre uma antipatia enraizada por qualquer tipo de trabalho e conhece vários homens que fazem mímica nas grandes

casas. Mas, se você vir correndo por uma rua secundária, mantendo-se o mais próximo possível aos trilhos, um homem de cerca de quarenta ou cinquenta anos, vestido com um terno velho e desbotado de tecido preto puído, ensebado com o uso constante – as calças amarradas nas pernas, em parte pela aparência da coisa e em parte para evitar que seus sapatos velhos escorreguem dos calcanhares –, se você observar também que seu lenço branco-amarelado está cuidadosamente preso com alfinetes, para esconder a camisa gasta por baixo, e que suas mãos estão envoltas nos restos de um velho par de luvas de castor, aí sim poderá considerá-lo um decadente. Um olhar para aquele rosto deprimido e para aquele ar tímido de pobreza consciente fará seu coração doer – sempre supondo que você não seja um filósofo nem um economista político.^[159]

Certa vez, fomos assombrados por um homem decadente; ele esteve corporalmente presente em nossos sentidos o dia todo e esteve em nossa mente a noite toda. O homem de quem Sir Walter Scott fala em sua *Demonologia*^[160] não sofreu metade da perseguição de seu meirinho imaginário vestido com um traje de veludo preto do que sofremos de nosso amigo vestido de preto. Ele primeiro atraiu nossa atenção ao sentar-se de frente para nós na sala de leitura do Museu Britânico;^[161] e o que tornava o homem mais notável era que ele sempre tinha diante de si alguns livros decadentes – dois velhos fólhos com orelhas, em capas mofadas e carcomidas, que já haviam sido elegantes. Costumava sentar-se em sua cadeira, todas as manhãs, exatamente quando o relógio marcava dez horas; ele era sempre o último a sair da sala à tarde; e quando o fazia, ele desistia com o ar de um homem que não sabia mais para onde ir, em busca de calor e tranquilidade. Ali ficava sentado o dia todo, o mais próximo possível da mesa, para disfarçar a falta de botões do casaco; com o chapéu velho cuidadosamente colocado junto aos pés, aparentemente acreditando que ali escaparia à observação.

Por volta das duas horas, ele podia ser visto mastigando um pãozinho francês ou um pãozinho doce; não o tirava do bolso com ousadia e de imediato, como quem está apenas fazendo uma pausa para o almoço; mas quebrando pedacinhos no bolso e comendo-os às escondidas. Ele sabia muito bem que aquele seria também o seu jantar.

Quando vimos este pobre objeto pela primeira vez, pensamos que era impossível que seu traje pudesse piorar. Chegamos ao ponto de especular sobre a possibilidade de ele aparecer em breve com um terno decente de segunda mão. Não sabíamos nada sobre o assunto; ele ficava cada vez mais decadente a cada dia. Os botões do colete foram caindo um por um; então ele passou a abotoar o casaco; e

quando um dos lados do casaco ficou nas mesmas condições do colete, ele passou a abotoá-lo do outro lado. Ele parecia um pouco melhor no início da semana do que no final, porque o lenço, embora amarelo, não estava tão sujo; e, no meio de toda essa miséria, nunca aparecia sem luvas e suspensórios. Ele permaneceu neste estado por uma ou duas semanas. Por fim, um dos botões das costas do casaco caiu e, então, o homem simplesmente desapareceu e pensamos até que tivesse morrido.

Estávamos sentados à mesma mesa cerca de uma semana depois do seu desaparecimento e, quando os nossos olhos pousaram na sua cadeira vaga, insensivelmente caímos numa linha de meditação sobre o tema do seu afastamento da vida pública. Estávamos nos perguntando se ele teria se enforcado ou se jogado de uma ponte – se estava realmente morto ou se apenas fora preso – quando nossas conjecturas foram subitamente apaziguadas pela entrada do próprio homem. Ele havia passado por alguma estranha metamorfose e caminhou até o centro da sala com um ar que mostrava que ele estava plenamente consciente da melhora em sua aparência. Foi muito estranho. Suas roupas eram de um preto fino, profundo e brilhante; e ainda assim parecia ser o mesmo terno; não, *era* exatamente a mesma roupa que o tínhamos visto usar antes. O chapéu também – ninguém poderia confundir o formato daquele chapéu, com sua coroa alta aumentando gradualmente em circunferência em direção ao topo. O longo tempo de uso lhe havia conferido uma tonalidade marrom-avermelhada; mas agora era tão preto quanto o casaco. A verdade brilhou subitamente sobre nós: eles haviam sido “ressuscitados”. É um enganador esse líquido que ressuscita preto e azul; observamos seus efeitos em muitos homens decadentes. Ele ilude suas vítimas para uma sensação temporária de importância, levando-as a comprar um novo par de luvas, ou meias baratas, ou alguma outra peça de vestuário insignificante. Eleva o seu ânimo durante uma semana, apenas para deprimi-los, se possível, abaixo do seu nível original. Foi assim neste caso; a dignidade transitória do homem infeliz diminuiu, na exata proporção em que o efeito do “ressuscitador” passou. Os joelhos das calças, os cotovelos do casaco e as costuras em geral logo começaram a ficar assustadoramente brancos. O chapéu voltou a ser colocado sob a mesa e seu dono a sentar-se silenciosamente como sempre.

Houve uma semana de chuva e neblina incessantes. Ao expirar, o “ressuscitador” havia desaparecido completamente, e o homem maltrapilho e elegante nunca mais tentou efetuar qualquer melhoria em sua aparência externa.

Seria difícil nomear qualquer parte específica da cidade como o principal reduto de homens decadentes. Conhecemos muitas pessoas

dessa descrição nas vizinhanças das tavernas. Eles podem ser encontrados em Holborn, entre oito e dez da manhã; e quem tiver a curiosidade de entrar na Taverna dos Devedores Insolventes observará, tanto entre os espectadores como entre os frequentadores, uma grande variedade deles. Nunca fomos ao 'Change,^[162] por acaso, sem ver alguns homens decadentes, e muitas vezes nos perguntamos que negócios terrenos eles poderiam ter por ali. Eles ficam ali sentados, por horas, apoiados em grandes guarda-chuvas hidrópicos e mofados, ou comendo biscoitos Abernethy.^[163] Ninguém conversa com eles, nem eles com ninguém. Pensando bem, lembramos de ter visto ocasionalmente dois homens decadentes conversando no 'Change, mas nossa experiência nos assegura que esta é uma circunstância incomum, ocasionada pela oferta de uma pitada de rapé, ou alguma civilidade semelhante.

Seria uma tarefa de igual dificuldade, seja atribuir um local específico para a residência desses seres, seja tentar enumerar as suas ocupações gerais. Nunca fizemos negócios com mais de um homem decadente; e ele era um entalhador bêbado e morava em um quartinho úmido nos fundos de uma nova fileira de casas em Camden Town, metade rua, metade campo de tijolos, em algum lugar perto do canal. Um homem decadente pode não ter ocupação, ou pode ser um vendedor de milho, ou um vendedor de carvão, ou um comerciante de vinho, ou um cobrador de dívidas, ou um assistente de corretor, ou um advogado falido. Ele pode ser um escriturário de categoria inferior ou um colaborador da imprensa do mesmo grau. Se nossos leitores notaram esses homens em suas caminhadas com a mesma frequência que nós, não sabemos dizer. Mas de uma coisa sabemos – que o homem miseravelmente pobre (não importa se ele deve suas angústias à sua própria conduta ou à dos outros), que sente sua pobreza e se esforça em vão para escondê-la, é um dos objetos mais lamentáveis da natureza humana. Tais seres, com poucas exceções, são os decadentes.

O CARRO DE PRESOS

Publicado pela primeira vez no *Bell's Life in London* (29 de novembro de 1835)

Estávamos passando pela esquina da Bow Street, quando voltávamos de um passeio relaxante, outra tarde, quando uma multidão, reunida em torno da porta da Chefatura de Polícia, atraiu nossa atenção. Logo rumamos naquela direção. Eram trinta ou quarenta pessoas, de pé na calçada e metade do outro lado da rua; e alguns retardatários estavam pacientemente estacionados no lado oposto do caminho – todos aguardando com evidentemente expectativa a chegada de alguém ou algo. Esperamos também alguns minutos, mas nada aconteceu; então, voltamo-nos para um sapateiro de aparência pálida, com barba por fazer, que estava parado ao nosso lado com as mãos sob o avental, e fizemos a pergunta usual: “Qual é o problema?” O sapateiro olhou-nos da cabeça aos pés, com um desprezo superlativo, e respondeu laconicamente: “Nada.”

Ora, sabíamos perfeitamente que se dois homens parassem na rua para olhar um determinado objeto, ou mesmo para olhar para o ar, duzentos homens se reuniriam num instante; mas, como sabíamos muito bem que nenhuma multidão de pessoas poderia, por acaso, permanecer numa rua durante cinco minutos sem provocar um pouco de diversão entre si, a menos que tivessem algum objeto interessante em vista, a próxima pergunta natural a ser feita foi: “O que é que todo mundo está esperando?” – “A carruagem de Sua Majestade”, respondeu o sapateiro. Isto foi ainda mais extraordinário. Não podíamos imaginar que trabalho terreno a carruagem de Sua Majestade poderia ter na Chefatura de Polícia em Bow Street. Estávamos começando a ruminar sobre as possíveis causas de uma aparição tão incomum, quando uma exclamação geral de todos os meninos na multidão de “Ali está o carro!” nos fez levantar a cabeça e olhar adiante na rua.

O veículo fechado, no qual os presos são transportados das delegacias para as diferentes prisões, avançava a toda velocidade. Ocorreu-nos então, pela primeira vez, que a carruagem de Sua

Majestade era apenas outro nome dado ao carro de presos, que lhe foi conferido, não só pela superior gentileza do termo, mas porque o referido carro é custeado pela própria realaleza, tendo sido originalmente criado para acomodação exclusiva de damas e cavalheiros que tivessem a necessidade de visitar os diversos estabelecimentos conhecidos pelo nome genérico de “Prisões de Sua Majestade”.

O carro parou diante da porta da delegacia e as pessoas se aglomeraram nos degraus, deixando apenas um pequeno espaço para os prisioneiros passarem. Nosso amigo sapateiro e os demais desocupados atravessaram e nós seguimos o seu exemplo. O cocheiro e um outro homem, sentado ao seu lado na frente do veículo, desceram e foram admitidos no prédio da delegacia. A porta foi fechada atrás deles e a multidão ficou na ponta dos pés, na expectativa.

Após alguns minutos de atraso, a porta se abriu novamente e os dois primeiros prisioneiros apareceram. Eram duas moças, das quais a mais velha não podia ter mais de dezesseis anos, e a mais nova certamente não tinha completado quatorze anos. Que eram irmãs era evidente pela semelhança que ainda subsistia entre elas, embora dois anos adicionais de depravação tivessem fixado a sua marca nas feições da moça mais velha, tão legivelmente como se um ferro em brasa as tivesse queimado. Ambas estavam vestidas vistosamente, especialmente a mais jovem; e, embora houvesse uma forte semelhança entre elas em ambos os aspectos, o que se tornou ainda mais evidente por estarem algemadas juntas, era impossível conceber um contraste maior do que o comportamento apresentado pelas duas. A moça mais nova chorava amargamente – não por exibição, ou na esperança de produzir efeito, mas por muita vergonha: seu rosto estava enterrado no lenço: e todos os seus modos eram muito expressivos de tristeza amarga e insuportável.

“Quantos anos pegou, Emily?” gritou uma mulher de rosto vermelho no meio da multidão. “Seis semanas de trabalhos forçados”, respondeu a moça mais velha com um riso de escárnio; “e isso é melhor do que a prisão, de qualquer maneira; a *mill’s* é muito melhor do que as *Sessions*,^[164] e aqui está Bella também pela primeira vez. Levante a cabeça, sua medrosa”, continuou ela, arrancando ruidosamente o lenço das mãos da outra garota; “Levante a cabeça e mostre seu rosto. Não me sinto humilhada, temos de nos sentir abençoadas!” – “É isso mesmo, menina,” exclamou um homem com um chapéu de cartolina que, tal como a maior parte da multidão, ficou inexprimivelmente encantado com este pequeno incidente. – “Certo!” respondeu a garota; “ah, com certeza; quais são as chances, hein?” – “Vamos! Entre logo” – interrompeu o cocheiro. “Não tenha pressa, cocheiro”, retrucou a

garota, “e lembre-se que quero ir para Cold Bath Fields^[165] – uma casa grande com um alto muro cercando o jardim em frente; você não pode confundir. Olá! Bella, para onde você vai? Quer arrancar meu precioso braço?” A mensagem foi dirigida à moça mais nova, que, na sua ansiedade de se esconder dentro do carro de presos, subiu primeiro os degraus, esquecendo-se que estavam presas pela mesma algema. “Desça, vamos, eu lhe mostro o caminho.” E depois de derrubar a miserável menina com uma força que a fez cambalear na calçada, ela entrou no veículo e foi seguida por sua infeliz companheira.

Essas duas mocinhas tinham sido jogadas nas ruas de Londres, para um mundo de vícios e libertinagem, por uma mãe sórdida e voraz. O que a moça mais nova era então, a mais velha já foi; e o que a mais velha era então, a mais jovem logo se tornará. Uma perspectiva melancólica, mas com certeza inevitável; um drama trágico, mas com que frequência se sucedia! Olhe para as prisões e delegacias de polícia de Londres – ou melhor, olhe para as próprias ruas. Essas coisas passam diante de nossos olhos, dia após dia, e hora após hora – elas se tornaram questões tão comuns que são totalmente desconsideradas. O progresso dessas jovens no crime será tão rápido como o avanço de uma pestilência, assemelhando-se também a ela na sua influência nefasta e na infecção generalizada. Passo a passo, quantas mulheres miseráveis, dentro da esfera de observação de cada homem, envolveram-se numa carreira de vícios impossível de contemplar? Desesperadora no início, repugnante e repulsiva em seu curso; sem amizades, fortuita e impiedosa, em sua conclusão miserável!

Havia outros prisioneiros – meninos de dez anos, tão endurecidos nos vícios quanto homens de cinquenta – um vagabundo sem-teto, indo alegremente para a prisão em busca de comida e abrigo, algemado a um homem cujas perspectivas estavam arruinadas, o caráter perdido e a família desamparada, por sua primeira infração. Nossa curiosidade, porém, foi satisfeita. O primeiro grupo deixou em nossa mente uma impressão que teríamos evitado com prazer e que teríamos apagado de bom grado.

A multidão se dispersou; o veículo partiu com sua carga de culpa e infortúnio; e perdemos de vista o carro de presos.

CONTOS

SR. MINNS E SEU PRIMO

Publicado pela primeira vez como ‘Um jantar em Poplar Walk’ na *Monthly Magazine* (dezembro de 1833); A primeira aparição de Dickens como autor.

O Sr. Augustus Minns era solteiro, tinha cerca de quarenta anos, como ele dizia – cerca de quarenta e oito, como diziam seus amigos. Andava sempre extremamente limpo, preciso e arrumado; parecia um tanto pedante e o homem mais retraído do mundo. Ele geralmente usava uma sobrecasaca marrom sem amassados, calções claros e sem manchas, um lenço bem cuidado com uma gravata extremamente elegante e botas irrepreensíveis; além disso, ele sempre carregava um guarda-chuva de seda marrom com alça de marfim. Ele era escriturário em Somerset House ou, como ele mesmo dizia, ocupava “uma posição de responsabilidade no governo”. Ele tinha um salário bom e crescente, além de ser dono de cerca de dez mil libras (que aplicara em fundos[166]), e ocupava um primeiro andar na Tavistock Street, Covent Garden, onde residia há vinte anos, tendo o hábito de brigar com o senhorio o tempo todo: avisando regularmente da sua intenção de mudar-se logo no primeiro dia de cada trimestre, e revogando-a com a mesma regularidade no segundo. Havia duas classes de seres vivos que ele considerava com o mais profundo e puro horror; estes eram cães e crianças. Ele não era inamistoso, mas poderia, a qualquer momento, ter assistido à execução de um cachorro ou o assassinato de uma criança com a mais viva satisfação. Seus hábitos estavam em desacordo com seu amor pela ordem; e seu amor pela ordem era tão poderoso quanto seu amor pela vida. Augustus Minns não tinha parentes, em ou perto de Londres, com exceção de seu primo, Sr. Octavius Budden, de cujo filho, a quem ele nunca tinha visto (pois não gostava do pai), ele consentira em se tornar padrinho por procuração. Budden, tendo obtido uma fortuna moderada exercendo o ofício de comerciante de cereais, e tendo uma grande predileção pelo campo, comprara uma casa de campo nas proximidades de Stamford Hill,[167] para onde se retirara com a esposa estremecida, e seu único filho, Mestre Alexander Augustus Budden. Certa noite, enquanto o Sr. e a Sra. Budden admiravam o filho, discutindo seus vários méritos, conversando sobre sua educação

e argumentando se os clássicos deveriam ou não se tornar uma parte essencial disso, a senhora pressionou fortemente seu marido sobre a conveniência de ser cultivada a amizade do Sr. Minns em benefício do menino, que o Sr. Budden finalmente decidiu que não seria sua culpa se ele e seu primo não fossem mais íntimos no futuro.

“Vou quebrar o gelo, meu amor”, disse o Sr. Budden, mexendo o açúcar no fundo de seu copo de conhaque com água, e lançando um olhar de soslaio para sua esposa para ver o efeito do anúncio de sua determinação, “convidando Minns para jantar conosco, no domingo”.

“Então, por favor, Budden, escreva para seu primo imediatamente”, respondeu a Sra. Budden. “Quem sabe, se conseguíssemos trazê-lo até aqui, ele poderia se interessar pelo nosso Alexander e deixar-lhe sua fortuna? Alick, meu querido, tire as pernas do braço da cadeira!”

“É verdade”, disse o Sr. Budden, meditativamente, “é verdade mesmo, meu amor!”

Na manhã seguinte, enquanto o Sr. Minns estava sentado à mesa do café da manhã, mordendo alternadamente uma torrada seca e olhando as colunas de seu jornal matutino, que sempre lia do título ao nome do impressor, ouviu uma alta batida à porta da rua; a que pouco depois se seguiu a entrada do seu criado, que lhe pôs nas mãos um cartão particularmente pequeno, no qual estava gravado em letras imensas: “Sr. Octavius Budden, Amélia Cottage (o primeiro nome da Sra. Budden era Amélia), Poplar Walk, Stamford Hill”.

“Budden!” exclamou Minns, “o que pode trazer aquele homem vulgar aqui! – diga que estou dormindo – diga que estou fora e nunca mais voltarei para casa – qualquer coisa para mantê-lo lá embaixo.”

“Mas, por favor, *sir*, o cavalheiro está subindo”, respondeu o criado, e o fato ficou evidente por um terrível rangido de botas na escada, acompanhado por um barulho de tamborilar; cuja causa, Minns não poderia, nem por sua vida, adivinhar.

“Hum, faça o cavalheiro entrar”, disse o infeliz solteirão. Sai o criado e entra Octavius precedido por um grande cachorro branco, vestido com um abrigo de malha felpuda, com olhos rosados, orelhas grandes e sem cauda perceptível.

A causa do barulho nas escadas estava agora muito clara. O Sr. Augustus Minns cambaleou diante do choque da aparição do cachorro.

“Meu caro amigo, como você está?” disse Budden, ao entrar.

Ele sempre falava o mais alto que podia e sempre dizia a mesma coisa meia dúzia de vezes.

“Como você está, meu querido?”

“Como vai, Sr. Budden? Por favor, sente-se!” gaguejou

educadamente o desconcertado Minns.

“Obrigado... obrigado... bem... como você está, hein?”

“Extremamente bem, obrigado”, disse Minns, lançando um olhar diabólico para o cachorro, que, com as patas traseiras no chão e as dianteiras apoiadas na mesa, tirava um pedaço de pão com manteiga de um prato, preparando-se para devorá-lo, com o lado untado junto ao tapete.

“Ah, seu malandro!” disse Budden para seu cachorro; “você vê, Minns, ele é como eu, sempre à vontade, hein, meu garoto! – Caramba, estou morrendo de calor e de fome! Caminhei desde Stamford Hill até aqui.”

“Você já tomou café da manhã?” perguntou Minns.

“Oh, não!... vim tomar café com você; então toque a sineta, meu caro, sim? e peça outra xícara e outro prato, e um pouco de presunto frio. Sinto-me em casa, sabe!” – continuou Budden, limpando as botas com um guardanapo de mesa. “Ah, ah, ah! por minha vida que estou faminto.”

Minns tocou a sineta e tentou sorrir.

“Decididamente, nunca senti tanto calor na minha vida” continuou Octavius, enxugando a testa; “bem, mas como você está, Minns? Por minha alma, você parece muito bem!”

“Você acha?” disse Minns; e tentou outro sorriso.

“Por minha vida que sim!”

“A Sra. Budden e... qual é o nome dele... estão bem?”

“Alick... meu filho, você quer dizer; nunca estive melhor – nunca estive melhor. Mas num lugar como o que temos em Poplar Walk, você sabe, ele não poderia ficar doente mesmo que tentasse. Quando vi a casa pela primeira vez, por Júpiter! parecia tão elegante, com o jardim da frente, as cercas verdes, a aldrava de latão e tudo mais... realmente pensei que fosse um ponto acima de mim.”

“Você não acha que preferiria o presunto”, interrompeu Minns, “se você cortasse de outra maneira?” Ele viu, com sentimentos impossíveis de descrever, que seu visitante estava cortando, ou melhor, mutilando o presunto, em total violação de todas as regras estabelecidas.

“Não, obrigado”, respondeu Budden, com a mais bárbara indiferença ao crime, “prefiro assim, come-se mais depressa. Mas eu digo, Minns, quando você virá nos visitar? Você ficará encantado com o lugar; eu sei que você vai. Amélia e eu estávamos conversando sobre você outra noite, e Amélia disse: outro torrão de açúcar, por favor; obrigado – ela disse, você não acha que conseguiria, meu querido,

dizer ao Sr. Minns, de uma forma amigável – desça, meu senhor – maldito cachorro! ele está estragando suas cortinas, Minns... ah, ah, ah!”

Minns saltou da cadeira como se tivesse recebido uma descarga de bateria galvânica.

“Saia!... passa, passa!” – exclamou o pobre Augustus, mantendo, no entanto, uma distância muito respeitosa do cão; tendo lido sobre um caso de hidrofobia no jornal daquela manhã. À força de grande esforço, muitos gritos e muita cutucada sob as mesas com uma bengala e um guarda-chuva, o cachorro foi finalmente desalojado e colocado no patamar do lado de fora da porta, onde imediatamente começou um uivo terrível; ao mesmo tempo, raspando veementemente a tinta dos dois painéis inferiores bem envernizados, até que parecessem o interior de um tabuleiro de gamão.

“Um bom cachorro para o campo, esse!” observou Budden friamente para o distraído Minns, “mas ele não está muito acostumado com o confinamento. Mas agora, Minns, quando você vai aparecer lá em casa? Não aceitarei nenhuma negação, positivamente. Vejamos, hoje é quinta-feira. – Você virá no domingo? Jantamos às cinco; não, não diga não.”

Depois de muita pressão, o Sr. Augustus Minns, levado ao desespero, aceitou o convite e prometeu estar em Poplar Walk no domingo seguinte, às quinze para as cinco, pontualmente.

“Agora preste atenção na direção”, disse Budden: “o coche sai de Flower Pot,^[168] em Bishopsgate Street, a cada meia hora. Quando o coche parar em Swan,^[169] você verá, bem à sua frente, uma casa branca.”

“Que é a sua casa... eu entendi”, disse Minns, desejando interromper a visita e a história ao mesmo tempo.

“Não, não, essa ainda não é a minha; essa é a de Grogus, o grande ferrageiro. Eu ia dizer: você vira na esquina da casa branca até não conseguir dar mais nenhum passo – lembre-se! –e então você vira à direita, perto de alguns estábulos... bem; perto de você, você verá um muro com “Cuidado com o cachorro” escrito em letras grandes – (Minns estremeceu) – siga ao lado dessa parede por cerca de quatrocentos metros – e qualquer um lhe indicará qual é a minha casa.”

“Muito bem – obrigado – adeus.

“Seja pontual.”

“Certamente: até logo.”

“Minns, você tem o meu cartão?”

“Sim, eu tenho; obrigado.”

E o Sr. Octavius Budden partiu, deixando o primo a pensar na visita do domingo seguinte, com os sentimentos de um poeta sem um tostão pela visita semanal da sua senhoria escocesa.

Chegou o domingo; o céu estava claro e luminoso; multidões de pessoas corriam pelas ruas, concentradas em seus diferentes planos de prazer para o dia; tudo e todos pareciam alegres e felizes, exceto o Sr. Augustus Minns.

O dia estava bom, mas o calor era considerável; quando o Sr. Minns percorreu o lado sombreado da Fleet Street, da Cheapside e da Threadneedle Street, ele ficou bastante aquecido, razoavelmente empoeirado, e já em atraso para o compromisso. Por uma sorte extraordinária, porém, um coche estava esperando em Flower Pot, onde o Sr. Augustus Minns entrou, com a garantia solene do cocheiro de que o veículo partiria em três minutos – sendo esse o limite máximo de tempo de espera consentido pelo Parlamento. Um quarto de hora se passou e não havia sinais de movimento. Minns olhou para o relógio pela sexta vez.

“Cocheiro, você vai ou não?” berrou o Sr. Minns, com a cabeça e metade do corpo para fora da janela do coche.

“Imediatamente, *sir*” disse o cocheiro, com as mãos nos bolsos, parecendo o mais diferente possível de um homem apressado.

“Bill, prepara tudo para a saída.” Passaram-se mais cinco minutos: ao final dos quais o cocheiro subiu na boleia, de onde olhou para a rua, e saudou todos os pedestres por mais cinco minutos.

“Cocheiro! se você não partir agora mesmo, descerei”, disse o Sr. Minns, desesperado com o atraso e com a impossibilidade de estar em Poplar Walk à hora marcada.

“Irei neste minuto, *sir*”, foi a resposta; – e, logo em seguida, o veículo avançou por uns duzentos metros, mas parou novamente. Minns dobrou-se num canto do coche e abandonou-se à sua sorte, quando uma criança, uma mãe, uma caixa de chapéu e um guarda-sol se tornaram seus companheiros de viagem.

A criança era um infante amável e afetuoso; o pequenino confundindo Minns com seu papai, correu para abraçá-lo.

“Fique quieto, querido”, disse a mamãe, reprimindo a impetuosidade do pequenino, cujas perninhas gordas chutavam, batiam e se enroscavam nas formas mais complicadas, num êxtase de impaciência. “Fique quieto, querido, esse não é o teu papai.”

“Graças a Deus que não sou!” pensou Minns, enquanto o primeiro raio de prazer que experimentara naquela manhã brilhava como um

meteoro em meio à sua miséria.

A galhofa estava agradavelmente misturada com o afeto na disposição do menino. Quando se convenceu de que o Sr. Minns não era seu pai, ele se esforçou para atrair sua atenção esfregando os sapatos sujos nas suas calças bege, cutucando-lhe o peito com o guarda-sol da mãe e praticando outras gentilezas sem nome, peculiares à infância, com as quais conseguiu consolar-se do tédio da viagem, aparentemente para sua própria satisfação.

Quando o infeliz cavalheiro chegou a Swan, descobriu, para sua grande consternação, que eram cinco e quinze da tarde. A casa branca, os estábulos, o “Cuidado com o Cachorro” – todos os pontos de referência foram vencidos, com uma rapidez não incomum aos cavalheiros de certa idade atrasados para o jantar. Depois de alguns minutos, o Sr. Minns se viu em frente a uma casa de tijolos amarelos com uma porta verde, aldruva e placa de bronze, caixilhos de janelas verdes e cercas idem, com “jardim” na frente, isto é, digamos, um pequeno pedaço solto de solo de cascalho, com um canteiro redondo e dois canteiros triangulares escalenos, contendo um abeto, vinte ou trinta bulbos e um número ilimitado de malmequeres. O gosto do Sr. e da Sra. Budden foi ainda demonstrado pelo aparecimento de dois Cupidos, um de cada lado da porta, equilibrando-se sobre uma pilha de grandes pedras de giz, matizadas com conchas rosadas. Sua batida na porta foi respondida por um garoto atarracado, com libré desbotada, meias de algodão e cano alto, que, depois de pendurar o chapéu em um dos doze ganchos de bronze que ornamentavam a passagem, por cortesia denominada “o Hall”, conduziu-o a uma sala de visitas, com uma visão muito ampla dos fundos das casas vizinhas. Terminada a cerimônia habitual de apresentação e assim por diante, o Sr. Minns sentou-se: nem um pouco agitado ao descobrir que ele fora o último a chegar e, de uma forma ou de outra, o alvo da curiosidade de cerca de uma dúzia de pessoas, sentadas juntas em uma pequena sala de visitas, livrando-se do mais tedioso de todos os tempos – o horário que antecede o jantar.

“Então, Brogson”, disse Budden, dirigindo-se a um cavalheiro idoso de sobrecasaca preta, calças cinzentas até os joelhos e polainas compridas, que, sob o pretexto de inspecionar as gravuras de um anuário, estava empenhado em analisar a aparência geral do Sr. Minns, olhando para ele por cima das folhas – “Então, Brogson, o que os ministros pretendem fazer? Eles vão se demitir ou o quê?”

“Ah... ora... bem, você sabe, sou a última pessoa no mundo a saber das notícias. Seu primo, pela posição dele, é a pessoa com maior probabilidade de responder à pergunta.”

O Sr. Minns assegurou ao último orador que, embora trabalhasse

em Somerset House, não possuía nenhuma comunicação oficial relativa aos projetos dos ministros de Sua Majestade. Mas sua observação foi evidentemente recebida com incredulidade; e sem mais conjecturas sobre o assunto, seguiu-se uma longa pausa, durante a qual o grupo se ocupou em tossir e assoar o nariz, até que a entrada da Sra. Budden causou uma agitação geral.

Terminada a cerimônia de apresentação, o jantar foi anunciado e, lá embaixo, a festa prosseguiu de acordo – o Sr. Minns acompanhou a Sra. Budden até a porta da sala de visitas, mas foi impedido, pela estreiteza da escada, de estender ainda mais sua galanteria. O jantar transcorreu como esses jantares costumam acontecer. De vez em quando, em meio ao barulho de facas e garfos e ao burburinho das conversas, a voz do Sr. Budden podia ser ouvida, pedindo a um amigo que bebesse mais vinho e assegurando-lhe que estava feliz em vê-lo; e muitas mímicas ocorreram entre a Sra. Budden e as criadas, em respeito à retirada dos pratos, durante a qual seu semblante assumiu todas as variações de um barômetro, de “tempestuoso” a “tempo bom”.

Após a sobremesa e o vinho serem colocados sobre a mesa, a criada, obedecendo a um olhar significativo da Sra. Budden, trouxe Mestre Alexander, trajado num terno azul-celeste com botões prateados; e possuindo cabelos quase da mesma cor do metal. Depois de vários elogios de sua mãe e de diversas admoestações de seu pai sobre seu comportamento, ele foi apresentado a seu padrinho.

“Bem, meu rapazinho... você é um bom menino, não é?” disse o Sr. Minns, tão feliz quanto um chapim numa arapuca.

“Sim.”

“Quantos anos você tem?”

“Oito, na próxima quarta-feira. Quantos anos *you* tem?”

“Alexander”, interrompeu a mãe, “como você ousa perguntar ao Sr. Minns quantos anos ele tem!”

“Ele me perguntou quantos anos *eu* tinha”, disse o precoce menino, a quem Minns havia, a partir daquele momento, resolvido internamente que nunca deixaria um único xelim. Assim que a risada ocasionada pela observação cessou, um homenzinho sorridente e de suíças ruivas, sentado na extremidade da mesa, que durante todo o jantar se esforçara para conseguir um ouvinte para algumas histórias sobre Sheridan,^[170] perguntou, com um ar muito paternalista:

“Alick, que parte da oração é *ser*?”

“Um verbo.”

“Muito bem, meu menino”, disse a Sra. Budden, com todo o

orgulho de uma mãe.

“Agora, você sabe o que é um verbo?”

“Um verbo é uma palavra que significa ser, fazer ou sofrer; como, eu sou – eu governo – sou governado. Dá-me uma maçã, mãe.”

“Eu lhe darei uma maçã”, respondeu o homem de suíças ruivas, que era um amigo estabelecido da família, ou em outras palavras, era sempre convidado pela Sra. Budden, quer o Sr. Budden gostasse ou não, “se você me disser qual é o significado de *ser*.”

“Ser?” disse o prodígio, depois de um pouco de hesitação – “um inseto que colhe mel.”

“Não, querido,” franziu a testa a Sra. Budden; “B com dois E é o substantivo.”^[171]

“Acho que ele ainda não sabe muito sobre substantivos *comuns*”, disse o cavalheiro, com um sorriso malicioso, que considerou esta uma oportunidade admirável para fazer uma piada. “É claro que ele não conhece muito bem *nomes próprios*. Eh, eh, eh!”

“Senhores”, gritou o Sr. Budden, da ponta da mesa, com uma voz estrondosa e com um ar muito importante, “terão a bondade de encher seus copos? Tenho um brinde a propor.”

“Bravo! Bravo!” exclamaram os cavalheiros, passando os jarros de vinho. Depois de terem circulado pela mesa, o Sr. Budden prosseguiu:

“Cavalheiros; há um indivíduo presente...”

“Bravo! Bravo!” disse o homenzinho de suíças ruivas.

“Por favor, fique quieto, Jones”, censurou Budden.

“Eu dizia, senhores, há um indivíduo presente”, retomou o anfitrião, “em cuja companhia, tenho certeza, devemos nos deleitar muito – e – e – a conversa desse indivíduo deve ter proporcionado a todos os presentes, o máximo prazer.” [“Graças a Deus, ele não se refere a mim!” pensou Minns, consciente de que sua timidez e exclusividade o impediram de dizer mais de uma dúzia de palavras desde que entrou na casa.] “Senhores, eu mesmo sou apenas um indivíduo humilde, e talvez deva me desculpar por permitir qualquer sentimento individual de amizade e afeto para a pessoa a quem aludo, para me induzir a aventurar-me a propor à saúde dessa pessoa – uma pessoa que, tenho certeza – isto é, uma pessoa cujas virtudes devem torná-la querida por aqueles que a conhecem – e aqueles que não têm o prazer de conhecê-la não podem desgostar dela.”

“Bravo! Bravo!” gritaram os presentes, em tom de incentivo e aprovação.

“Senhores”, continuou Budden, “meu primo é um homem que... que

é meu parente.” (Bravo! Bravo!) Minns gemeu audivelmente. “Estou muito feliz em tê-lo aqui e, se ele aqui não estivesse, certamente nos teria privado do grande prazer que todos sentimos em vê-lo. (Altos gritos de ‘Bravo!’) Senhores, sinto que já tomei sua atenção por muito tempo. Com cada sentimento... de... com cada sentimento de... de...”

“Satisfação” – sugeriu o amigo da família.

“...de satisfação, proponho um brinde à saúde do Sr. Minns.”

“De pé, senhores!” gritou o incansável homenzinho de suíças – “e com todas as honras. Acompanhai-me, por favor. Hip, hip, hurra! Hip, hip, hurra!”

Todos os olhos estavam agora fixos no objeto do brinde, que, engolindo vinho do Porto sob o perigo iminente de asfixia, tentava esconder a sua confusão. Depois de uma pausa tão longa quanto a decência permitiria, ele levantou-se, mas, como os jornais por vezes dizem nas suas reportagens, “lamentamos não sermos capazes de fornecer sequer a substância das observações do honorável cavalheiro”. As palavras “presente companhia – honra – presente ocasião” e “grande felicidade” – ouvidas ocasionalmente e repetidas em intervalos, com um semblante expressivo da maior confusão e miséria, convenceram a companhia de que ele estava fazendo um excelente discurso; e, conseqüentemente, ao retornar ao seu lugar, eles gritaram “Bravo!” e aplaudiram-no tumultuosamente. Jones, que há muito aguardava sua oportunidade, então disparou.

“Budden”, disse ele, “você *me* permite propor um brinde?”

“Certamente”, respondeu Budden, acrescentando em voz baixa para Minns do outro lado da mesa: “Um sujeito diabolicamente perspicaz: você ficará muito satisfeito com o discurso dele. Ele fala igualmente bem sobre qualquer assunto.” Minns fez uma reverência e o Sr. Jones prosseguiu:

“Em diversas ocasiões, em vários casos, em muitas circunstâncias e em diferentes companhias, coube-me propor um brinde àqueles de quem, na época, tive a honra de estar rodeado. Por vezes, reconheço com alegria – pois por que deveria negá-lo? – que senti a natureza esmagadora da tarefa que empreendi e a minha total incapacidade de fazer justiça ao assunto. Contudo, se tais foram meus sentimentos em ocasiões anteriores, quais devem ser agora... agora... sob as circunstâncias extraordinárias em que me encontro? (Bravo! Bravo!) Descrever meus sentimentos com precisão seria impossível; mas não posso dar-lhes uma ideia melhor deles, senhores, do que referindo-me a uma circunstância que, por incrível que pareça, me ocorre neste momento. Numa ocasião, quando aquele homem verdadeiramente grande e ilustre, Sheridan, estava...”

Ora, não há como saber que nova vilania em forma de piada teria sido derramada sobre o tûmulo daquele homem tão injuriado, o Sr. Sheridan, se o menino de libré não tivesse naquele momento entrado na sala com um ar ofegante, para informar que, como era uma noite muito chuvosa, o coche das nove horas havia chegado, para saber se havia alguém indo para a cidade, pois, nesse caso, ele (o coche das nove horas) tinha espaço para uma pessoa.

O Sr. Minns levantou-se; e, apesar de inúmeras exclamações de surpresa e pedidos para ficar, persistiu em sua determinação de aceitar o lugar vago. Mas o guarda-chuva de seda marrom não era encontrado em lugar nenhum; e como o cocheiro não podia esperar, ele voltou para Swan, deixando um recado para o Sr. Minns “apressar-se” e lá o fosse encontrar. No entanto, como não ocorreu ao Sr. Minns por cerca de dez minutos ou mais, que ele havia deixado o guarda-chuva de seda marrom com alça de marfim no coche em que viera da cidade; e, além disso, como ele não era de forma alguma notável pela velocidade, não é de surpreender que, quando realizou a façanha de “apressar-se” até Swan, o coche – o último coche – tivesse partido sem ele.

Foi por volta das três horas da manhã quando o Sr. Augustus Minns bateu debilmente na porta de sua residência em Tavistock Street, com frio, molhado, irritado e infeliz. Ele fez seu testamento na manhã seguinte, e seu testamenteiro nos informa, naquele estrito sigilo com que informamos ao público, que nem o nome de Sr. Octavius Budden, nem o de Sra. Amélia Budden, nem o de Mestre Alexander Augustus Budden, nele aparecem.

SENTIMENTO

Publicado pela primeira vez na *Bells Weekly Magazine* (7 de junho de 1834).

As Miss Crumptions, ou, para citar a autoridade da inscrição no portão do jardim de Minerva House, Hammersmith, [172] as “Misses Crumpton”, eram duas personagens extraordinariamente altas, particularmente magras e extremamente descarnadas: muito tesas e muito amareladas. Miss Amélia Crumpton tinha trinta e oito anos, e Miss Maria Crumpton admitia ter quarenta; uma admissão que se tornou perfeitamente desnecessária pelo fato evidente de ela ter pelo menos cinquenta anos. Elas se vestiam da maneira mais interessante – como gêmeas! e pareciam tão felizes e confortáveis quanto um casal de malmequeres germinando. Eram muito minuciosas, tinham as mais estritas ideias de decoro possíveis, usavam cabelos postiços e sempre cheiravam fortemente a lavanda.

A Minerva House, administrada sob os auspícios das duas irmãs, era uma “Escola de Aperfeiçoamento para Moças”, onde cerca de vinte meninas, com idades entre treze e dezenove anos inclusive, adquiriam um conhecimento superficial de tudo e um conhecimento de nada; aulas de francês e italiano, aulas de dança duas vezes por semana; e outras necessidades da vida. A casa era branca, um pouco afastada da estrada, com cercas fechadas na frente. As janelas dos quartos eram sempre deixadas parcialmente abertas, para permitir uma visão panorâmica de inúmeras pequenas camas com móveis muito brancos e, assim, impressionar o transeunte com a devida noção dos luxos do estabelecimento; e havia uma sala de estar repleta de mapas altamente envernizados que ninguém jamais olhava, e repleta de livros que ninguém jamais lia, apropriados exclusivamente para a recepção dos pais, que, sempre que apareciam, não podiam deixar de ficar impressionados com a aparência tão erudita do local.

“Amélia, minha querida”, disse Miss Maria Crumpton, certa manhã, entrando na sala de aula, com sua peruca entremeada de papéis: como fazia ocasionalmente, para impressionar as jovens da realidade dos seus cabelos. “Amélia, minha querida, aqui está um bilhete muito satisfatório que acabei de receber. Se não se importar, leia em voz alta.”

Miss Amélia, assim aconselhada, procedeu à leitura do seguinte bilhete com ar de grande triunfo:

“O Sr. Cornelius Brook Dingwall, M.P.,^[173] apresenta seus cumprimentos a Miss Crumpton, e se sentirá muito agradecido pela visita de Miss Crumpton, se ela puder convenientemente, amanhã de manhã, à uma hora, porquanto Cornelius Brook Dingwall, M.P., está ansioso para falar com Miss Crumpton sobre a questão de colocar Miss Brook Dingwall sob sua responsabilidade.

“Adelphi.

“Segunda-feira de manhã.”

“A filha de um membro do Parlamento!” exclamou Amélia, em tom de êxtase.

“A filha de um membro do Parlamento!” repetiu Miss Maria, com um sorriso de alegria que, claro, provocou uma risada simultânea de prazer em todas as jovens.

“Que notícia deliciosa!” disse Miss Amélia; então todas as jovens murmuraram novamente sua admiração. Os cortesãos não são mais que meninos de escola, e as cortesãs, meninas de escola.

Um anúncio tão importante assim alterou imediatamente os trabalhos do dia. Foi declarado feriado em comemoração ao grande acontecimento; as Miss Crumptions retiraram-se para os seus aposentos privados, a fim de conversar sobre o assunto; as senhoritas mais novas discutiam os prováveis modos e costumes da filha de um deputado; e as senhoritas com quase dezoito anos perguntavam-se se ela estaria noiva, se seria bonita, se usaria muitos pufes e muitas outras coisas de igual importância.

As duas Miss Crumptions seguiram para o Adelphi^[174] na hora marcada no dia seguinte, vestidas, é claro, em seu melhor estilo e parecendo tão amáveis quanto possível – o que, a propósito, não significa muito para elas. Tendo enviado seus cartões, por meio de um laçao de aparência ardente e com libré brilhante, elas foram conduzidas à presença augusta do profundo Dingwall.

Cornelius Brook Dingwall, Esq.,^[175] M.P., era muito arrogante, solene e portentoso. Ele tinha, naturalmente, uma expressão um tanto espasmódica, que não era menos notável por usar uma gravata extremamente rígida. Orgulhava-se extremamente do M.P. associado ao seu nome e nunca perdia a oportunidade de lembrar às pessoas a sua dignidade parlamentar. Ele tinha uma grande noção de suas próprias habilidades, o que deve ter sido um grande conforto para ele, como ninguém mais tinha; e na diplomacia, em pequena escala, nos

seus próprios arranjos familiares, considerava-se incomparável. Era magistrado distrital e desempenhava as funções de seu cargo com toda a justiça e imparcialidade; frequentemente invadindo seara alheia para pôr-se em evidência. Miss Brook Dingwall fazia parte daquela numerosa classe de senhoritas que, como os advérbios, podem ser conhecidas por responderem a uma pergunta comum e não servirem para mais nada.

Na ocasião, esse talentoso indivíduo estava sentado em uma pequena biblioteca, em uma mesa coberta de papéis, sem fazer nada, mas tentando parecer ocupado, brincando de trabalhar. Atos do Parlamento e cartas dirigidas a “Cornelius Brook Dingwall, Esq., M.P.” estavam espalhadas ostensivamente sobre a mesa; a uma pequena distância da qual, a Sra. Brook Dingwall estava sentada trabalhando.

Um desses incômodos públicos, uma criança mimada, brincava pela sala, vestida da maneira mais aprovada – com uma túnica azul e um cinturão preto – de um quarto de metro de largura, preso com uma fivela imensa – parecendo um ladrão de melodrama, visto através de lentes de diminuição.

Depois de algumas brincadeiras da doce criança, que se divertia arrastando a cadeira que fora oferecida a Miss Maria Crumpton, as visitantes sentaram-se e Cornelius Brook Dingwall, Esq., iniciou a conversa.

Ele havia mandado chamar Miss Crumpton, disse ele, em consequência às ótimas informações que recebera de seu amigo, Sir Alfred Muggs, sobre seu estabelecimento.

Miss Crumpton murmurou seus agradecimentos a ele (Muggs), e Cornelius prosseguiu.

“Uma das minhas principais razões, Miss Crumpton, para separar-me de minha filha, é que ela adquiriu recentemente algumas ideias sentimentais, que é muito desejável erradicar de sua jovem mente.” (Aqui o pequeno inocente, antes notado, caiu de uma poltrona com um estrondo terrível.)

“Menino travesso!” disse sua mãe, que parecia mais surpresa por ele ter tomado a liberdade de cair do que por qualquer outra coisa; “Vou tocar a sineta para James levá-lo embora.”

“Por favor, não o reprima, meu amor”, disse o diplomata, assim que pôde se fazer ouvir em meio aos uivos sobrenaturais resultantes da ameaça e da queda. “Tudo surge do seu excesso de vitalidade.” Esta última explicação foi dirigida a Miss Crumpton.

“Certamente, *sir*”, respondeu a vetusta Maria: não vendo exatamente, porém, a conexão entre o excesso de vitalidade e a queda

de uma poltrona.

O silêncio foi restaurado e o M.P. prosseguiu: “Agora, não sei de nada que possa afetar tal objetivo, Miss Crumpton, do que o fato de ela se misturar constantemente na companhia de moças da sua idade; e, como sei que em seu estabelecimento ela encontrará pessoas que provavelmente não contaminarão sua mente jovem, proponho mandá-la até você.”

A mais jovem das Miss Crumptons expressou os agradecimentos do educandário, coletivamente. Maria ficou sem palavras devido às dores corporais. O querido pequenino, tendo recuperado seu espírito animalesco, estava de pé sobre seu pé mais delicado, a fim de colocar seu rosto (que parecia um O maiúsculo de um programa de teatro impresso em letras vermelhas) no mesmo nível da escrivaninha.

“É claro que Lavinia será aluna interna”, continuou o invejável pai; “e em um ponto desejo que minhas instruções sejam rigorosamente observadas. O fato é que algum caso de amor ridículo, com uma pessoa muito inferior a ela na vida, tem sido a causa do seu atual estado de espírito. Sabendo que, é claro, sob seus cuidados, ela não terá oportunidade de conhecer essa pessoa, não me oponho a – na verdade, prefiro – que ela entretenha relações com o vosso círculo de amizades.”

Esta importante declaração foi novamente interrompida pela criaturinha espirituosa, no excesso de sua alegria quebrando uma vidraça e quase se precipitando em uma área adjacente. James foi convocado; houve considerável confusão e gritos; duas perninhas azuis foram vistas chutando violentamente no ar quando o homem saiu da sala e a criança desapareceu.

“O Sr. Brook Dingwall gostaria que Miss Brook Dingwall aprendesse de tudo”, disse a Sra. Brook Dingwall, que quase nunca dizia alguma coisa.

“Certamente”, disseram as duas Miss Crumptons juntas.

“E como confio que o plano que elaborei será eficaz para afastar minha filha de tais ideias absurdas, Miss Crumpton”, continuou o legislador, “espero que você tenha a bondade de atender, em todos os aspectos, qualquer solicitação que eu possa lhe encaminhar.”

A promessa foi feita, é claro; e depois de uma prolongada discussão, conduzida, de parte dos Dingwalls, com a mais apropriada gravidade diplomática, e, de parte das Crumptons, com profundo respeito, foi finalmente combinado que Miss Lavinia deveria ser encaminhada para Hammersmith no dia seguinte, ocasião em que se realizaria o baile semestral oferecido no estabelecimento. Isso poderia distrair a mente da querida menina. A propósito, isso foi mais um pouco de

diplomacia.

Miss Lavinia foi apresentada à sua futura preceptora, e ambas as Miss Crumptions a declararam “uma garota muito encantadora”; opinião que, por uma singular coincidência, sempre tiveram de qualquer nova aluna.

Cortesias, agradecimentos, mostras de condescendência foram trocadas, e a entrevista encerrada.

Os preparativos, para fazer uso da fraseologia teatral, “em uma escala de magnitude nunca antes tentada”, eram feitos incessantemente na Minerva House para dar todo o efeito ao baile que se aproximava. O maior cômodo da casa foi agradavelmente ornamentado com rosas azuis, tulipas xadrez e outras flores artificiais de aparência igualmente natural, obra das próprias alunas. O tapete foi levantado, as portas sanfonadas foram retiradas, os móveis foram removidos e os assentos desmontados e recolhidos. Os fabricantes de linho de Hammersmith ficaram surpresos com a repentina demanda por fita de tafetá azul e longas luvas brancas. Dezenas de gerânios foram adquiridos para buquês, e uma harpa e dois violinos foram encomendados da cidade, além do piano de cauda já existente no local. As jovens escolhidas para se exibirem na ocasião e para darem prestígio ao estabelecimento, ensaiavam incessantemente, para sua própria satisfação e para grande aborrecimento do velho cavalheiro coxo que residia na casa fronteira; e mantinha-se uma correspondência constante entre as Miss Crumptions e os confeitores de Hammersmith.

A noite chegou; e houve tal apertar de espartilhos, amarração de sandálias, e arranjar de penteados, como nunca pode acontecer com o grau adequado de agitação fora de um internato feminino. As moças de menor idade conseguiam atrapalhar todo mundo e eram empurradas de acordo; e as mais velhas vestiam-se, amarravam-se, lisonjeavam-se e invejavam-se umas às outras, com tanta seriedade e sinceridade, como se se aquele fosse, de fato, seu *debut* na sociedade.

“Como estou, querida?” perguntou Miss Emily Smithers, a bela da casa, a Miss Caroline Wilson, que era sua amiga do peito, porque era a moça mais feia de Hammersmith, ou fora dali.

“Oh! encantadora, querida. Como é que eu estou?”

“Deliciosa! você nunca esteve tão bonita” retrucou a bela, ajeitando o próprio vestido e sem olhar para sua pobre companheira.

“Espero que o jovem Hilton chegue mais cedo”, disse outra jovem a Miss Fulana, cheia de expectativa.

“Tenho certeza de que ele ficaria extremamente lisonjeado se

soubesse disso”, respondeu a outra, que ensaiava atitudes afetadas.

“Oh! ele é tão formoso”, disse a primeira.

“Uma pessoa tão encantadora!” adicionou uma segunda.

“Tem um ar tão *distingué*!” disse uma terceira.

“Oh, o que vocês acham?” disse outra garota, correndo para dentro do quarto; “Miss Crumpton disse que o primo dela está vindo.”

“Quê? Theodosius Butler?” disseram todas em êxtase.

“*Ele* é bonito?” perguntou uma novata.

“Não, não é particularmente bonito”, foi a resposta geral; “mas, oh, é tão inteligente!”

O Sr. Theodosius Butler era um daqueles gênios imortais que podem ser encontrados em quase todos os círculos. Eles têm, geralmente, vozes muito profundas e monótonas. Eles sempre se convencem de que são pessoas maravilhosas e que deveriam ser muito infelizes, embora não saibam exatamente por quê. Eles são muito vaidosos e geralmente possuem uma ideia parcial; mas, com mocinhas entusiasmadas e jovens cavalheiros tolos, eles são pessoas maravilhosas. O indivíduo em questão, Sr. Theodosius, havia escrito um panfleto contendo algumas considerações muito importantes sobre a conveniência de fazer uma coisa ou outra; e como cada frase continha muitas palavras de quatro sílabas, seus admiradores presumiram que ele estava falando sério.

“Talvez seja ele”, exclamaram várias das mocinhas, quando o primeiro toque da noite ameaçou destruir a campainha do portão.

Seguiu-se uma pausa terrível. Chegaram algumas maletas e uma jovem – Miss Brook Dingwall, em traje de baile completo, com uma imensa corrente de ouro no pescoço e o vestido ornamentado por uma única rosa; um leque de marfim na mão e uma expressão muito interessante de desespero no rosto.

As Miss Crumptons perguntaram-lhe pela família, com a mais dolorosa ansiedade, e Miss Brook Dingwall foi formalmente apresentada às suas futuras companheiras. As Miss Crumpton conversaram com as alunas nos tons mais melífluos, para que Miss Brook Dingwall pudesse ficar devidamente impressionada com seu tratamento amável.

Outro toque de campainha. Sr. Dadson, o professor de caligrafia, e sua esposa. A esposa num vestido de seda verde, com sapatos e enfeites de cabelo correspondentes: o professor, de colete branco, calções pretos até os joelhos e meias de seda idem, exibindo uma perna grande o suficiente para dois mestres de caligrafia. As jovens cochichavam entre si, e o professor de caligrafia e sua esposa

lisonjeavam as Miss Crumptions, que estavam vestidas de âmbar, com faixas compridas, como bonecas.

Repetidos toques de campainha e chegadas numerosas demais para serem particularizadas: papais e mãães, e tias e tios, procuradores e tutores das diferentes alunas; o professor de canto, Signor Lobskini, de peruca preta; o pianista e os violinistas; o harpista, em estado de embriaguez; e cerca de vinte rapazes, que ficavam perto da porta e conversavam entre si, ocasionalmente explodindo em risadas.

Um zumbido geral de conversa. Café distribuído e abundantemente partilhado por mães obesas, que pareciam aquelas pessoas corpulentas que aparecem em pantomimas com o único propósito de serem derrubadas.

O popular Sr. Hilton foi o próximo a chegar; e tendo ele, a pedido das Miss Crumptions, assumido o cargo de mestre-de-cerimônias, as danças começaram com considerável entusiasmo. Os rapazes que estavam junto à porta avançaram gradualmente para o meio do salão e, com o tempo, tornaram-se suficientemente à vontade para consentirem em serem apresentados aos seus pares. O professor de caligrafia participava de todas as danças, saltando com a mais assustadora agilidade, enquanto sua esposa jogava cartas na sala dos fundos – um pequeno aposento com cinco prateleiras de livros, digno do nome de “estúdio”. Colocá-la para jogar uíste era uma medida semestral de estratégia por parte das Miss Crumptions; era preciso escondê-la em algum lugar, pois ela era um verdadeiro espantalho.

A distinta Lavinia Brook Dingwall era a única moça presente, que parecia não ter interesse nos acontecimentos da noite. Em vão foi convidada a dançar; em vão foi a homenagem universal prestada a ela como filha de um membro do parlamento. Ela também não se comoveu com o esplêndido teor do inimitável Lobskini e com a brilhante execução de Miss Laetitia Parsons, cuja interpretação de “As Recordações da Irlanda”^[176] foi universalmente declarada quase igual à do próprio Moscheles.^[177] Nem mesmo o anúncio da chegada do Sr. Theodosius Butler conseguiu induzi-la a sair do canto da sala dos fundos onde estava sentada.

“Agora, Theodosius”, disse Miss Maria Crumpton, depois que aquele panfletário esclarecido passou pelo assédio de todo o grupo, “devo apresentá-lo à nossa nova aluna.”

Theodosius parecia não se importar com nada terreno.

“Ela é filha de um membro do parlamento”, disse Maria. – Theodosius deu um salto.

“E o nome dela é...?” perguntou ele.

“Miss Brook Dingwall.”

“Céus!” exclamou poeticamente Theodosius, em voz baixa.

Miss Crumpton iniciou a apresentação na forma devida. Miss Brook Dingwall ergueu languidamente a cabeça.

“Edward!” exclamou ela, com um meio grito, ao ver as conhecidas calças de nanquim.

Felizmente, como Miss Maria Crumpton não possuía nenhum discernimento notável, e como era um dos acordos diplomáticos não se prestar atenção às exclamações incoerentes de Miss Lavinia, ela estava perfeitamente inconsciente da agitação mútua das partes; e portanto, vendo que a oferta de sua mão para a próxima dança foi aceita, ela deixou Theodosius ao lado de Miss Brook Dingwall.

“Ah, Edward!” exclamou a mais romântica de todas as jovens românticas, enquanto a luz da ciência sentava-se ao seu lado: “Oh, Edward, é você?”

O Sr. Theodosius assegurou à querida criatura, da maneira mais apaixonada, que ele não tinha consciência de ser ninguém além de si mesmo.

“Então por que... por que... este disfarce? Oh! Edward M’Neville Walter, o que não sofri por sua causa?”

“Lavínia, ouça-me”, respondeu o herói, no seu tom mais poético. “Não me condene sem antes me ouvir. Se alguma coisa que emana da alma de um desgraçado como eu puder ocupar um lugar em sua lembrança – se algum ser tão vil merece sua atenção – você deve se lembrar que certa vez publiquei um panfleto (e paguei por sua publicação) intitulado “Considerações sobre a Política de Eliminação do Imposto sobre Cera de Abelha.”

“Lembro-me, sim!” soluçou Lavínia.

“Esse”, continuou o amante, “era um assunto ao qual seu pai se dedicava de corpo e alma.”

“Sim... sim!” reiterou a sentimentalista.

“Eu bem o sabia”, continuou Theodosius, tragicamente; “Eu bem o sabia, enviei-lhe uma cópia. Ele queria conhecer-me. Poderia eu divulgar-lhe meu verdadeiro nome? Nunca! Não, assumi aquele nome que você tantas vezes pronunciou em tom carinhoso. Como M’Neville Walter, dediquei-me à emocionante causa; como M’Neville Walter, conquistei seu coração; no mesmo personagem fui expulso de sua casa pelos empregados de teu pai; e em nenhum caráter fui capaz de vê-lo desde então. Agora novamente nos encontramos, e tenho orgulho de admitir que sou... Theodosius Butler.”

A jovem pareceu perfeitamente satisfeita com este discurso argumentativo e lançou um olhar do mais ardente afeto ao imortal defensor da cera de abelha.

“Posso esperar”, disse ele, “que a promessa interrompida pelo comportamento violento de teu pai possa ser renovada?”

“Vamos dançar esta série”, respondeu Lavinia, com coquetice – pois meninas de dezenove anos *podem ser* coquetes.

“Não”, exclamou o de calças de nanquim. “Não me movo deste lugar, contorcendo-me sob esta tortura de suspense. Posso... posso... ter esperança?”

“Você pode.”

“A promessa foi renovada?”

“Foi.”

“Eu tenho sua permissão?”

“Você tem.”

“Em toda a extensão?”

“Você sabe que sim”, respondeu a corada Lavinia. As contorções do interessante rosto de Butler expressavam seu êxtase.

Poderíamos nos alongar sobre as ocorrências que se seguiram. Theodosius e Miss Lavinia dançaram, conversaram e suspiraram pelo resto da noite – e de como as Miss Crumptions ficaram encantadas com isso. De como o professor de caligrafia continuou a saltitar com a força de um cavalo, e de como sua esposa, por alguma aberração inexplicável, deixou a mesa de uíste na pequena sala dos fundos e persistiu em exhibir seus adereços verdes na parte mais visível do salão. De como a ceia consistiu de pequenos sanduíches triangulares em bandejas, e uma torta aqui e ali para variar; e de como os visitantes consumiram água morna, disfarçada com limão e salpicada de noz-moscada, sob a denominação de negus. Estes e outros assuntos de tanto interesse, porém, deixamos de lado, com o propósito de descrever uma cena de ainda mais importância.

Quinze dias após a data do baile, Cornelius Brook Dingwall, Esq., M.P., estava sentado à mesma mesa da biblioteca e na mesma sala, como descrevemos anteriormente. Estava sozinho e seu rosto exibía uma expressão de profunda reflexão e solene seriedade – redigia um “Projeto de lei para a melhor observância da segunda-feira de Páscoa”.

O mordomo bateu à porta – o legislador despertou de seu devaneio, e “Miss Crumpton” foi anunciada. Permissão foi dada a Miss Crumpton para ingressar no *sanctum*; Maria entrou furtivamente e, tendo se sentado com a devida afetação, o mordomo retirou-se e a

mestra ficou sozinha com o M.P. Oh! como ela ansiou pela presença de uma terceira pessoa! Até mesmo o pequeno cavalheiro teria sido um alívio.

Miss Crumpton deu início ao dueto. Ela expressou seus votos de que a Sra. Brook Dingwall e o lindo menino estivessem com boa saúde.

Eles estavam. A Sra. Brook Dingwall e o pequeno Frederick encontravam-se em Brighton.

“Muito obrigado, Miss Crumpton”, disse Cornelius, em sua maneira mais digna, “pela sua atenção ao visitar-me esta manhã. Eu deveria ter ido até Hammersmith para ver Lavinia, mas seu relato foi tão satisfatório e meus deveres na Câmara me ocupam tanto que decidi adiar por uma semana. Como ela está?”

“Muito bem, *sir*”, respondeu Maria, temendo informar ao pai que sua filha havia fugido.

“Ah, eu sabia que o plano seria compatível com ela.”

Aqui estava uma oportunidade favorável para dizer que outro plano era compatível com ela. Mas a infeliz mestra não estava à altura da tarefa.

“A senhora perseverou estritamente na linha de conduta que prescrevi, Miss Crumpton?”

“Estritamente, *sir*.”

“Você me disse em seu bilhete que o ânimo dela melhorou gradualmente.”

“Muito mesmo, *sir*.”

“Com certeza. Eu estava convencido de que sim.”

“Mas temo, *sir*”, disse Miss Crumpton, com visível emoção, “receio que o plano não tenha dado certo, tão bem quanto poderíamos ter desejado.”

“Não!” exclamou o profeta. “Por Deus! Miss Crumpton, você parece alarmada. O que aconteceu?”

“Miss Brook Dingwall, *sir*...”

“Sim, senhora?”

“Desapareceu, *sir*” – disse Maria, demonstrando uma forte tendência a desmaiar.

“Desapareceu!”

“Fugiu, *sir*.”

“Fugiu! Com quem... quando... onde... como?” quase gritou o diplomata agitado.

O amarelo natural do rosto da infeliz Maria mudou para todos os tons do arco-íris, enquanto ela colocava um pacotinho na mesa do deputado.

Ele rapidamente abriu. Uma carta de sua filha e outra de Theodosius. Ele olhou seu conteúdo – “Antes que isso chegue até você... muito distante... apelo aos sentimentos... amamo-nos com loucura... cera de abelha... escravidão”, etc., etc. Ele levou a mão à testa e caminhou pela sala com passos assustadoramente longos, para grande alarme da metódica Maria.

“Agora, lembre-se; de agora em diante”, disse o Sr. Brook Dingwall, parando repentinamente à mesa e marcando o compasso com a mão; “de agora em diante, nunca permitirei, sob nenhuma circunstância, que um homem que escreve panfletos entre em qualquer outro cômodo desta casa que não seja a cozinha. – Permitirei à minha filha e ao seu marido uma renda de cento e cinquenta libras por ano, e nunca mais quero ver seus rostos: e, diabos! senhora, vou apresentar um projeto de lei para a abolição das escolas de aperfeiçoamento!”

Já passou algum tempo desde esta fervorosa declaração. O Sr. e a Sra. Butler estão atualmente em uma pequena cabana em Ball's Pond, [178] agradavelmente situada nas imediações de uma olaria. Eles não têm filhos. O Sr. Theodosius parece muito importante e escreve incessantemente; mas, em consequência de uma combinação grosseira por parte dos editores, nenhuma de suas produções foi impressa. Sua jovem esposa começa a pensar que a miséria ideal é preferível à infelicidade real; e que um casamento, contraído às pressas e de arrependimento tranquilo, é a causa de uma miséria mais substancial do que ela jamais imaginou.

Após uma reflexão fria, Cornelius Brook Dingwall, Esq., M.P., foi relutantemente obrigado a admitir que o resultado desagradável de seus admiráveis arranjos era atribuível, não às Miss Crumptions, mas à sua própria diplomacia. Ele, no entanto, consola-se, como alguns outros pequenos diplomatas, ao provar satisfatoriamente que, se os seus planos não obtiveram êxito, deveriam tê-lo obtido. A Minerva House permanece *in status quo* [179] e as “Misses Crumpton” permanecem no gozo pacífico e imperturbável de todas as vantagens resultantes de sua Escola de Aperfeiçoamento.

HORÁCIO SPARKINS

Publicado pela primeira vez na *Monthly Magazine* (fevereiro de 1834).

“Na verdade, meu amor, ele prestou muita atenção a Teresa na última noite de assembleia”, disse a Sra. Malderton, dirigindo-se ao marido, que, depois do cansaço do dia na cidade, estava sentado com um lenço de seda na cabeça, e os pés no guarda-fogo, bebendo o seu vinho do Porto; – “muita atenção; e repito que todo encorajamento possível deve ser dado a ele. Ele definitivamente deve ser convidado para jantar aqui.”

“Quem?” perguntou o Sr. Malderton.

“Ora, você sabe a quem estou me referindo, meu querido: o jovem de suíças pretas e gravata branca, que acabou de aparecer em nossa reunião e de quem todas as moças estão falando. É o jovem... meu Deus! qual é o nome dele? Marianne, qual é o nome dele?” continuou a Sra. Malderton, dirigindo-se à filha mais nova, que estava empenhada em tricotar uma bolsa e com ar sentimental.

“Sr. Horácio Sparkins, mamãe”, respondeu a Srta. Marianne, com um suspiro.

“Oh! sim, isto mesmo... Horácio Sparkins” disse a Sra. Malderton. “Decididamente, o jovem mais cavalheiresco que já vi. Tenho certeza de que, com o casaco lindamente feito que ele usou na outra noite, parecia-se com... com...”

“Com o príncipe Leopoldo, mamãe... tão nobre, tão cheio de sentimento!” sugeriu Marianne, em tom de admiração entusiástica.

“Você deveria se lembrar, meu querido”, continuou a Sra. Malderton, “que Teresa tem agora vinte e oito anos; e que é realmente muito importante que algo seja feito.”

A Srta. Teresa Malderton era uma jovem muito pequena, um tanto gorda, com bochechas vermelhas, mas bem-humorada e ainda descomprometida, embora, para lhe fazer justiça, o infortúnio tenha surgido não por falta de perseverança da sua parte. Em vão ela flertou durante dez anos; em vão o Sr. e a Sra. Malderton mantiveram assiduamente amplas relações com os jovens solteiros elegíveis de

Camberwell, e até mesmo de Wandsworth e Brixton;^[180] para não falar daqueles que “apareceram” da cidade. A Srta. Malderton era tão conhecida quanto o leão do topo de Northumberland House e tinha chances iguais de “ir embora”.^[181]

“Tenho certeza de que você gostará dele”, continuou a Sra. Malderton, “ele é tão cavalheiresco!”

“Tão inteligente!” disse a Srta. Marianne.

“E tem um fluxo de linguagem tão grande!” acrescentou a Srta. Teresa.

“Ele tem um grande respeito por você, meu querido”, disse a Sra. Malderton ao marido. O Sr. Malderton tossiu e olhou para o fogo.

“Sim, tenho certeza de que ele tem o maior interesse em conhecer papai”, disse a Srta. Marianne.

“Não há dúvida disso”, repetiu a Srta. Teresa.

“Na verdade, ele me disse isso em segredo”, observou a Sra. Malderton.

“Bem, bem”, respondeu o Sr. Malderton, um tanto lisonjeado; “se eu o vir no clube amanhã, talvez eu o convide. Naturalmente ele sabe que moramos em Oak Lodge, Camberwell, não, minha querida?”

“Claro... e que você tem uma carruagem de um só cavalo.”

“Vou cuidar disso”, disse o Sr. Malderton, preparando-se para tirar uma soneca; “Vou ver isso.”

O Sr. Malderton era um homem cujo âmbito de ideias se limitava ao Lloyd's, à Bolsa, à Indian House e ao Banco. Algumas especulações bem-sucedidas o elevaram de uma situação de obscuridade e relativa pobreza para um estado de riqueza. Como acontece frequentemente em tais casos, as ideias sobre ele e a sua família elevaram-se a um nível extraordinário à medida que os seus recursos foram aumentando; eles afetavam a moda, o bom gosto e muitas outras tolices, imitando seus superiores, e tinham um horror muito decidido e apropriado a qualquer coisa que pudesse, por possibilidade, ser considerada baixa. Ele era hospitaleiro por ostentação, antiliberal por ignorância e preconceituoso por vaidade. O egoísmo e o amor à ostentação induziram-no a manter uma mesa excelente: a comodidade e o amor pelas coisas boas desta vida garantiram-lhe muitos convidados. Ele gostava de ter homens inteligentes, ou o que ele considerava, à sua mesa, pois eram um grande tema para conversa; mas ele nunca conseguiu suportar o que chamava de “sujeitos espertos”. Provavelmente, ele apreciava esse sentimento como um elogio aos seus dois filhos, que não causavam nenhum desconforto ao seu respeitado pai nesse particular. A família ambicionava formar

conhecimentos e conexões em alguma esfera da sociedade superior àquela em que eles próprios viviam; e uma das consequências necessárias deste desejo, somada à sua total ignorância do mundo além do seu pequeno círculo, era que qualquer um que pretendesse conhecer pessoas de posição e título, tivesse um seguro passaporte para a mesa de Oak Lodge, Camberwell.

A aparição do Sr. Horácio Sparkins no clube despertou grande surpresa e curiosidade entre seus frequentadores regulares. Quem ele poderia ser? Ele era evidentemente reservado e aparentemente melancólico. Ele era um clérigo? – Mas dançava bem demais. Um advogado? – Mas disse que não fora chamado a praticar. Ele usava palavras muito finas e falava muito. Poderia ele ser um estrangeiro ilustre,^[182] vindo à Inglaterra com o propósito de descrever o país, seus hábitos e costumes; e frequentar bailes e jantares públicos, com o objetivo de se familiarizar com a vida nobre, a etiqueta refinada e o requinte inglês? – Não, ele não tinha sotaque estrangeiro. Era um cirurgião, um colaborador de revistas, um escritor de romances da moda, ou um artista? – Não; a cada uma dessas suposições, existia alguma objeção válida. – “De qualquer maneira”, disseram todos, “ele deve ser *alguém*.” – “Creio que sim”, raciocinou o Sr. Malderton consigo mesmo, “porque ele percebe nossa superioridade e nos presta muita atenção.”

A noite seguinte à conversa que acabamos de relatar foi a “noite de assembleia”. A carruagem dupla recebeu ordem de estar na porta de Oak Lodge exatamente às nove horas. As Srtas. Malderton estavam vestidas de cetim azul-celeste enfeitado com flores artificiais; e a Sra. Malderton (que era uma mulher gordinha) idem, parecia a filha mais velha multiplicada por dois. O Sr. Frederick Malderton, o filho mais velho, em traje de gala, era o *beau ideal* de um jovem elegante; e o Sr. Thomas Malderton, o mais moço, com sua gravata branca, paletó azul, botões brilhantes e fita de relógio vermelha, lembrava muito o retrato daquele jovem cavalheiro interessante, mas temerário, George Barnwell.^[183] Todos os membros do grupo estavam decididos a cultivar a amizade do Sr. Horácio Sparkins. A Srta. Teresa, é claro, deveria ser tão amável e interessante quanto costumam ser as moças de vinte e oito anos à procura de um marido. A Sra. Malderton seria toda sorrisos e graças. A Srta. Marianne iria solicitar o favor de alguns versos para seu álbum. O Sr. Malderton tomaria o grande desconhecido sob sua proteção, convidando-o para jantar. Tom verificaria a extensão de suas informações sobre os tópicos interessantes do rapé e dos charutos. Até mesmo o próprio Sr. Frederick Malderton, a autoridade da família em todos os aspectos de gosto, vestimenta e arranjos de moda; que tinha apartamento próprio na cidade; que tinha passe livre no teatro de Covent Garden; que

sempre se vestia de acordo com as modas dos meses; que ia às águas duas vezes por semana durante a temporada; e que na verdade tinha um amigo íntimo que certa vez conheceu um cavalheiro que tinha vivido em Albany,^[184] – até ele havia determinado que o Sr. Horácio Sparkins devia ser um bom sujeito enérgico e que lhe daria a honra de desafiá-lo para um jogo no bilhar.

O primeiro objeto que encontrou os olhos ansiosos da expedita família, ao entrarem no salão de baile, foi o interessante Horácio, com os cabelos penteados na testa e os olhos fixos no teto, reclinado em atitude contemplativa sobre um dos assentos.

“Ali está ele, meu querido”, sussurrou a Sra. Malderton para o Sr. Malderton.

“Que parecido com Lord Byron!”^[185] murmurou a Srta. Teresa.

“Ou Montgomery!”^[186] sussurrou a Srta. Marianne.

“Ou com os retratos do Capitão Ross!”^[187] sugeriu Tom.

“Tom, não seja idiota!” disse o pai, que o examinava em todas as ocasiões, provavelmente para evitar que ele ficasse “afiado” – o que era muito desnecessário.

O elegante Sparkins agia com efeito admirável, até que a família cruzou a sala. Ele então se levantou, com a mais natural aparência de surpresa e deleite; abordou a Sra. Malderton com a maior cordialidade; saudou as jovens da maneira mais encantadora; curvou-se e apertou a mão do Sr. Malderton, com um grau de respeito que quase chegava à veneração; e retribuiu as saudações dos dois jovens de maneira meio satisfeita e meio condescendente, o que os convenceu plenamente de que ele devia ser um personagem importante e, ao mesmo tempo, condescendente.

“Srta. Malderton”, disse Horácio, após as saudações comuns, e curvando-se profundamente, “posso permitir-me presumir que espero que a senhorita me permita ter o prazer...”

“Não sei se já estou comprometida”, disse a Srta. Teresa, com uma terrível afetação de indiferença, “mas, na verdade, tantos...”

Horácio pareceu bastante infeliz.

“Ficarei muito feliz”, disse finalmente a interessante Teresa.

O semblante de Horácio iluminou-se, como um chapéu velho sob uma chuva torrencial.

“Um jovem muito gentil, certamente!” – disse o satisfeito Sr. Malderton, enquanto o obsequioso Sparkins e sua parceira se juntavam à quadrilha que estava se formando.

“Ele tem um discurso extraordinariamente bom”, disse o Sr.

Frederick.

“Sim, ele é um sujeito excelente”, interveio Tom, que sempre conseguia meter o pé pelas mãos – “ele fala como um leiloeiro.”

“Tom!” disse seu pai solenemente: “Acho que já lhe pedi que não seja um palerma.” Tom parecia feliz como um galo em uma manhã chuvosa.

“Como é delicioso!” disse o interessante Horácio à sua parceira, enquanto eles passeavam pela sala no final da dança – “como é delicioso, como é revigorante, retirar-se das tempestades nubladas, das vicissitudes e dos problemas da vida, mesmo que seja mas por alguns breves momentos fugazes: e passar esses momentos, por mais desbotados e evanescentes que sejam, na deliciosa e abençoada sociedade de um indivíduo – cuja carranca seria a morte, cuja frieza seria uma loucura, cuja falsidade seria a ruína, cuja constância seria uma felicidade; a posse de cuja afeição seria a melhor e mais brilhante recompensa que o Céu poderia conceder ao homem!”

“Quanto ardor! quanto sentimento!” pensou a Srta. Teresa, apoiando-se ainda mais no braço do companheiro.

“Mas chega... chega!” retomou o elegante Sparkins, com ar teatral. “O que eu disse? o que eu... eu... tenho a ver com sentimentos como esses? Srta. Malderton” – aqui ele parou – “espero ter permissão para oferecer a humilde homenagem de...”

“Na verdade, Sr. Sparkins”, respondeu a extasiada Teresa, corando na mais doce confusão, “devo encaminhá-lo ao papai. Nunca poderei, sem o seu consentimento, aventurar-me a...”

“Certamente ele não irá se opor...”

“Oh sim. Na verdade, na verdade, você não o conhece ainda!” – interrompeu a Srta. Teresa, sabendo que não havia nada a temer, mas desejando que a entrevista se assemelhasse a uma cena de algum romance romântico.

“Ele não pode se opor a que eu lhe ofereça um copo de ponche”, respondeu o adorável Sparkins, com certa surpresa.

“Era apenas isso?” pensou a decepcionada Teresa. “Quanto barulho por nada!”

“Terei o maior prazer, senhor, em vê-lo a jantar em Oak Lodge, Camberwell, no próximo domingo às cinco horas, se não tiver um compromisso melhor”, disse o Sr. Malderton, no final da noite, enquanto ele e seus filhos conversavam com o Sr. Horácio Sparkins.

Horácio curvou-se em reconhecimento e aceitou o lisonjeiro convite.

“Devo confessar”, continuou o pai, oferecendo sua caixa de rapé ao novo conhecido, “que não gosto tanto dessas reuniões quanto do conforto – quase do luxo – de Oak Lodge. Elas não têm grandes encantos para um homem idoso.”

“E afinal, senhor, o que é o homem?” perguntou o metafísico Sparkins. “Que é o homem? digo eu.”

“Ah! é verdade”, disse o Sr. Malderton; “muito verdadeiro.”

“Sabemos que vivemos e respiramos”, continuou Horácio; “que temos vontades e desejos, anseios e apetites...”

“Certamente”, disse o Sr. Frederick Malderton, parecendo profundo.

“Eu digo, nós sabemos que existimos”, repetiu Horácio, levantando a voz, “mas aí paramos; aí está o fim do nosso conhecimento; aí está o ápice de nossas realizações; aí está o término dos nossos fins. O que mais sabemos?”

“Nada”, respondeu o Sr. Frederick – do qual ninguém era mais capaz de responder por si mesmo nesse particular. Tom estava prestes a arriscar alguma coisa, mas, felizmente para sua reputação, chamou a atenção do olhar furioso do pai e escapuliu como um cachorrinho condenado por pequeno furto.

“Pela minha palavra”, disse o Sr. Malderton, o mais velho, quando voltavam para casa na carruagem, “que o Sr. Sparkins é um jovem maravilhoso. Um conhecimento tão surpreendente! informações tão extraordinárias! e um modo tão esplêndido de se expressar!”

“Acho que ele deve ser alguém disfarçado”, disse a Srta. Marianne. “Como é encantadoramente romântico!”

“Ele fala muito alto e bem”, observou Tom timidamente, “mas não entendo exatamente o que ele quer dizer.”

“Quase começo a me desesperar com a possibilidade de você entender alguma coisa, Tom”, disse o pai, que, é claro, ficou muito esclarecido com a conversa do Sr. Horácio Sparkins.

“Ocorre-me, Tom”, disse a Srta. Teresa, “de que você foi bastante ridículo esta noite.”

“Não há dúvida disso”, gritaram todos – e o infeliz Tom se reduziu ao menor espaço possível.

Naquela noite, o Sr. e a Sra. Malderton tiveram uma longa conversa sobre as perspectivas e planos futuros de sua filha. A Srta. Teresa foi para a cama pensando se, no caso de se casar com um aristocrata, poderia conscientemente encorajar as visitas de suas conhecidas atuais; e sonhou, a noite toda, com nobres disfarçados, grandes recepções, plumas de avestruz, presentes nupciais e Horácio Sparkins.

Várias suposições foram feitas na manhã de domingo, quanto ao meio de transporte que o tão esperado Horácio adotaria. Ele tomaria um cabriolé? – seria possível que ele pudesse vir a cavalo? – ou ele preferiria a diligência? Estas e outras conjecturas de igual importância atraíram a atenção da Sra. Malderton e de suas filhas durante toda a manhã após o culto.

“Pela minha palavra, minha querida, é uma coisa muito irritante que aquele seu irmão vulgar tenha se convidado para jantar aqui hoje”, disse o Sr. Malderton à esposa. “Devido à vinda do Sr. Sparkins, absteve-me propositalmente de convidar qualquer pessoa, além de Flamwell. E depois, pensar no seu irmão... um lojista... é insuportável! Declaro que não gostaria que ele mencionasse sua loja diante de nosso novo convidado – não, nem por mil libras! Eu não me importaria se ele tivesse o bom senso de esconder a vergonha que é para a família; mas ele gosta tanto de seu negócio horrível que não deixará de falar a respeito.”

O Sr. Jacob Barton, o indivíduo mencionado, era dono de um grande armazém; homem tão vulgar e tão perdido em todos os sentidos, que na verdade nunca teve escrúpulos em confessar que não estava acima de seus negócios: “ele ganhou dinheiro com isso e não se importava com quem soubesse disso.”

“Ah! Flamwell, meu caro amigo, como vai?” disse o Sr. Malderton, quando um homenzinho arrogante, de óculos verdes, entrou na sala. “Você recebeu meu bilhete?”

“Sim, eu recebi; e aqui estou eu em consequência.”

“Por acaso não conhece esse Sr. Sparkins pelo nome? Você conhece todo mundo.”

Flamwell era um daqueles cavalheiros de relações extraordinariamente vastas que ocasionalmente encontramos na sociedade, que fingem conhecer todo mundo, mas na realidade não conhecem ninguém. No Malderton's, onde quaisquer histórias sobre grandes pessoas eram recebidas com ouvidos gananciosos, ele era um favorito especial; e, conhecendo o tipo de pessoas com quem tinha de lidar, ele levou ao extremo sua paixão de afirmar que conhecia todo mundo. Ele tinha uma maneira bastante singular de contar suas maiores mentiras entre parênteses e com um ar de abnegação, como se temesse ser considerado egoísta.

“Ora, não, não o conheço por esse nome”, respondeu Flamwell, em voz baixa e com um ar de imensa importância. “Mas não tenho dúvidas de que o conheço. Ele é alto?”

“De estatura média”, disse a Srta. Teresa.

“Com cabelos pretos?” – indagou Flamwell, arriscando um palpite ousado.

“Sim”, respondeu a Srta. Teresa, ansiosamente.

“Nariz arrebitado?”

“Não”, disse a decepcionada Teresa, “ele tem um nariz romano.”

“Eu disse nariz romano, não foi?” – perguntou Flamwell. “Ele é um jovem elegante?”

“Ah, certamente.”

“Com maneiras notavelmente atraentes?”

“Oh sim!” disse toda a família reunida. “Você deve conhecê-lo.”

“Sim, pensei que você o conhecesse, se ele é ‘Alguém’”, exclamou triunfantemente o Sr. Malderton. “Quem pode ser ele?”

“Ora, pela sua descrição”, disse Flamwell, ruminando e baixando a voz, quase num sussurro, “ele tem uma forte semelhança com o Honorável Augustus Fitz-Edward Fitz-John Fitz-Osborne. É um rapaz muito talentoso e bastante excêntrico. É extremamente provável que ele tenha mudado de nome por algum motivo especial.”

O coração de Teresa bateu forte. Poderia ele ser o Honorável Augustus Fitz-Edward Fitz-John Fitz-Osborne! Que nome para ser gravado elegantemente em dois cartões esmaltados, atados com um pedaço de fita de cetim branco! “A Honorável Sra. Augustus Fitz-Edward Fitz-John Fitz-Osborne!” O pensamento era entusiasmante.

“Faltam cinco para as cinco”, disse o Sr. Malderton, olhando para o relógio. “Espero que ele não nos decepcione.”

“Ali está ele!” exclamou a Srta. Teresa, quando uma forte batida dupla foi ouvida na porta. Todos se esforçavam para parecer – como as pessoas sempre fazem quando esperam especialmente uma visita – como se não suspeitassem totalmente da chegada de alguém.

A porta da sala abriu-se – “O Sr. Barton!” disse a criada.

“Maldição esse homem!” murmurou Malderton. “Ah! meu caro senhor, como vai! Que há de novo?”

“Ora, nada”, respondeu o dono do armazém, com seu habitual jeito rude. “Não, nada de novo. Nada que eu esteja muito ciente. Como vão, meninas e rapazes? Sr. Flamwell, *sir*... estou feliz em vê-lo.”

“Eis o Sr. Sparkins!” disse Tom, que estava olhando pela janela, “num formidável cavalo preto!”

Lá estava Horácio, bastante seguro, montado num grande cavalo preto, curvando-se e empinando, como um supranumerário de Astley. Depois de muito controlar e puxar as rédeas, com o acompanhamento

de bufar, empinar e chutar, o animal consentiu em parar a cerca de cem metros do portão, onde o Sr. Sparkins desmontou e confiou-o aos cuidados do criado do Sr. Malderton. A cerimônia de apresentação foi realizada, em toda a devida forma. O Sr. Flamwell olhou para Horácio por trás dos óculos verdes com um ar de importância misteriosa; e o galante Horácio olhou para Teresa de maneira indescritível.

“Ele é o honorável Sr. Augustus, qual é o nome dele mesmo?” sussurrou a Sra. Malderton para Flamwell, enquanto ele a acompanhava até a sala de jantar.

“Ora, não – pelo menos não exatamente”, respondeu aquela grande autoridade – “não exatamente.”

“Quem é ele então?”

“Psiu!” disse Flamwell, balançando a cabeça com ar sério, dando a entender que sabia muito bem; mas achava-se impedido, por graves razões de Estado, de revelar o importante segredo.

Podia ser um dos ministros procurando se familiarizar com as opiniões do povo.

“Sr. Sparkins”, disse a encantada Sra. Malderton, “por favor, queira dividir as damas. John, coloque uma cadeira para o cavalheiro entre a senhorita Teresa e a senhorita Marianne.” Estas palavras foram dirigidas a um homem que, em ocasiões normais, atuava como criado e jardineiro; mas que, como era importante impressionar o Sr. Sparkins, fora forçado a usar um lenço branco e sapatos, tendo sido retocado e escovado, para parecer um segundo laçao.

O jantar era excelente; Horácio dava a maior atenção à Srta. Teresa, e todos se sentiam animados, exceto o Sr. Malderton, que, conhecendo a propensão de seu cunhado, o Sr. Barton, suportou aquele tipo de agonia que os jornais nos informam ser vivida pela vizinhança vizinha quando um servente da taverna se enforca em um depósito de feno, e que é “muito mais fácil de imaginar do que descrever”.

“Você tem visto seu amigo, Sir Thomas Noland, ultimamente, Flamwell?” – perguntou o Sr. Malderton, lançando um olhar de soslaio para Horácio, para ver que efeito a menção de um homem tão importante exercia sobre ele.

“Ora, não... não muito ultimamente. Mas vi Lord Gubbleton anteontem.”

“Ah! Espero que S. Exa. esteja muito bem?” – disse Malderton, num tom do maior interesse. Nem é necessário dizer que, até àquele momento, ele ignorava totalmente a existência de tal pessoa.

“Bem, sim; ele estava bem – muito bem, na verdade. Ele é um bom sujeito. Eu o conheci na cidade e tive uma longa conversa com ele. Na

verdade, sou bastante íntimo dele. No entanto, não pude parar para falar com ele o tempo que queria, porque estava a caminho da casa de um banqueiro, um homem muito rico e membro do Parlamento, com quem também estou, na verdade, posso dizer muito, íntimo.”

“Eu sei a quem você se refere”, respondeu o anfitrião, conseqüentemente – na verdade, sabendo tanto sobre o assunto quanto o próprio Flamwell. – “Ele tem um negócio formidável.”

Isso tocava em um assunto perigoso.

“Falando de negócios”, interveio o Sr. Barton, do centro da mesa. “Um cavalheiro que você conheceu muito bem, Malderton, antes de fazer aquela sua primeira aposta de sorte, visitou nossa loja outro dia e...”

“Barton, posso incomodá-lo por uma batata? interrompeu o miserável dono da casa, na esperança de cortar a história pela raiz.

“Certamente”, respondeu o dono do armazém, bastante insensível ao objetivo de seu cunhado – “e ele disse de uma maneira muito clara...”

“*Floury*, por favor”, interrompeu Malderton novamente; temendo o fim da anedota e a repetição da palavra “loja”.

“Ele me disse assim”, continuou o culpado, depois de passar a batata; “disse assim, como vão seus negócios? Então eu disse, brincando – você conhece meu jeito – eu disse, ‘nunca estou acima de meus negócios e espero que meus negócios nunca estejam acima de mim.’ Ah, ah!”

“Sr. Sparkins”, disse o anfitrião, tentando em vão esconder sua consternação, “uma taça de vinho?”

“Com o maior prazer, senhor.”

“Feliz em ver você.”

“Obrigado.”

“Estávamos conversando outra noite”, retomou o anfitrião, dirigindo-se a Horácio, em parte com o objetivo de demonstrar os poderes de conversação de seu novo conhecido, e em parte na esperança de abafar as histórias do dono do armazém – “estávamos conversando outra noite sobre a natureza do homem. Seu argumento me impressionou muito.”

“E a mim também”, disse o Sr. Frederick. Horácio fez uma inclinação graciosa com a cabeça.

“Por favor, qual é a sua opinião a respeito da mulher, Sr. Sparkins?” – perguntou a Sra. Malderton. As moças sorriram.

“O homem”, respondeu Horácio, “o homem, quer ele percorresse as

planícies brilhantes, alegres e floridas de um segundo Éden, ou as regiões mais estéreis, áridas e, posso dizer, comuns, às quais somos obrigados a nos acostumar, em momentos como estes; o homem, sob qualquer circunstância, ou em qualquer lugar – quer estivesse curvado sob as rajadas fulminantes da zona frígida, ou escaldante sob os raios de um sol vertical – o homem, sem a mulher, estaria – sozinho.”

“Fico muito feliz em saber que você tem opiniões tão honrosas, Sr. Sparkins”, disse a Sra. Malderton.

“E também”, acrescentou a Srta. Teresa. Horácio parecia encantado e a jovem corou.

“Pois, na minha opinião...” disse o Sr. Barton.

“Eu sei o que você vai dizer”, interveio Malderton, determinado a não dar outra oportunidade ao seu parente, “e não concordo com você.”

“Como?” perguntou o surpreso dono do armazém.

“Lamento discordar de você, Barton”, disse o anfitrião, de maneira tão positiva, como se realmente estivesse contradizendo uma posição que o outro havia estabelecido, “mas não posso dar o meu consentimento ao que considero uma proposta muito monstruosa.”

“Mas eu queria dizer...”

“Você nunca conseguirá me convencer”, disse Malderton, com um ar de determinação obstinada. “Nunca.”

“E eu”, disse o Sr. Frederick, acompanhando o ataque do pai, “não posso concordar inteiramente com o argumento do Sr. Sparkins.”

“Como!” disse Horácio, que se tornou mais metafísico e mais argumentativo ao ver a parte feminina da família ouvindo maravilhada e encantada – “Como! É o efeito consequência da causa? É a causa precursora do efeito?”

“Esse é o ponto”, disse Flamwell.

“Sem dúvida”, disse o Sr. Malderton.

“Porque, se o efeito é consequência da causa, e se a causa precede o efeito, entendo que você está errado”, acrescentou Horácio.

“Decididamente”, disse o sicofante Flamwell.

“Pelo menos entendo que essa seja a dedução justa e lógica!” disse Sparkins, em tom de exclamação.

“Não há dúvida disso”, interveio Flamwell novamente. “Isso resolve a questão.”

“Bem, talvez sim”, disse o Sr. Frederick; “Eu não percebi isso antes.”

“Não o percebo nem agora”, pensou o dono do armazém; “mas suponho que esteja tudo certo.”

“Como ele é maravilhosamente inteligente!” sussurrou a Sra. Malderton para as filhas, enquanto elas se retiravam para a sala de estar.

“Oh, ele é um amor!” disseram juntas as duas jovens; “ele fala como um oráculo. Ele deve ter visto coisas.”

Deixados os cavalheiros sozinhos, seguiu-se uma pausa, durante a qual todos pareciam muito sérios, como se estivessem bastante impressionados com a natureza profunda da discussão anterior. Flamwell, que havia decidido descobrir quem e o que o Sr. Horácio Sparkins realmente era, foi o primeiro a quebrar o silêncio.

“Com licença, senhor”, disse aquele ilustre personagem, “presumo que o senhor tenha estudado para a Ordem dos Advogados? Eu mesmo pensei em entrar uma vez... na verdade, sou bastante íntimo de alguns dos mais altos ornamentos dessa distinta profissão.”

“N... não!” disse Horácio, com um pouco de hesitação; “não exatamente.”

“Mas o senhor tem tido contato com as becas de seda, ou estou enganado?” – perguntou Flamwell, respeitosamente.

“Quase toda a minha vida”, respondeu Sparkins.

A questão estava, portanto, bem resolvida na mente do Sr. Flamwell. Ele era um jovem cavalheiro “prestes a ser convocado”.

“Eu não gostaria de ser advogado”, disse Tom, falando pela primeira vez, e olhando ao redor da mesa para encontrar alguém que notasse o comentário.

Ninguém respondeu.

“Eu não gostaria de usar peruca”, disse Tom, arriscando outra observação.

“Tom, imploro que não se faça de ridículo”, disse o pai. “Por favor, ouça, e melhore-se com a conversa que ouve, e não fique constantemente fazendo esses comentários absurdos.”

“Está certo, pai”, respondeu o infeliz Tom, que não dissera uma palavra desde que pedira outra fatia de carne às cinco e quinze; agora já eram oito horas.

“Bem, Tom”, observou seu bem-humorado tio, “deixa pra lá! *Eu* penso com você. Eu não gostaria de usar peruca. Prefiro usar avental.”

O Sr. Malderton tossiu violentamente. O Sr. Barton continuou: “Pois se um homem está acima de seus negócios...”

A tosse voltou com uma violência dez vezes maior e não cessou até que a infeliz causa dela, de tão alarmada, esquecesse completamente o que pretendia dizer.

“Sr. Sparkins,” disse Flamwell, voltando à carga, “por acaso você conhece o Sr. Delafontaine, de Bedford Square?”^[188]

“Troquei cartões com ele; desde então, de fato, tive a oportunidade de servi-lo consideravelmente”, respondeu Horácio, ligeiramente corado; sem dúvida, por ter sido forçado a fazer essa confissão.

“O senhor tem muita sorte se teve a oportunidade de servir aquele grande homem”, observou Flamwell, com um ar de profundo respeito.

“Não sei quem ele é”, sussurrou confidencialmente ao Sr. Malderton, enquanto seguiam Horácio até a sala de estar. “Está bastante claro, porém, que ele pertence à justiça e que é alguém de grande importância e altamente relacionado.”

“Sem dúvida, sem dúvida”, respondeu seu companheiro.

O resto da noite passou deliciosamente. O Sr. Malderton, aliviado de suas apreensões pela circunstância de o Sr. Barton ter caído em um sono profundo, foi tão afável e cortês quanto possível. A Srta. Teresa tocou “A Queda de Paris”,^[189] como declarou o Sr. Sparkins, de uma maneira muito magistral, e ambos, auxiliados pelo Sr. Frederick, experimentaram incontáveis canções e trios; tendo feito a agradável descoberta de que suas vozes se harmonizavam lindamente. Na verdade, todos cantaram a primeira parte; e Horácio, além da ligeira desvantagem de não ter ouvido, era perfeitamente inocente de conhecer uma nota musical; ainda assim, eles passaram o tempo muito agradavelmente, e já passava da meia-noite quando o Sr. Sparkins ordenou que o cavalo com aparência de carruagem fúnebre fosse trazido – uma ordem que só foi cumprida, no claro entendimento de que ele deveria repetir a visita no domingo seguinte.

“Quem sabe o Sr. Sparkins não faça parte do nosso grupo amanhã à noite?” sugeriu a Sra. Malderton. “Sr. Malderton pretende levar as meninas para ver a pantomima.” O Sr. Sparkins fez uma reverência e prometeu juntar-se ao grupo no camarote 48, no decorrer da noite.

“Não o requisitamos para a parte da manhã”, disse a Srta. Teresa, encantadoramente; “pois mamãe vai nos levar a todos os tipos de lugares, para fazer compras. Sei que os cavalheiros têm grande horror a essa espécie de passatempo.” O Sr. Sparkins curvou-se novamente e declarou que ficaria encantado, mas negócios importantes o ocupariam pela manhã. Flamwell olhou significativamente para Malderton. – “É dia de vencimento!” ele sussurrou.

Às doze horas do dia seguinte, a carruagem estava à porta de Oak

Lodge, para levar a Sra. Malderton e suas filhas na expedição do dia. Elas deveriam jantar e vestir-se para o espetáculo em casa de um amigo. Primeiro, indo até lá com suas caixas de chapéus, elas partiriam em sua primeira missão para fazer algumas compras na loja dos Srs. Jones, Spruggins e Smith, em Tottenham Court Road; depois disso, elas deveriam ir à casa Redmayne, em Bond Street;^[190] daí, para inúmeros lugares dos quais ninguém nunca ouviu falar. As jovens procuravam diminuir o tédio da viagem elogiando o Sr. Horácio Sparkins, repreendendo a mãe por tê-las levado tão longe para economizar um xelim e perguntando-se se algum dia chegariam ao seu destino. Por fim, o veículo parou em frente a uma loja de roupas de cama, de aparência suja, com mercadorias de todos os tipos e letreiros de todos os tipos e tamanhos, na vitrine. Havia ali enormes sete, com minúsculos “3 farthings” ao lado, perfeitamente invisíveis a olho nu; cinquenta mil e trezentos boas femininos, *de* um xelim e um *penny* e meio; sapatos franceses de pele de cabrito, a dois xelins e nove *pence* o par; sombrinhas verdes, a um preço igualmente barato; e “toda descrição de mercadorias”, como diziam os proprietários – e eles deviam saber disso –, “cinquenta por cento abaixo do preço de custo.”

“Por Deus! mamãe, a que lugar a senhora nos trouxe!” disse a Srta. Teresa; “o que o Sr. Sparkins *diria* se nos visse?”

“Ah! que diria!” – disse a Srta. Marianne, horrorizada com a ideia.

“Por favor, sentem-se, senhoras. Qual é o primeiro artigo?” perguntou o obsequioso gerente do estabelecimento, que, com seu grande lenço branco e gravata formal, parecia um péssimo “retrato de um cavalheiro” em uma exposição de Somerset House.

“Quero ver algumas sedas”, respondeu a Sra. Malderton.

“Imediatamente, minha senhora. Sr. Smith! Onde *está* o Sr. Smith?”

“Aqui, *sir*”, gritou uma voz do fundo da loja.

“Por favor, apresse-se, Sr. Smith”, disse o gerente. “O senhor nunca está onde é necessário.”

O Sr. Smith, assim instado a usar toda a rapidez possível, saltou sobre o balcão com grande agilidade e colocou-se diante das clientes recém-chegadas. A Sra. Malderton soltou um grito abafado; A Srta. Teresa, que tinha se abaixado para conversar com a irmã, ergueu a cabeça e viu – Horácio Sparkins!

“Colocaremos um véu”, como dizem os escritores de romances, sobre a cena que se seguiu. O misterioso, filosófico, romântico e metafísico Sparkins – aquele que, para a interessante Teresa, parecia a ideia corporificada dos jovens duques e requintados poéticos em chambre de seda azul e chinelos idem, idem, os quais ela havia lido e

sonhado, mas nunca esperava ver, foi subitamente convertido no Sr. Samuel Smith, o assistente de uma “loja barata”; o sócio minoritário de uma empresa incerta com cerca de três semanas de existência. O digno desaparecimento do herói de Oak Lodge, diante desse reconhecimento inesperado, só poderia ser comparado pelo de um cão furtivo com uma enorme chaleira presa ao rabo. Todas as esperanças dos Malderton estavam destinadas a desaparecer imediatamente, como sorvetes de limão em um jantar; para eles, o Almack's ainda era tão distante quanto o Polo Norte; e a Srta. Teresa tinha tantas chances de ter um marido quanto o Capitão Ross tinha de alcançar o corredor do noroeste. ^[191]

Anos se passaram desde a ocorrência daquela manhã terrível. As margaridas floresceram três vezes em Camberwell Green; os pardais repetiram três vezes seus chilreios primaveris em Camberwell Grove; mas as Srtas. Maldertons ainda não se casaram. O caso da Srta. Teresa é mais desesperador que nunca; mas Flamwell ainda está no auge de sua reputação; e a família continua com a mesma predileção por personagens aristocráticos, com uma aversão crescente a tudo que é *baixo*.

O AUTOR

Charles Dickens nasceu em Portsmouth em 7 de fevereiro de 1812, o segundo de oito filhos. As experiências de infância de Dickens foram semelhantes às retratadas em *David Copperfield*. Seu pai, que era funcionário do governo, foi preso por dívidas e Dickens foi brevemente enviado para trabalhar em um armazém aos doze anos de idade. Ele recebeu pouca educação formal, mas aprendeu taquigrafia sozinho e tornou-se repórter de debates parlamentares do *Morning Chronicle*. Começou a publicar artigos em diversos periódicos, que posteriormente foram republicados como *Sketches by Boz*. Os *Pickwick Papers* foram publicados entre 1836-67 e, após um início lento, tornaram-se um fenômeno editorial e os personagens de Dickens, o centro de um culto popular. Parte do segredo de seu sucesso foi o método de publicação seriada barata que Dickens usou para todos os seus romances. Ele iniciou com *Oliver Twist* em 1837, seguido por *Nicholas Nickleby* (1838) e *The Old Curiosity Shop* (1840-41). Depois de terminar *Barnaby Rudge* (1841), Dickens partiu para a América; partiu cheio de entusiasmo pela jovem república mas, apesar de uma recepção triunfante, regressou desiludido. Suas experiências estão registradas em *American Notes* (1842). *Martin Chuzzlewit* (1843-4) não repetiu o sucesso de seus antecessores, mas isso foi rapidamente corrigido pela enorme popularidade dos *Christmas Books*, dos quais o primeiro, *A Christmas Carol*, apareceu em 1843. Durante 1844-6, Dickens viajou para o exterior e deu início a *Dombey and Son* enquanto estava na Suíça. Este e *David Copperfield* (1849-50) tinham um tema mais sério e foram planejados com mais cuidado do que seus primeiros romances. Em obras posteriores, como *Bleak House* (1853) e *Little Dorrit* (1857), a crítica social de Dickens tornou-se mais radical e a sua comédia mais selvagem. Em 1850, Dickens iniciou o periódico semanal *Household Words*, sucedido em 1859 por *All the Year Round*; nestes ele publicou *Hard Times* (1854), *A Tale of Two Cities* (1859) e *Great Expectations* (1860-61). A saúde de Dickens estava piorando durante a década de 1860 e o desgaste físico das leituras públicas que ele começou em 1858 acelerou seu declínio, embora *Our Mutual Friend* (1865) tenha mantido algumas de suas melhores comédias. Seu último romance, *The Mystery of Edwin Drood*, nunca foi concluído e ele morreu em 9 de junho de 1870. A dor pública por sua morte foi considerável e ele foi enterrado no Canto dos Poetas da Abadia de

Westminster.

[1] ‘A Paróquia!’, divisão administrativa básica de um governo local, originalmente uma área com a sua própria igreja e clérigo. [2] *Francis Hobler*, advogado e secretário principal do Tribunal de Polícia de Mansion House, conhecido como um contador de piadas. [3] Para aqueles que não tinham condições de alugar um banco na igreja. [4] As crianças ainda não recebidas na Igreja podiam ser “semibatzadas”, isto é, em casa, quando o serviço completo fosse inconveniente ou impossível, por exemplo, devido a enfermidade ou morte iminente. A vontade do novo pároco de ir até aos pobres, a sua pregação improvisada, o seu apoio ao movimento anti-escravatura e a sua vaidade pessoal sugerem um tipo evangélico. [5] Princesa Charlotte (1796 - 1817), única filha do Príncipe Regente (mais tarde George IV), que se casou com Leopold (1790 - 1865: filho do Duque de Saxe-Coburg) em 1816, mas morreu no ano seguinte; O Drury Lane Theatre, fundado na década de 1660, fica na esquina das ruas Catherine e Russell, Covent Garden. O edifício atual foi inaugurado em 1812. [6] Jogo de cartas para três ou mais jogadores, em tabuleiro circular pintado ou mesa com fichas; assim chamado em homenagem à lendária papisa que reinou como João VIII no século IX. ‘Pope Joan’ é o nove de ouros. [7] Herói de um dos livros favoritos de Dickens, *The Life and Strange Adventures of Robinson Crusoe of York, Mariner* (1719), de Daniel Defoe. [8] As três graças e as Parcas: figuras mitológicas. As Graças, na mitologia grega, são as deusas do banquete, da concórdia, do encanto, da gratidão, da prosperidade familiar e da sorte, ou seja, das graças; as Parcas, na mitologia romana, eram as representantes do Destino, isto é, eram as suas ministras e por consequente estavam incumbidas de executar as suas ordens. [9] A escravidão foi abolida na Inglaterra em 1833. [10] *Exeter Hall* era um grande ponto de encontro público no lado norte da Strand, no centro de Londres, em frente ao local onde hoje fica o Savoy Hotel. De 1831 a 1907, Exeter Hall foi palco de muitas grandes reuniões de ativistas de diversas causas, principalmente o movimento antiescravidão e a reunião da Liga da Lei Anti-Milho em 1846. [11] O Hotel Hummums (de hammam, ou banho turco, segundo Hill) ficava na esquina da Russell Street, Covent Garden. [12] Gíria: uma cambalhota dupla. [13] Versão *cockney* da canção popular ‘My Heart’s in the Highlands’, de Robert Burns (1759-96). [14] Versão *cockney* da canção popular ‘The Brave Old Oak’, letra de H.F. Chorley (1808-72) e música de E.J. Loder (1813-65). [15] Canção de Thomas Moore (1779-1852). [16] Alusão a *A Sentimental Journey* (1768), de Laurence Sterne, que por sua vez se referia a Juízes 20: 1. Dã estava no extremo norte da terra de Canaã; Beersheba, extremo sul. Por isso, tenho pena do homem que pode viajar tão longe e não encontrar nada de interessante. [17] Em 1829, a recém-fundada Força Policial Metropolitana de Peel foi estabelecida no local descrito por Dickens, no número 4, de Whitehall Place, onde ficava o palácio dos reis da Escócia. Em 1890, ‘o Yard’ mudou-se para Cannon Row, perto da Ponte de Westminster, e em 1967 para a sua localização atual em Victoria Street. [18] Um marco de Londres, torre erguida pelos Srs. Watts em 1789, a sudeste da Ponte Waterloo. [19] Entre as pontes Blackfriars e Westminster, construída em 1811-17, com nove arcos. Demolida em 1936 para ser substituída pela ponte atual. [20] Castelo histórico localizado na cidade de Londres, Inglaterra, na margem norte do rio

Tâmisa.

[21] Carvão de Wallsend, perto de Newcastle.

[22] Um distrito ribeirinho ao norte do Tâmisa, entre as pontes Waterloo e Westminster, que teria sido legado à freguesia de Lambeth por um mascate. [23] O mercado original do século XVII foi fechado em 1815 e reaberto em novos edifícios em 1833; desapareceu quando a estação Charing Cross foi construída no local em 1862. [24] A bota Wellington, muitas vezes abreviada para *welly* e também conhecida como *gumboot*, é um tipo de bota impermeável. [25] Continuação de St Martin's Lane, absorvida pela Shaftesbury Avenue em 1885. Sede de lojas de roupas de segunda mão em Londres na época de Dickens. [26] Corria paralela à Strand no lado norte, demolida com o alargamento da Strand e a construção de Aldwych, 1899 - 1905. Centro do comércio de livros usados, com lojas de roupas também. [27] Muitos estudiosos têm discutido o tema do racismo nas obras de Charles Dickens. Embora Dickens fosse conhecido por ser altamente solidário com a situação dos pobres e desfavorecidos na sociedade britânica, como muitos outros autores do período, ele expressou atitudes no seu jornalismo e trabalhos que foram interpretadas como racistas e xenófobas. Dickens defendia frequentemente os privilégios detidos pelos europeus nas colônias ultramarinas e rejeitava o que chamou de culturas "primitivas". O Dicionário Oxford de Literatura Inglesa descreve Dickens como um nacionalista que frequentemente estigmatizava culturas não europeias. Alguns estudiosos contestam a acusação de que Dickens era racista. O estudioso de Dickens, Priti Joshi, por exemplo, afirma que Dickens nunca defendeu qualquer forma de racismo científico em suas obras, mas tinha extrema antipatia pelos povos não europeus e acreditava firmemente na sua assimilação pela cultura ocidental. [28] Material penteado de superfície lisa usado em calçados femininos. [29] Concluída em 1827 e substituída pela ponte atual em 1883, ligando Hammersmith, no lado norte do Tâmisa, a Barnes, no sul. [30] O London Hackney Carriage Act de 1831 fixou tarifas de ônibus; os motoristas poderiam cobrar por distância ou tempo. [31] Cada vez mais populares, os cabriolés e os ônibus (introduzidos pela primeira vez em 1829) iriam tirar do mercado os antigos coches. [32] Atendentes licenciados que davam água aos cavalos. [33] Richard Martin (1754 - 1834), deputado irlandês e cofundador da Sociedade Real para a Prevenção da Crueldade contra os Animais, introduziu a Lei para a Proteção dos Direitos dos Animais em 1822 e levou muitos casos aos magistrados, incluindo muitos vendedores de comércio (comerciantes ambulantes). [34] Na época, Dickens morava em Furnival's Inn, Holborn. [35] Muitas das primeiras carruagens de aluguel eram carruagens abandonadas da nobreza; Dickens desenvolve isso no final do artigo. [36] Os ônibus partiam do Golden Cross Hotel, que ficava de frente para a estação Charing Cross, no centro de Londres. [37] Segue para o norte de St. Giles Circus, Oxford Street, até Euston Road.

[38] Tricotada com lã berlinesa, um fio fino e tingido, que estava na moda no século XIX.

[39] Colégio de advogados fundado no século XIII para o estudo e a prática do direito civil e canônico, e que adquiriu em 1567 um terreno perto de St Paul para as residências dos juizes e advogados, e edifícios para a sede dos tribunais. Em 1768, uma carta régia estabeleceu um Colégio de Doutores em Direito, composto por advogados eleitos que obtiveram esse diploma; também estavam anexados os procuradores, cujas funções eram análogas às dos advogados.

[40] Rua que leva o nome do local que atravessa a faixa de rodagem do adro da Igreja de St. Paul para garantir o silêncio durante os cultos. Anteriormente conectava o adro da igreja e o Doctors Commons. [41] Tribunal provincial do Arcebispo de Canterbury, anteriormente

realizado sob os arcos de Bow Church. [42] Salas de reuniões exclusivas e caras em King Street, St James's, inauguradas por William Almack em 1765. Um baile e jantar semanais eram realizados durante a temporada londrina. [43] Evento beneficente. [44] Distritos desde então, absorvidos pela metrópole, mas na época suficientemente distantes para serem considerados residências confortáveis para os homens da cidade e suas famílias. [45] No norte de Londres. [46] Ou seja, com açúcar que era preciso pedir. [47] Pequenas cadeiras sobre rodas, precursoras dos carrinhos de bebê. [48] The Red House, bar ribeirinho em Battersea, popular posto de vitória para corridas de barco, há muito demolido. [49] Nome antigo da Prisão de Millbank, concluída em 1821, demolida em 1893 para servir de local para a Tate Gallery. [50] Suéteres de lã para marinheiros. [51] John Dando, cujo nome virou sinônimo de acumular contas em restaurantes e sair sem pagar. Na ocasião, segundo o *The Times* (30 de agosto de 1830), ele foi intimado por comer onze dúzias de ostras em uma barraca e sair sem pagar. Morreu na prisão de Clerkenwell. [52] Thomas Dilworth escreveu *Um Novo Guia para a Língua Inglesa* (1812), na página de título do qual ele foi retratado com um toucado que lembra uma touca de dormir. [53] Em 19 de agosto de 1782, no porto de Portsmouth, quando 1.000 homens, mulheres e crianças morreram afogados. [54] Cujo cais perto da Tower Bridge, no leste de Londres, era um terminal para barcos a vapor de e para cidades no estuário do Tâmsa. [55] De 1835: governando a administração do Tâmsa, sob a autoridade da *City of London Corporation*; substituído em 1909 pela *Port of London Authority*.

[56] Distrito na margem norte do Tâmsa; um importante ponto de chegada e partida do rio.

[57] Esses outrora populares e famosos jardins de lazer ficavam do outro lado da ponte Vauxhall, em um local agora coberto por pequenas ruas. Os New Spring Gardens originais de 1660 foram melhorados e reabertos em 1732 por Johnathan Tyers, com um pavilhão, passeios arborizados e uma arcada semicircular; e à noite, centenas de pequenas lâmpadas. Os primeiros romancistas introduziram os jardins como um resort visitado por todos os londrinos e seus primos do campo, e os escritores vitorianos seguiram o exemplo. Animações musicais, fogos de artifício, danças com cordas e balões tornaram-se atrações, mas foi somente em 1836 que foram abertos ao público durante o dia – uma experiência para aumentar os lucros devidamente aproveitada por Dickens para este esboço. Os jardins foram fechados em 1859, em parte devido ao aumento do barulho.

[58] Bebida criada no início do século 18 pelo coronel Francis Negus (falecido em 1732), um cortesão britânico. [59] Cosmorama era o nome de um entretenimento na Londres do século XIX, na 207-209 Regent Street, onde o público podia ver cenas de terras distantes e assuntos exóticos através de dispositivos ópticos que ampliavam as imagens. Posteriormente, foi convertido em uma exposição de curiosidades chamada Bazar do Príncipe de Gales. As exposições incluíam um leão marinho, uma serpente marinha e o circo de pulgas de L. Bertolotto. [60] C.H. Simpson foi o popular Mestre de Cerimônias nos jardins por trinta e sete anos. [61] Acrobata americano que se apresentou nos Jardins de Vauhall em 1823. [62] Provavelmente Madame Saqui, performer na corda bamba que precedeu Blackmore. [63] Ópera Tancredi de Gioacchino Rossini (1792-1868), popular compositor italiano. A abertura continua sendo uma das favoritas no repertório de orquestras e bandas militares. [64] Este foi Paul Bedford (1792-1871), um vocalista cômico popular, que podia cantar muitas canções

sobre o tema tradicional das Sete Idades do Homem. [65] Charles Green (1785-1870), conhecido aeronauta, o primeiro a subir em um balão de gás, que fez muitas subidas desde Vauxhall Gardens, em 1838 atingindo mais de 27.000 pés. [66] Este e outros esboços sobre viagens refletem os primeiros dias de reportagem de Dickens no *Morning Chronicle*, que coincidiram com os primeiros esboços, quando ele era frequentemente obrigado a viajar pelo interior do país (1834-6). [67] Rei lendário da Tessália, punido por Zeus por seu amor por Hera, sendo preso a uma roda de fogo que girava perpetuamente. Referindo-se aos tempos em que torturas como ser quebrado na roda eram usadas pelos cristãos para reforçar a sua fé. [68] Na mitologia grega, Atlas era um gigante condenado a sustentar o céu sobre os ombros. [69] Sobretudo pesado com o nome do Visconde Petersham (falecido em 1851), esportista da moda. [70] Principais jornais da época, *The Times* (fundado em 1788), *Morning Chronicle* (1769) e *Morning Herald* (1780).

[71] Nomeado em homenagem a Pã, o deus grego das florestas e do campo; uma série de palhetas ou apitos de comprimentos graduados unidos para formar um instrumento musical de sopro.

[72] Introduzido pela primeira vez em Londres em 1829, por George Shillibeer. Os passageiros sentavam-se frente a frente em dois bancos compridos.

[73] Abreviação de “ônibus”. [74] Shoe Lane, no leste de Londres, foi parcialmente demolida para dar lugar ao Viaduto Holborn. Até o final da década de 1840, a Farringdon Street não se estendia até o que hoje é a Farringdon Road, mas apenas até Holborn Hill. [75] ‘A Casa’, as antigas Casas do Parlamento, foram incendiadas em outubro de 1834 e o novo e atual Palácio de Westminster só foi inaugurado em 1847; no intervalo as duas casas se reuniram em uma construção provisória no local. [76] Funcionário responsável por manter a disciplina na Câmara. [77] Facilmente identificável na época como o Coronel Charles Sibthorp (1783 - 1855), um ultraconservador que representou Lincoln (1826 - 33, 1834 - 55) e que “se opôs conscientemente” ao Projeto de Lei de Reforma de 1832; o retrato mais extenso do esboço.

[78] Ao lado da antiga Câmara dos Comuns e popular entre os associados pela boa comida e porque o sino da divisão tocava no local. Foi inaugurado em 1773 por John Bellamy. [79] Nomeado em homenagem ao Conde Alfred D’Orsay, possuía uma coroa extra-alta e aba larga.

[80] ‘Tom, o Honesto’, o representante metropolitano Thomas Duncombe (1796 - 1861) tornou-se deputado do recém-criado bairro de Finsbury em 1834. [81] John Gully (1783 - 1863), ex-pugilista e deputado por Pontefract (1832 - 7). [82] Todos eminentes estadistas e parlamentares da geração anterior: Charles James Fox (1749 - 1806), William Pitt (1759 - 1806), Richard Brinsley Sheridan (1751 - 1816) e George Canning (1770 - 1827). [83] Thomas Babington Macaulay (1800 - 1859), deputado em 1830, já conhecido como historiador, ensaísta e estadista. [84] Lorde Stanley Edward, mais tarde 14º Conde de Derby (1799 - 1869) tornou-se primeiro-ministro conservador em 1852, 1858 - 9 e 1866 - 8. Dickens foi um dos que derrubou o famoso discurso de Stanley sobre a Supressão de Perturbações (Irlanda) Projeto de lei em 1833.

[85] De Byron, *Childe Harold’s Pilgrimage* (1812), Canto II, estrofe 76:

Servos hereditários! não sabeis

Quem quiser ser livre deve desferir o golpe...

[86] Richard Brinsley Sheridan (1751 - 1816); Spencer Perceval (1762 -1812); Robert Stewart,

Visconde Castlereagh (1769 - 1822). [87] Aprovada em junho de 1832, “para alterar a representação do povo na Inglaterra e no País de Gales”, através de um aumento (menos de 50 por cento) do direito de voto e uma redistribuição de assentos. [88] Onde os deputados provinciais tiveram alojamento temporário durante as sessões parlamentares. Os primeiros foram demolidos na década de 1860 e a estação de metrô Westminster foi construída em parte do local. Millbank Street é agora conhecida como Millbank Road. [89] Desde 1614 a igreja paroquial da Câmara dos Comuns, ao lado da Abadia de Westminster. [90] Filha de Zeus e copeira, portanto, garçoneiro. [91] Glutão jovial de *Henrique IV* de Shakespeare, Partes I e II. [92] Taverna em Penton Street, Islington, norte de Londres, com jardim de lazer (demolida em 1849). [93] Local popular para jantares públicos; reconstruído em 1863. [94] Daniel Auber (1782 - 1871), popular compositor francês de ópera ligeira. [95] As mulheres só eram admitidas nos jantares a tempo de ouvir os discursos, sendo depois confinadas a uma galeria com vista para o evento. [96] O hino nacional. [97] Guinéu, cunhado a partir de 1663 para o tráfico de escravos e extinto em 1813, foi a primeira moeda de ouro britânica feita a máquina. Originalmente, a moeda valia uma libra, sendo equivalente a 20 xelins (shillings), mas o aumento no preço do ouro fez com que o valor do guinéu se elevasse para 21 xelins, tendo atingido picos de até trinta xelins. [98] Uma mulher carregando uma concha ou outro instrumento solicitaria contribuições com algum grito desse tipo. [99] Refere-se à então recente legislação que proibia os limpadores de anunciar a sua presença através de chamadas na rua. [100] Há muito celebrado para marcar o início da primavera, um festival tradicional, popular e pagão (como o Natal), que Dickens sempre viria a apoiar contra a condenação puritana ou os “entusiastas do sábado”, como ele os chamava. Entre as procissões sobreviventes, os limpadores de chaminés destacavam-se com suas lanternas (Jack-in-the-Green), que ficavam escondidas dentro de uma estrutura portátil de folhas e ramos. [101] Erguida em 1831- 4 em memória de Frederick, duque de York, filho de George III e comandante-chefe do exército britânico. [102] Figura na dança folclórica. [103] Robert Waithman (1764 - 1833), Lorde Prefeito de Londres (1823). O monumento não existe mais. [104] Um dos marcos do sul de Londres, erguido em 1771 no centro do que hoje é o St George's Circus, posteriormente transferido para o terreno do Hospital Bethlehem. Foi “mais geralmente” chamado de “o Obstáculo” de acordo com “Somebody's Luggage” (1862). [105] Works (indústria, fábrica). [106] Praça elegante no West End de Londres. [107] Antigo nome de King's Cross, em homenagem a uma ponte sobre o rio Fleet, onde ocorreu uma batalha entre os romanos e os bretões sob Boadicea. Desde 1830 chamada de King's Cross em homenagem a George IV, de quem ali foi erguida uma estátua (posteriormente demolida). [108] Um intrópeto curioso na farsa homônima *Paul Pry* (1825) de John Poole (1786 - 1872); contrastado com o servo fiel de *As Aventuras de Caleb Williams* (1794) de William Godwin (1756 - 1836). [109] Referente ao 'Jack-in-the-Green'. [110] Rua anteriormente de má reputação entre Oxford Circus e Tottenham Court Road. [111] Texto em cockney, no original: “*That now he'd cotcht the cheerman's hi, he vished he might be jolly vell blessed, if he worn't a goin' to have his innings, vich he vould say these here obserwashuns—that how some mischeevus coves as know'd nuffin about the consarn, had tried to sit people agin the mas'r swips, and take the shine out o' their bis'nes, and the bread out o' the traps o' their preshus kids, by a makin' o' this here remark, as chimblies could be as vell svept by 'sheenery as by boys; and that the makin' use o' boys for that there purpuss vos barbareous; vereas, he 'ad been a chummy—he begged the cheerman's parding for usin' such a wulgar hexpression—more nor thirty year—he might say he'd been born in a chimbley—and he know'd uncommon vell as 'sheenery vos vos nor o' no use: and as to kerhewelty to the boys, everybody in the chimbley line know'd as vell as he did, that they liked the climbin' better nor*”

nuffin as vos.” [112] O dia 1º de maio de 1836 caiu em um domingo. [113] Conhecida casa de chá e local de entretenimento em Islington, norte de Londres; substituída pela torre do relógio do Caledonian Market, erguido nos campos adjacentes de Copenhagen Fields na década de 1850. [114] Agora conhecida como York Way, em Holloway, norte de Londres (não confundir com a mais conhecida Maiden Lane em Covent Garden). [115] Aludindo a uma canção da ópera cômica *MP, or the Blue Stocking*, de Thomas Moore: ‘O jovial Amor viveu uma vez em uma humilde choupana’. [116] Lenço azul escuro com manchas brancas, assim chamado em homenagem ao famoso pugilista Jem Belcher (1781 - 1811). [117] Poste alto de madeira erguido como parte de vários festivais folclóricos europeus, em torno do qual ocorre frequentemente uma ‘dança do mastro’. [118] Rua que vai de leste a oeste, logo ao norte do Convent Garden. [119] Originalmente vendiam mercadorias utilizadas a bordo de navios; posteriormente, diversos itens de segunda mão. A boneca negra balançando na porta era uma placa comercial. [120] Em 1833, o Royal Coburg Theatre, Waterloo, tornou-se o Victoria, em homenagem à futura rainha. Agora é o Old Vic. “Tongo, o Taidor” é um melodrama fictício. [121] Empresa, que afixou placa própria nos locais abrangidos pelas suas apólices. [122] Distrito ribeirinho notoriamente agitado do East End, substituído pela St. George's Street. [123] A prisão de devedores em Borough Road, “the Rules”, era o distrito adjacente onde os prisioneiros podiam residir mediante pagamento e garantia de que não fugiriam. [124] Aludindo ao astrônomo e antigo relojoeiro James Ferguson (1710 - 76). [125] Um dos Parques Reais de Londres; ao sul do Mall, perto do Palácio de Buckingham. [126] Rua da Cidade, antiga sede de tabernas e cafés. [127] No próspero distrito central de Bloomsbury. [128] Botas de cano alto com borlas na frente em cima; popular entre os militares; nome derivado de Hesse, na Alemanha. [129] A Polícia Metropolitana, fundada por Sir Robert Peel em 1829. [130] Seguindo uma rota claramente definida para oeste ao longo da Strand: São Clemente é St. Clement Dane's, a famosa igreja do século XVII na Strand; a Nova Igreja era St Mary-le-Strand, assim chamada porque substituiu uma igreja anterior (1714-17); Exeter 'Change ficava no lado norte da Strand, com lojas no térreo e uma sala de exposições no andar superior; a Igreja de São Martinho ou St Martin-in-the-Fields, fica em Trafalgar Square; a Guarda Montada (1763) em Whitehall agora abriga o Ministério da Defesa. [131] Brooks's é um clube elegante do West End fundado em 1674; Snook's significa ‘ninguém’; Crockford's era um clube de jogos em St. James's, fundado em 1827 e fechado em 1848; Bagnigge Wells, Islington, foi um local popular de lazer para os menos elegantes de 1760 até seu fechamento em 1841. [132] Curva na Regent Street entre Piccadilly Circus e Vigo Street, antigamente com arcadas de cada lado (demolida em 1848). [133] Um tipo melhorado de lamparina a óleo. [134] Na Strand, repartição governamental que emprega vários funcionários. [135] Do “Veni, vidi, vici” de César. – “Eu vim, eu vi, eu conquistei.” [136] Famosa taverna e área de lazer na City Road, com um salão grego para dança e espetáculos paralelos, atraindo multidões de até 6.000 clientes por noite. Demolida em 1901 e reconstruída como bar, que ainda existe. [137] Em Camden, noroeste de Londres. [138] A grande sala de concertos do Eagle. [139] Euston Road por volta de 1838. O salão descrito fica a cerca de 11 quilômetros de Fournival's Inn, onde Dickens morava na época. [140] O contribuinte britânico suportou o fardo de uma compensação de 20 milhões de libras pagas aos proprietários de escravos como resultado da Lei de Emancipação de 1833, que aboliu a escravidão em todas as colônias britânicas. [141] Imposto a pagar em função do número de janelas de uma casa, revogado em 1851. [142] Recipiente em formato de funil, na

verdade para tirar o calor da cerveja. [143] Conhecida taverna em Henrietta Street, Covent Garden. [144] Originalmente um famoso café do século XVII, hoje demolido. Em 1835, referido simplesmente como "the Rainbow" por Dickens. [145] Nomeada em homenagem aos cursores ou escrivães que emitiam mandados expedidos no Tribunal de Chancelaria. [146] William H. Betty (1791 - 1874), célebre ator infantil que desempenhou a maioria dos papéis de Shakespeare, aposentando-se dos palcos em 1824 – uma indicação de quando o Sr. Dounce era "um jovem". [147] Refere-se ao costume de fornecer luvas aos convidados do casamento. [148] No norte de Bloomsbury, perto da estação Euston. [149] Da cidade de Worcestershire, famosa pelos seus tapetes. [150] Desconhecido, provavelmente inventado para sugerir melodrama popular. [151] Ter licença sob patente real para apresentar peças regulares: Drury Lane, Covent Garden e (no verão) Haymarket. Outros teatros estavam sujeitos à autoridade de Lord Chamberlain. [152] Canção popular de John O'Keeffe (1747 - 1833), "I am a Friar of Orders Gray". [153] Dueto cômico, muito popular nos Jardins de Vauxhall por volta de 1820. [154] Anteriormente na esquina da Tottenham Street com Charlotte Street, Tottenham Court Road. Tornou-se o Queen's Theatre com a ascensão de Victoria. [155] Capelas dissidentes ou não-conformistas eram comumente chamadas assim (em homenagem a Betel, palavra hebraica para Casa de Deus). [156] Ácido altamente venenoso. [157] Lago artificial no centro de Londres, entre Hyde Park e Kensington Gardens. [158] Marcos de Londres: estátua equestre de bronze de Charles I, fundida em 1633 e colocada no local atual, voltada para Whitehall, em meados do século XVIII; bomba-d'água sobre um poço próximo ao cruzamento das ruas Leadenhall e Fenchurch na cidade de Londres. [159] Aludindo aos utilitaristas, seguidores de Jeremy Bentham (1748 - 1832), que sustentavam que a conduta humana era motivada pelo interesse próprio. [160] No primeiro volume das *Cartas sobre Demonologia e Bruxaria* (1830) de Sir Walter Scott (1771 - 1832), um homem é perseguido pela aparição de um "cavalheiro" em "vestimenta de corte", sucedido pela de um esqueleto. [161] Montague House, Great Russel Street, inaugurada em 1759, reconstruída entre 1823-47. A famosa sala de leitura com cúpula só foi inaugurada em 1857. [162] O Royal Exchange in the City, um centro comercial de 1570 a 1939. O edifício atual data de 1844. [163] Biscoito inventado pelo cirurgião John Abernethy no século XVIII como melhorador digestivo e, portanto, auxiliar à saúde. Abernethy acreditava que a maioria das doenças se devia a distúrbios digestivos. [164] *The treadmill* (à qual um magistrado teria condenado o prisioneiro) é melhor do que as *Quarter Sessions* em Old Bailey, que teriam proferido uma sentença mais longa e mais grave. [165] Prisão: Casa de Correção Metropolitana, Coldbath Fields, Clerkenwell. [166] Títulos de investimento. [167] Agora um subúrbio ao norte de Londres. [168] Conhecida pousada em Bishopsgate, cidade de Londres, de onde partiam os coches. Demolida em 1866. [169] Pousada em Stamford Hill, no norte de Londres, ponto de parada de coches, já desaparecida. [170] O dramaturgo e deputado, sobre o qual sobreviveram muitas histórias animadas. [171] No original em inglês: *Be* (ser); *Bee* (abelha). [172] Distrito ribeirinho do sudoeste de Londres. [173] *Member of Parliament* (membro do Parlamento). [174] Área de ruas imponentes ao sul da Strand, entre as pontes Waterloo e Hungerford. [175] *Esquire* (escudeiro). [176] Compilação não identificada de músicas reunidas livremente sob o título genérico. [177] Ignaz Moscheles (1794 - 1870), pianista e compositor boêmio, que se estabeleceu na Inglaterra em 1826. [178] Distrito do norte de Londres, perto de Stoke Newington; em homenagem a um lago, há muito desaparecido, perto de uma casa

mantida por John Ball. [179] Latim: no mesmo estado. [180] Subúrbios do sul de Londres que aspiram à respeitabilidade da classe média. [181] Em 1749, uma estátua de bronze de um leão, brasão da família Percy, foi instalada na entrada de sua residência, Northumberland House, Northumberland Avenue, Charing Cross. Havia uma tradição popular de que se o leão fosse olhado por tempo suficiente, seu rabo abanaria. A casa foi demolida em 1874. [182] Possivelmente aludindo a Hermann, Príncipe de Pückler-Muskau (1785 -1871), que visitou a Inglaterra em 1830, publicando logo depois suas memórias sobre o país e seus costumes. [183] Personagem central do popular melodrama doméstico de George Lillo, *The History of George Barnwell, or The London Merchant* (1731): um aprendiz londrino que rouba seu empregador e mata seu tio e acaba sendo enforcado, tendo mantido um ar de virtude nobre o tempo todo. [184] Câmaras residenciais selecionadas adjacentes a Burlington House, Piccadilly, em homenagem a Frederick, Duque de York e Albany, de cuja antiga casa (construída de 1771 - 75) as câmaras foram adaptadas em 1802. [185] George Gordon, 6º Barão Byron de Rochdale (1788 - 1824), poeta imensamente popular e influente cuja sátira moral e caráter romântico o tornaram amplamente elogiado e aclamado. [186] Provavelmente o reverendo Robert Montgomery (1807-55, autor de um poema intitulado “Mulher, o Anjo da Vida” (1833). [187] Capitão Ross, o explorador do Ártico. Para as edições de 1850 e posteriores, alterado para Capitão Cook, ou seja, James Cook (1728 - 79), um explorador mais conhecido. [188] Em Bloomsbury, residência de juízes. Foi formada em 1775 - 80 como parte da propriedade do Duque de Bedford. [189] ‘A Queda de Paris, uma Fantasia Descritiva para o Piano-forte’ (1816) por L. Jensen. [190] Modista do West End, já demolida. [191] Do Atlântico ao Pacífico. Ross, o explorador do Ártico, tentou duas vezes navegar por esta passagem.